

MINHAS REFLEXÕES SOBRE “SULCO”

Meditações pessoais sobre os pontos 001 a 1000
de “Sulco” de São Josemaria Escrivá



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

MINHAS REFLEXÕES SOBRE
“SULCO”

GENEROSIDADE

1

São muitos os cristãos persuadidos de que a Redenção se realizará em todos os ambientes do mundo, e de que deve haver almas - não sabem quais - que com Cristo contribuam para realizá-la. Mas eles a vêem a um prazo de séculos, de muitos séculos...; seria uma eternidade se se levasse a cabo ao passo de sua entrega. Assim pensavas tu, até que vieram “acordar-te”.

Muitos cristãos acreditam que a redenção ocorrerá, mas daqui a muitos e muitos séculos, a partir de alguns cristãos especiais que contribuiriam para que ocorra. Não é obra para agora. É obra para um futuro distante. E não é obra de todos os cristãos, mas de uns poucos chamados. Assim, a maioria pensa até que, um dia, é despertada por alguém que lhe mostra que a Redenção é obra de agora, de todos os cristãos e que somos chamados à Santidade, hoje. Assim que somos despertados, colocamos as mãos à obra, não como seres superdotados, mas como cidadãos correntes que desejam ser santos.

2

A entrega é o primeiro passo de uma veloz caminhada de sacrifício, de alegria, de amor, de união com Deus. - E assim, toda a vida se enche de uma bendita loucura, que faz encontrar felicidade onde a lógica humana só vê negação, padecimento, dor.

A entrega pressupõe sempre uma via de sacrifício, mas de alegria e de união com Deus. E passamos a ser mais felizes com a entrega do que quando vivíamos sem renúncias, mas às soltas com nossos devaneios, fantasias, quando não erros, muitos deles censuráveis. É que a entrega é um ato de liberdade e os frutos que temos desta entrega ultrapassam de muito as alegrias fugazes, temporais e frágeis de outros tempos.

3

“Peça por mim - dizias -: que eu seja generoso, que progrida, que chegue a transformar-me de tal modo que algum dia possa ser útil em alguma coisa”. Bem. - Mas, que meios empregas para que esses propósitos se tornem eficazes?

Muitas vezes pedimos a Deus que sejamos generosos, que progridamos, que nos transformemos para, de alguma forma, ser úteis na vida. O certo, todavia, é que não devemos ficar só nos pedidos. Temos que colocar os meios para buscar nossas metas. São bons os propósitos, mas serão propósitos inúteis se não colocarmos os meios para torná-los realidade. A graça de Deus é fundamental, mas temos que nos tornar em terra fecunda, que, recebendo a semente divina, geremos 10, 20, 30, 40, 50, 60 frutos e até que “fect fructum centum-plun”.

4

Muitas vezes te perguntas por que certas almas, que tiveram a ventura de conhecer o verdadeiro Jesus desde crianças, vacilam tanto em corresponder com o melhor que possuem: a vida, a família, os sonhos. Olha: tu, precisamente porque recebeste “tudo” de golpe, estás obrigado a mostrar-te muito agradecido ao Senhor: tal como reagiria um cego que recuperasse a vista de repente, enquanto aos outros nem lhes passa pela cabeça que devem dar graças porque vêem. Mas... não é suficiente. Todos os dias, tens que ajudar os que te rodeiam, para que se comportem com gratidão pela sua condição de filhos de Deus. Senão, não me digas que és agradecido.

Todos os que conheceram Cristo, ainda meninos, que tiveram formação cristã devem prestar mais contas a Deus do que aqueles que não O conheceram e que, pelo véu da ignorância, não receberam as lições, as benesses, as inspirações que Cristo passa a cada um dos seus. Nossa responsabilidade é, portanto, maior e devemos corresponder, levando aos outros os tesouros da fé recebidos e procurando que o reino de Deus chegue a todos os homens.

5

Medita devagar: é muito pouco o que se me pede, para o muito que se me dá.

Quando comparamos o que recebemos de Deus com o que lhe ofertamos, verificamos que é muito pouco o que demos e muito o que recebemos. É muito o que Dele recebemos e muito o pouco que lhe damos em troca. É esta uma realidade que exige reflexão. Se todos fôssemos um pouco agradecidos ao que recebemos e reagíssemos conforme, nitidamente mudaríamos a face do mundo, pois é conosco que Deus conta para salvar o mundo. Veio ao mundo para, com os apóstolos, difundir as lições de amor e paz, assim como para que fizéssemos novos apóstolos. Que saibamos retribuir o que recebemos.

6

Para ti, que não acabas de “deslancar”, considera o que me escrevia um teu irmão: “Custa, mas uma vez tomada a ‘decisão’, que suspiro de felicidade, ao encontrar-me seguro no caminho!”.

Muitas vezes, ficamos na dúvida sobre o caminho que tomamos ou que devemos tomar. Custa. Seguir a Deus pode implicar em renunciar a hábitos e costumes, alguns deles censuráveis. Não é fácil abandoná-los e os argumentos para não fazer multiplicam-se de forma exponencial. A decisão, enquanto não tomada, gera, todavia, intranquilidade, momentos de infelicidade e uma insegurança absoluta. Só quando tomamos a decisão de tudo abandonar é que compreendemos como tudo se torna muito claro, mais seguro e a paz se faz de imediato.

7

Estes dias - comentavas-me - transcorreram mais felizes do que nunca. E te respondi sem vacilar: foi porque “viveste” um pouco mais entregue do que habitualmente.

Já percebemos que, quando estamos “de bem” com Deus, vivendo suas lições, cumprindo suas determinações, tratando o próximo como nosso irmão, vivendo os valores cristãos nas nossas relações, procurando colocar Deus como o ponto central de nossa vida, tudo corre melhor. Sentimo-nos mais felizes e passamos a viver sem amarguras, tristezas, ressentimentos ou remorsos. Viver os valores cristãos é viver feliz, mesmo nas nossas dificuldades.

8

A chamada do Senhor - a vocação - apresenta-se sempre assim: “Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me”. Sim, a vocação exige renúncia, sacrifício. Mas como se torna prazeroso o sacrifício “gaudium cum pace”, alegria e paz -, se a renúncia é completa!

Seguir a Deus representa renúncia completa. Não há meia renúncia. E a renúncia é sempre um sacrifício. Por isso, só com a renúncia completa, conseguimos ter paz de espírito porque nada nos apega no mundo. Não é fácil, e mesmo quando o fazemos, quando menos esperamos, terminamos apegando-nos a algo terreno. Sem o desprendimento necessário, quando não temos nenhum apego, somos livres, pois o apego às coisas e às pessoas, muitas vezes, escraviza. Às pessoas, servir e das coisas delas, servir-se para o bem dos outros.

9

Quando lhe falaram de comprometer-se pessoalmente, a sua reação foi raciocinar assim: “Nesse caso, poderia fazer isto..., teria que fazer aquilo...” - Responderam-lhe: “Aqui não pechinchamos com o Senhor. A lei de Deus, o convite do Senhor, ou se pega ou se larga, tal como é. É preciso decidir-se: ou ir para a frente, sem nenhuma reserva e com muito ânimo, ou retirar-se. “Qui non est mecum...” - quem não está comigo, está contra Mim”.

Quando fazemos qualquer negócio, discutimos as condições. Discutimos o valor, as condições de pagamento, o que queremos. Conforme o tipo de negócio, aceitamos ou rejeitamos até definir condições e preço para atender os dois lados. Com Deus, isto não acontece. Ou aceitamos ou rejeitamos. A recompensa é a vida eterna, o preço é dedicação plena na Terra, no comportamento, ação e, principalmente, oração para que outros também façam o “negócio”.

10

Da falta de generosidade à tibieza não vai senão um passo.

A falta de fê é fruto do egoísmo, das pessoas que pensam apenas em si. E gera, necessariamente, a tibieza, pois sendo a própria pessoa o único centro de atenção dela mesma, tudo fará, legítima ou ilegítimamente, para agradar-se, cedendo sempre que sua pessoa corre risco e pouco se importando por tudo aquilo que não a tem como tema principal. Assim, os pecados por omissão, por covardia, o transformar os outros em degraus para seus projetos, ao não defender princípios que deveria defender por estar em posição de fazê-lo para não prejudicar sua carreira, são algumas características do túbio que não passa de um egoísta, que para não ficar mal, tudo faz, até o mal.

11

Para que não o imites, copio de uma carta este exemplo de covardia: “Naturalmente, agradeço-lhe muito que se lembre de mim, porque preciso de muitas orações. Mas também agradeceria que ao suplicar ao Senhor que me faça ‘apóstolo’, não se esforçasse em pedir-Lhe que me exija a entrega de minha liberdade”.

Muitos de nós querem ser apóstolos, cristãos, mas subordinando Cristo à nossa maneira de ser. Nossa liberdade acima de Cristo. Esta é infalível e com ela poderemos fazer tudo o que quisermos, sem que Cristo nos atrapalhe. O que vemos são cristãos à nossa imagem e semelhança e não de Cristo. À evidência, este tipo de covardia não nos poderia tornar apóstolos, mesmo que em nossa liberdade, não façamos coisas erradas ou mesmo certas. É que nos falta fé e entrega sem limites.

12

Aquele teu conhecido, muito inteligente, bom burguês, boa gente, dizia: “Cumprir a lei, mas com medida, sem passar da risca, o mais estritamente possível”. E acrescentava: “Pecar? Não; mas dar-se, também não”. Causam verdadeira pena esses homens mesquinhos, calculistas, incapazes de sacrificar-se, de entregar-se por um ideal nobre.

Muitos cristãos não querem esforçar-se para não ter problemas. “Sou católico, mas não sou fanático”, muitos dizem e desta maneira, sem descumprir as normas da igreja, ou cometer graves pecados mortais, daqueles que desestabilizam a família e a sociedade. Navegam pela vida sem peso, sem ação e sem cumprir sua missão, que é de todo o católico, ou seja, o plano de Deus para ele. São os “bons burgueses”, cuja vida inútil se desenrola em tranquila mediocridade espiritual sem gerar calor ou apóstolos para o reino de Deus. Todos nós temos que lutar contra esta imagem de burguês, e apesar de pecadores temos que lutar para servir corajosamente a Deus.

13

É preciso pedir-te mais: porque podes dar mais, e deves dar mais. Pensa nisso.

Nossos diretores devem sempre pedir mais. Porque podemos sempre dar mais. Não temos que pensar que já demos tudo, quando fazemos algo. Os grandes vencedores da história encontraram suas derradeiras forças nas batalhas pessoais e da vida, por isto venceram. Assim devemos agir. Se, muitas vezes, por ambição, vaidade ou interesse econômico damos tudo, por que nas Coisas de Deus não podemos fazer o mesmo? Temos a obrigação de lutar na vida e de sermos espremidos como um limão. Assim Deus nos fez e espera dos que O amam que não desistam nunca de sua fé em tudo e sempre.

14

“É muito difícil”, exclamas desanimado. - Escuta: se lutas, basta-te a graça de Deus. Prescindirás dos interesses pessoais, servirás aos outros por Deus, e ajudarás a Igreja no campo onde hoje se trava a batalha: na rua, na fábrica, na oficina, na universidade, no escritório, no teu ambiente, no meio dos teus.

“Servir a Deus é difícil”, dizem muitos. Se, todavia, aceitarmos a graça de Deus e Nele colocamos nossa confiança, não há dificuldade que não possamos vencer. Deus deu-nos a liberdade de Amá-lo ou não, de Servi-lo ou não. Se decidimos segui-Lo, a graça nos seguirá também, Ele abrirá todas as portas e todos os caminhos. E serviremos a Deus em todos os lugares, desde o nascer ao pôr do sol. E, ao ser desta forma, ajudaremos a Igreja em sua missão salvática.

Escreveste-me: “No fundo, é sempre a mesma coisa: muita falta de generosidade. Que pena e que vergonha descobrir o caminho e permitir que umas nuvenzinhas de pó - inevitáveis - turvem o final!”. Não te zangues se te digo que és tu o único culpado: arremete valentemente contra ti mesmo. Tens meios mais do que suficientes.

Muitas vezes, vemos com clareza o caminho para Deus, mas terminamos recuando por falta de generosidade. Qualquer pequena nuvem, qualquer pequena tribulação serve de justificação para não O seguirmos. Buscamos justificações, sem justificações para desviarmo-nos do bom caminho. Temos que reagir. Só Deus vale a pena e, por Deus, todas as coisas boas que nos propicia, numa família de entrega ou numa família natural, com filhos e netos. Temos que ter coragem, colocar os meios e ir para a frente.

16

Quando o teu egoísmo te afasta da comum preocupação pelo bem-estar sadio e santo dos homens, quando te fazes calculista e não te comoves com as misérias materiais ou morais do teu próximo, obrigas-me a lançar-te em rosto uma palavra muito forte, para que reajas: se não sentes a bendita fraternidade com teus irmãos os homens, e vives à margem da grande família cristã, és um pobre enjeitado.

Se não nos comovermos com o drama de nossos irmãos e não passarmos a sentir fraternidade, cedemos ao nosso egoísmo e nos tornamos um marginal. Todos os que pensam apenas em si e não pensam no próximo são marginais. Estão à margem do cristianismo. O grande problema é que, não poucas vezes, esquecemos o nosso próximo e pensamos apenas nos que estão ao nosso redor, porque os amamos. O cristão, todavia, não deve apenas amar o próximo mais próximo, mas todos os que dele se aproximarem e a humanidade em geral. Não apenas em tese, mas com atos claros de ajuda, na maior parte das vezes necessários.

17

O cume? Para uma alma que se entrega, tudo se converte em cume por alcançar: cada dia descobre novas metas, porque nem sabe nem quer pôr limites ao Amor de Deus.

Subir sempre na busca de Deus. Ter metas altas, porque Deus não impõe limites à nossa ação, quando queremos servi-Lo. O amor a Deus não tem fronteiras, pois o Amor de Deus é infinito. Devemos, pois, desejar crescer sempre, buscando sempre fazer mais e mais para Deus. Todos os dias terminamos por descobrir novas metas, na certeza de que só Deus é nosso limite, pois a Ele é que dedicamos nossa vida e decidimos como vocação Dele recebida. Servi-Lo, servi-Lo, fazendo cada vez mais coisas e melhores. Por isto, chegar no cume é buscar e chegar a Deus, pela oração e ação.

18

Quanto mais generoso fores - por Deus -, mais feliz serás.

A generosidade, por Deus, gera sempre felicidade. Todos nós sentimos, quando o somos, uma felicidade que, em termos humanos, não sabemos justificar, embora se nos aprofundarmos nas lições do Mestre, terminaremos por compreendê-la. É Deus que nos dá a felicidade, retribuindo de forma incomensurável, maior, os nossos gestos de doação. A generosidade com o próximo e a generosidade com Deus, só a sentimos plenamente, quando percebemos que algo do nosso egoísmo se evapora e somos tomados de alegria.

19

Com frequência surge a tentação de querermos reservar um pouco de tempo para nós mesmos... Aprende de uma vez por todas a pôr remédio a tanta pequenez, retificando imediatamente.

Reservar tempo para si mesmo por egoísmo é pequenez d'alma. Temos que repetir tal pensamento. Todo o nosso tempo é de Deus. À evidência, momentos de lazer para descansar do trabalho não são um mal. Ao contrário, são necessários. O que não podemos dizer é "este tempo é meu, este de Deus". Mesmo no lazer, devemos ter os olhos em Deus para que Ele seja sempre o centro de nossas vidas. Isso é para recuperar forças no trabalho ordinário, que deve ser permanentemente dedicado a Deus. Nunca devemos esquecer tal caminho, o único que nos leva ao Senhor.

Eras da turma do “tudo ou nada”. E como nada podias..., que desastre! Começa a lutar com humildade, para acender essa tua pobre entrega, tão tacanha, até a tornares “totalmente” efetiva.

Muitas vezes, declaramos que vamos em frente e que nossa meta é de tudo ou nada, e não uma meta às meias. Mas fracassamos, pois não temos humildade. Devemos, então, recomençar, sabendo que o fracasso foi salutar para percebermos que tudo devemos fazer. Mas de Deus esperar tudo, pois é Ele quem decide. Esta é a forma de, passo a passo, ir galgando com humildade, a escada da entrega total, única que agrada a Deus, de resto, única que o verdadeiro cristão deveria trilhar com tranquilidade, sem pressa, mas com constância e coração em Deus, conseguindo encontrar no final seu Senhor.

21

Nós, os que nos dedicamos a Deus, nada perdemos.

Se nos dedicamos a Deus, não pedimos nada. Para Deus, tudo vale a pena e temos serenidade interior, a paz que Deus deu ao mundo, mesmo aos mártires, na sua noite extrema, pois sabemos qual é o nosso destino. E se algumas vezes temos dúvida, Cristo acolhe-nos no reforço da Nossa Mãe Misericordiosa, que nos orienta, nos protege e nos faz voltar à serenidade. Oferecer-nos a Deus, tornando nossa vida uma vida de serviço, é um ato de fé, que supera fraquezas e virtude débil, mas que no sofrimento passa tranquilamente por esta vida.

22

Gostaria de gritar ao ouvido de tantas e de tantos: não é sacrifício entregar os filhos a serviço de Deus; é honra e alegria.

Entregar os filhos a serviço de Deus não é um sacrifício. É uma honra. É uma alegria. Estão servindo o Senhor Deus do Universo, Cristo é Senhor de todas as coisas. Honra maior não existe. Passa-se a servir não seres humanos, que por melhor que sejam são pobres pecadores como qualquer um de nós, mas Aquele que nos chamou desde a eternidade para servi-Lo. Não podemos, pois, dar-Lhe as costas para enterrar os nossos mortos, para vivermos de comum acordo com os Seus desígnios que temos que saber conhecer, através dos conselhos dos nossos diretores. Deus é a meta, a sociedade é aquela que devemos ter a circunstância de levar a Deus.

Chegou para ele o momento da dura provação, e veio procurar-te desconsolado. - Lembras-te? Para ele - o amigo que te dava conselhos “prudentes” -, o teu modo de proceder não era senão utopia, fruto de uma deformação de ideias, captação de vontades, e... “sutilezas” do mesmo jaez. - “Esse entregar-se ao Senhor - sentenciava - é uma exacerbação anormal do sentimento religioso”. E, com a sua pobre lógica, pensava que entre a tua família se havia interposto um estranho: Cristo. Agora compreendeu o que tantas vezes lhe repetias: Cristo jamais separa as almas.

No momento em que se tem que tomar uma decisão definitiva entre Deus e o mundo, muitos não a compreenderão e procurarão colocá-lo entre Cristo e as almas, Cristo e a família, Cristo e os amigos. Os conselhos então, que estão fanatizados, são uma exacerbação religiosa que não condiz com o mundo e tudo farão para desistires do caminho. Nestes momentos, tem-se que ser duro e capaz de se dizer não a tais “prudentes” conselhos, lembrando que, como Cristo, não separa as almas, mesmo aqueles que nos procuram tirar do caminho merecem nossa compreensão e nosso carinho. Deve-se dizer não a tais ideias e sim à amizade com Cristo que levará a querê-los mais, pois necessitam.

Eis uma tarefa urgente: sacudir a consciência dos que crêem e dos que não crêem - fazer uma leva de homens de boa vontade -, com o fim de que cooperem e proporcionem os instrumentos materiais para trabalhar com as almas.

Uma tarefa urgente, em realidade, é conseguir meios materiais para a expansão da fé. Para isto, temos que saber pedir. Levar uma legião de pessoas de boa vontade, sejam cristãos ou não, a auxiliar tal tarefa. Mostrando-lhes que, independente de sua crença, os instrumentos materiais auxiliam a propagação de boas obras de natureza social, universitária e cultural. É que tais meios permitem que nos aproximemos das pessoas e, com isto, podemos levar mais almas a Deus. Tarefa urgente e necessária, embora muitas vezes, sentimo-nos constrangidos em pedir. Nestes momentos, temos que saber que Deus sabe o que é, e que não pedimos para nós, mas para Deus e para as almas.

Esse demonstra muito entusiasmo e compreensão. Mas quando vê que se trata “dele”, que “ele” tem de contribuir a sério, retira-se covardemente. Lembra-me aqueles que, em momento de grave perigo, gritavam com falsa valentia: “Guerra, guerra!”, mas nem queriam dar dinheiro, nem alistar-se para defender a sua pátria.

É interessante como, sempre que se tem que construir uma obra piedosa ou social para terceiros, muitos dos que têm recursos e aprovam em tese, fogem na hora de dar, covardemente, alegando os mais variados motivos para fazê-lo. Lembra o pobre que já teve que conviver com guerras, que muitos daqueles que gritavam a necessidade de defender a pátria ou contribuir para que fosse defendida, fogem covardemente na noite de combate ou encontram motivos, todos falsos, para não servir à pátria. São estes que falseiam, procurando mostrar uma imagem que não ostentam, sendo, em vez deles, uns miseráveis covardes.

Dá pena verificar de que modo alguns entendem a esmola: uns tostões ou um pouco de roupa velha. Parece que não leram o Evangelho. Não andeis com receios: ajudai as pessoas a formar-se com a fé e a fortaleza suficientes para se desprenderem generosamente, em vida, daquilo que lhes é necessário. - Aos renitentes, explicai-lhes que é pouco nobre e elegante, também do ponto de vista terreno, esperar pelo fim, quando forçosamente já não podem levar nada consigo.

Quando damos esmolas, não devemos dar aquilo de que não mais necessitamos, que para não jogar fora entregamos aos pobres. Não é isto que Cristo espera de nós. Temos que ser desprendidos. Dar a Deus o que temos de melhor, se necessitar. Não trocados, mas dinheiro, que se nos fizer falta, Deus proverá. Todos os que fizerem a experiência perceberão como, quando menos se espera, aquela doação que parecia excessiva para o momento que se vivia, passou a gerar mais benefícios para nós do que poderíamos esperar. Deus saberá prover sempre e Sua generosidade é incomparável com os alguns tostões, mesmo que sejam muitos, que possamos oferecer ao obter do Senhor.

“Quem empresta, que não cobre; se cobra, que não seja tudo; se tudo, que não seja tal; se tal, inimigo mortal”. Que fazer?... Dar! Sem cálculo, e sempre por Deus. Assim viverás, também humanamente, mais perto dos homens, e contribuirás para que haja menos ingratos.

Cada vez que prestamos serviços a outros, que não sejam profissionais, e ficamos aguardando retribuição, nossos atos perdem relevância, quando não todo o valor. Fora da profissão, que temos que cobrar para sustentar nossa família, todos os demais atos devem ser praticados sem pensarmos na recompensa. A recompensa é de Deus se nossos atos forem despidos de interesse e apenas levados por sermos cristãos. Se assim agirmos, estamos sempre perto da humanidade, sempre a serviço de Deus e auxiliaremos a que haja menos injustiça, pois nossa vida estará perfilada com a vontade divina.

Vi rubor no rosto daquele homem simples, e quase lágrimas em seus olhos: prestava generosamente a sua colaboração em obras boas, com o dinheiro honesto que ele mesmo ganhava, e soube que os “bons” apodavam de bastardas as suas ações. Com ingenuidade de neófito nestas batalhas de Deus, sussurrava: “Estão vendo que me sacrifico... e ainda me sacrificam!”. - Falei-lhe devagar. Beijou o meu Crucifixo, e a sua indignação natural se trocou em paz e alegria.

Nas poucas vezes em que nos sentimos injustiçados, quando vemos as obras que fazemos com dinheiro que ganhamos honestamente para Deus, colaborando em Suas ações dirigidas pelos que são os outros Cristos na Terra, ou seja, os sacerdotes, temos vontade de reagir com violência e com justa ira. Não é este o caminho, mas sim beijar um crucifixo, rezar pelos que nos caluniam, adquirir a paz de Cristo e continuar o trabalho, já que o que interessa é o que Deus pensa do que estamos fazendo e não os outros. E isto serve para todas as nossas ações, pois o único julgador válido de nossas ações é o Senhor e devemos aceitar as opiniões boas ou más dos outros com naturalidade, mas preocupar-nos com a de Deus.

Não sentes um ímpeto louco de tornar mais completa,
mais “irremediável” a tua entrega?

Quando conhecemos Deus, sentimos que estamos aqui para realizar o Seu plano sobre o universo. Deus criou o universo e nele uma partícula diminuta chamada Terra, onde colocou a espécie humana à Sua imagem e semelhança, o que vale dizer que seremos não iguais, pois, se não, seríamos o próprio Deus, mas semelhantes, por isso podemos chamar a Deus que nos criou de Pai. E tem um plano para cada um de nós que, se o buscamos e encontramos, queremos cumpri-lo, apesar de nossas deficiências, pois é o que espera que façamos para realizar Seus planos e projetos. Cabe a cada um na construção de um mundo novo, dando-nos a liberdade de escolher. Assim, espera sempre que façamos a boa escolha. Se a fizermos, a entrega é irremediável.

Como é ridícula a atitude dos pobrezinhos dos homens, quando uma vez e outra negamos bagatelas ao Senhor! Passa o tempo, as coisas vão-se vendo com o seu verdadeiro relevo..., e nascem a vergonha e a dor.

Em nosso egoísmo e na busca de conforto e bem-estar, muitas vezes negamos ao Senhor tempo, dinheiro e ação, pois preferimos as nossas coisas às Dele. Pior ainda quando fazemos algo que Ele decididamente não gostaria. Nestes momentos, todavia, procuramos justificar ações na esperança de que Ele nos perdoará e não somos importantes para que perca tempo conosco. Na nossa insignificância perante a grandeza de Deus, julgamos que Ele nem se importa com nossos pecados mais graves. Afinal, nem somos genocidas como Hitler, Stalin ou Putin, nem cometemos assassinatos, roubos ou crimes desta jaez. O tempo, porém, demonstra que nossas negativas e nossos erros terminam maculando nossa alma e a nossa consciência, mais cedo ou mais tarde, acusa-nos. Não vale, pois, a pena a mínima negativa.

“Aure audietis, et non intelligetis: et videntis videbitis, et non perspicietis”. Palavras claras do Espírito Santo: ouvem com os seus próprios ouvidos, e não entendem; olham com os seus olhos, mas não enxergam. Por que te inquietas, se alguns, “vendo” o apostolado e conhecendo a sua grandeza, não se entregam? Reza tranqüilo, e persevera no teu caminho: se esses não se lançam, outros virão!

Cristo já nos tinha alertado que muitos verão os milagres da presença de Deus no mundo e não perceberão as palavras de Deus, pela boca do Seu Filho, e não entenderão. Nós, todavia, temos que seguir nossa vida pregando, pois alguns nos entenderão e outros não. Os que nos entenderem, todavia, gerarão outros apóstolos e assim a luz de Deus vai se espalhando por todo o mundo. Se não fosse assim, os perseguidos apóstolos e discípulos não teriam preservado as lições do Mestre durante aqueles primeiros 300 anos. Hoje, nossa missão não é menor, se com seriedade e amor, continuarmos a dar o exemplo e falar sobre Deus, muitos continuarão ouvindo e Deus pode finalmente entrar nos corações de todos.

Desde que lhe disseste “sim”, o tempo vai mudando a cor do teu horizonte - cada dia mais belo -, que brilha mais amplo e luminoso. Mas tens de continuar a dizer “sim”.

Quando percebemos a beleza do cristianismo e decidimos seguir a Cristo, a alegria é imensa. O nosso sim abre horizontes insuspeitados de alegria, mesmo que tenhamos dificuldades e obstáculos a vencer. É que passamos a ter a certeza de que estamos aqui de passagem e que no fim de nossa trajetória encontraremos a Deus. O nosso primeiro sim, todavia, terá que ser repetido todos os dias, com o que nossa alegria crescerá na proporção de nossa fidelidade. Caso contrário, se não renovarmos, diariamente, o nosso sim, o deslumbramento do nosso primeiro encontro com o Senhor vai-se desfazendo, o coração tornando-se mais frio e corremos o risco de abandonar a Deus.

A Virgem Santa Maria, Mestra de entrega sem limites. - Lembras-te? Com palavras que eram um louvor dirigido a Ela, Jesus Cristo afirma: “Aquele que cumpre a Vontade de meu Pai, esse - essa - é minha mãe!...”. Pede a esta Mãe boa que ganhe força na tua alma - força de amor e de libertação - a sua resposta de generosidade exemplar: “Ecce ancilla Domini” - eis a escrava do Senhor.

Temos que dizer ao Nosso Deus aquilo que a Virgem disse a São Gabriel. “Eis aqui os escravos do Senhor”. Estamos na Terra a Seu serviço. Sempre que sentirmos que a entrega é total, a paz interior cresce de uma forma estupenda, inacreditável e de difícil explicação. É que percebemos que estamos com o Senhor e que a única coisa que importa, nesta nossa passagem, é servi-Lo, amá-Lo e desejar, um dia, ter a visão beatificada do céu. Nossa Senhora há de ser o nosso caminho para Deus, intercessora maior de todos nós, há dois mil anos. O nosso “sim” é o “sim” de libertação e de amor, um “sim” que abre horizontes ilimitados e nos serve de bússola para a eternidade.

RESPEITOS HUMANOS

Quando está em jogo a defesa da verdade, como se pode desejar não desagradar a Deus e, ao mesmo tempo, não chocar com o ambiente? São coisas antagônicas: ou uma ou outra! É preciso que o sacrifício seja holocausto: é preciso queimar tudo..., até o “que vão dizer”, até isso que chamam reputação.

Muitas vezes somos colocados perante este dilema: ou defender a Deus ou ficar bem no ambiente em que estamos. É evidente que sempre devemos procurar uma forma de defender a nossa fé que não crie problemas, divergências e possa ser útil para o apóstolo. Algumas vezes, entretanto, poderemos estar colocados entre Deus e o cruel mundo pagão, em que a defesa dos valores cristãos é malvista. Nestes momentos, temos que ter a coragem de defender a verdade contra a mentira, mesmo tendo a certeza de que muitos não compreenderão e poderão até ironizar-nos. Nestes momentos, não podemos acovardar-nos e temos que ter a coragem dos primeiros apóstolos.

Como vejo agora claramente que a “santa desvergonha” tem a sua raiz, muito profunda, no Evangelho! - Cumpre a Vontade de Deus..., lembrando-te de Jesus difamado, de Jesus cuspidos e esbofeteados, de Jesus levado aos tribunais de homenzinhos..., e de Jesus calado!! - Propósito: baixar a fonte diante dos ultrajes e - contando também com as humilhações que, sem dúvida, virão - prosseguir a tarefa divina, que o Amor Misericordioso de Nosso Senhor nos quis confiar.

A santa desvergonha leva-nos a suportar todas as críticas que um cristão pode receber, até mesmo humilhações, e ter a tranquilidade cristã. Temos que ser como Cristo diante do sinédrio, perante Pilatos e Herodes, na flagelação e coroação dos espinhos e, principalmente, no Calvário e não desistir. A paz interior dá forças à nossa luta e não nos permite desistir. O Santo é o pecador que não desistiu e a não desistência é assegurada pela luta sempre constante e com paz interior. Graças a todos os santos, conhecidos ou não, que não desistiram e viveram com tranquilidade a “santa desvergonha”, estamos até hoje usufruindo das lições de Cristo, dois mil anos depois.

Assusta o mal que podemos causar, se nos deixamos arrastar pelo medo ou pela vergonha de nos mostrarmos como cristãos na vida diária.

Apesar de meus imensos defeitos, que anoto no exame toda a noite e alguns que luto por corrigir e os repito todo o dia, este, pelo amor a meu Deus, que é a razão de ser de minha vida, felizmente não ostento. Não tenho medo, nem vergonha de dizer que sou católico apostólico romano. Nem por isto, todavia, o fato de me dizer católico faz-me seguro de que estou servindo a Deus corretamente, demonstrando adequadamente a minha condição, servindo de exemplo para que outros sintam a alegria que sinto no coração, por amor a Deus. É que sou desajeitado e, talvez, pouco convincente na minha forma de agir, o que vale dizer um pobre apóstolo e que mais precisa do que pode ajudar os outros. Ajuda-me, meu Deus.

Há alguns que, quando falam de Deus ou do apostolado, é como se sentissem a necessidade de se defender. Talvez porque não descobriram o valor das virtudes humanas e, pelo contrário, sobra-lhes deformação espiritual e covardia.

O fato de, muitas vezes, os que defendem a fé cristã, melhor dizendo, os que cultivam a fé cristã, pensarem que estão em uma situação inferior na sociedade, por ser em sua maioria pagã. E, quando declaram sua religião, fazem-no timidamente, em posição de proteção, para não ficar mal no ambiente em que vivem. Se os primeiros apóstolos assim agissem, não estaríamos aqui. Por 300 anos perseguidos, e perseguição que levava à morte, declaravam-se cristãos, com ousadia e sem receio. Nunca tiveram respeitos humanos no concernente à fé. Assim, também devemos ser neste mundo dedicado e pôr como meta maior o conforto, mas sem Deus.

É inútil agradar a todos. Descontentes, gente que proteste, haverá sempre. Olha como o resume a sabedoria popular: “Quando as coisas correm bem para os cordeiros, correm mal para os lobos”.

Todos sabemos que sempre haverá divergências entre as pessoas que conhecemos, e nem todas concordam conosco em matéria de fé e em outras matérias também. O próprio Cristo, Senhor Deus do Universo, entre os 12 que escolheu, um apóstolo o traiu. O ditado popular que mostra que a unanimidade em questão de fé e nas opináveis é impossível. Quando as coisas vão bem para os cordeiros, vão mal para os lobos. O que temos é sempre que manter a nossa fé firme e não nos importar com os que nos atacam, pois a muralha da fé, para os que a cultivam, é intransponível e indestrutível. Devemos, nos melhores e piores ambientes, sob aplausos ou críticas, sob apuros ou ataques, ser os mesmos, cumprindo nossa missão na Terra, como o barco, quando nas tempestades, vai em frente.

Não te comportes como esses que se assustam perante um inimigo que só tem a força da sua “voz agressiva”.

Muitas vezes, nós nos assustamos com a agressividade da palavra dos que não acreditam em Deus. Na verdade, a maior parte das vezes, estas pessoas só sabem apertar e brandir a espada da violência verbal. Nossa palavra serena, entretanto, pode ser o melhor dos contrapontos para continuarmos a pregar o reino de Deus sem necessidade de arroubos, convencendo mais pela força do conteúdo do que falamos, sem necessidade de berros ou demonstração de força de qualquer natureza. Basta-nos a inspiração que Deus nos dará no momento, como lemos nas Santas Escrituras e na Patrística, para isto, todavia, temos que ter vida inteiriça de um lado, e nos aprofundarmos nas lições daqueles que nos precederam e graças aos quais dois mil anos depois somos cristãos.

Compreendes o trabalho que se faz..., achas bem (!). Mas pões muito cuidado em não colaborar, e maior ainda em conseguir que os outros não vejam ou não pensem que colaboras. - Tens medo de que te julguem melhor do que és! disseste-me. - Não será que tens medo de que Deus e os homens te exijam mais coerência?

Ser coerente na vida é uma luta que teremos até o fim da existência. Quantas vezes damos desculpas insinceras para não nos comprometermos em trabalhos que exigem esforços, tempo, dedicação e, talvez, dinheiro. E, às vezes, até desincentivamos outros de trabalharem em obras de cunho religioso, filantrópico ou de aconselhamento a outros. É que se não percebemos que o amor a Deus implica um permanente dedicar-se ao próximo e trabalho até o fim da vida, ainda não compreendemos o que é ser cristão. Apesar do muito trabalho, este trabalho será alegria, pois não nos tornamos cidadãos inúteis, que, sem peso e sem significação maiores, caminham para a morte numa existência sem utilidade. Amar é dedicar-se a Deus e ao próximo.

Parecia completamente decidido... Mas, ao pegar na caneta para acabar com o namoro, pesou mais a indecisão e faltou-lhe coragem: muito humano e compreensível, comentavam outros. - Pelo que se vê, segundo alguns, não estão os amores terrenos entre as coisas que se devem deixar para seguir plenamente a Jesus Cristo, quando Ele o pede.

A indecisão entre seguir a vocação sacerdotal ou celibatária e a matrimonial deve ser sempre examinada à luz de um bom diretor espiritual que verá qual é a verdadeira vocação do aconselhado. A opinião de pessoas despreparadas é sempre indesejada e indesejável. As duas vocações são divinas. A sacerdotal é mais difícil. A verdadeira vocação matrimonial é mais trabalhosa, pois exige dedicação à família e à prole, com a responsabilidade de educá-la. As duas implicam renúncias. Os sacerdotes renunciam a todas as mulheres do mundo e os casados também a todas menos uma. O importante é que a pessoa saiba realmente qual é a sua vocação para seguir o seu caminho.

Há os que erram por fraqueza - pela fragilidade do barro de que estamos feitos -, mas se mantêm íntegros na doutrina. São os mesmos que, com a graça de Deus, demonstram a valentia e a humildade heróica de confessar o seu erro, e de defender - com afincio - a verdade.

Há pessoas que nunca perdem o caminho da verdade, mesmo quando erram e, no erro, reconhecem-no, sabendo-se culpadas, mas não procurando justificá-lo. Sempre defendem o que é certo, embora confessando seus fracassos, próprios da fragilidade humana. Em relação a estes, que sempre procuram a penitência e o perdão divino, Deus os recebe como Dimas. Lembro-me de meu amigo, importante figura do cenário nacional, que vivia numa relação irregular e que teve um câncer de garganta. Quando o visitei no hospital, antes da operação em que perderia a voz, disse-me da tristeza de não poder comunicar. Quando lhe perguntei se, por força da idade, ainda tinha relações com sua companheira e disse-me que não, trouxe um sacerdote que o confessou. Viveu ainda 6 meses e, quando o visitava, tinha um pequeno caderno em que escrevia o que queria dizer e dizia que estava vivendo os dias mais felizes de sua vida, pois estava com Deus. A verdade sempre esteve em seu coração.

Alguns chamam imprudência e atrevimento à fé e à confiança em Deus.

Nunca devemos ter receio de dizer que somos cristãos. A fé e a segurança que crer em Deus nos dá, devem sempre auxiliar a nossa confiança de ostentar com segurança a nossa condição de católicos apostólicos romanos. A serenidade de contarmos com a verdade suprema de sermos filhos de Deus serve para que não escondamos esta nossa condição, mesmo nos ambientes mais pagãos. Nossa própria tranquilidade em não esconder esta condição pode chocar alguns, mas se mostrarmos o que somos com amizade e bom tratamento a todos, o exemplo termina por ser apostólico.

É uma loucura confiar em Deus!..., dizem - É não é maior loucura confiar em si mesmo ou nos demais homens?

Muitos dos que não acreditam em Deus dizem que é uma loucura confiar em Deus. Mostram o sofrimento no mundo e não podem acreditar num Criador. Para eles é mais fácil acreditarem em si mesmos, apesar de desconhecê-lo, sem Deus, perguntas irrespondíveis como, porque existem, qual a origem da vida e outras questões de igual teor. Não compreendem que Deus deu aos homens o livre-arbítrio de segui-Lo ou não, de fazerem o bem ou o mal. Os que O seguem de verdade, fazem o bem, e os que não O seguem são aqueles que se utilizam de seu livre-arbítrio, e, em sua maioria fazem o mal. Não sem razão Cristo veio para identificar-se até o extremo ser da humanidade que sofre por força daqueles que não creem que Deus morreu na cruz. A maior loucura é, pois, não acreditar em Deus.

Escreves-me que te chegaste, por fim, ao confessional, e que experimentaste a humilhação de ter que abrir a cloaca da tua vida - assim dizes tu - diante de “um homem”. - Quando arrancarás essa vã estima que sentes por ti mesmo? Então irás à confissão feliz de te mostrardes como és, diante “desse homem” ungido - outro Cristo, o próprio Cristo! -, que te dá a absolvição, o perdão de Deus.

Obriga-nos a mostrar-nos como somos. Pode parecer humilhante, pois temos que dizer, sem justificações ou tentativas de não querermos parecer melhores do que somos, tudo que de errado fizemos. É humilhante, mas faz um bem extraordinário, como combate à soberba, ao amor-próprio, à vaidade, ao orgulho, tal gesto de humildade, temos que nos desventrar perante o representante de Deus, o rosário de nossas faltas, o fato de continuarmos sendo pecadores. A verdade é que a humildade de nos revelarmos como somos leva Deus a nos receber, desde que tenhamos o propósito sincero de corrigir-nos. As faltas que forem possíveis e eventuais no futuro terão que ser relatadas na confissão seguinte para que a absolvição seja plena. Não nos humilhamos quando nos confessamos, mas crescemos sempre.

Tenhamos a coragem de viver pública e constantemente de acordo com a nossa santa fé.

Temos que ser coerentes com a nossa fé e, perante a sociedade, todos têm que nos ver como somos, ou seja, cristãos autênticos que acreditam em Cristo e agem de acordo com sua crença, buscando santificar-se na vida interior, familiar, profissional, apostólica, social e cidadã. Não podemos ser cristãos de missas dominicais e de liberdade de ação no resto da semana. Mesmo que não comunguemos da desfiguração da sociedade em termos de valores, não podemos aceitar participação, por uma questão de convívio, em espetáculos imorais ou tolerar que se fale com deboche de valores cristãos em nosso ambiente. A nossa presença deve servir para elevar o nível das conversas pelo respeito conseguido profissionalmente em benefício da religião.

Não podemos ser sectários, diziam-me com ares de equanimidade, perante a firmeza da doutrina da Igreja. Depois quando lhes fiz ver que quem tem a Verdade não é sectário, compreenderam o seu erro.

Todos os que dizem que não devemos ser radicais e temos que concordar com todas as correntes de pensamento, respeitando-as, é que não compreenderam que o respeito é às pessoas que devemos ter. Mas não há concordância que todas as correntes são respeitáveis e boas, o que não é verdade. A verdade não pode estar de dois lados opostos. Tem que estar de um lado e são aquelas que estão do lado de Deus Jesus Cristo, estando do lado da verdade. Respeitar o errado não é respeitar o erro. Temos que saber não transigir na verdade, mas temos que ser caridosos com os que estão no erro.

Para nos convenceremos de que é ridículo tomar a moda como norma de conduta, basta olhar para alguns retratos antigos.

A moda não é o melhor sinaleiro de conduta e, não poucas vezes, é um sinaleiro de má conduta moral. O exemplo dado por nosso Padre é suficientemente gráfico. Sempre que olhamos para retratos antigos, temos esta sensação. E quando vamos mais longe, vemos as roupas usadas na época de Shakespeare, de meias apertadas na perna até um calção balofo que mais parecia um “puff” de assento do que um complemento da calça da época. E isto diz apenas das modas ridículas, como a de rasgar calças para mostrar-se um seguidor da juventude sem reação. E quando a moda é despir a mulher nas praias com fios dentais que muitas vezes são imperceptíveis por quem sofre da vista. Nem se pode falar que é para cultivar a beleza do corpo, pois o número de “divas” é diminuto ao lado do crescente número de “baleias”. A moda não é nunca modelo de conduta.

Gosto de que ames as procissões, todas as manifestações externas da nossa Mãe a Igreja Santa, para dar a Deus o culto devido..., e que as vivas!

Todas as manifestações de culto a Deus, através de nossa Mãe Igreja, como procissões e principalmente a Missa com a presença do próprio Deus na Eucaristia, devem ser por nós vividos, com amor, devoção e esperança de que Deus nos perdoe de nossas faltas e nos prepare para a vida eterna. Ninguém pode dizer que ama a Deus se não cultivar este amor e se não render honra e glória ao Senhor Criador do Universo. No Pai Nosso, oração que o próprio Cristo nos ensinou, Deus é lembrado como Nosso Pai, porque O é, e foi Deus Filho que O disse. As procissões são formas de homenagens à Santíssima Trindade e à Sagrada Família, e como cristãos, nós não podemos esquecê-las.

“Ego palam locutus sum mundo”: Eu preguei publicamente diante de toda a gente, responde Jesus a Caifás, quando se aproxima o momento de dar a sua Vida por nós. - E, no entanto, há cristãos que se envergonham de manifestar “palam” - patentemente - veneração pelo Senhor.

Cristo, pouco antes de sua condenação, declarou que sempre falava publicamente, razão pela qual seus milagres e sua palavra sempre foram de conhecimento de todos. Sua pregação continua a repercutir, dois mil anos depois, até hoje. E nós? Temos coragem de manifestar claramente a nossa crença em Deus? Não temos que ter receio. É a melhor forma de mostrarmos-nos como cristãos e fazê-lo com naturalidade. Não temos demonstrações histriônicas ou de uma piedade afetada. Cristo esteve com pobres, com pecadores, publicanos e prostitutas, com ricos, com os grandes do tempo e com os sábios, e era sempre o Mesmo, natural, amigo, auxiliando-os, lutando e perdoando-os, como O fez com a mulher adúltera. Mas sempre com naturalidade, simplicidade, sabedoria e amor.

Quando ocorreu a debandada dos Apóstolos e o povo embravecido rasga as gargantas em ódio a Jesus Cristo, Santa Maria segue de perto o seu Filho pelas ruas de Jerusalém. não a arreda o clamor da multidão, nem deixa de acompanhar o Redentor enquanto todos os do cortejo, no anonimato, se fazem covardemente valentes para maltratar a Cristo. Invoca-a com força: “Virgo fidelis!” - Virgem fiel! -, e pede-lhe que os que nos dizemos amigos de Deus o sejamos de veras e a todas as horas.

A Virgem sempre foi fiel a Seu Filho, principalmente quando a turba açulada pelos fariseus pedia o seu sangue. Assim devemos ser nós quando nos atacam por nossas convicções e pensam que vão eliminar os seguidores de Cristo, como Caifás e seus asseclas fariseus fizeram dois mil anos atrás. A serenidade da Nossa Senhora no momento mais difícil de Cristo encarnado deve ser o nosso caminho também durante a nossa passagem pelo mundo, pois, nos piores momentos, quem tem Cristo no coração e a intercessão da Virgem não perde a paz. Esta é sempre a rota de amor a Deus, pois só Nele temos sentido de vida e sabemos por que estamos neste mundo. Todos os outros que não creem vivem uma agitação cruel, sem significação, os vazios provocados tanto pelos fracassos como pelos sucessos.

ALEGRIA

Ninguém é feliz, na terra, enquanto não se decide a não sê-lo. Assim transcorre o caminho: dor - dito em cristão! -, Cruz; Vontade de Deus, Amor; felicidade aqui e, depois, eternamente.

A alegria pode conviver com a dor e com a cruz. Desde que haja amor. O amor a Deus muitas vezes pode trazer o sofrimento, mas não tira a paz, como dizia Dostoiévski no seu insuperável “Irmãos Karamazov”, que o amor autêntico tem na ternura sua força. Alegria e paz, lembrando-se que as dificuldades da vida até o momento difícil e quase sempre doloroso da passagem desta vida para a eternidade podem ser um momento de paz e alegria se Deus estiver conosco, se sempre O tratamos com a ternura que o verdadeiro amor impõe, alegria. Nos 125 sonetos que já compus para minha mulher, depois que foi para o céu, a dor da sua falta após 67 anos de namoro e 62 de casados não me tira a paz da alegria dos tempos passados e da alegria futura de revê-la.

“Servite Domino in laetitia!” - Servirei a Deus com alegria! Uma alegria que será consequência da minha Fé, da minha Esperança e do meu Amor..., que há de durar sempre porque, como nos assegura o Apóstolo, “Dominus prope est!”... - o Senhor me acompanha de perto. Caminharei com Ele, portanto, bem seguro, já que o Senhor é meu Pai..., e com a sua ajuda cumprirei a sua amável Vontade, ainda que me custe.

Servirei a Deus com alegria, pois a fé que Nele tenho é imensa. A Ele peço sempre que aumente todos os dias, como no Evangelho pediu o pai do menino que queria ser curado. E com a esperança de um dia, vê-lo no céu como Santo Tomás de Aquino. Em sua oração “Adoro-te devoto”, ele dizia querer o amor à sua face e São Josémaria afirmava que na eternidade, poderemos visualizar o rosto do Senhor. Por fim, com amor, cuidado e dedicação por decorrência, já que, como dizia o Padre Alexandre, descendente da família do último rei da Itália, Vitor Emanuel, a vida no céu é muito mais simples que na Terra, pois lá só há uma lei, que é a lei do amor. Assim devemos viver na Terra, como filhos de Deus, com fé, esperança e amor.

Um conselho, que vos tenho repetido até cansar: estai alegres, sempre alegres. - Que estejam tristes os que não se considerem filhos de Deus.

Todos nós somos cristãos e, portanto, temos que ser alegres. Que os não cristãos não o sejam, é compreensível, e os que não acreditam em Deus, mais cedo ou mais tarde, sentem o vazio da existência. É que nós sabemos que há uma vida eterna ao lado de Deus e, se apesar de nossos fracassos, erros e pecados, não desistirmos na luta, teremos a vida futura ao lado do Senhor. Nossa alegria pode ocorrer mesmo nos momentos de dor, de sofrimento, de injustiça que nos fazem, de fracasso profissional ou de qualquer natureza, porque sabemos que tudo é passageiro na Terra. Temos que lutar todos os dias, pois sabemos que algum dia será o último, sem nos preocuparmos mais com o passado, que não se pode mudar, e sem fazer projetos utópicos para o futuro que poderá não existir para nós. Temos que viver o dia presente, transmitindo alegria aos que nos cercam.

Procuro deixar a pele, para que os meus irmãos mais novos “pises macio”, como o senhor nos diz. - Há tantas alegrias neste “passar mal”!

Transformar-nos em tapete de nossos familiares e amigos para que possam pisar macio. Este é o lava-pés da última ceia. No momento em que decidimos seguir a Cristo, mudamos o viés de nossa vida, ou melhor, a ordem, ou seja, de “ser servido para servir”. Para que nossa vida não seja inútil, temos que auxiliar o próximo, a começar por nossos familiares, o que vale dizer estamos provisoriamente no mundo, como Jesus esteve para auxiliar o “outro”, seguindo a pegada do Mestre. Só assim lutaremos para ser “santos e perfeitos”. Como nosso Pai é perfeito, muito embora conseguir não seja fácil, nem mesmo para os santos de altar. Madre Teresa de Calcutá dizia: “Santo é o pecador que não desistiu”.

Outro homem de fé escrevia-me: “Quando se está isolado por necessidade, nota-se perfeitamente a ajuda dos irmãos. Ao considerar que agora tenho que suportar tudo ‘sozinho’, penso muitas vezes que, se não fosse por essa ‘companhia que fazemos de longe uns aos outros’ - a bendita Comunhão dos Santos! -, não poderia conservar este otimismo que me invade”.

A Comunhão dos Santos. Quando estamos sozinhos, temos que lembrar que nossos irmãos não nos estão abandonando e que rezam por nós. E deixamos de estar solitários. A comunhão dos santos, daqueles que estão conosco e daqueles que já foram, mas não deixam de rezar por nós, tem que nos alegrar e dar forças na luta diária. Jamais estamos sós. Deus está sempre conosco e nossos irmãos também, pela oração e por atos ocultos ou perceptíveis que nos auxiliam. O cristão deve ser sempre otimista e alegre, pois seu reino não terá fim e seu Senhor o ama como nenhum rei amou seus súditos. A comunhão dos santos torna nossa família cada vez maior e o nosso convívio presente ou pela oração, uma segurança da vida futura na eternidade.

Não esqueças que às vezes, faz-nos falta ter ao lado caras sorridentes.

O cristão é, necessariamente, uma pessoa alegre, mesmo nas tribulações da vida. Cristo foi criticado pelos fariseus por ter a companhia alegre de publicanos e repreendia-os dizendo que atacavam João Batista por ser um asceta e a Ele por estar comendo com qualquer um que se alegrasse em sua companhia, mesmo tendo consciência de que estava perto da dolorosa morte numa cruz. Seguiu Ele mesmo com amigos e a última ceia foi para comemorar a Páscoa e dar-lhes a Eucaristia de presente. Se queremos converter o próximo, não podemos mostrar rostos deprimidos, mas sorridentes, como ensina o provérbio popular “Um santo triste é um triste santo”. Temos que ter paz interior que gera alegria da certeza de que por sermos filhos de Deus, Deus nos protegerá.

“Vocês são todos tão alegres! Ninguém o imaginaria”, ouvi comentar. Vem de longe o empenho diabólico dos inimigos de Cristo, que não se cansam de murmurar que as pessoas entregues a Deus são da espécie dos “soturnos”. E, infelizmente, alguns dos que querem ser “bons” servem-lhes de eco, com as suas ‘virtudes tristes’. - Nós Te damos graças, Senhor, porque quiseste contar com as nossas vidas, ditosamente alegres, para apagar essa falsa caricatura. - Peço-Te também que não o esqueçamos.

Muitas pessoas criticam os que creem em Deus, que nossa crença faz nos ter uma vida triste, cheia de restrições, sem liberdade. E muitas das imagens dos santos para que mostrem piedade os fazem tão piedosos, lamuriantes e tristes, que, por vezes, mais afastam que aproximam as pessoas de Deus. Não é verdade que crer em Deus faz do cristão um homem triste. Cristo era alegre, apaixonava os que o seguiam, banquetear-se com os amigos e até era criticado por isto. Ninguém por segui-Lo perdeu a liberdade para fugir dos prazeres frágeis, vazios, que repetidamente causam nos outros tristezas, como os adultérios, os desperdícios de riqueza em face dos necessitados e toda a série de vícios que se vão adquirindo. O uso de nossa liberdade em servir a Deus é o que nos dá alegria.

Que ninguém leia tristeza nem dor na tua cara, quando difundes pelo ambiente do mundo o aroma do teu sacrifício: os filhos de Deus têm que ser sempre semeadores de paz e de alegria.

A vida do cristão, como há dois mil anos, exige sacrifício. Cristo disse que o jugo e o fardo seriam leves, mas não deixariam de ser fardos. Por isto falou em cruz a ser carregada por quem O segue. E Ele mesmo viveu o sacrifício máximo para quem tem que suportar o peso da cruz na crucificação. Mesmo assim, foi sempre alegre, de tal maneira que não podemos, como Ele, exhibir o nosso sacrifício, mas sim paz e alegria pelo caminho seguido. É que com a alegria conquistamos outras pessoas para o redor do Senhor e com a descrição do nosso sacrifício, muitas vezes desconhecido dos nossos próximos, conquistamos o Céu.

A alegria de um homem de Deus, de uma mulher de Deus, há de ser transbordante: serena, contagiosa, cativante; em poucas palavras, há de ser tão sobrenatural, tão pegadiça e tão natural, que arraste outros pelos caminhos cristãos.

A nossa alegria tem que ser uma alegria não fisiológica, de mínimo satisfeito pelos prazeres temporais, transitórios e muitas vezes imorais. É a alegria da certeza de que esta passagem pela Terra bem vivida, a serviço do próximo, cativa, pois transborda do coração sinceramente para as pessoas que se aproximam. Passa a ser por esta razão contagiosa, visto que os outros percebem que há algo de diferente nesta maneira de querer a Deus e ao próximo que, de rigor, é o que gera tal alegria. Será serena, pois o verdadeiro cristão raramente perde a calma, pois vê todos os acontecimentos da Terra como transitórios e de importância relativa, o que leva a alegria a ser impregnante. Por fim, percebe-se ao mesmo que é natural e sobrenatural, pois, não é histriônica e flui na vida do cristão como o ato de respirar.

“Contente?” - A pergunta deixou-me pensativo. - Ainda não se inventaram as palavras para exprimir tudo o que se sente - no coração e na vontade - quando se sabe que se é filho de Deus.

A maior descoberta de nossa vida é quando descobrimos que somos verdadeiramente filhos de Deus. Deus é nosso Pai, dando-nos liberdade para fazermos o que quiser, ou seja, as opções certas ou erradas. No momento, entretanto, que escolhemos o caminho certo e descobrimos nossa paternidade real, a vida ganha um outro colorido. Dá-nos a paz, por sermos filhos do Senhor do Universo e que olha por nós mesmo nas tribulações e até quando não entendemos o que está ocorrendo conosco ou como tais feitos foram permitidos. Em nossos momentos de dúvidas, deixou-nos a Mãe de Deus Filho para nos proteger até mesmo das tentações. Temos que lembrar da frase que disse a São João Diego: “Não estou aqui. Sou tua Mãe que sempre te protegerá”.

Natal. Escreves-me: “Ao compasso da espera santa de Maria e de José, eu também espero, com impaciência, o Menino. Como ficarei contente em Belém! Pressinto que explodirei numa alegria sem limites. Ah!, e com Ele quero também nascer de novo...” - Oxalá seja verdade este teu querer!

No Natal, no nascimento de Cristo, temos que renascer de novo. Todos os dias de Natal, renovamos a liturgia daquele momento fulcral da humanidade, que dividiu o tempo antes e depois do Deus humanado. Temos que também renascer de novo todos os anos, todos os meses, todos os dias, todas as horas, todos os minutos, todos os segundos, sempre que voltamos a ser o homem velho. Só a ideia do renascimento já nos torna mais atentos e alegres e à medida que o tempo passa, percebemos que mais perto estamos de ver o próprio Deus, se renascermos a cada momento do retorno. José, Maria, Jesus, a Família Sagrada tem que ser o nosso guia, e a nossa jornada pela Terra, para gozarmos da visão celestial quando chegar nossa última hora, aquela que para todos é a hora da verdade.

Propósito sincero: tornar amável e fácil o caminho aos outros, que já bastantes amarguras traz a vida consigo.

Tornar mais agradável a vida de qualquer um que entra em contato conosco é a missão que Cristo nos deu. A vida em si é uma luta feroz e desigual, difícil e, por esta razão, Cristo desejou que nós a fizéssemos mais leve para todos. Esta é a grande missão de todos nós. A nossa vida pode ficar mais complicada a partir desta percepção que ser tapete aveludado dos outros implica carregar os outros também. Se verificarmos a vida dos apóstolos, assim viveram. Quando Cristo disse que “Mais um pouco não me vereis, vereis depois um pouco quando acreditares que Eu estou no Pai”, pois a ressurreição firma-nos na fé e a partir dela passamos a servir ao próximo.

Que maravilha converter infieis, ganhar algumas!... -
Pois bem, tão grato a Deus, e ainda mais, é evitar que
se percam.

Nossa missão de cristãos é conquistar almas para Cristo, mas também é aquela de não deixar que as almas se percam, num mundo em que tudo se faz para perdê-las. Em meu país, falar mal de um magistrado dá cadeia, mas falar mal e desfigurar a imagem de Cristo é liberdade de expressão. Os meios eletrônicos que multiplicam toda a espécie de tentações auxiliam a perdição. Mais do que isto, autoridades e comunicadores, que, muitas vezes, não conseguem ter ou manter uma família, unem-se para destruí-la, nas mais diversas formas de desamor e de ataques para desprezá-la. Não sem razão, nosso Padre afirma que conseguir fazer com que as almas não se percam, hoje, é mais importante do que conquistá-las. O ideal, todavia, é conquistar e não perder.

Outra vez as tuas antigas loucuras!... E depois, quando regressas, te sentes pouco alegre, porque te falta humildade. Parece que te obstinas em desconhecer a segunda parte da parábola do filho pródigo, e ainda continuas apegado à pobre felicidade das bolotas. Com o orgulho ferido pela tua fragilidade, não te decides a pedir perdão, e não consideras que, se te humilhas, espera-te a jubilosa acolhida de teu Pai-Deus, a festa pelo teu regresso e pelo teu recomeço.

Sempre corremos o risco de voltar aos defeitos passados com o retorno dos hábitos que nos levam, ao final, a comer bolotas, como o filho pródigo. Temos que lutar sempre contra o homem velho. Este não se cansa nunca de reivindicar suas conquistas passadas que levaram o filho pródigo a cuidar de porcos. Não podemos permitir que o homem velho retorne. E nossa luta será bem-sucedida se tivermos sempre em conta que a oração da alma (mental ou falada) nas formas tradicionais e a oração do corpo (mortificação ou oferecimento das dores ou contradição) são os melhores antídotos contra as tentações do homem velho.

É verdade; não valem nada, não somos nada, não podemos nada, não temos nada. E, simultaneamente, no meio da luta cotidiana, não faltam os obstáculos, as tentações... Mas a “alegria” dos teus irmãos dissipará todas as dificuldades, tão logo te reúnas com eles, porque os verás firmemente apoiados nEle “quia Tu es Deus fortitudo mea” - porque Tu és, Senhor a nossa fortaleza.

Quando vemos a nossa insignificância perante a grandeza do Universo e perante o seu Criador, compreende-se que nos sentimos um nada sem valor, sem poder, sem nada ter, pois desde o nascimento condenados à morte, e sem nenhuma condição de levar paz à outra vida, qualquer coisa a não ser, efetivamente, o que a nossa ação na Terra provocou para ser julgado por um Deus Misericordioso mais justo. Nesta perspectiva, à evidência, o mais importante é fazer tudo como se dependesse de nós, nada fazer sem pedir o auxílio e compreender que tudo, de rigor, depende exclusivamente de Deus que nos autoriza a agir desta ou daquela maneira, empregando todas as nossas forças. É o plano Divino.

Repete-se a cena, como com os convidados da parábola. Uns, medo: outros, ocupações; bastantes..., histórias, desculpas tolas. Resistem. Assim andam: enfastiados, embaralhados, sem vontade de nada, entediados, amargurados. Quando é tão fácil aceitar o divino convite de cada momento, e viver alegre e feliz!

Os convidados da parábola também não aceitaram o convite. As mais variadas justificativas foram dadas. Os que aceitaram viveram a felicidade da presença do Rei, como nós cristãos, quando aceitamos, também somos felizes ao lado do Rei dos reis. E que queiramos ou não, façamos ou não a opção correta, a vida é feita de altos e baixos, de momentos de felicidade e dificuldades, até o momento em que Deus nos chama, pois é apenas uma passagem pela Terra e é mais fácil atravessá-la com vistas ao futuro na eternidade, feliz por estar ao lado de Deus na esperança de vê-Lo após a morte, do que passá-la aos sobressaltos, com alegrias fisiológicas passageiras e incertezas permanentes sobre o porvir, as quais se acentuam na velhice. Deus estará esperando-nos.

É muito cômodo dizer: “Não presto; não me corre bem - não nos corre bem - uma só coisa”. - Além de que não é verdade, esse pessimismo encobre uma poltronice muito grande... Há coisas que fazes bem, e coisas que fazes mal. Enche-te de contentamento e de esperança pelas primeiras; e enfrenta - sem desalento - as segundas, para retificar: e correrão bem.

A autodeclaração de que a pessoa não presta para nada para justificar o comodismo do nada fazer é apenas uma demonstração de preguiça, de um lado, e de covardia, de outro. Realmente, todos nós, com mais ou menos qualidades, não prestamos para muita coisa, mas prestamos também para tudo em matéria de amor a Deus. Todos nós prestamos sempre, bastando querer. Os insucessos, fracassos, recuos na luta pela santificação pessoal são uma constante do jogo da vida, em que só ganha – e ganha sempre – quem não desiste. Temos, pois, que querer em primeiro lugar vencer a preguiça, depois a covardia e enfrentar com coragem o desafio de buscar entender para viver o plano de Deus para nós, pois Deus, ao criar-nos, teve um plano de vida para cada um de seus filhos e por ser Pai – assim O invocamo-No: “Pai Nosso” – sempre nos ajudará na luta.

“Padre, tal como me aconselhou, rio-me das minhas misérias - sem esquecer que não devo transigir -, e então sinto-me muito mais alegre. “Pelo contrário, quando cometo a tolice de ficar triste, fico com a impressão de que perco o caminho”.

Não ficar triste! Este é o melhor caminho para não desistir de nossa luta pela santidade. Até examinarmos com bom humor as nossas insuficiências e percebermos que não somos nada e tudo o que tivermos é porque Deus entendeu que poderia nos utilizar como alguém útil. Temos que ter a humildade de reconhecer que somos limitados, e tal reconhecimento nos dará a força de lutar por melhor servir a Deus, não nos colocando a pretender ser o que não somos, por uma questão de vaidade, ou deixando de fazer o que podemos fazer por uma questão de covardia ou preguiça e não de humildade. Sem tristezas, mas com bom humor, temos que dar o máximo nesta luta por alegrar a Deus e por servir ao próximo, nos limites de nossas forças, sempre sabendo que Deus é Nosso Timoneiro.

Perguntaste-me se tenho cruz. E te respondi que sim, que nós sempre temos Cruz. - Mas uma Cruz gloriosa, cunho divino, garantia de autenticidade de sermos filhos de Deus. Por isso, sempre caminhamos felizes com a Cruz.

Todos carregamos nossas cruzes. Há cruzes verdadeiras e imaginárias. Há cruzes que levam a Deus e outras ao inferno. Há cruzes que são, pois, gloriosas, pois suportadas em nome do Senhor, e cruzes que são imperceptíveis, pois não se percebe que na vida, queiramos ou não, ela chegará a cada um. Todos, todos, sem exceção, teremos que carregar um dia nossas cruzes. O cristão, todavia, que se espelha no Senhor, que suportou a mais dolorosa das cruzes, sabe carregá-la e oferecer seu sofrimento em benefício dos outros. Suas cruzes são verdadeiras. As pesadas pela imaginação, que, segundo Santa Tereza, seria a doida da casa, pois pesam com ressentimentos e fantasias que amarguram a vida. Ter um baú de ressentimentos sem fundos alivia as imaginárias e torna gloriosas as verdadeiras.

Sentes mais alegria. Mas desta vez trata-se de uma alegria nervosa, um pouco impaciente, acompanhada da clara sensação de que alguma coisa em ti se despedaça em sacrifício. Escuta-me bem: aqui na terra, não há felicidade completa. Por isso, agora, imediatamente, sem palavras e sem “vitimismos”, oferece-te em oblação a Deus, com uma entrega total e absoluta.

Apesar de o cristão que fez sua opção por viver uma vida própria de cristão sentir mais alegria, muitas vezes sente um nervosismo decorrente de sentir que as coisas não cedem como queria, uma impaciência porque seus esforços aparentemente não resultam em nada e a percepção de que sua vida se torna em parte uma vida de sacrifício, o que a faz dilacerada. Nestes momentos é que o cristão deve perceber que a felicidade fisiológica na Terra é impossível e difícil por completo e até mesmo a felicidade plena, isto é, de uma vida natural sem dificuldades e de entrega serena e sem obstáculo a Deus. Quando isto ocorre, o caminho é lembrar que o cristianismo impõe entrega total e absoluta e que a vida do cristão é oblação.

Estás passando uns dias de alvoroço, coma alma inundada de sol e de cor. E, coisa estranha, os motivos da tua felicidade são os mesmos que em outras ocasiões te desanimavam! É o que acontece sempre: tudo depende do ponto de mira. - “Laetetur cor quaerentium Dominum!” - Quando se procura o Senhor, o coração transborda sempre de alegria.

Quando, sem qualquer motivo, passamos por momentos de alegria e até mesmo de euforia, podemos nos perguntar, se servimos rigorosamente o nosso plano de vida, a razão do que estava acontecendo. A resposta não é diferente daquela que, há dois mil anos, através dos seguidores de Cristo, obtemos: É porque Cristo está conosco, Deus é nosso Pai e, por isso, oferecemos assim no início da oração que o Mestre nos ensinou. E a paz que Sua presença nos dá faz-nos enfrentar as dificuldades da vida. Estas, nós as teremos sempre, mas o cristão as enfrenta com garra e alegria. “In laetitia, nulla dies sine cruce!”. A cruz do cristão pesa-nos menos, pois Cristo auxilia-nos a carregá-la.

Que diferença entre esses homens sem fé, tristes e vacilantes por causa de sua existência vazia, exposto como cata-ventos à “variabilidade” das circunstâncias, e a nossa vida confiante de cristãos, alegre e firme, maciça, por causa do conhecimento e do absoluto convencimento do nosso destino sobrenatural!

Há, realmente, uma diferença entre os homens sem fé, que vagueiam pela vida, mesmo quando bem-sucedidos, com altos e baixos, sem planos finais para quando a vida começa a esgotar-se, e os cristãos que sabem que esta vida é mera passagem e que o nosso destino é sobrenatural e, necessariamente, melhor do que passamos na Terra. Dizia-me, num programa de TV, um ex-governador do meu estado, que foi jornalista internacional, ter encontrado, entre as pessoas que conheceu pelo mundo, dois tipos delas: os que se sentiam infelizes por terem fracassado na vida e os que se sentiam infelizes por serem bem-sucedidos. Com os cristãos que realmente se entregaram a Deus, todos são felizes, os bem e malsucedidos na vida.

Não és feliz, porque ficas ruminando tudo como se sempre fosses tu o centro: é que te dói o estômago, é que te cansas, é que te disseram isto ou aquilo... - Experimentaste pensar nEle e, por Ele, nos outros?

Quando estamos voltados só para nós, nos aborrecemos com tudo. Primeiramente, com qualquer crítica que fazem à nossa maneira de ser, à qual respondemos como um porco-espinho, mesmo que a crítica seja procedente e poderíamos nela meditar para melhorar. Depois, pela guarda de ressentimentos, não esquecendo nenhum agravo, como um baú que vai ficando tão superlotado que parecerá precisar de outro para acomodar. Por fim, nos dando um valor sempre maior do que temos para nos sentirmos injustiçados, quando na maioria das vezes não o somos e o nosso valor não é o que pensamos ter, mas o que os outros veem em nós. Não dar atenção a tudo isto, pensar nos outros mais do que em nós mesmos e, acima de tudo, em Deus é o que traz felicidade. Baú de ressentimentos sim, mas sem fundos.

“Miles” - soldado, chama o Apóstolo ao cristão. Pois bem, nesta bendita e cristã peleja de amor e de paz pela felicidade de todas as almas, há, dentro das fileiras de Deus, soldados cansados, famintos, lacerados pelas feridas..., mas alegres: levam no coração a luzes seguras da vitória.

Somos soldados de Cristo. Ser cristão é entrar numa guerra sem fronteiras e sem tréguas para levar o estandarte da santidade a todos os povos, a começar por aqueles que são nossos próximos. No fim da vida, Paulo dizia que combatera o bom combate sem tréguas e sem desânimo e, graças a Ele e aos primeiros apóstolos, discípulos e seguidores, estamos, dois mil anos depois, aqui formando a armada de Cristo, alegres, pois sabemos por que lutamos, mesmo que, nesta luta, tenhamos sido feridos, derrotados alguma vez, mas certos de que a vitória final é que seremos recebidos pelo Comandante Chefe do Universo, por Ele julgados, com justiça, mas misericórdia, e receberemos, na eternidade, o prêmio pelo bom combate, que há de durar até o fim dos tempos, quando o bem prevalecerá.

“Quero enviar-lhe, Padre, o propósito de estar sempre sorridente: coração risonho, ainda que mo apunhalem”.
- Parece-me um propósito acertado. Rezo para que o cumpras.

O propósito de estarmos sempre sorridentes, principalmente nos maus momentos, parece-me o melhor caminho para chegarmos à santidade. O conhecido adágio “Um santo triste é um triste santo” demonstra quanto é importante que o cristão deva lutar para ser alegre. O sorriso é quase sempre a exteriorização desta alegria. Os primeiros cristãos eram alegres até mesmo no martírio. Lucas conta como Pedro e João saem da prisão alegres após serem chibatados pelos guardas do Sinédrio, pois sofreram por Cristo. Se não tivessem sorrisos nos rostos, quando pregavam, dificilmente conseguiriam animar tantas pessoas a seguirem-nos. A seriedade excessiva e o mau humor afastam mais do que aproximam pessoas. Por esta razão, os apóstolos eram alegres e sorridentes.

Em certos momentos, oprime-te um começo de desânimo, que mata todo o seu entusiasmo, e que mal consegues vencer à força de atos de esperança. - Não tem importância: é a hora boa de pedires mais graça a Deus, e para a frente! Renova a alegria de lutar, ainda que percas uma escaramuça.

Em nossa luta por santificar nosso trabalho, servindo a Deus, podemos ter momentos de desânimo. Creio que todos os santos o tiveram. São Diego, o índio a quem Nossa Senhora de Guadalupe pediu que conseguisse, do prelado na capital do México, que fosse construída uma Igreja e que teve dificuldades até de ser recebido pelo arcebispo daquela diocese, chegou, no seu desânimo, a mudar o seu caminho para não encontrar Nossa Senhora. Nossa Senhora o encontrou e disse: “¿No estoy yo aqui que soy tu Madre que siempre te protegerá?”. São Diego, então, continuou sua missão e com o milagre das rosas e da impressão do rosto da Virgem em seu poncho deu à América a sua padroeira. Nos momentos de desânimo, temos que orar com fé e entrega, e tudo se acomodará e o velho entusiasmo retornará, pois Cristo não perde as batalhas dos que O amam.

Chegaram nuvens densas de falta de vontade, de perda de entusiasmo. Caíram aguaceiros de tristeza, com a clara sensação de te encontrares atado. E, como remate, assomaram decaimentos, que nascem de uma realidade mais ou menos objetiva: tantos anos lutando..., e ainda estás tão atrás, tão longe. Tudo isto é necessário, e Deus conta com isso: para alcançarmos o “gaudium cum pace” - a paz e a alegria verdadeiras -, temos de acrescentar à convicção da nossa filiação divina, que nos enche de otimismo, o reconhecimento da nossa fraqueza pessoal.

Muitas vezes, quando olhamos pelos anos de luta na vida interior e no apostolado, na vida profissional, familiar, social, cidadã e apostólica, e verificamos o nosso fracasso, podemos ser levados à tristeza. Nestes momentos, temos que lembrar que Deus é nosso Pai. Por isto dizemos na oração que o próprio Cristo nos ensinou: “Pai Nosso”. E que, se Ele nos permitiu estes resultados, é porque estes resultados, aparentemente fracos, são nosso caminho de santificação. Depois, os resultados, na parte que não conhecemos, podem ser melhores do que imaginamos. Quantas vezes não ficamos surpresos quando alguém nos diz: “Aquela sua palavra”, ou, “Aquela sua palestra”, ou, “Ao vê-lo absorto na missa”, e vemos que aquele aparente fato sem relevância auxiliou a pessoa a mudar de vida.

Rejuveneceste! De fato, percebes que o trato com Deus te devolveu um pouco à época simples e feliz da juventude, até mesmo à segurança e alegria - sem criancices - da infância espiritual... Olhas à tua volta e verificas que acontece outro tanto aos demais: vão passando os anos desde o seu encontro com o Senhor e, com a maturidade, robustecem-se uma juventude e uma alegria indelévels. Não estão jovens: São jovens e alegres! Esta realidade da vida interior atrai, confirma e subjuga as almas. Agradece-o diariamente “ad Deum qui laetificat iuventutem” - ao Deus que enche de alegria a tua juventude.

As missas no passado, começavam “Ao Deus que é a alegria da minha juventude”. A presença de Deus rejuvenesce, faz com que as forças para lutar para que a vida não seja inútil sejam revigoradas e que o coração se encha de amor ao mundo, até apaixonadamente, por mais crises que o abalem. Deus nos colocou aqui com dois objetivos: amá-Lo e, por decorrência, amar o próximo. E, enquanto estamos por aqui, é nossa missão lutar para que Seu reino domine a Terra e que sejamos todos mais felizes e vivamos em paz. Como dizia São Josemaria Escrivá, temos que amar o mundo aprimoradamente, cada um no seu trabalho e no seu meio social, semeando paz onde outros semeiam o ódio e procurando levar o amor de Deus, e a Deus a todos os homens.

A graça de Deus não te falta. Portanto, se correspondestes, deves sentir-te seguro. O triunfo de ti: a tua fortaleza e o teu ímpeto - unidos a essa graça - são razão mais que suficiente para dar-te o otimismo de quem tem por certa a vitória.

Se nos entregamos a Deus, temos que nos sentir seguros. A nossa entrega depende da graça, mas também de nossa vontade em servir ao Senhor. Fulton Sheen dizia que o sucesso que tivera com sua pregação, que atingia nos programas de rádio mais de 10 milhões de pessoas cada vez - e não tinha falsa modéstia, pois, considerava-se bem-sucedido nas suas pregações – devia-se ao fato de que, desde sua ordenação, passava todo o dia orando perante o Sacrário por uma hora. Assim podemos ser nós. Não temos o Sacrário à disposição, se não na missa, mas podemos fazer oração, entregando-nos a Deus, e Ele estará conosco. Com este Pai, temos que estar seguros. Amo-te, Senhor, perdão, obrigado e ajuda-me.

Talvez ontem fosses uma dessas pessoas amarguradas nos seus sonhos, decepcionadas nas suas ambições humanas. Hoje, desde que Ele se meteu na tua vida - obrigado, meu Deus! -, ris e cantas, e levas o sorriso, o Amor e a felicidade aonde quer que vás.

Se compararmos como éramos antes de encontrar Cristo e introduzi-lo em nossas vidas, certamente os vazios se sucediam e tínhamos a impressão de que a vida não tinha sentido a não ser que a aproveitássemos para gozá-la. Os prazeres lícitos e os menos lícitos davam-nos alegria momentânea e vácuos d'alma depois, pois raramente chegavam ao coração, e, quando chegavam, muitas vezes, faziam sofrer. A descoberta abria outros horizontes, a vida passou a ter sentido, a paz, que é a tranquilidade na ordem, e a verdadeira alegria tomou conta da alma, com o que Ele passou a ser O dono do coração. Cristo dá sentido à nossa vida, nesta passagem pela Terra, paz e a eternidade.

Muitos se sentem infelizes, precisamente por terem demasiado de tudo. - Os cristãos, se verdadeiramente se comportam como filhos de Deus, poderão passar incomodidades, calor, fadiga, frio... Mas jamais lhes faltará a alegria, porque isso - tudo! -, quem o dispõe é Ele, e Ele é a fonte da verdadeira felicidade.

Muitos, que não têm Deus no seu coração, são duplamente infelizes. Quando não conseguem o que querem e sentem-se frustrados, ou quando conseguem e sentem-se vazios, pois o sucesso é vão e passageiro. Podem ter tudo, e ter tudo não os satisfaz, e a certeza de que com a morte tudo perderão, torna-os mais tristes e angustiados. Os cristãos que têm em Cristo sua meta maior, bem ou malsucedidos, são felizes, pois sabem que estão aqui de passagem e se derem o máximo, e com Cristo no coração, Deus estará com eles aqui e de forma gloriosa após a morte. São felizes tendo tudo ou nada tendo, pois não confundem a rota de passagem com a morada eterna ao lado de Deus.

Ante um panorama de homens sem fé, sem esperança; perante cérebros que se agitam, à beira da angústia, procurando uma razão de ser para a vida, tu encontraste uma meta: Ele! E esta descoberta injetará permanentemente na tua existência uma alegria nova, transformar-te-á, e te apresentará uma imensidade diária de coisas formosas que te eram desconhecidas, e que mostram a gozosa amplidão desse caminho largo, que te conduz a Deus.

Minha vida com Cristo e a de todos que O seguem mudou desde que tomamos a decisão de segui-lo. É interessante a verdade expressa neste ponto. A vida sem Deus é uma vida sem meta, em que, por mais sucesso que se tenha, perdeu-se o objetivo final. Por quê? Por que estou aqui? Por que existo? Qual a razão de ser do Universo? A morte encerra tudo? Por que não posso levar o que ganhei, as honras recebidas? Por que não quero morrer jovem se a velhice traz limitações? E estas perguntas sem respostas, para os que não creem, vão crescendo na medida em que as forças diminuem. Com Cristo, nada disto existe. As certezas substituem as perguntas e a espera da eternidade gera o amor.

A tua felicidade na terra identifica-se com a tua fidelidade à fé, à pureza e ao caminho que o Senhor te traçou.

Nossa felicidade, mesmo nas turbacões da vida, está em estarmos com Cristo e termos, portanto, fé, vivermos a existência como parece, dentro da nossa vocação ao estado matrimonial ou celibatário, na profissão que Deus nos indicou e que é aquela que escolhemos. A vida tem altos e baixos, momentos de euforia e de tristeza, aspirações bem-sucedidas ou frustradas, que, para o cristão que vive da fé, aceita-se com tranquilidade, sendo a mesma pessoa em paz, no maior sucesso ou no maior fracasso. Este é o verdadeiro apóstolo e discípulo, pois sabe que a eternidade com Cristo vale qualquer preço.

Dá graças a Deus por estares contente, com uma alegria profunda que não sabe ser ruidosa.

A alegria do cristão é profunda. Mas não é ruidosa. É uma alegria precursora da vida eterna. Permanece mesmo nos momentos de tribulação, pois tem como eixo inabalável, a certeza de que Deus é Pai e nós somos Seus filhos queridos, que quando reconhecidos, temos Sua proteção. Seus filhos que O negam afastam a presença de Deus, que respeita seu livre arbítrio, mas que sabe que nunca terão uma alegria profunda. Poderão ter alegrias fisiológicas, até mesmo decorrentes de sucessos no campo das realizações profissionais, mas serão sempre passageiras. A alegria profunda e permanente só Deus pode nos dar. É Cristo que nos ensinou o caminho e também nos ensinou a orar, e na Sua oração maior disse: “Pai Nosso que estais no céu”. Deus é nosso Pai e nada nos faltará.

Com Deus - pensava -, cada novo dia me parece mais atrativo. Vou vivendo aos “pedacinhos”. Um dia acho magnífico um detalhe; outro, descubro um panorama que antes não tinha notado... A este passo, não sei o que acontecerá com o decorrer do tempo. Depois, reparei que Ele me assegurava: Pois bem, cada dia será maior o teu contentamento, porque aprofundarás mais e mais na aventura divina, na “complicação” tão grande em que te meti. E verificarás que Eu não te abandono.

Amar a Deus é mais fácil e mais difícil do que se imagina. Mas é muito prazeroso. A vida, a cada dia, é uma nova descoberta e a certeza de que Deus nos protege. É mais difícil, pois às nossas obrigações cotidianas, acrescentamos muitos atos da presença de Deus, como orações, missa, terços, leituras, crescimento no conhecimento da verdade do reino. É mais fácil, porque aprendemos a disciplinar o tempo, que é multiplicado, como os pães do Evangelho, naqueles que têm Deus por sua meta maior, à qual todas as outras se subordinam. E para a paz de espírito, mesmo nas turbulências, com a proteção da Santíssima Trindade e a intercessão da Virgem, de São José, do Anjo da Guarda e dos Santos de devoção de cada um. Vale a pena, vale a pena, vale a pena.

A alegria é uma consequência da entrega. Confirma-se em cada volta da nora.

A alegria do cristão é confirmada a cada dia e, como disse Nosso Padre, a cada volta da nora, que ainda, em muitos lugares do interior dos países, existe. É uma roda colocada nos poços para tirar água puxada por um burrico, que dá a volta no poço preso a um sarrafo ligado ao pote, conforme vira para a direita ou para a esquerda, faz descer ou subir o balde. Quis Nosso Padre dizer que cada volta seria como em cada dia, renovarmos a alegria que todo cristão deve ter, renovando seu voto de servir a Deus. Só Deus, em verdade, justifica nossa vida e só a Deus devemos servir. A alegria é o cartão de visita do cristão. Compreende-se, pois, a alegria dos apóstolos, quando foram presos, segundo o Ato dos Apóstolos, por serem testemunho de cristãos.

Que alegria imutável te causa o haveres-te entregado a Deus!... E que inquietação, e que ânsias hás de ter de que todos participem da tua alegria!

É uma verdade incontestada que todos aqueles que descobrem sua vocação cristã sentem alegria diferente de todas as que tiveram e percebem a eternidade de sua vocação. E a alegria dupla de que são filhos de Deus e passam a estar, com amor, a Seu serviço. Da mesma forma que os cavaleiros ardentes sentiam a honra de servir a Deus e, segundo a lenda, um deles, Percival, buscou o Santo Graal, nós somos cavaleiros de Cristo, servimos a Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. Nossa missão na Terra passa a ser levar esta alegria a todos que conhecemos e passarmos também a agir conforme o Senhor quer que Seus filhos ajam, com as três virtudes capitais: fé, esperança e caridade, e as quatro essenciais: prudência, fortaleza, justiça e temperança. A alegria é a roupagem melhor do cristão!

Tudo o que agora de preocupa cabe dentro de um sorriso, esboçado por amor de Deus.

Se O temos do nosso lado, pois, O consideramos como é, o nosso Pai. Nenhuma preocupação resiste à certeza de que Ele está conosco, o que vale dizer, cabe dentro de um sorriso esboçado por nós a Deus. Temos que, permanentemente, dizer “Pai Nosso”, porque Ele o é e, nas maiores dificuldades e tristezas, está do nosso lado. Não abandonará nunca o filho que O ama, e dar-lhe-á serenidade na tristeza para poder oferecer-lhe-a aos que necessitam de atos de amor a Deus, para também enfrentarem os desafios da vida, assim como tranquilidade na preocupação, que devem, em relação à questão que a provoca, ser enfrentada com normas necessárias para afastá-la. E, entre estas normas, temos que lembrar que a oração, o aconselhamento e a mortificação são fundamentais.

Otimismo? Sempre! Também quando as coisas correm aparentemente mal: talvez seja essa a altura de romperes a cantar, com um Glória, porque te refugiaste nEle, e dEle só te pode vir o bem.

Se não fosse o otimismo dos primeiros apóstolos, mesmo nas mais duras perseguições, não usufruíamos das riquezas e do tesouro do Cristianismo nos dias de hoje. O otimismo decorria da confiança de que Deus estava com eles. Basta lembrar a prisão de Pedro e outros apóstolos, logo após a ascensão, em que se sentiam alegres por estarem identificados com o Senhor, que nunca os abandonou ou, de outro lado, ao contarem os sofrimentos que passaram por Cristo. O certo é que, nos bons ou maus momentos, podemos contar com Cristo e dizermos um Glória, pois estamos a Seu serviço e os trabalhos podem ser mais ou menos difíceis em nossa passagem pela Terra, mas o destino final é esplendoroso, pois estamos trabalhando para a vida eterna.

Esperar não significa começar a ver a luz, mas confiar de olhos fechados em que o Senhor a possui plenamente e vive nessa claridade. Ele é a Luz.

Esperar em Cristo não significa que consigamos ver toda a Sua beleza e luz de imediato, nem que tenhamos as soluções terrenas de nossos problemas. Esperar é confiar. É ter a certeza absoluta de que Ele é a luminosa claridade da vida eterna e que está ao nosso lado e nos conduz. Ter esta percepção do caminho do cristão facilita nossa entrega. Avançamos na nossa vida interior e compreendemos melhor a vida familiar, enfrentamos as dificuldades da vida profissional, passamos a ter uma concepção fraterna na vida social, ganhamos eficiência na vida apostólica e compreendemos a importância do exercício da cidadania para o bem comum.

Dever de cada cristão é levar a paz e a felicidade pelos diversos ambientes da terra, numa cruzada de fortaleza e de alegria, que sacuda até os corações murchos e apodrecidos, e os levante para Ele.

Paz e felicidade. Fortaleza e alegria. São quatro estados de espírito que todos os cidadãos devem ter, mas que apenas é possível com aqueles que amam a Deus acima de todas as coisas. O cristão tem esta missão: mostrar a todos, em todos os lugares e os cristãos em todo o mundo, por viverem a paz e a felicidade, mesmo nas turbulências, a fortaleza e a alegria. Fortaleza para enfrentarem as tentações de um mundo contaminado pela leniência moral, alegria, pois conhecem ou passam a conhecer em profundidade o tesouro das lições de Cristo. A paz, que é a tranquilidade na ordem e na vida interior, gera a felicidade de que estamos aqui de passagem e no caminho da vida eterna.

Se arrancares pela raiz qualquer assomo de inveja, e te alegrares sinceramente com os êxitos dos outros, não perderás a alegria.

A inveja não é senão ser infeliz com a felicidade do próximo. De rigor, todo o invejoso quer ter para si o que os outros conquistaram, para isto, quase sempre, encontrando defeitos nos méritos alheios. O cristão, ao contrário, fica feliz com o sucesso dos outros e, por isto, mantém a alegria permanentemente. O invejoso não é feliz, vive de comparações, de autoexaltação de seu pretenso valor e de desmoralização dos valores alheios. A sociedade, para o invejoso, só seria justa se lhe atribuisse o valor que se dá e reduzisse os demais à sua visão distorcida de seus méritos. O invejoso nunca é feliz, mesmo quando consegue galgar posições, pois teme perdê-las para aqueles cuja imagem desconstruiu. Vivem, pois, em permanente tensão até a morte, o que já não ocorre com o cristão, que se alegra sempre com os êxitos dos outros.

Abordou-me aquele amigo: “Disseram-me que estás apaixonado”. - Fiquei muito surpreso e só me ocorreu perguntar-lhe pela origem da notícia. Confessou-me que a lia nos meus olhos, que brilhavam de alegria.

Estar apaixonado por Deus. Assim deveríamos estar todos. Estamos de passagem na Terra. Não podemos ser inúteis. Quem nos colocou aqui foi nosso Pai. E quem é nosso Pai? O Senhor Deus do Universo. Aquele que nos colocou aqui e nos receberá na vida eterna. Quanto mistério na Vida além da Morte. A fé é, portanto, a nossa maior virtude. Há toda uma maneira de adquiri-la, sendo que a principal é a que Deus nos ajude, depois temos persistência em procurá-la, não desistir quando passamos períodos de dúvidas ou trevas, buscar viver sempre bem os sacramentos, frequentar a Eucaristia, se possível, diariamente, estudar os clássicos da religião, ter um orientador espiritual e viver fraternamente com amigos que lhe queiram bem e aqueles que lhe queiram mal, mas que não devem ser considerados inimigos. A partir da caridade, a esperança e, mais ainda, a fortaleza, prudência, justiça e temperança são vividas. Compreende-se assim a paixão por Deus.

Como seria o olhar alegre de Jesus! O mesmo que brilharia nos olhos de sua Mãe, que não pode conter a alegria - “Magnificat anima mea Dominum!” - e a sua alma glorifica o Senhor, desde que O traz de si e a seu lado. Oh Mãe! Que a nossa alegria, como a tua, seja a alegria de estar com Ele e de O ter.

O valor de Jesus deveria ter a alegria dos olhos de Maria, Sua mãe. Este deve ser a alegria de todos os cristãos. Deveria ser alegre a juventude de Cristo. E deveria ter amigos. Seus primos são lembrados no Novo Testamento e o primeiro milagre, Ele o faz, ao lado de discípulos, na alegria de uma festa de casamento. Não devemos esquecer que o cristianismo é uma religião alegre. Mesmo nas turbulências, temos que manter a alegria, pois ela é um caminho para o apostolado e traz amigos para o convívio de Cristo. A alegria dos apóstolos chibatados logo após a ressurreição por terem assim demonstrado sua fé e se assemelhado a Cristo no sofrimento, é o espírito que tornou tão atraente o cristianismo, nada obstante todas as perseguições que flagelaram os primeiros cristãos, que pagaram com o martírio sua entrega a Cristo no caminho para a alegria eterna.

AUDÁCIA

Não sejais almas de “bitola estreita”, homens ou mulheres menores de idade, curtos de vista, incapazes de abarcar o nosso horizonte sobrenatural cristão de filhos de Deus. Deus e audácia!

Deus é audácia. Não podemos, como cristãos, nunca abandonar a coragem que os primeiros tiveram em enfrentar um mundo hostil. Não tinham a alma pequena, nem horizontes curtos. Queriam incendiar o mundo com o fogo do amor a Deus, com os valores do cristianismo, divulgando a missão de todo cristão que é fazer apóstolos para difundir o bem e a verdade. Temos, pois, que dar o máximo de nossas possibilidades. Tenhamos a força que tivermos, pois Deus nos pede que sejamos os melhores na profissão e na convivência, onde Deus nos colocou e nossas habilidades nos permitiram estar. Deus é nosso Pai e, se pedirmos e quisermos, nos dará audácia necessária para conquistar o mundo em que vivemos.

Audácia não é imprudência, nem ousadia irrefletida, nem simples atrevimento. A audácia é fortaleza, virtude cardeal, necessária para a vida da alma.

Audácia é o que tiveram os primeiros cristãos, que receberam este nome em Antioquia, onde a perseguição dos judeus começava, em todo o império, a impactar autoridades comuns. É de se lembrar que uma delas, Pilatos, pressionado pelos judeus, não teve coragem de fazer prevalecer sua vontade e cedeu aos ódios assassinos dos sacerdotes hebreus, autorização para a morte de Cristo. Audácia, porém, não é imprudência e muito menos ousadia impensada, além de não se confundir com o atrevimento. É uma virtude vinculada à fortaleza, virtude cardeal que, ao lado da prudência, outra virtude cardeal, que impõe a reflexão antes de agir, auxilia-nos, sempre pedindo o auxílio do Pai e de Seus santos protetores, a levar a mensagem cristã a todo o mundo que nos cerca.

Tu te decidiste, mais por reflexão do que por fogo e entusiasmo. Não houve lugar para o sentimento, embora desejassem tê-lo: tu te entregaste quando te convenceste de que Deus assim o queria. E, a partir daquele instante, não voltaste a “sentir” nenhuma dúvida séria; sentiste, pelo contrário, uma alegria tranqüila, serena, que de vez em quando transborda. Assim paga Deus as audácias do Amor.

Quando decidimos seguir Cristo, após reflexão sobre as verdades e os mistérios da criação, percebendo com clareza que esta será a vontade de Deus para nossa vida, nossa fé torna-se mais densa, podendo ser cortada, como dizia nosso Padre, com uma faca, tão larga e densa era. É que a reflexão permite o aprofundamento na realidade luminosa que é a do caminho para Deus, clareza esta que nos permite caminhar com segurança. Poderíamos ter, o que seria importante, ou não, ou seja, o que nos prejudicaria, pois a emoção não é a razão de ser da fé que encontramos. Quando a decisão decorre apenas da emoção, o caminho é mais tortuoso, pois nem sempre a emoção descobre os verdadeiros alicerces da fé e a emoção normalmente não dura muito. Reflexão sempre, e maior o avanço ao amor a Deus se houver ao lado, a serenidade necessária para entender esta sublime realidade.

Li certa vez um provérbio muito popular em alguns países: “O mundo é de Deus, mas Deus o aluga aos valentes”. E fez-me refletir. - Que estás esperando?

O mundo e o universo são de Deus, pois foram criados por Ele. A observação de que Deus, o mundo deu aos valentes, decorre de que são eles que o constroem e os mantêm. E os valentes de Deus são os que plantam os valores que permitiram a evolução da humanidade da barbárie para a Declaração Universal dos Direitos Humanos que, embora desrespeitados em muitos países e por muitos governos, representam uma sinalização para a humanidade, a partir das lições de Cristo, que esclareceu para a convivência humana os fundamentos do direito natural, base para compreender os mistérios sobrenaturais da vida eterna junto ao Senhor. O mundo foi alugado aos valentes, não aqueles que o conquistaram com a violência das armas, mas aqueles que o tornaram permanente com a força da palavra e do exemplo.

Não sou o apóstolo que deveria ser. Sou... o tímido. -
Não estarás apequenado, porque o teu amor é curto? -
Reage!

Temo, muitas vezes, que não sou o apóstolo desejado por Deus. Não por timidez, mas por trabalhar desajeitadamente. Nem por isto posso desistir. Luto, apesar de minhas insuficiências, mas também pelas falhas, erros e pecados. O tímido, porém, não luta muitas vezes para não se expor, com medo de ser ridicularizado e até mesmo por uma letargia mental em que se sente mais confortável em anestesiar sua consciência, dizendo que não tem vocação, habilidade ou temperamento para o apostolado. Qualquer que seja o perfil que nos sirva, tem que ser ágil, pedindo forças a Deus para que sejamos úteis aos Seus planos para cada um de Seus filhos. Reagir e não desistir. Eis o caminho.

As dificuldades encolheram-te, e te tornaste “prudente, moderado e objetivo”. - Lembra-te de que sempre desprezaste esses termos, quando são sinônimos de covardia, apoucamento e comodismo.

Quantas vezes confundimos uma virtude cardeal, que é a prudência, com covardia. O medo de enfrentar dificuldades é denominado de prudência, pois falta-nos coragem para defender ou lutar por valores em ambiente hostil. O mesmo se pode dizer para a confusão entre a moderação, o apequeamento, o apoucamento, a desculpa que “in medio virtus est” e não vale a pena combater o bom combate. Por fim, as pessoas que se dizem objetivas e que a vida deve ser vivida sem problemas, normalmente são preguiçosas e gostam de fazer o mínimo, não poucas vezes, buscando apropriar-se do mérito alheio. O verdadeiro cristão prudente, moderado e objetivo é o que utiliza estas virtudes ao lado da coragem, da dedicação à boa causa, numa batalha que vai até a morte.

Medo? É próprio dos que sabem que agem mal. Tu, nunca.

O medo só existe para quem não põe toda sua confiança em Deus. Só aqueles que não sabem que Deus tudo provê e, mesmo nos momentos de turbulência, está conosco nesta passagem pela Terra. Temos que tê-Lo como nossa bússola, meta e Senhor de todas as nossas ações. O medo é daqueles que pensam que só eles próprios podem decidir o futuro e, nas turbulências, temem pelo futuro. E o medo inibe a aproximação com Deus ou faz a aproximação sem fé. A vida é apenas uma peregrinação com planícies e montanhas, facilidades e obstáculos, mas os que confiam em Deus, com a certeza de que Deus, que é Pai, não os abandona, tudo enfrentam sem medo.

Há uma quantidade bem considerável de cristãos que seriam apóstolos..., se não tivessem medo. São os mesmos que depois se queixam, porque o Senhor - dizem! - os abandona. Que fazem eles com Deus?

Em nossa vida, conhecemos muitas pessoas dispostas a serem apóstolos, mas que não o são porque, na hora de decidir, têm medo. Medo de complicarem sua vida, medo de serem mal compreendidos, medo de serem tomados por radicais, medo, por fim, de terem que deixar muitos de seus planos de conforto, de realização profissional para servir a Deus. Não são poucos que, no momento da opção, desistem como o jovem rico. E o jovem rico tinha uma vocação maior que a dos cristãos correntes, ou seja, tinha vocação para o sacerdócio. Por esta razão, a necessidade de dar tudo, pois seria exclusivamente apóstolo sacerdote, vocação diferente dos que têm vocação matrimonial. Quando a vida traz, todavia, suas contrariedades, queixam-se de que Deus os abandonou. Mas não terão antes abandonado a Deus?

“Somos muitos; com a ajuda de Deus, podemos chegar a toda a parte”, comentam entusiasmados. - Então, por que te amedrontas? Com a graça divina, podes chegar a ser santo, que é o que interessa.

Somos muitos e podemos chegar a muitos lugares, mas temos que ser santos. A santidade facilita o apostolado. Nosso Padre dizia que “Frei Exemplo é o melhor pregador, o que corresponde a toda a verdade”. Quando a atitude dos que pregam ou procuram fazer apostolado não corresponde à sua palavra, esta é inútil e até mesmo destruidora do apostolado, pois os que a ouvem pensam que a religião se lastreia na mentira, na falsidade e no embuste. Temos que ser corretos na palavra e na oração, esta, baseada na oração que nos leva à santidade. E assim poderemos nos lançar ao mundo e gerar apóstolos. Só assim conquistaremos a Terra.

Quando a consciência remorde, por termos deixado de realizar uma coisa boa, é sinal de que o Senhor queria que não a omitíssemos. - De fato. Além disso, tem por certo que “podias” tê-la feito, com a graça de Deus.

Mais de uma vez, deve ter acontecido com cada um de nós. Poderíamos ter feito algo de bom ou de melhor e não o fizemos, por entender que outros poderiam fazê-lo por mero comodismo. Para não nos criarmos problemas e, por fim, por entender que não valia a pena. Quando refletirmos, na hora ou depois, podemos ter certeza de que Deus queria que o fizéssemos e a nossa omissão foi uma omissão com Deus. Deixamos de cumprir Sua vontade na Terra que, naquele momento, dependia de nós e não dos outros. Temos que ter consciência, a partir de nossas omissões passadas, de que não devemos nos omitir no presente quando tivermos que decidir.

Não o esqueçamos: no cumprimento da Vontade Divina, as dificuldades se ultrapassam por cima..., ou por baixo..., ou ao largo. Mas..., ultrapassam-se!

Cumprir a vontade de Deus é o que precisamos sempre fazer. À evidência, encontraremos obstáculos. Os obstáculos, todavia, com a glória de Deus, podem ser superados. De rigor, são superados sempre. Por cima, por baixo, pelo lado, pelo alto ou da forma que Deus permitir, mas são superados. Temos que saber, nós, os cristãos, que a vida é uma passagem, e que estamos a serviço de Deus. Aquele poeta russo que foi a uma pequena cidade do interior de seu país e viu um cemitério que pensou ser de crianças pela pouca idade que tinham os que morreram, e foi-lhe explicado que aquele cemitério, que era o único da cidade, só se colocava em cada túmulo o tempo que o cidadão efetivamente serviu ao próximo. Assim devemos ser.

Quando se trabalha para expandir um empreendimento apostólico, o “não” nunca é uma resposta definitiva. Insiste!

Não podemos desistir quando trabalhamos para Deus. O não não existe. Temos que insistir e não nos acovardarmos pelas dificuldades, porque elas sempre existirão. Se os primeiros apóstolos tivessem desistido, não estaríamos aqui. A questão essencial é termos consciência de que estamos fazendo o que é mais importante em nossa vida. Estarmos trabalhando não para nós mesmos, mas para Deus. Quando trabalhamos em nossas tarefas profissionais, devemos oferecer este trabalho para Deus, mas ele é um trabalho para nossa subsistência e daqueles que de nós dependem. Importante é a contemplação no meio do mundo. Quando trabalhamos em obras apostólicas, contudo, vivemos por inteiro a dedicação plena a Deus.

És demasiado “precavido” ou demasiado pouco “sobrenatural” e, por isso, pecas por esperto: não inventes tu mesmo os “problemas”, nem queiras resolvê-los todos. - Talvez aquele que te escuta seja menos “esperto” ou mais “generoso” do que tu e, como conta Deus, não te levantará tantas dificuldades.

Os precavidos quase sempre são por covardia. Não gostam de enfrentar desafios e têm medo de complicarem a vida. A precaução e a covardia não poucas vezes andam de mãos dadas. Deus espera de Seus apóstolos ousadia e coragem para a luta diária pela evangelização. Mesmo os “precavidos”, ao se lançarem vez por outra às mensagens divinas para os outros, poderão encontrar corações mais corajosos capazes de pegar o bastão e ir mais longe. Deus Filho escolheu os apóstolos que escolheram outros até hoje e, graças aos “não precavidos”, a mensagem de Cristo hoje é vivida por quase 3 bilhões de cristãos. Cada um de nós é um apóstolo em potencial. Que o sejamos de verdade é o que Deus espera.

Há uns modos de agir tão prudenciais que, numa palavra, significam pusilanimidade.

Quantos “prudentes” não são se não “pusilmines”. Escondem-se numa virtude que todo o cristão deve ter, a prudência, para nada fazer, sempre sob a alegação de que não é o momento de agir. As críticas serão intensas, o que atrapalharia o trabalho, os adversários são poderosos e esperam que se enfraqueçam para atuar, buscando uma série de argumentos desta natureza. Leônidas, quando traído, foi prudente, mesmo sabendo que ele e seus trezentos guerreiros morreriam, pois a luta e as baixas impostas ao inimigo salvaram os reinos gregos da invasão persa. A prudência nunca pode ser covarde ou o medo de enfrentar dificuldades. A prudência covarde ou medrosa é pusilanimidade que nunca pode ser adorno dos cristãos.

Convence-te: quando se trabalha por Deus, não há dificuldades que não se possam superar, nem desalentos que façam abandonar a tarefa, nem fracassos dignos deste nome, por mais infrutíferos que se apresentem os resultados.

Dificuldades, desalentos e fracassos não nos devem abalar quando trabalhamos por Cristo. Os desalentos são, talvez, o que mais preocupam, por ser fundamentalmente algo que atinge a vontade de continuar. Estes devem ser combatidos com a norma “O cristão é programado para não desistir”. Assim Deus o quis e assim quer que todos os cristãos ajam, porque são Seus filhos. Começamos a oração que Cristo nos ensinou dizendo “Pai Nosso”. As dificuldades, se há vontade, não abalam e exigem apenas mais determinação na luta, e os fracassos, se não bloqueiam a vontade de lutar, podem ser alavancas para o sucesso futuro. A tudo isto, Deus assiste, nunca deixando de estar conosco, Seus filhos.

A tua fé é demasiado pouco operante: dir-se-ia que é de carola, mais do que de homem que luta por ser santo.

Lutar por ser santo e não carola. O carola é o que ama a forma mais do que a essência do Cristianismo, não enfrentando os desafios da vida e da defesa de seus valores e refugiando-se numa covardia alcandorada e, quando não covardia, num comodismo justificado por cumprir as obrigações de adoração a Deus, como missas e umas orações que aprendem na meninice. São como o jovem rico. Virtuosos sem alma, por hábito. O santo, não. Mesmo pecador, porque todos foram, como somos nós, lutaram não só compreendendo suas obrigações devocionais perante Deus, mas por fazer com que Sua mensagem prevalecesse na Terra. O Santo é o pecador que não desistiu e luta até morrer. A santidade é nosso projeto de vida, e Deus Pai nos protege desde que nos dediquemos com intensidade a realizá-lo.

Serenidade! Audácia! Desbarata com essas virtudes a “quinta coluna” dos tíbios, dos assustados, dos traidores.

Os primeiros cristãos tinham serenidade para enfrentar todas as dificuldades que se multiplicavam e audácia para lutar contra a maré, e graças a isso, dois mil anos depois, temos Cristo reinando em lares de todos os continentes e regiões da Terra. É que o Cristianismo não se propaga com os tíbios ou com os assustados e muito menos com os traidores. No momento que reconhecemos que somos filhos de Deus, não podemos ficar distantes, deixando que os outros façam tarefas ou travem batalhas que são de todos os filhos de Deus. Audácia para convenceremos, mas serenidade para que possamos ser ouvidos é o que Cristo espera de cada um de nós.

Asseguraste-me que querias lutar sem tréguas. E agora me vens de asa caída. Olha, até humanamente, convém que não te dêem tudo resolvido, sem problemas. Alguma coisa - muito! - te cabe fazer a ti. Senão, como hás de “fazer-te” santo?

A luta pela vida nem sempre é vitoriosa. Os fracassos são inerentes a todas as batalhas. Ganhamos e perdemos batalhas, mas não podemos perder a guerra. E esta já está de antemão assegurada, sempre que pusermos toda nossa confiança em Deus Pai, que é nosso Pai verdadeiramente. Cristo, na maior oração completa que ensinou com sete petições claríssimas para entrarmos em combate, começa com “Pai Nosso”. Por esta razão, não desanimar nas derrotas e ter absoluta serenidade se a derrota naquela batalha ocorreu, apesar de termos colocado todos os nossos melhores esforços. É que esta derrota assim ensina-nos como ser fiéis, malgrado derrotados. Concentrarmos as forças para a próxima batalha e confiarmos em Deus para continuar a luta. Se o fracasso decorre de nossos erros, é mais fácil a retomada, porque basta corrigi-los.

Não te lanças a trabalhar nesse empreendimento sobrenatural, porque - assim o dizes - tens medo de não saber agradar, de tratar de algum assunto de maneira infeliz. - Se pensasses mais em Deus, essas sem-razões desapareceriam.

Muitos não se lançam em empreendimentos sobrenaturais com medo real de fracassarem, considerando-se sem vocação para tanto. Outros, por comodismo, alegando a falta de vocação para nada fazerem e assim amortecerem sua consciência. Nos dois casos, a covardia ou a preguiça são obstáculos imaginários. Todos nós somos filhos de Deus e podemos envolver-nos em obras do Senhor, cada um de acordo com seus talentos, pois Deus os dá de forma diferente, a uns dez, a outros cinco, a outros dois e a outros apenas um, mas a todos pede, nestes limites, a mesma coisa, ou seja, ser apóstolos. E todos os empreendimentos espirituais são caminhos para o apostolado e para servir a Deus. Temos que ter plena consciência de que Deus é nosso Pai e a oração do “Pai Nosso” assim o diz e é algo que nos emociona e dignifica.

Às vezes penso que uns poucos inimigos de Deus e de sua Igreja vivem do medo de muitos bons, e encho-me de vergonha.

Enquete, há algum tempo, mostrou que a esmagadora maioria da população brasileira acredita em Deus. São todos os inimigos de Deus que aparecem na mídia e nos tribunais e, a título de defenderem a liberdade de expressão, atacam de toda forma a Igreja e os que acreditam em Deus, como obsoletos na sua crença e na contramão do avanço da ciência e tecnologia. E os que acreditam em Deus, muitos deles têm medo de ser mal vistos pela sociedade e se calam, sem saberem que o maior presente à cultura universal foi ofertado pela Igreja com a criação da universidade e, mais do que isto, que qualquer hebreu há milênios atrás sabia da existência do “Big Bang” pelo Gênesis da Bíblia na criação do mundo. Em sua linguagem figurada, o “Fiat Lux” é o “Big Bang”. Precisamos ter coragem de mostrar nossa fé.

Enquanto conversávamos, afirmava-me que preferia não sair nunca do tugúrio onde vivia, porque gostava mais de contar as vigas da “sua” estrebaria do que as estrelas do céu. - Assim são muitos, incapazes de prescindir das suas pequenas coisas, para levantar os olhos ao céu. Já é tempo de que adquiram uma visão de mais altura!

Olhar as estrelas do céu em vez das vigas da estrebaria. Quantos condenados à morte, porque somos condenados à morte desde que nascemos, como todos nós, não conseguem olhar o seu futuro senão numa visão terrena, sem perceberem que um dia tudo acabará! Perdem a perspectiva de que não estamos aqui apenas para sobreviver, mas para deixar rastro. Esquecem a pregação do reino de Deus, na família, profissão, sociedade e como cidadãos. Olham para seus bens e não para o bem maior e passam uma vida medíocre, que não deixa de ser medíocre, mesmo que tenha sido bem-sucedida diante dos homens, mas não de Deus. Falta-lhes uma visão da eternidade ou da vida terrena finita, que se torna mais angustiada quando mais perto da morte.

Compreendo a alegria sobrenatural e humana daquele homem que tinha a sorte de ser um ponta-de-lança na sementeira divina. “É esplêndido sentir-se único, para sacudir toda uma cidade e seus arredores”, repetia para si mesmo, muito convicto. - Não esperes até contar com mais meios ou até que venham outros: as almas precisam de ti hoje, agora.

Aquele cidadão que sozinho alegrou-se porque tinha que ser apóstolo numa cidade inteira e ele, sem meios e recursos maiores, se sentia, como os primeiros apóstolos, imbuído de forças de ter como aliado o próprio Pai e Senhor Deus, é lição para todos nós. O Império Romano, que permitira a morte de Cristo, os judeus que desejaram a morte daqueles que se diziam cristãos, era o pior ambiente para o apostolado, com perseguições durante trezentos anos. Não se importaram, entretanto, e foram em frente. Assim devemos ser como os apóstolos dos primeiros tempos. Há um mundo inteiro a conquistar. Que o façamos, em nome de Cristo, sem receios das incompreensões, sem medo dos obstáculos.

Sê atrevido na tua oração, e o Senhor te transformará de pessimista em otimista; de tímido em audaz; de acanhado de espírito em homem de fé, em apóstolo!

Ser ousado na oração, não tendo receio de pedir a Deus a força necessária para levar a todos os rincões e pessoas conhecidas a mensagem de Cristo. Se confiarmos no poder da oração, certamente deixaremos de ser pessimistas, pois o pessimista faz pouco porque não acredita em fatos positivos favoráveis, e passamos a ser otimistas na luta por superar obstáculos. A timidez desaparecerá, pois a timidez não é, como todos pensam, apenas sinal de uma pessoa que não quer aparecer, mas não poucas vezes é apenas covardia. Passaremos a ser audazes. E, por fim, deixaremos de ser acanhados, recolhidos, não querendo comprometer-nos com nada, e passaremos a ser apóstolos, homens de fé. Tudo poderemos ser se confiarmos na oração e a fizermos com ousadia.

Os problemas que antes te oprimiam - pareciam-te altíssimas cordilheiras - desapareceram por completo, resolveram-se à maneira divina, como, quando o Senhor mandou aos ventos e às águas que se acalmassem. - E pensar que ainda duidavas!

Por vezes, os obstáculos que temos pela frente parecem insuperáveis. Com oração e confiança em Deus, não desistimos e vamos em frente. E transformam-se em planícies. E ficamos surpresos com o que conseguimos. Deus é nosso Pai. Temos que ter confiança Nele. Sempre devemos fazer o que quer que seja, pedindo antes a proteção do Senhor no empreendimento. Se não sair como gostaríamos e nele pusermos todo o nosso empenho e, principalmente, nosso talento e conhecimento, é porque este resultado seria melhor para nós, apesar da nossa decepção. Se sair, devemos agradecer a Deus, pois depositando Nele nossa fé, era o que melhor poderia acontecer. O certo é que, seja bom ou mau o resultado, devemos agradecer a Deus pelo fato.

“Não ajudem tanto o Espírito Santo!”, dizia um amigo, brincando, mas com muito medo. - Respondi: penso que “O ajudamos” pouco.

O Espírito Santo, para atingir a todos os corações, precisa dos apóstolos, e Cristo veio ao mundo, principalmente, para salvá-lo e para gerar seguidores que difundissem Sua mensagem por todo o mundo. E para mostrar que era a palavra de Deus, viveu apenas 3 anos de pregação, escolheu doze pessoas sem maior destaque na sociedade, nasceu no último fuso horário do Império Romano, terra considerada de exílio político para as autoridades de Roma, e mandou-os pregar. Covardes quando da Paixão, pela ressurreição do Senhor, tornaram-se heróis e mártires, depois da vinda do Espírito Santo, e graças a eles, dois mil anos depois, todos nós cristãos, vivemos a alegria de ter Cristo em nossa vida. Por isso, o Espírito Santo que inspirou os apóstolos e nos inspira precisa de nossa ajuda, que não pode ser pouca.

Quando vejo tantas covardias, tantas falsas prudências..., neles e nelas, ardo em desejos de perguntar-lhes: então a fé a confiança são para pregar, não para praticar?

No caminho, o Nosso Padre declarou que Frei Exemplo é o melhor pregador. O exemplo mais do que a palavra convence. Quantas pessoas conhecemos que causam até repulsa, pois nunca praticaram o que pregavam. Cristo condenou os mestres de Israel que impunham pesadas cargas sobre os ombros dos judeus e não as carregavam. E a irônica observação de Roberto Campos sobre políticos, ao dizer que suas promessas comprometiam apenas as pessoas que os ouviam. A luta por pregarmos o que vivemos é, na Igreja Católica Apostólica Romana, saber enfrentar, levando a fé e a mensagem de Cristo onde pudermos, com coragem e ousadia. Como entristece ver filhos de Deus que, a título de prudência, acovardam-se e não enfrentam os desafios do mundo, sabendo que há todo um universo de pessoas a conquistar. Coragem e não covardia, exemplo e fé.

Encontras-te numa atitude que te parece bastante estranha: por um lado, diminuído, ao olhares para dentro; e, por outro, seguro, animado, ao olhares para cima. - Não te preocupes: é sinal de que te vais conhecendo melhor e - isso, sim, é o que importa! -, de que O vais conhecendo melhor a Ele.

Quando avançamos na vida interior e começamos a nos conhecer melhor, temos a sensação de que não somos nada, mas ao mesmo tempo que Deus está mais perto de nós. Parece estranho que quanto mais conhecemos a grandeza de Deus, mais sentimos a nossa pequenez e, nem por isso, nos sentimos diminuídos, tristonhos, desolados, mas ao contrário, fortes, serenos, confiantes, pois sentimos Deus ao nosso lado. É que o primeiro passo para chegar a Deus é vivendo a virtude da humildade. Deus ama todos os Seus filhos, mas reserva o melhor de Seu reino aos que principiam o caminho para Ele com humildade. É que temos que deixar de ser deuses de nós mesmos, destinando tudo o que fazemos para o nosso “Eu” e não para nosso Deus. Se assim agimos, vivemos altos e baixos, e, mesmo no sucesso, sentimos que falta algo e que aquilo terminará. O humilde não, em tudo que faz, sente paz em Cristo.

Viste? Com Ele, pudeste! De que te admiras? - Convincente-te: não tens por que maravilhar-te. Confiando em Deus - confiando deveras! -, as coisas tornam-se fáceis. E, além disso, ultrapassa-se sempre o limite do imaginado.

Quantas vezes ficamos admirados, pois pedindo a Deus, conseguimos superar obstáculos e conquistar objetivos que nos pareciam inalcançáveis. Não há por que admirar-nos destes resultados, porque quando confiamos em Deus tudo se faz mais fácil, pois Ele passa a estar conosco. Ter confiança em Deus sempre, em todos os momentos, bons ou maus, é a melhor forma de navegarmos pela vida, procurando fazer a vontade do Pai, que nunca nos abandona. Sem o Senhor, a vida fica uma luta cruel e sem significação. Somos, sem Deus, condenados à morte desde o nascer, procurando outros deuses, como o dinheiro, o conforto, tornando-nos deuses de nós mesmos, nos auto-admirando pelas coisas que possuímos, sem perceber que estes deuses não se levam para o céu.

Queres viver a audácia santa, para conseguir que Deus atue através de ti? - recorre a Maria, e Ela te acompanhará pelo caminho da humildade, de modo que, diante dos impossíveis para a mente humana, saibas responder com um “fiat!” - faça-se! - que una a terra ao Céu.

Temos a audácia de ser cristãos e pedirmos que Deus veja os nossos atos, auxilie-nos nos desafios e proteja-nos contra as adversidades. Peçamos à Sua Mãe que nos acompanhe, pois Ela, como ninguém, sabe lançar seu manto protetor para que saibamos caminhar no bom caminho. Ela não só é a toda poderosa, pois a seu pedido nunca Cristo negaria o que quer que fosse, mas a Compadecida, ou seja, aquela que olha por Seus filhos com um amor indescritível. A frase dita por Ela ao índio São Juan Diego, “¿No estoy yo aqui que soy tu Madre que siempre te protegerá?”, Ela a repete para todos os Seus filhos, principalmente aqueles que A amam. E com Ela, podemos vencer os impossíveis, dirigindo-nos a Deus e dizendo “fiat”, faça-se! Pois Ele ajudará a cumprir nossa missão.

LUTAS

Nem todos podem chegar a ser ricos, sábios, famosos...
Em contrapartida, todos - sim, “todos” - estamos chamados a ser santos.

A ambição natural de todos os seres humanos é chegar à tríplice realização na vida: serem ricos, serem sábios e serem famosos. Esta aspiração, que vem da nossa natureza decaída e que desemboca no desejo de ter poder, gera frustrações, depressões, tristezas quando não se consegue. Ou vazio, tédio, insatisfação quando se consegue, sempre que tais objetivos são procurados apenas com a visão humana do sucesso, que se torna mais doloroso na hora da morte, em que o que é somente humano. Tanto faz ser rico, sábio ou famoso, se a preocupação maior for ser santo. E todos podemos ser, independentemente das dificuldades da vida, porque aqueles que o quiserem sempre terão Deus do seu lado e seu anjo da guarda.

Ser fiel a Deus exige luta. E luta corpo a corpo, homem a homem - homem velho e homem de Deus -, detalhe a detalhe, sem claudicar.

Todos os que decidirmos seguir a Cristo teremos uma luta até a morte. A luta do homem velho, que quer fazer prevalecer os velhos hábitos, os velhos costumes, os antigos vícios e até mesmo pecados, e o homem de Deus, que quer viver segundo as lições de Cristo. É uma luta corpo a corpo, homem a homem, que começa do sol, ao amanhecer, e todos os dias, contra a preguiça e o conforto da cama, com o minuto heroico e a dedicação à Deus, a jornada que principia até a hora do exame de consciência antes de dormir. E todos os dias, até nosso último dia. Perseverança na luta para chegarmos a colocar a última pedra de nossa missão pela terra e constância em, como um burrico de mola, cumprir as obrigações de cada dia.

A provação, não o nego, está ficando demasiado dura: tens que subir a ladeira acima, a “contragosto”. - Que te aconselho? - repete: “Omnia in bonum!”, tudo o que sucede, “tudo o que me sucede”, é para meu bem... Por conseguinte - e esta é a conclusão acertada -, aceita isso, que te parece custoso, como uma doce realidade.

A vida oferece sempre alguns momentos em que nada dá certo. Temos a sensação de que o mundo vai desmoronar sobre nossas costas. Tudo é difícil e tem-se a impressão de que Deus nos abandonou. É a provação que todos temos que passar. Ora, é exatamente nestes acontecimentos que Deus está presente e sabe que, para que aprendamos mais, tudo o que ocorre em nossa vida é porque Deus assim quis e espera que, sabendo compreender o que estamos vivendo, crescamos. “Omnia in bonum”. Tudo é para o bem. Nos momentos de maior perseguição, é que o cristianismo cresceu e os mártires deixaram-nos o legado que nos auxilia a ser cristãos. Naqueles momentos, perceberam que cresciam na fé e eram para Deus o futuro da religião.

Hoje não bastam mulheres ou homens bons. - Além disso, não é suficientemente bom aquele que só se contenta em ser... quase bom: é preciso ser “revolucionário”. Perante o hedonismo, perante a carga pagã e materialista que nos oferecem, Cristo quer anticonformistas!, rebeldes de Amor!

Ser bom ou quase bom é a forma de viver acalmando a consciência e sem maiores preocupações ou complicações com as exigências amorosas de Deus e de sua religião. Num mundo hedonista, materialista e sem nenhuma inquietação espiritual, ser apenas bom é não sair do seu conforto pessoal e deixar de ser apóstolo e defensor da verdade cristã. Hoje, como nos primeiros tempos, o mundo está à espera de novos arautos, novos guerreiros, novos apóstolos capazes de enfrentar o mundo como era na época dos romanos, com coragem e sem receio de que esta luta e esta defesa possam gerar consequências de toda a espécie contra si. Revolucionários, verdadeiros da boa causa de salvar as almas e conquistar o mundo para o bem e para Deus.

A santidade, o verdadeiro afã por alcançá-la, não faz pausas nem tira férias.

Para buscar a santidade, o cristão não tira férias, nem faz pausas. São 24 horas por dia até a morte. Ievtuchenko, poeta russo, certa vez, visitando uma vila do interior da Rússia, ao visitar também um cemitério da cidade, verificou que as idades dos mortos eram todas baixas: 5 anos, 10, 12, 15, 20, mas não atingindo a maturidade. Disse a seus habitantes: “É um cemitério de crianças e de jovens, o dos velhos?” Recebeu a resposta de que era na cidade, mas naquela comunidade só se “contava a idade em que passaram a se dedicar ao próximo e servi-lo”. Assim devemos ser nós. No momento em que descobrimos Cristo, a nossa dedicação deve ser plena como a respiração. Se respiramos 24 horas, nossas 24 horas devem ser de busca da santidade.

Alguns comportam-se, ao longo da vida, como se o Senhor tivesse falado de entrega e de conduta reta somente àqueles a quem não custasse - não existem! - ou aos que não precisassem lutar. Esquecem que, para todos, Jesus disse: o Reino dos Céus arrebatava-se com violência, com a luta santa de cada instante.

A luta pela santidade é uma luta. A santidade não é feita para aqueles que, no seu conforto de vida, sem contratempos, em que o desejo de paz é símbolo de não ter, nem se envolver em problemas de qualquer espécie, e que por estarem protegidos por esta maneira de ser, dizem-se cristãos. A santidade implica luta, oração e apostolado. Apostolado e serviço ao próximo. Serviço ao próximo e amor a Deus. Isto exige dedicação do nascer ao pôr do sol, desde o acordar até o momento do repouso noturno. Os sábios enfrentam um mundo que se distanciou de Deus, por teorias medianas, como o relativismo moral e o científico. À evidência, esta luta, não poucas vezes, ter-se-á que enfrentar - e duramente - as incompreensões do mundo e, nem por isso, deve-se deixar de lutar, sem concessões, mas com paz e determinação.

Que ânsias têm muitos de reformar! Não seria melhor que nos reformássemos todos - cada um -, para cumprirmos fielmente o que está mandado?

A colocação do nosso Padre é muito clara. Para mudar o mundo atual, para fazer com que Cristo reine, para reformar a sociedade, temos antes que nos reformar por dentro. Temos que mudar a nossa maneira de ser, deixando de ser menos “nós mesmos” e mais “Cristo em nós”. São Paulo dizia que já não era mais ele que vivia, mas Cristo que vivia nele. Para isso, é necessário lembrar outro pensamento de Nosso Padre - para sermos bons apóstolos, precisamos, em primeiro lugar, orar, em segundo lugar, orar, em terceiro lugar, orar, e só depois iniciarmo-nos à ação. Crescer para dentro e daí sair para fora, com disposições de conquistar o mundo, com convicção do apóstolo, sonhos de impossíveis e a certeza de que conseguiremos.

Vais chapinhando nas tentações, pões-te em perigo, brincas com a vista e com a imaginação, ficas conversando sobre... estupidez. - E depois te assustas por te assaltarem dúvidas, escrúpulos, confusões, tristeza e desalento. - Tens de admitir que és pouco conseqüente.

No momento em que aceitamos chegar à “borderline” das tentações, através da vista, imaginação, conversas inconsequentes, passamos a ter dúvidas, a lutar entre o novo homem e o homem velho, que sente que pode reconquistar o terreno perdido. E fraqueja tudo. A vida interior, o apostolado, a defesa dos nossos valores, tudo parece mais difícil. Temos a impressão de que estamos fora do mundo e precisamos voltar àquela obscuridade dos prazeres proibidos. Nestes momentos, temos que reagir. Cortar pela raiz, não ceder um milímetro às tentações da vista e da imaginação. Termos sempre a experiência de Davi, que o levou ao assassinato e ao adultério e pagou com a morte do próprio filho. Vigilância. “Hodie et nunc”.

Depois do entusiasmo inicial, começaram as vacilações, os titubeios, os temores. - Preocupam-te os estudos, a família, o problema econômico e, sobretudo, o pensamento de que não consegues, de que talvez não sirvas, de que te falta experiência da vida. Eu te darei um meio seguro para venceres esses temores - tentações do diabo ou da tua falta de generosidade! -: “despreza-os”, tira da tua memória essas lembranças. Já o pregou de modo terminante o Mestre há vinte séculos: “Não olhes para trás!”.

Depois que decidimos seguir a Cristo, as tentações para não fazê-lo vão se multiplicar. Preocupações de toda a natureza. Muitos dos que pensam ser nossos amigos sugerindo que não sejamos fanáticos. Temores de que nossos problemas econômicos sejam de tal ordem que tenhamos que sacrificar o culto a Deus para enfrentar os próprios titubeios sobre a decisão tomada de seguir o Senhor. Vacilações. Erros. Os pecados que cometemos. Até mesmo a pressão de familiares que não seguem Deus. Tudo pode atrapalhar o nosso caminho para o Senhor. Temos que, nestes momentos, lembrar a lição de Cristo. Não podemos olhar para trás para o homem velho. Temos que olhar sempre para a frente e ter confiança absoluta na vontade de Deus.

Temos de fomentar em nossas almas um verdadeiro horror ao pecado. Senhor - repete-o de coração contrito -, que eu não Te ofenda mais! Mas não te assustes ao notares o lastro do pobre corpo e das humanas paixões: seria tolo e ingenuamente pueril que descobrisses agora que “isso” existe. A tua miséria não é obstáculo, mas acicate para que te unas mais a Deus, para que O procures com constância, porque Ele nos purifica.

Tentações teremos sempre. Precisamos lutar contra elas, mas não nos iludirmos. Sempre as teremos. A luta contra elas tem mais valor para Deus, pois podemos perceber a diferença entre a tranquilidade que sempre temos quando estamos ao lado de Deus e os altos e baixos e as inquietudes em que vivemos quando cedemos aos pecados, principalmente os da carne, em que a euforia inicial segue um vazio infinito depois. Algo que não acontece no sexo no casamento, em que a infinitude da presença de Deus se completa com a união dos dois corpos, que ganha uma dimensão ainda maior quando o ato gera a continuidade da prole. Lutar contra as tentações, sabendo que elas existem e devem ser evitadas, é a permanente luta neste combate repleto de desafios, que, se tivermos fé, que Cristo pediu a Pedro, quando afundava, sempre triunfaremos.

Se a imaginação ferve em torno de ti mesmo, crias situações ilusórias, cenários que, ordinariamente, não combinam com o teu caminho, e te distraem totalmente, te esfriam e te afastam da presença de Deus. - Vaidade. Se a imaginação volteia em torno dos outros, caís facilmente no defeito de julgá-los - quando não tens essa missão -, e interpretas de modo rasteiro e pouco objetivo o seu comportamento. - Juízos temerários. Se a imaginação esvoaça sobre os teus próprios talentos e modos de dizer, ou sobre o clima de admiração que despertas nos outros, expões-te a perder a retidão de intenção e a dar pasto à soberba. Geralmente, soltar a imaginação implica uma perda de tempo, mas, além disso, quando não se domina, abre passagem a um filão de tentações voluntárias. - Não abandones nenhum dia a mortificação interior!

A imaginação, dizia Santa Tereza, é a doida da casa. Só faz estragos. É um elefante numa loja de louças. Quantas vezes nos imaginamos protagonistas em cenas que jamais acontecerão, mas onde somos o artista principal. É vaidade incessante de quem deseja algo que nunca acontecerá. Se ao contrário, colocarmos a imaginação a ver o defeito dos outros, a guardar ressentimentos, a pensar em vingança, tais juízos temerários fazem-nos perder tempo e afastam-nos de Deus. E se formos bem-sucedidos buscando a admiração dos outros, pensando que valem algo, tais pensamentos

de soberba mostram que nos apropriamos de algo que é mérito exclusivo de nosso Pai, o Senhor do Universo. O caminho para evitar que a louca tome conta de nossa cabeça é a oração e sólida mortificação interior.

Não tenhas a ingenuidade tola de pensar que tens de sofrer tentações, para te certificares de que estás firme no caminho. Seria como desejar que te parassem o coração, para demonstrarem a ti mesmo que queres viver.

As tentações são como as serpentes. Pensa-se que se pode enfrentá-las. Quando menos se espera, um bote de uma serpente inacula um veneno que, se não combatido de imediato, pode ser mortal. Assim são as tentações. Não temos que experimentá-las para mostrar que somos fortes, pois nossa fortaleza pode desabar por um apelo inesperado da tentação. A melhor forma de evitar as tentações é exatamente isso: evitá-las. Não brincar com elas. Não pensar que somos imunes. Até Pedro, aquele que recebeu a incumbência na terra de atar e desatar os destinados ao céu, fraquejou. Temos que ter a coragem de ser covardes e, se as tentações forem fortes, muito covardes. Fugindo de imediato.

Não dialogues com a tentação. Deixa-me que te repita: tem a coragem de fugir, e a energia de não manusear a tua fraqueza pensando até onde poderias chegar. Corta, sem concessões!

Não vale a pena dialogar com a tentação. Ela sempre vence. É que nossa natureza é fraca. São os cantos das sereias que levariam os marinheiros da Odisseia a morrerem. Ulisses salvou-os, mas se não estivesse fortemente amarrado, não teria escapado da morte. A nossa fraqueza só pode ser vencida pela coragem da covardia. A coragem de fugir para não cedermos e, quando menos esperamos, caímos. Temos que saber detectar o mal da tentação à distância e não nos aproximarmos, pois como as águas da correnteza que são mais fortes que o nadador sereno, seremos engolfados. E depois o vazio se faz de uma forma monumental, só corrigível pela confissão sincera de não mais arriscar-se em novas tentações. A coragem de ser covarde é sempre o melhor antídoto.

Não tens desculpa nenhuma. A culpa é somente tua. Se sabes - conheces-te o bastante - que, por esse caminho - com essas leituras, com essa companhia... -, podes acabar no precipício, por que te obstinas em pensar que talvez seja um atalho que facilita a tua formação ou que amadurece a tua personalidade? Muda radicalmente o teu plano, ainda que te exija mais esforço, menos diversões ao alcance da mão. Já é tempo de que te comportes como uma pessoa responsável.

Sempre que somos tentados, temos no fundo a certeza de que aceitamos o risco, as companhias, as leituras, as fotos, os filmes em que não se respeitam os valores cristãos. É lógico que, de repente, caímos, pois consideramos ter uma força que não tínhamos para aguentar tentações e lamentamos depois o ocorrido. Da mesma forma que não brincamos se vimos uma serpente, temos que evitar as tentações, porque ninguém é suficientemente forte para enfrentá-las, e a única forma de enfrentá-las é fugir das oportunidades, afastar-nos dos perigos, sabermos escolher as companhias e ter sempre coragem na dúvida de fugir. Ter a coragem de ser covarde. Só assim se preserva a tradição da nossa fé.

Dói muito ao Senhor a inconsciência de tantos e de tantas, que não se esforçam por evitar os pecados veniais deliberados. É o normal - pensam e justificam-se -, porque nesses tropeços caímos todos! Ouve-me bem: também a maioria daquela chusma, que condenou Cristo e lhe a morte, começou apenas por gritar - como os outros! -, por afluir ao Horto das Oliveiras - como os outros! - ... No fim, empurrados também pelo que “todos” faziam, não souberam ou não quiseram retroceder..., e crucificaram Jesus! Agora, depois de vinte séculos, ainda não aprendemos.

Ser como os outros. Fazer o que os outros fazem. Os pecados veniais são próprios da vida corrente, não há por que nos aborrecer por eles. Com esta mentalidade, nos habituamos a uma vida medíocre, longe do Senhor, cumprindo regras mínimas de proximidade com Deus, sem devoção e sem comprometimento. Se vivêssemos nos tempos de Cristo, teríamos estado entre aqueles que o condenaram para não ficar mal com os costumes da época. É contra este espírito de raquitismo cristão que temos que reagir, e a forma de fazê-lo é termos um plano de vida, considerar que os pecados veniais são pecados e ferem o Senhor e temos que combatê-los com oração, mortificação e ação. Não podemos ser medíocres no nosso amor a Cristo. Ele espera sempre dedicação total.

Altos e baixos. Tens muitos - demasiados! - altos e baixos. A razão é clara: até aqui; levaste uma vida fácil, e não queres perceber que do “desejar” ao “dar-se” vai uma distância notável.

Quando temos altos e baixos em nossa vida espiritual, é porque ainda não abraçamos plenamente a nossa vocação cristã. Desejamos abraçá-la, mas não o fizemos por inteiro. Fazer por inteiro é não deixar cordas soltas em nossa decisão, ou seja, pretender preservar alguns hábitos passados, que mesmo quando não ilegítimos, imorais ou indevidos, atrasem a nossa dedicação total. Assim, entre o “desejo” e o “agir”, se não se abre um abismo, abre-se uma distância para ser percorrida e que nos provoca os altos e baixos que muitas vezes, sentimos em nossa entrega. Temos, pois, uma vez por todas, que tomar esta decisão básica de não deixar cordas soltas, de entregar-nos por inteiro, e tudo o que fizermos seja para a glória do reino de Deus, visto que para isto Deus nos criou.

Como necessariamente, mais cedo ou mais tarde, terás de tropeçar com a evidência da tua própria miséria pessoal, quero prevenir-te contra algumas tentações, que o diabo te insinuará nessa ocasião e que tens de repelir imediatamente: o pensamento de que Deus se esqueceu de ti, de que a tua chamada para o apostolado é vá, ou de que o peso da dor e dos pecados do mundo é superior às tuas forças de apóstolo... - Nada disso é verdade!

Sempre as tentações são feitas ou ocorrem para que desistamos do caminho que estamos seguindo. As três mais comuns: 1) que Deus nos esqueceu, 2) que o nosso apostolado é vão e que a nossa chamada não tem sentido, e 3) que o mundo é muito mais complexo para podermos modificá-lo, estando acima de nossas forças qualquer tentativa de fazê-lo melhor. Tudo isto os pescadores e gente simples de Israel tiveram que enfrentar quando chamados por Cristo e, graças ao fato de não terem desistido, estamos aqui dois mil anos depois. Lutando e não desistindo, sem desanimar perante as dificuldades, temos que ter a certeza de que Deus dar-nos-á sempre as forças necessárias para enfrentar o mundo, o demônio e a nós mesmos.

Se lutas de verdade, precisas fazer exame de consciência. - Cuida do exame diário: vê se sentes dor de Amor, porque não tratas Nosso Senhor como deverias.

A luta para ser um bom cristão exige o controle diário, só possível com o exame de consciência. Deus deve estar presente na luta e no exame, onde diariamente temos que verificar o que fizemos de bom, o que fizemos de mal, onde nos omitimos e o que poderíamos ter feito melhor. As omissões, os erros e as imperfeições devem nos causar dor de amor, procurando melhorar no dia seguinte e escolhendo um ponto específico para corrigir. O exame é, pois, o livro do contador que nos leva, nos negócios humanos, a fazer as contas sobre ganhos e perdas e como administrar os nossos negócios, economias e bens. Sem exame, a luta torna-se vã.

Assim como muitos comparecem à colocação das “primeiras pedras”, sem querer saber se depois se acabará a obra iniciada, assim os pecadores se iludem com as “últimas vezes”.

É uma realidade para muitos de nós. Vamos às inaugurações das primeiras pedras, sem saber se as obras decorrentes serão concluídas. Os pecadores também vão deixando o arrependimento para a velhice, pretendendo continuar nos prazeres dos regredidos até não terem mais forças. Esperam, então, arrepender-se, garantindo a entrada no céu. Tal lógica fria, não poucas vezes, trai o pecador de arrependimento, encomendado para o perder das forças, pois Deus o chama antes do seu planejado arrependimento ou vai perdendo o uso da razão para arrepender-se, quando não acontece de seu coração endurecer de tal forma que perde até a noção de como voltar a aproximar-se de Deus. São as últimas pedras nos bons empreendimentos que interessam e também as primeiras pedras para aproximar-se e permanecer com Deus.

Quanto se trata de “cortar” - não o esqueças -, a “última vez” tem que ser a anterior, a que já passou.

Cortar os maus hábitos. É uma luta constante, pois são os maus hábitos que facilitam os pecados, esfriam a nossa fé e nos afastam do bom caminho para Cristo. Por esta razão, nosso Padre dá a solução. Devemos cortá-los, mas não considerar que a última vez que os vivemos é agora, mas sim a última vez terá que ser aquela que já passou e sobre a qual já tiramos as lições e enterramos. Cada vez que deixamos para amanhã começar uma nova vida ou mesmo para hoje, depois de termos vivenciado, podemos ter a certeza de que não estaremos tratando da “última vez”, mas de “mais uma vez” e de muitas que se renovarão. Combater os velhos hábitos é cortá-los desde ontem.

Aconselho-te que tentes alguma vez voltar... ao começo da tua “primeira conversão”, coisa que, se não é fazer-se como criança, é muito parecida: na vida espiritual, é preciso deixar-se guiar com inteira confiança, sem medos nem duplicidades; é preciso falar com absoluta clareza daquilo que se tem na cabeça e na alma.

Sempre que entendermos que esfriamos no amor a Deus, devemos voltar à nossa primeira conversão, quando sentimos que havia um Deus Pai que nos amava e a quem deveríamos servir. No meu caso, com muito mais razão, pois só depois de casado e após o nascimento de minha primeira filha é que pedi à minha mulher que me introduzisse nos princípios elementares do amor a Deus e da fé e percebi, nas reuniões, nas missas que passei a assistir, nas confissões e direções espirituais, a alegria de ter Deus em nossa vida, algo que há bem mais de meio século deu sentido à nossa vida. Cada dia, então, tornou-se um novo dia de conversão para fazer esquecer o longo tempo em que desconhecia o Senhor e agia, na vida, de acordo com os meus caprichos e desejos. Ruth, muito obrigado. Amo-te, meu Deus.

Como podes sair desse estado de tibieza, de lamentável languidez, se não empregas os meios! Lutas muito pouco e, quando te esforças, o fazes como que por birra e com desgosto, quase com o desejo de que os teus débeis esforços não produzam efeito, para assim te autojustificares: para não te exigires e para que não te exijam mais. - Estás cumprindo a tua vontade; não a de Deus. Enquanto não mudares, a sério, nem serás feliz, nem conseguirás a paz que agora te falta. - Humilha-te diante de Deus, e procura querer de verdade.

Muitas vezes, os nossos esforços para atender ao nosso Deus, ao Senhor do Universo e da nossa vida, são deliberadamente débeis, quase para um cumprimento de um dever fastidioso do qual devemos, antes de tudo, nos livrar. Não pomos o coração e, a fim de nos justificarmos, afirmamos que muitos não fazem nada e nós, pelo menos, fazemos alguma coisa. À evidência, um cristão “às meias” deve fazer um mal muito grande, pois, de início, dá um péssimo exemplo e depois mais afasta que aproxima pessoas do Senhor. Temos que combater esta tentação de fazer o mínimo, quando Deus nos pede o máximo, pois para Ele todo o nosso amor, toda a nossa vida. Temos que, diariamente, renovar nossa intenção de servir, considerando servir a Deus com a mais importante devoção de nossas vidas.

Que perda de tempo, e que visão tão humana, quando reduzem tudo a táticas, como se aí estivesse o segredo da eficácia. - Esquecem-se de que a “tática” de Deus é a caridade, o Amor sem limites: assim preencheu Ele a distância impreenchível que o homem, com o pecado, abre entre o Céu e a terra.

As táticas humanas são importantes para os seus negócios, mas não para aqueles necessários à conquista do reino de Deus. Deus tem uma única tática a ser descoberta e vivida por nós, ou seja, a tática da caridade. É de se lembrar que o próprio sistema jurídico no céu é muito simples, não precisando de faculdades de direito, de advogados e juristas, nem de tribunais superiores com ministros mais ou menos letrados, pois no céu só há uma lei, a lei do amor. Esta é a razão pela qual a busca do Senhor é uma busca em que a única tática eficaz é a entrega total, ou seja, o amor sem limites. Assim, se quisermos atravessar o abismo infinito entre o céu e a terra, temos que abandonar as táticas humanas e embarcar na caridade.

Deves ter uma sinceridade “selvagem” no exame de consciência; quer dizer, coragem: a mesma com que te olhas no espelho, para saber onde te feriste ou onde te manchaste, ou onde estão os teus defeitos, que tens de eliminar.

Olhar com coragem os nossos defeitos, nos exames de consciência, para podermos melhorar. Normalmente, quando queremos curar uma ferida ou sentimos uma dor muscular ou de outra natureza, não procuramos fingir que não as temos, mas procuramos, o mais rápido possível, nos livrar delas. Os nossos defeitos são a dor de dente da alma, e se não recorremos a um dentista da alma, que é o Sacerdote, não poderemos eliminá-la. Para isto, temos que dizer-lhe onde dói, e para assim agirmos, os nossos exames de consciência não podem nos enganar. Têm que ser corajosos e reais para que o tratamento adequado seja dado, como um dentista o faz sempre que dele precisamos, mostrando-lhe onde dói o dente.

Preciso prevenir-te contra uma argúcia de “satanás” - assim, com minúscula!, porque não merece mais -, que tenta servir-te das circunstâncias mais comuns para nos desviar pouco ou muito do caminho que nos leva a Deus. Se lutas, e mais ainda se lutas de verdade, não deves estranhar que sobrevenha o cansaço ou o tempo de “andar a contragosto”, sem nenhum consolo espiritual ou humano. Olha o que me escreviam há tempos, e que conservei pensando em alguns que consideram ingenuamente que a graça prescinde da natureza: “Pai, desde há alguns dias, estou com uma preguiça e uma apatia tremendas, para cumprir o plano de vida; faço tudo para que passe logo esta crise, que me faz sofrer muito pensando em que pode desviar-me do caminho”. - Limitei-me a responder: não sabias que o Amor exige sacrifício? Lê devagar as palavras do Mestre: “Quem não toma a sua Cruz “cotidie” - cada dia - não é digno de Mim”. E mais adiante: “Não vos deixarei órfãos...”. O Senhor permite essa tua aridez, que se torna tão dura para ti, para que O ames mais, que confies somente nEle, para que com a Cruz sejas corredor, para que O encontres.

A aridez da vida espiritual ocorre sempre, em algum momento de nossa vida. Não sabemos explicar por que vem. Parece que perdemos o encanto das coisas de Deus, que tudo é mais difícil, que as normas são cumpridas friamen-

te, faltando-lhes o calor dos primeiros tempos. Já São João da Cruz prevenia-nos contra os perigos da noite espiritual. É exatamente nestes momentos que temos que nos lançar com mais intensidade na busca de Deus, sabendo que aqueles que o seguem devem pegar para carregar a própria cruz. Se não desistirmos e colocarmos nossa vontade contra as tentações de Satanás para abandonarmos nossas práticas de piedade, estes momentos de aridez passarão, e nós passaremos a gozar, no futuro, de uma paz e fecundidade maiores.

O diabo parece bem pouco esperto!, comentavas-me. Não entendo a sua estupidez: sempre os mesmos enganos, as mesmas falsidades... Tens toda a razão. Mas nós, os homens, somos ainda menos espertos, e não aprendemos a escarmentar em cabeça alheia... E satanás conta com tudo isso, para nos tentar.

O diabo nunca é original nas suas armadilhas. São sempre as mesmas, mas nós sempre caímos nelas. Ele não é original, e nós ainda menos. Por isto, temos que de Deus nos socorrer permanentemente, e do nosso anjo da guarda. Deus os colocou ao nosso lado para vencermos as tentações demoníacas. Não sem razão, todos os que nos dirigem espiritualmente ensinam-nos a ter um trato e uma amizade muito grande e, certamente, com nosso anjo da guarda e se, durante algum tempo, dele nos esquecemos, voltar a com ele conversar, no retorno, com maior intensidade. O próprio início da oração mental diária é nosso costume, na Obra, terminar com: Minha Mãe Imaculada, São José, meu Pai e Senhor, meu Anjo da Guarda, intercedei por mim.

Ouvi dizer certa vez que nas grandes batalhas se repete um fenômeno curioso. Ainda que a vitória esteja assegurada de antemão pela superioridade numérica e de meios, depois, no fragor do combate, não faltam momentos em que a derrota ameaça, pela debilidade de um setor. Chegam então as ordens terminantes do alto comando, e cobrem-se as brechas do flanco em dificuldade. - Pensei em ti e em mim. Com Deus, que não perde batalhas, seremos sempre vencedores. Por isso, no combate pela santidade, se te sentes sem forças, escuta as ordens, faz caso, deixa-te ajudar..., porque Ele não falha.

Nosso Padre, ao escrever o ponto 151 do Sulco, parecia um general em campo de batalha, mostrando que, mesmo nas batalhas consideradas ganhas, muitas vezes, há momentos em que algumas linhas parecem fraquejar, onde os inimigos ocorrem com maior força, cabendo a seus comandantes reforçá-las para que não sejam rompidas. Nós temos a obrigação, nas lutas para conquistar o reino de Deus, de adotar tática semelhante. Se sentirmos que fraquejamos, temos que pedir auxílio ao nosso diretor espiritual, pedindo-lhe o reforço para não deixarmos que as linhas se rompam. O certo é que, como Deus não perde batalhas, pedindo o reforço ao nosso diretor espiritual, garantimos a barricada no ponto fraco e ganhamos a batalha.

Abriste sinceramente o coração ao teu Diretor, falando na presença de Deus..., e foi maravilhoso verificar como tu sozinho ias encontrando respostas adequadas às tuas tentativas de evasão. Amemos a direção espiritual!

Abrir o coração ao diretor espiritual significa não deixar nada escondido e veremos como as nossas justificativas sem motivo vão ficando de lado. É que temos uma permanente tentação de justificar nossos erros e omissões, com o que amortecemos a nossa consciência e terminamos por progredir pouco. Abrir o coração, deixando as justificações de lado, permite ao diretor moldar a nossa alma ao plano de Deus para a nossa vida, e, como estamos aqui de passagem, nada é mais importante do que saber o que Deus programou para nossa vida. A boa direção espiritual traz paz à nossa alma, afasta as escolhas que nos atrapalham e faz com que a nossa vida passe a ter sentido.

Concedo; comportas-te decorosamente... Mas, deixa-me que te fale com sinceridade: com esse passo arrastado - reconhece-o -, além de que não és feliz por inteiro, ficas muito longe da santidade. Por isso te pergunto: é mesmo verdade que te comportas decorosamente? Não terás um conceito errado do decoro?

Não poucas vezes, todos percebem nosso comportamento e postura, com sobriedade e decoro. Não seremos, todavia, formais demais, com ares de depositários de admiração alheia, muito mais do que cristãos correntes, que buscam o caminho dos céus, levando outros, pela naturalidade de nossas ações e de nossos conselhos, para se aproximarem de Deus. A solenidade no andar e no se relacionar com outros muitas vezes afastará mais do que aproximará as pessoas do Senhor. As pessoas têm que sentir no contato conosco que, em Deus, tudo é natural, como era nos primeiros apóstolos, que conquistaram o mundo por aprenderem do próprio Cristo que o amor a Deus só se realiza no amor ao próximo.

Assim, bobeando, com essa frivolidade interior e exterior, com essas vacilações em face da tentação, com esse querer sem querer, é impossível que avances na vida interior.

O avanço da vida interior depende da graça divina, mas também de nossa determinação em lutar sem titubeios ou concessões, nesta busca de intimidade com Deus. Ficar numa posição de diálogo com as tentações, acreditando que poderá sempre sair ileso da convivência com certos ambientes, onde tudo leva aos caminhos da perdição, é viver em uma ingenuidade que só fragilizará a fé. Com a tentação não há diálogo. A coragem de ser covarde é o único caminho. É que o nosso homem velho, sob o influxo da tentação, renasce com um vigor superior ao homem novo e termina por recair. E todo recomeço após a queda é difícil, dependendo de uma bem-feita confissão para eliminar o feitiço. Por isto, o caminho é fugir delas, como diriam os antigos, como o diabo foge da cruz.

Sempre pensei que muitos chamam “amanhã”, “depois”,
à resistência à graça.

A decisão de seguir Jesus é uma decisão de agora, do hoje. Não pode ser deixada para amanhã. Não vale o que Santo Agostinho disse, quando ainda não tendo abraçado o cristianismo decididamente, que Deus esperasse mais um pouco e que lhe desse a conversão mais tarde. O amanhã, o depois, o vou pensar melhor, vou aguardar as coisas melhorarem para me entregar a Deus, assim como saídas semelhantes representam uma negativa à graça, o não querer decidir-se, o ter dúvidas sobre o caminho a ser trilhado, enfim, não perceber que Deus é o caminho, a verdade e a vida. Entregar-se é entregar-se agora, sem titubeios e sem dúvidas, pois Cristo fará o resto.

Outro paradoxo do caminho espiritual: a alma necessitada de menor reforma na sua conduta, empenha-se mais em consegui-la, não se detém até alcançá-la. E ao contrário.

Termos necessidade no crescimento espiritual de melhorar nossa conduta é uma realidade inquestionável. Deus exige entrega total. Nosso próprio trabalho será sempre um instrumento de aproximação de outras pessoas do Senhor e de nossa santificação pessoal. Assim também nas relações sociais e, principalmente, nas familiares. Nossa conduta pode aproximar ou afastar as pessoas de Deus. O curioso, todavia, é que os que menos têm necessidade de mudar a conduta são os que mais precisam corrigi-la e aperfeiçoá-la para se sentirem no caminho de Cristo. Querem se sentir dignos de poder dizer “Aba, Pai”. Aqueles de conduta mais discutível, todavia, não sentem necessidade de mudança e ficam longe de Deus.

Às vezes, inventas “problemas”, porque não vais à raiz dos teus modos de comportar-te. - A única coisa de que necessitas é de uma decidida mudança de frente de batalha: cumprir lealmente o teu dever e ser fiel às indicações que te deram na direção espiritual.

Ser fiel à direção espiritual e deixar de ver problemas em tudo. Esta é a melhor forma de cumprir o nosso dever na terra. A imaginação é a louca da casa, mas muitas vezes os problemas que criamos objetivam apenas dar justificativas para estimular o descumprimento de nossas obrigações para com nosso Criador. Temos que saber reagir a esta tendência de buscar justificativas aos nossos erros, afastando-nos assim de nossos compromissos com o Senhor. É Ele é nosso Pai, e sabe que esta vida é apenas uma passagem, pois a vida eterna é o nosso destino. Temos, pois, que estar preparados para a vida eterna. E peço à minha Ruth para saber levar, na sua ausência, minha vida a caminho do reencontro com nosso Deus.

Notaste com mais força a urgência, a “idéia fixa” de ser santo; e foste à luta cotidiana sem vacilações, persuadido de que tens de cortar valentemente qualquer sintoma de aburguesamento. Depois, enquanto falavas com o Senhor na tua oração, compreendeste com maior clareza que luta é sinônimo de Amor, e pediste-Lhe um Amor maior, sem medo ao combate que te espera, porque combaterás por Ele, com Ele e nEle.

A luta por ser santo implica, de início, não ceder à tentação do aburguesamento, ou seja, de acomodar-se na vida, pensando no seu bem-estar antes e acima de tudo. É que, quando passamos a ser o deus de nós mesmos, deixamos de dar a primazia ao Senhor. Por outro lado, a busca da santidade implica viver o amor. Deus é amor e só não entende esta verdade aqueles que deliberadamente afastam-se do Pai e passam a dirigir a própria vida sem destino. Mesmo nas dificuldades extremas, os que confiam em Deus enfrentam-nas com otimismo e conseguem forças para lutar. Por fim, a santidade constitui combate por servir e tem que se ter a certeza de que ela é feita por Deus, que nos protege como Pai, com Ele, que nos ama e, por fim, por Ele.

Complicações?... Sê sincero, e reconhece que preferes ser escravo de um egoísmo teu, ao invés de servires a Deus ou àquela alma. - Cede!

É uma verdade que, quanto mais criamos obstáculos para servir a Deus, é que somos conduzidos por nosso egoísmo. Há momentos em que temos que escolher: Eu ou Deus. Complicações, dificuldades, justificativas que aparecem para não cumprirmos nossas normas de piedade ou não exercermos atos necessários para as obras do Senhor são apenas amortecedores de consciência para que nos convençamos de que o nosso egoísmo é compreensível. Deus sempre em primeiro lugar deve ser o nosso objetivo principal na vida. Tudo o mais virá, como a multiplicação dos pães. O tempo é multiplicado e fazemos muito mais do que fazíamos antes. E Deus mostra como é e nos faz felizes.

“Beatus vir qui suffert tentationem...” - bem-aventurado o homem que sofre tentação porque, depois de ter sido provado, receberá a coroa da Vida. Não te enche de alegria verificar que esse esporte interior é uma fonte de paz que nunca se esgota?

Todos nós sofremos, no curso de nossa vida, tentações. O importante é suportá-las, ter a coragem de ser covarde nas suas aventuras, e não enfrentá-las no seu terreno, mas não sair do nosso terreno, onde temos todas as condições de vencer. Por exemplo, um filme na TV que mostra cenas de sexo, por melhor que sejam os atores e a vontade de assisti-lo, lutar para vencer a tentação. Trazê-la para nosso campo é não assistir. Tentar assistir, tendo a certeza de que suportará a tentação, é entrar na rota do inimigo, pois as cenas poderão despertar desejos e colocar a pureza em risco. Sofrer, mas vencer as tentações, faz com que mereçamos a coroa eterna.

“Nunc coepi!” - agora começo! É o grito da alma apaixonada que, em cada instante, quer tenha sido fiel, quer lhe tenha faltado generosidade, renova o seu desejo de servir - de amar! - o nosso Deus com uma lealdade sem brechas.

A frase “Nunc coepi” - agora começo - é aquela que devemos dizer a toda hora, no amor e nas obras de Deus. Sejam fiéis ou tenhamos que recomeçar, por falta de generosidade. Como somos pecadores, o nosso recomeço é contínuo, com gosto de amor, com confissões para que Deus perceba que não desistimos na busca do amor divino e na vontade de servir. Servir a Deus e ao próximo deve ser o nosso caminho diário e permanente, pois a vida sem Deus perde o significado. É um eterno costurar sem linha, um caminhar sem sair do lugar. Recomeçar, não desistir, lutar, ter Deus como meta e o próximo, o irmão, para viver com fraternidade, pois só assim poderemos sempre dizer “Nunc coepi”.

Doeu-te na alma quando te disseram: tu, o que procuras não é a conversão, mas um estojo para as tuas misérias..., para assim continuares arrastando comodamente - mas com sabor a azebre! - essa triste carga.

Muitas vezes, nós buscamos ter um verniz de religião e nos dizemos convertidos, mas continuamos justificando nossas misérias, sem combatê-las devidamente. Escondemo-las num estojo construído por nossas justificativas e, vez ou outra, nós as confessamos perante o sacerdote, com as maiores explicações justificativas e com uma adocicação do erro cometido. Temos que combater esta maneira - diria negocial - de combater os pecados, em que queremos ficar com Deus sem perder os “prazeres” da vida anterior. A verdadeira conversão implica um corte absoluto com o passado, e se alguma vez caímos, temos que reagir de imediato, confessando sem justificativas.

Não sabes se será abatimento físico ou uma espécie de cansaço interior o que se apoderou de ti, ou as duas coisas ao mesmo tempo...: lutas sem lutar, sem ânsias de uma autêntica melhora positiva, com o fim de comunicares a alegria e o amor de Cristo às almas. Quero recordar-te as palavras claras do Espírito Santo: só será coroado aquele que tiver combatido “legítimamente” - de verdade, apesar dos pesares.

O abatimento físico ou o cansaço interior podem nos abater, mas não tirar o espírito de luta para levar Cristo a todas as almas, que devemos ter sempre. Vale a pena pensar em São Paulo quando falou sobre seu apostolado, não pregando, por caminhos inóspitos, sendo preso e chibatado, e nunca diminuindo o ritmo de seu apostolado. Assim devemos ser nós. O cansaço físico tem que ser superado pela confiança em Deus e na força de vontade. E o avanço interior, se tivermos amor a Deus, fidelidade e lealdade, supera-se com a entrega, sem restrições ou justificações, à missão que Deus nos deu.

Poderia comportar-me melhor, ser mais decidido, esbanjar mais entusiasmo... Por que não o faço? Porque - perdoa a minha fraqueza - és um bobo: o diabo sabe perfeitamente que uma das portas da alma mais mal guardadas é a da tontice humana: a vaidade. Agora carrega por aí, com todas as suas forças: lembranças pseudo-sentimentais, complexo de ovelha negra com visão histérica, impressão de uma hipotética falta de liberdade... Que estás esperando para entender a sentença do Mestre: “Vigiai e orai, porque não sabeis nem o dia nem a hora”?

Erasmus de Rotterdam, no Elogio da Loucura, lembra que o demônio consegue dominar o ser humano pela vaidade. O homem faz loucuras pela vaidade, para ser admirado pelos outros, para que seja eternizado pelo seu semelhante, sem perceber a fragilidade de suas metas e o ridículo de sua ação. Por isto, o elogio à estupidez humana, que ao contrário da inteligência, que tem limites, é ilimitada. Agora, deixar-se dominar pela vaidade nas coisas de Deus, procurando justificativas para diminuir o ritmo de entrega, à luz de um falso conceito de liberdade, é realmente um gesto imaturo e bobo, pois trocamos a segurança eterna pela fragilidade e instabilidade temporal da vida humana.

Comentaste com ar fanfarrão e inseguro: uns sobem e outros descem... E outros - como eu! estamos deitados no caminho. Deu-me tristeza a tua indolência, e acrescentei: os mandriões são puxados a reboque pelos que sobem; e, geralmente, com mais força pelos que descem. Pensam no descaminho tão penoso que buscas para ti! Já o apontava o santo bispo de Hipona: não avançar, é retroceder.

Não avançar é retroceder, dizia Santo Agostinho. Dizer que olhamos outros subirem, assim como outros descerem, mas ficar numa posição de conforto, deitado ou sentado, é próprio de preguiçosos que são arrastados pelos que sobem e com mais força pelos que descem. O cristão não pode ser assim. Tem que decidir subir até Deus, procurando levar outros para Deus, pois a vida interior e a vida apostólica é o que Deus espera de nós. Deus nos colocou aqui no mundo, por Ele criado, para amar apaixonadamente a sua criação e não para destruí-la tirando a esperança dos outros. Temos que dar exemplo, pois é esta a melhor forma de atrairmos para a casa do Senhor, todos os homens. Somos todos apóstolos, malgrado nossas fraquezas, temos que avançar.

Na tua vida, há duas peças que não se encaixam: a cabeça e o sentimento. A inteligência - iluminada pela fé - mostra-te claramente não só o caminho, mas a diferença entre a maneira heróica e a maneira estúpida de percorrê-lo. Sobretudo, põe diante de ti a grandeza e a formosura divina das tarefas que a Trindade deixa em nossas mãos. O sentimento, pelo contrário, apega-se a tudo o que desprezas, mesmo que continues a considerá-lo desprezível. É como se mil e uma insignificâncias estivessem esperando qualquer oportunidade, e logo que a tua pobre vontade se debilita - por cansaço físico ou pela perda de sentido sobrenatural -, essas ninharias se amontoam e se agitam na tua imaginação, até formarem uma montanha que te oprime e te desanima: as asperezas do trabalho; a resistência em obedecer; a falta de meios; os fogos de artifício de uma vida regalada; pequenas e grandes tentações repugnantes; rajadas de sentimentalismo; a fadiga; o sabor amargo da mediocridade espiritual... E, às vezes, também o medo: porque sabes que Deus te quer santo e não o és. Permite-me que te fale com crueza. Sobram-te “motivos” para voltar atrás, e falta-te arrojo para corresponder à graça que Ele te concede, porque te chamou para seres outro Cristo, “ipse Christus!” - o próprio Cristo. Esqueceste a admoestação do Senhor ao Apóstolo: “Basta-te a minha graça!”, que é uma confirmação de que, se quiseres, podes.

A cabeça e o sentimento, ou melhor, a razão e o sentimento. A primeira mostra o caminho certo para o progresso espiritual, para uma vida regrada e feliz, e o avanço ao que há de mais profundo e melhor na vida. O segundo fica nos detalhes, às vezes insignificantes, na vontade de experimentar novidades, na curiosidade de coisas que podem prejudicar a vida, a pessoa, a família e o futuro, e que nunca produzem tranquilidade. Temos que ter a coragem de afastar o sentimento para ancorar-nos na razão. Não podemos ser covardes, levados por tentações a buscar experiências que levam à perdição. Ousadia e não fraqueza!

Recupera o tempo que perdestes descansando sobre os louros da complacência em ti mesmo, por te julgares uma pessoa boa, como se fosse suficiente ir levando, sem roubar nem matar. Aperta o passo na piedade e no trabalho: falta-te ainda tanto por andar! Convive de bom grado com todos, também com os que te incomodam; e esforça-te por amar - por servir! - aqueles que antes desprezavas.

Quantas vezes, nós nos consideramos bons, porque não matamos nem roubamos ninguém, mas vivemos numa indolência de uma áurea mediocridade, sendo peso inútil na sociedade. Não é isto que Deus espera de nós. Temos que ser ativos, tentar viver com todos, principalmente com nossos adversários, as pessoas que nos incomodam e que antes desprezávamos. Somos todos colocados no mundo para servir a Deus e fazer este mundo melhor do que é e como Deus gostaria que fosse. Temos que ter amigos que nos querem bem e que não nos querem. Assim, trataremos bem todos os filhos de Deus, o que vale dizer, sem discriminações e com o verdadeiro espírito de Cristo.

Mostraste as tuas misérias passadas - cheias de pus - na confissão. E o sacerdote atuou na tua alma como um bom médico, como um médico honrado: cortou onde era preciso, e não permitiu que a ferida fechasse enquanto a limpeza não ficasse completa. - Agradece-o.

Na confissão mostramos sempre a ferida de nossa alma. Às vezes cheia de pus, cabe ao sacerdote, como bom médico, limpá-la, tirando toda a sujeira e aplicando os curativos para que, ao fechá-la, consiga que seja cicatrizada. E a vida passa em seguida, a ser mais fácil. Temos que seguir e não deixar que se reabra, mas, se ocorrer, socorremo-nos sempre do médico do espírito, o que vale dizer de nova confissão. E, mesmo quando as nossas feridas são leves, devemos procurar o mesmo médico ou médicos com a mesma formação, que nos darão os melhores remédios e colocarão os melhores curativos para termos uma vida saudável que nos permita viver aqui com a certeza de que teremos a futura casa assegurada.

Dá muito bom resultado empreender as coisas sérias com espírito esportivo... Perdi várias jogadas? Muito bem, mas - se perseverar - no fim ganharei.

O espírito esportivo em enfrentar as dificuldades da vida e os obstáculos nos caminhos da vida interior é o ideal, pois aprendemos a concorrer sempre e não desistir. Perdemos, mas um dia ganharemos. São Paulo falava que devemos, nos caminhos da luta pessoal, ter o espírito do atleta que busca o louro da vitória. Por outro lado, o espírito esportivo auxilia-nos a não nos deprimir nas derrotas, mas a tentar superar os erros para enfrentar o próximo embate e, nas vitórias, perceber que a derrota é passageira. Temos que lutar sempre para novos desafios. Até a morte, estaremos lutando e teremos, aí sim, que vencer, na maratona espiritual, a última corrida, a última batalha, que nos levará a chegar perto de Deus, que é o nosso destino final.

Converte-te agora, quando ainda te sentes jovem...
Como é difícil retificar quando a alma envelheceu!

Deus chama cada um de nós, como o Senhor da Vinha, a qualquer hora e em qualquer idade, mas é mais fácil o jovem aderir, de imediato, à pregação divina, porque ainda não adquiriu vícios maiores e tem maior disponibilidade física e intelectual. Os velhos são mais limitados, adquiriram hábitos nem sempre saudáveis e relutam mais em mudar de vida. Deus, todavia, os procura em qualquer idade, mas sabe que a entrega é mais fácil na juventude, quando o coração está mais disposto às grandes experiências, das quais a maior é o encontro com Cristo. Por esta razão, devemos incentivar a adesão das primeiras, na certeza de que terão mais tempo de servir ao Senhor, com o coração jovem e ardente.

“Felix culpa!”, canta a Igreja... Abençoado erro o teu - repito ao ouvido -, se te serviu para não recair; e também para melhor compreenderes e ajudares o próximo, que não é de pior qualidade do que tu.

Cada vez que o nosso erro nos leva à reflexão, à confissão e à não recaída, temos que agradecer-lo, pois nos permitiu, como a Pedro, Paulo, Madalena, seguir o caminho da redenção. Assim temos que ser nós e assim devemos auxiliar os outros a aproximarem-se de Deus, que não são piores do que nós e, quase certamente, serão melhores. Só que não tiveram a possibilidade que tivemos de chegar mais perto de Deus. Temos que agradecer o perdão que recebemos, esquecer o passado, a não ser para corrigir o mal que fizemos, e viver uma vida nova com Cristo, pois Deus é Pai, perdoa seus filhos arrependidos, para fazê-los esplêndidos apóstolos, como fez com Paulo quando descobriu Cristo, a verdade, o caminho e a vida.

Será possível - perguntas depois de teres repellido a tentação -, será possível, Senhor, que eu seja... esse outro?

Cada vez que vencemos uma tentação, não acreditamos que possamos ter pensado em cair. A tranquilidade da vitória faz-nos pensar nas vezes em que caímos e no gosto amargo que fica a sensação da derrota e da queda. Ao contrário, nas vitórias, temos uma sensação de que a vida ganha significado e que estamos podendo ser úteis a Deus, que nos colocou na terra com um plano para cada um de seus filhos. A melhor técnica para evitar a tentação é não dialogar com ela. É perceber que não é covardia fugir, pois testam os limites de nossa resistência. É saber que o mais provável é a derrota. Cristo não dialogou com o diabo e respondeu cortando as três tentações de imediato. Assim devemos fazer: cortá-las.

Vou resumir a tua história clínica: aqui caio e acolá me levanto...; este último ponto é que é importante. - Continua com essa luta íntima, ainda que avances a passo de tartaruga. Para a frente! - Bem sabes, filho, até onde podes chegar, se não lutas: o abismo chama outros abismos.

Nossa história com o Pai de todos os cristãos é sempre a mesma. Somos pecadores que subimos e caímos, que amamos a Deus e pecamos contra Deus, que acertamos e erramos, mas que não podemos nunca deixar de lutar. O cristão é, como dizia Santa Teresa de Calcutá sobre os santos, o pecador que não desistiu. Temos, pois, que lembrar que, se não tivéssemos Cristo ao lado, sabendo que Deus é Pai e que o Espírito Santo nos ilumina, poderíamos estar num abismo profundo, pois o abismo atrai mais abismos. Contam de um comandante de navio, que tinha um temperamento iracundo e que levava no barco um sacerdote, que rezava missa diariamente e ele comungava, que foi interpelado por um de seus marujos, porque, comungando diariamente, era um cidadão tão difícil e bravo. Respondeu assim: “você imagina o que seria, então, se não comungasse”.

Estás envergonhado, diante de Deus e dos outros. Descobriste em ti ronha velha e renovada: não há instinto, nem tendência ruim, que não sintas à flor da pele... e tens a nuvem da incerteza no coração. Além disso, a tentação aparece quando menos queres ou quando menos a esperas, quando por fadiga a tua vontade amolece. Já não sabes se te humilha, embora te doa ver-te assim... Mas que te doa por Ele, por Amor dEle; esta contrição de amor te ajudará a permanecer vigilante, porque a luta durará enquanto vivermos.

Durante toda a vida, sentiremos tentações, às vezes até mesmo de deixar-nos envergonhados. Quando estamos cansados, corremos o risco de baixarmos nossa guarda e deixar pensamentos inúteis, quando não pecaminosos, tomarem conta da cabeça, assim como o aparecimento de dúvidas sobre a rigidez de nosso caminho. Nestes momentos, a melhor reação é sempre a mesma, começando pela oração e contrabalançando os maus pensamentos com os bons, não se esquecendo de lembrar que todas as vezes que houve quedas, a sensação posterior de vazio não compensa ter cedido à tentação. A nossa luta é diária e vai até o fim da vida. O importante é não desistir. Deus é nosso Pai e esta realidade maravilhosa temos que lembrar sempre.

Que grande desejos te consomem de confirmar a entrega que um dia fizeste: saber-te e viver como filho de Deus! - Coloca nas mãos do Senhor as tuas muitas misérias e infidelidades. Também porque é o único modo de aliviáres o seu peso.

Sempre temos em mente o momento em que decidimos entregar-nos a Deus. E, muitas vezes, sentimos emperrado aquele momento por força de nossas misérias e infidelidades. Temos que lutar então, para voltar àquela entrega esplendorosa que nos encheu de alegria. Basta lembrar a alegria que sempre tivemos quando estamos cumprindo, rigorosamente, os deveres de nossa entrega e, como nos sentimos tristes e vazios quando caímos. Temos que sempre livrar-nos do peso de nossas infidelidades pela confissão, mas principalmente, após a penitência, cultivar a lembrança e o clima de nosso momento de decisão de seguir a Cristo, como algo que foi a mais importante decisão de nossa vida, ou seja, ser apóstolo.

Renovação não é relaxamento.

Renovação não é relaxamento, disse nosso Padre muitas vezes, quando se pensa em mudar de vida, é para diminuir o ritmo de trabalho e de obrigações. Este não é o caminho do cristão. O cristão, como as árvores, deve morrer em pé, dando o máximo de suas possibilidades até o fim da vida. A vida é curta e, se Deus permitiu que viéssemos ao mundo, foi para trabalhar até o fim, dando no plano para nós destinado tudo o que pudermos até não restar mais forças. Quando se diz, vamos mudar de vida, Deus está esperando que o façamos para o melhor e não para um ócio sem responsabilidade e labor. Renovar é ter planos melhores para servir a Deus.

Dias de retiro. Recolhimento para conhecer a Deus, para te conheceres e assim progredir. Um tempo necessário para descobrir em que coisas e de que modo é preciso reforma-se: que tenho que fazer? que devo evitar?

Os dias de retiro são de particular importância para nossa revisão de vida. Ver o que estamos fazendo de bom e o que estamos fazendo de mal, além do que poderíamos estar fazendo de melhor e não estamos nos esforçando por fazer, quando não querendo apenas nos acomodar na vida sem problemas e sem perturbações. É uma boa oportunidade para conversarmos com Deus em silêncio e estudarmos o que fazer para crescer na intimidade do Senhor e o que evitar para que nossa vida de cristão seja fecunda. Deus é nosso Pai, e o retiro é como voltar à casa paterna para só conversar com Ele, contando nossas dificuldades, pedindo perdão para nossos erros e pedindo que nos aconselhe não só para melhorar, mas para O amar mais.

Que não volte a repetir-se o que aconteceu no ano passado. - “Como foi o retiro?”, perguntaram-te. E respondestes: “Descansamos muito bem”.

O retiro não é uma estação de férias para descansar, mas, de rigor, um lugar onde poderemos, em silêncio, falar com Deus. Em paz e com amor. Sabendo que é nosso Pai e, como o Pai do Filho Pródigo, está nos esperando. Nós temos a liberdade que Ele nos deu de amá-lo ou não. Mas, com aqueles que O procuram, O encontram e O amam, mesmo nos momentos de turbulência, com paz, esperança e confiança no futuro e, principalmente, na eternidade. Quem vai para o retiro pensando mais em descansar do que em encontrar Deus, está perdendo a melhor das oportunidades de mudar sua vida para melhor, porque Deus lhe dará o sentido de existir no silêncio, falará, e sua fala construirá pontes que o levarão aos caminhos da vida e da eternidade.

Dias de silêncio e de graça intensa... Oração face a face com Deus... Desatei em ação de graças ao contemplar aquelas pessoas, graves pelos anos e pela experiência, que se abriam aos toques divinos e correspondiam como crianças, entusiasmadas com a possibilidade de ainda converterem a sua vida em algo útil..., que apagasse todos os seus descaminhos e todos os seus esquecimentos. Recordando aquela cena, encareci-te: não descures a tua luta na vida e na piedade.

Deus deve estar em nossa vida em todas as nossas idades. No momento em que descobrimos suas maravilhas, que encontramos no Senhor, até a morte devemos amá-lo e servi-lo. Devemos ter o mesmo entusiasmo de meninos, de jovens. O peso da idade pode enfraquecer o corpo, mas não nossa fé naquele que nos trouxe ao mundo e que nos espera na eternidade. E nos retiros, quando vemos os idosos com o mesmo fervor da religião que abraçaram, percebemos que a velhice não maculou a juventude da permanente entrega a Deus. Quem procura, encontra, ama e se entrega a Deus, em nenhum momento se sente velho, mas, ao contrário, já idoso, sente na alma a eterna juventude dos que creem no Seu Pai Celeste.

“Auxilium christianorum!” - Auxílio dos cristãos, reza com toda a segurança a ladainha de Nossa Senhora. Experimentaste repetir essa jaculatória em teu transe difíceis? Se o fizeres com Fé, com ternura de filha ou de filho, comprovarás a eficácia da intercessão de tua Mãe Santa Maria, que te levará à vitória.

Auxílio dos cristãos é uma das jaculatórias da ladainha de Nossa Senhora. E diz tudo. Nossa Mãe e nosso Auxílio. Sempre que estivermos em dificuldade, sem termos uma solução à vista, pensando que o mundo cairia sobre nossa cabeça, temos que pensar em nossa Mãe e pedir a Ela auxílio. Com fé e certeza de que estará conosco. E Ela estará, pois é o auxílio dos cristãos. A experiência de nos socorrermos e amarmos nossa Mãe é única. Quando dediquei-lhe meus quartetos de ladainha, o Padre João Mohana disse que, quando morresse, Nossa Senhora “iria abraçar-me como seu jogral”. Dizia eu a Ruth que as pessoas poderiam amar Nossa Senhora como eu, mas não mais do que eu. Renovo este amor todo dia, com muita alegria.

PESCADORES DE HOMENS

Enquanto conversávamos, víamos as terras daquele continente. - Acenderam-se as luzes em teus olhos, encheu-se de impaciência a tua alma e, com o pensamento naquelas gentes, disseste-me: será possível que, do outro lado destes mares, a graça de Cristo se torne ineficaz? Depois, tu mesmo deste a resposta: Ele, na sua bondade infinita, quer servir-se de instrumentos dóceis.

Quando vemos a imensidão da terra e seus 8 bilhões de habitantes, devemos imaginar como Deus precisa de apóstolos para levar para esta multidão de seus filhos o conhecimento das verdades maiores, das lições de Cristo, da forma de fazer o bem na terra e conquistar o céu. Todos nós, os cristãos temos esta missão e para isto Deus nos criou. Temos que atuar no nosso meio, não teorizar a evangelização no mundo inteiro e praticar a preguiça que implica encontrar mil desculpas para não se atirar a vida interior e ao apostolado e esquecer o nosso próximo. Temos que pensar.

Como te inspiram compaixão!... Quererias gritar-lhes que estão perdendo o tempo... Por que são tão cegos e não percebem o que tu - miserável - já viste? Por que não hão de preferir o melhor? - Reza, mortifica-te, e depois - tens obrigação disso! - desperta-os um a um, explicando-lhes - também um a um - que, tal como tu, podem encontrar um caminho divino, sem abandonar o lugar que ocupam na sociedade.

Quando vemos tantos perdendo tempo e não se aproximando de Deus, lembramo-nos também do tempo em que perdíamos tempo e não o aproveitávamos para ser úteis, para nós e para os outros. Hoje, temos a obrigação de nos aproximar dessas pessoas, amigos e conhecidos, para mostrar-lhes que podem servir a Deus sem deixarem de fazer o que fazem, apenas trabalhando com uma outra perspectiva: a de que, sendo rigorosamente o que somos, podemos servir a Deus e aos homens, abrindo-lhes novos horizontes e valorizando a própria profissão, sua vida em família e na sociedade. Sere-mos melhores em tudo o que fazemos no momento em que encontramos Cristo e abraçamos a nossa fé com redobrado amor e dedicação.

Começaste com muitos brios. Mas pouco a pouco te foste encolhendo... E vai acabar metido na tua pobre carapaça, se continuares a empequenecer o teu horizonte. - Cada vez tens de alargar mais o teu coração, com fomes de apostolado! De cem almas interessam-nos as cem.

Podemos começar, quando descobrimos as riquezas do reino de Deus com muito entusiasmo, mas se não cuidarmos de nos aprofundar de conhecê-Lo cada vez com maior intensidade, tendo uma vida interior cada vez melhor para sermos os apóstolos que Deus desejou que fôssemos, pois, para gerar apóstolos é que Cristo veio ao mundo, corremos o risco de encolhermos e não conseguimos cumprir nossa missão na terra. Oração, oração, oração e muito depois a ação, é o que o fundador da Obra ensinava a seus filhos. Assim devemos ser, lembrar que todas as pessoas que conhecemos, mesmo os nossos adversários, são filhos de Deus e temos que tentar conquistá-los. De cem almas, cem almas nos interessam, pois somos apóstolos.

Agradece ao Senhor a contínua delicadeza, paternal e maternal, com que Ele te trata. Tu, que sempre sonhaste com grandes aventuras, te comprometeste num empreendimento maravilhoso..., que te leva à santidade. Insisto: agradece-o a Deus, com uma vida de apostolado.

Agradecer a Deus sempre. Quando encontramos o seu caminho, só nos resta agradecer. A vida torna-se mais saudável, o tempo se multiplica, pois aprendemos a não perdê-lo, e sentimos a necessidade de levar aos outros esta alegria interior, que é fruto da graça. O apostolado é a forma de retribuir a Deus o privilégio de nos ter acolhido, concedendo-nos a sua graça. Dificuldades sempre existirão, mas certamente menores que as dos apóstolos dos primeiros 300 anos, em que mantiveram a força da fé cristã, muitas vezes com a própria vida, nas perseguições periódicas do Império, e permitiram que Constantino ao liberar o Império a todas as religiões, nós a recebemos daqueles primeiros Santos. Temos, pois, que agradecer, orar e fazer apostolado na forma que Deus permitir.

Quando te lançares ao apostolado, convence-te de que se trata sempre de fazer felizes, muito felizes, as pessoas: a Verdade é inseparável da autêntica alegria.

Quando nos tornamos apóstolos e passamos a fazer apostolado, temos que estar plenamente convencidos que é para fazer as pessoas mais felizes. Quem descobre Cristo, mesmo nas turbulências da vida, mantém a serenidade, alegria e a paz interior. Sabe que estamos aqui de passagem e que o nosso encontro futuro é com o próprio Cristo. Os percalços são sempre melhor enfrentados com Cristo do lado e a vida torna-se mais leve por ganhar um sentido que não tinha. Esta é a razão que o apostolado objetiva fazer, as pessoas mais felizes com o encontro, na vida temporal, dos caminhos divinos na Terra.

Pessoas de diversas nações, de diferentes raças, de ambientes e profissões muito diversos... Ao falar-lhes de Deus, apalpas o valor humano e sobrenatural da tua vocação de apóstolo. É como se revivesses, na sua realidade total, o milagre da primeira pregação dos discípulos do Senhor: frases ditas em língua estranha, mostrando um caminho novo, foram ouvidas por cada um no fundo do seu coração, na sua própria língua. E passa pela tua cabeça, ganhando vida nova, a cena em que “partos, medos e clamitas...” se aproximaram felizes de Deus.

Quando vislumbramos a enormidade da seara a ser colhida pelos filhos de Deus e lembramos de Pentecostes, quando pessoas de muitas raças, idiomas uniram-se para seguir a Cristo, temos também que ter este espírito pentecostal para levar Deus a todos os rincões da terra. A missão do apóstolo é não conhecer obstáculos e saber que de cem almas que conhecemos, interessa-nos as cem. E quando percebemos que entre 8 bilhões de filhos de Deus, grande parte não sabe que seu filho veio à terra para redimir a humanidade, percebemos a importância de nossa missão de apóstolo.

Ouve-me bem e serve-me de eco: o cristianismo é Amor; o trato com Deus é diálogo eminentemente afirmativo; a preocupação pelos outros - o apostolado - não é um artigo de luxo, ocupação de alguns poucos. - Agora que o sabes, enche-te de alegria, porque a tua vida adquiriu um sentido completamente diverso. E sê conseqüente.

O cristianismo é uma religião de amor. E o apostolado que todos devemos fazer não é um artigo de luxo destinado a poucas pessoas dotadas de especial talento. Se o fosse, Cristo escolheria gente simples, pescadores e trabalhadores normais para seus apóstolos? Quis ao escolhê-los, sabendo que por milênios dividiriam as suas lições de vida, para mostrar que todos nós podemos ser apóstolos, independentemente de nossos talentos e qualidades intelectuais. É que o amor não precisa de universidades, mas de prática e amar ao próximo quando se aprende é uma das aventuras mais esplendorosas que podemos ter.

Naturalidade, sinceridade, alegria: as condições indispensáveis, no apóstolo, para atrair as pessoas.

Naturalidade é uma das condições para que o apóstolo seja bem-sucedido. As pessoas arrogantes, pedantes, sofisticadas afastam os outros. Somos naturais porque não somos superiores aos demais. Somos naturais, porque não há qualquer razão humana ou sobrenatural para nos sentirmos diferentes, com ares de “Magister dixit”. Sinceridade, porque os mentirosos não são confiáveis. Nossa confiabilidade, esta também é para as pessoas que nos conhecem, saberem que somos francos, mas delicados, sem que vislumbrem nada que nos desfigure quanto ao amor e a verdade. Por fim, temos que ser alegres. Um santo triste é um triste santo, diz o adágio. Como aproximar as pessoas de Deus se nos mostrarmos melancólicos, emburrados, sem sorrisos ou espírito fraterno? A alegria é fundamental.

Não podia ser mais simples a maneira como Jesus chamou os primeiros doze: “Vem e segue-me”. Para ti, que procuras tantas desculpas para não continuares essa tarefa, ajusta-se como uma luva à mão a consideração de que bem pobre era a ciência humana daqueles primeiros; e, no entanto, como sacudiram aqueles que os escutavam! Não o esqueças: o trabalho, é Ele que continua a fazê-lo, através de cada um de nós.

Algo que impressiona a chamada dos primeiros apóstolos é a simplicidade de como foi feita. Cristo disse: “Vem e Siga-me”. Eram todos muito simples. Pescadores ou de profissões normais, com exceção de Mateus, execrado pelos judeus por ser publicano, profissão comparável à época à das prostitutas. E com este grupo de não intelectuais talvez tenha gerado a maior biblioteca do mundo sobre questões envolvidas ao cristianismo. O Liceu de Aristóteles e a academia de Platão não duraram 1.000 anos, mas a igreja fundada sobre Pedro com uma fantástica obra escrita até hoje está gerando novos seguidores e apóstolos. É que quando praticamos e somos apóstolos, não somos nós que fazemos o apostolado, mas é o próprio Cristo. E só com Ele o mundo terá salvação e a vida eterna.

As vocações de apóstolo, é Deus quem as envia. mas tu não deves deixar de empregar os meios: oração, mortificação, estudo ou trabalho, amizade, sentido sobrenatural..., vida interior!

Todos nós recebemos dons de Deus e a vocação de apóstolo é uma delas. Talvez a mais importante, pois Cristo veio ao mundo para escolher aqueles primeiros que divulgariam sua mensagem e suas lições pelo mundo. Tendo ou não vocação como graça, todos nós, entretanto, podemos através da oração, mortificação, estudo e trabalho, amizade com todos que nos cercam, os quais nos permitem um sentido sobrenatural e vida interior, a levar nossos próximos para perto de Deus. E como disse São Tiago, quem salvou uma alma, terá o céu garantido. Todos nós, sem exceção, apóstolo ou discípulos, podemos levar ao Senhor todos nossos amigos e conhecidos com o nosso exemplo e oração.

Quando te falo de “apostolado de amizade”, refiro-me a uma amizade “pessoal”, sacrificada, sincera: de tu a tu, de coração a coração.

O que nosso Padre procura mostrar neste ponto é de que amizade apostólica não pode ser superficial. Tem que ser profunda e real. Com a disposição de, se necessário, lutar e dar a vida pelo amigo. Desta forma, sincera e sacrificada, ela vai do próprio coração para o coração do amigo. A isto se pode chamar, de amizade pessoal, tal qual Cristo teve com seus apóstolos, discípulos e seguidores. E isto, por todos estes 2.000 anos, algo que irá até o fim do mundo. Somos todos filhos de Deus, pois o próprio Cristo na oração que nos ensinou disse que deveríamos invocar Deus, com o seu verdadeiro nome que é Pai. E em primeiro lugar. E é esta mensagem de Cristo que temos que levar aos nossos amigos, de forma pessoal, íntima para conhecer o Pai.

No apostolado de amizade e confiança, o primeiro passo é a compreensão, o serviço... e a santa intransigência na doutrina.

O apostolado da confiança e da amizade é a essência do nosso apostolado na obra. Fazemos apostolado com os nossos amigos. Não fazemos apostolado para ser amigos, mas por ser amigos é que fazemos apostolado. E a confiança implica a compreensão da maneira de ser de nossos amigos, com seus defeitos e qualidades, assim como o serviço para auxiliá-lo nas dúvidas, necessidades e insuficiências. O máximo de compreensão e serviço sem transigir, entretanto, nas questões de doutrina. Somos apóstolos para auxiliar nossos amigos em suas dificuldades, mas para neles incutir a boa doutrina, haja vista que a salvação de uma só alma, salva a nossa própria.

Os que encontraram a Cristo não podem fechar-se no seu ambiente: triste coisa séria esse empequenecimento! Têm que abrir-se em leque para chegar a todas as almas. Cada um tem que criar - e alargar - um círculo de amigos, sobre o qual influa com o seu prestígio profissional, com a sua conduta, com a sua amizade, procurando que Cristo influa por meio desse prestígio profissional, dessa conduta, dessa amizade.

Não podemos ser egoístas, pois os cristãos não são egoístas. Tendo encontrado Cristo e tendo feito com que Ele impregnasse nossa fé - esta é a maior graça que Deus pode nos dar - temos a obrigação de levar Cristo para todos os ambientes, alargando o nosso círculo profissional e, com o nosso prestígio, chegando a outros ambientes. Nosso prestígio far-nos-á respeitado. Nossa maneira natural e simples facilitará as amizades. E, pelo exemplo e pela palavra, aprenderemos a conquistar almas para o Senhor. Temos que lembrar que o povo é numeroso e os operários são poucos. Temos que ser os operários do povo do Senhor.

Tens que ser uma brasa acesa, que leve fogo a toda a parte. E, onde o ambiente for incapaz de arder, tens que aumentar a sua temperatura espiritual. - Senão, estás perdendo o tempo miserável, e fazendo-o perder aos que te rodeiam.

Aprender a incendiar o coração dos que nos rodeiam é a nossa missão. Não é igual em todos os ambientes, uns recebem com mais facilidade a lição do Mestre e outros não. A estes em que há maior dificuldade em incendiar corações, temos que aumentar a nossa vida interior para aumentar a nossa temperatura espiritual e incendiarmos estes corações mais frios. Se não pretendemos, nestes momentos e ambientes, elevar a temperatura da nossa convivência com Deus para poder receber Sua inspiração e utilizarmos o recebido na chamada de outras almas para Deus, estaremos fracassando na nossa vida apostólica. Quanto mais árido o ambiente pagão, tanto maior era Paulo e os primeiros apóstolos redobravam a sua vida interior e oração para conquistá-lo.

Quando há zelo pelas almas, sempre se encontra gente boa, sempre se descobre terreno adubado. Não há desculpas!

O zelo pelas almas faz-nos sempre lembrar que os primeiros apóstolos só encontraram obstáculos na sua pregação durante 300 anos, com perseguições e martírios, e não desistiram. É que o verdadeiro apóstolo aprende cedo que sua maior realização na vida é levar almas para Deus. E o zelo pelas almas, como as águas que sempre encontram caminhos descendo nos montes gelados para irrigar os campos, leva a encontrar também caminhos para sensibilizar os corações e fazê-los enamorados do Senhor. Somos semeadores do amor evangélico e só nos realizaremos quando, sempre persistentes, vamos encontrando as veredas para, no apostolado da amizade e confiança, conquistar as almas.

Convence-te: também aí há muitos que podem entender o teu caminho; almas que - consciente ou inconscientemente - procuram a Cristo e não O encontram. Mas “como ouvirão falar dEle, se ninguém lhes fala?”

Quantas pessoas gostariam de encontrar Deus, mas não O encontram porque não lhes fala sobre Ele. Têm inquietação pelo Divino, mas não conhecem o caminho. Deus é uma meta maior que sem um guia não alcançam. Este é o nosso caminho, e será nossa responsabilidade. Para isto, Deus nos fez apóstolos. O mundo moderno, repleto de plantadores de joio, dificulta o plantio do trigo, e cabe a nós plantá-lo e só o colheremos, quando estiver maduro, pois o separando do joio, poderemos queimar o joio da alma de cada um daqueles que ouviram a palavra do Senhor por nosso intermédio e estão dispostos a afastar o mal e transformando-se em apóstolos, continuarão a missão que Cristo ensinou a seus seguidores.

Não me digas que cuidas da tua vida interior, se não fazes um apostolado intenso, sem pausas: o Senhor - com Quem me garantas ter intimidade - quer que todos os homens se salvem.

Hoje, pela 48ª vez fiz, com Paulo de Barros Carvalho, romaria que começamos em 1976, nos meses de maio, no início e depois maio e outubro. Começamos na Igreja da Nossa Senhora do Carmo, depois fomos para Nossa Senhora de Fátima e ultimamente, fazemos na Nossa Senhora do Brasil. Dois filhos de Nossa Senhora que A reverenciam todos os anos. Temos a preocupação que todas as almas se salvem. Paulo tem distribuído imagens que mandou fazer da anunciação, concluindo a oração com a frase: “O Único Ser sobre a terra a ter o mesmo DNA do Redentor”. Esta tem que ser a nossa preocupação. Desejar e lutar para que todas as pessoas que conhecemos, tenham o caminho da salvação. De cem almas, dizia nosso padre, interessam as cem. Nosso apostolado, como nossa vida interior tem que ser sem pausa e com muito amor.

Esse caminho é muito difícil, disse-te ele. E, ao ouvi-lo, o concordaste ufano, lembrando-te de que a Cruz é o sinal certo do caminho verdadeiro... Mas o teu amigo reparou somente na parte áspera da senda, sem ter em conta a promessa de Jesus; “O meu jugo é suave”. Lembra-lhe isso, porque - quando o souber - talvez se entregue.

O caminho do cristão não é simples. Os doze primeiros foram martirizados, embora haja dúvidas se João, que morreu em Patmos, o tenha sido. A experiência, todavia, de amar a Deus e alegria que se tem sempre que cada alma é conquistada para Cristo torna o jugo suave e o peso leve. Há muitas renúncias que fazemos quando alcançamos a cruz de Cristo, embora haja muitas alegrias que decorrem das renúncias. E é, à medida que se vai percebendo a profundidade e o sentido da vida que o cristianismo oferece e que o abraçar a maneira de ser permite que percebamos que tudo passa a ter significado. Faz-nos esquecer daquela gangorra de alegrias e tristezas, que sempre geravam vazios na alma.

Diz que não tem tempo?... Muito melhor. Precisamente os que não têm tempo é que interessam a Cristo.

Não poucas vezes, em nosso apostolado encontramos pessoas que dizem não ter tempo para Deus, pois têm muito que fazer na empresa, no lar, nas agremiações de que participam e outras. A Cristo interessa os que não têm tempo pois são sempre os que arranjam tempo para Deus. E quando arranjam tempo para Deus terminam tendo muito mais tempo para o trabalho, lar e amigos. É que quem já fez a experiência sabe que Deus multiplica o tempo como Cristo multiplicou os pães. Cristo não pediu para os apóstolos distribuírem os pães sem passar por sua mão, mas ao contrário pegou os pães e os peixes, ordenou-os e foi multiplicando. A paz de Cristo, que é cumprimento entre os cristãos, é a paz na tranquilidade e na ordem, que domina o coração de todos os apóstolos. Interessa-nos sempre os que não têm tempo, pois sempre encontraram tempo para servir a Deus.

Ao considerares que são muitos os que desaproveitam a grande oportunidade, e deixam Jesus passar ao largo, pensa: de onde me vem a mim essa chamada clara, tão providencial, que me mostrou o meu caminho? - Medita nisto diariamente: o apóstolo tem que ser sempre outro Cristo, o próprio Cristo.

Quantos não percebem a riqueza de ter Cristo do lado. Deixam-no passar. Temos que pensar nisto. A nós, que tivemos o privilégio de não deixá-Lo passar e termos encontrado não só, a estrada da vida para a avenida para a eternidade, temos que corresponder e dedicar-nos a não deixar que passe perante nossos amigos e conhecidos sem alertá-los. Temos que mostrar-lhes quem é o Senhor que quer salvá-los para que sempre, e como podem aproveitar a oportunidade de segui-Lo. Não deixarem passar. São Tiago termina sua carta dizendo que se salvarmos uma só alma, teremos o céu garantido. Ora, muito melhor seria salvar muitas delas sendo apóstolos. Para isto, temos que renovar a nossa entrega, todos os dias, começando o dia com um “Serviam”.

Não te surpreendas e não te amedrontes porque ele te censurou que o tivesses posto frente a frente com Cristo; nem porque acrescentou, indignado: “Já não posso viver tranqüilo sem tomar uma decisão...” Reza por ele... É inútil que procures tranqüilizá-lo: talvez lhe tenha aflorado uma antiga inquietação, a voz da sua consciência.

Podemos ser censurados, às vezes, por ter provocado inquietação naqueles que queremos levar a conhecer Cristo. Isto não nos deve inibir. É que esta reação ocorre há 2.000 anos quando se tem que tomar uma decisão entre viver uma vida voltada para o nosso Eu apenas, que se transforma no Auto-Deus, ou voltarmo-nos para o próximo, desprendendo-nos de nós mesmos. Esta decisão, não poucas vezes, é custosa, pois implica renúncias nem sempre fáceis de fazer. Vale a pena, todavia, e não devemos fugir daquilo que Cristo veio à terra ensinar-nos, ou seja, gerar apóstolos de sua mensagem para que o mundo seja melhor e possamos corresponder ao amor de Deus, nos passos para a eternidade. Nunca devemos nos encolher perante as dificuldades, nunca desistir, mas sempre agir.

Escandalizam-se contigo porque falas de entrega a pessoas que nunca tinham pensado nesse problema?...

- Muito bem, e daí? Se tu tens vocação de apóstolo de apóstolos!

Quando falamos aos outros da entrega a Deus e dedicamos nossa vida a servi-Lo, mesmo sem deixar de mudar de vida, podem as pessoas escandalizar-se. É porque, de início, não entendem, mas nossa missão de apóstolos poderá fazê-los mudar de visão. Não precisam deixar de fazer o que fazem como cidadãos iguais aos outros. Têm apenas que mudar o enfoque. Não trabalharão mais para servir-se do mundo para progredir, mas ao contrário, aprenderão a servir o mundo com o seu trabalho bem-feito, santificando-se ao fazê-lo. Para isto uma vida interior será necessária para que o próprio trabalho seja santificado e com isto santificar os outros com ele e com o exemplo. Não podemos recuar com o espanto causado. Avante.

Não atinges as pessoas porque falas uma “língua” diferente. Aconselho-te a naturalidade. Essa tua formação, tão artificial!

O cristão é alguém que vive sua vida com naturalidade. Por isto, no seu apostolado, mostra a todo mundo que é igual a todo mundo. A sua linguagem tem que ser, portanto, uma linguagem não artificial, nem diferente das demais pessoas. As mensagens, sim. Estas têm que ter, portanto, o conteúdo apostólico e a paz de conquistar corações, mostrando como podemos viver, na espera da eternidade, sendo úteis ao Senhor na terra, alegres, na turbulência, servindo ao próximo, com fecundidade, no apostolado, conversando com o Senhor na oração, com fecundidade na vida interior, sendo na vida profissional eficazes, progredindo com ética e espírito de serviço, seguindo com harmonia, no lar, o exemplo do lar de Nazaré e sempre com imensa fraternidade na vida social e cidadã.

Vacilas em lançar-te a falar de Deus, de vida cristã, de vocação..., porque não queres fazer sofrer?... Esqueces que não és tu quem chama, mas Ele: «Ego scio quos elegerim» - Eu sei muito bem a quem escolhi. Além disso, desgostar-me-ia que, por trás desses falsos respeitos, se escondesse o comodismo ou a tibieza: a esta altura, preferes uma pobre amizade humana à amizade de Deus?

Os respeitos humanos para se falar de Deus, sob alegação que poderia a fala ferir os sentimentos dos outros ou até mesmo afastar amizade com quem pensa diferente, não é próprio do verdadeiro cristão. Para este, o maior amigo é Cristo e, às vezes, entre a escolha por uma amizade humana e aquela de Cristo, o verdadeiro cristão sabe escolher o Senhor. Uma amizade, por exemplo, que insista, por uma questão comercial, que um cristão compareça em uma comemoração de duvidoso ambiente moral, mesmo que sua negativa implique em perder o amigo e o negócio, a negativa é o único caminho. Não temos que ter receio de falar de Cristo, pois Ele estará conosco e nos dará apoio, quando sentirmos que podemos fraquejar. Somos apóstolos e temos, como os primeiros, de ter a sua coragem.

Tiveste uma conversa com este, com aquele, com aquele outro, porque te consome o zelo pelas almas. Aquele ficou com medo; o outro consultou um “prudente”, que o orientou mal... - Persevera: que ninguém possa depois desculpar-se afirmando “quia nemo nos conduxit” - que ninguém nos chamou.

No nosso apostolado, às vezes, vemos pessoas que têm medo de seguir o caminho para a eternidade, receio este de ficar mal com a sociedade e amigos que estão longe de Deus. Outros ouvem-nos, mas consultam outras pessoas que os aconselham a afastar-se de nossos conselhos, pois apenas complicam a vida. Outros ainda tentam desviar-nos dos nossos caminhos, pensando retribuir nossos conselhos com outros mais sábios. Não podemos desanimar. Que ninguém que esteja perto de nós possa dizer um dia “Ninguém nos chamou”. Os que não ouvem a boa mensagem existem desde a época de Cristo e continuarão a existir. Nossa missão é fazer com que seu número diminua.

Compreendo a tua impaciência santa, mas ao mesmo tempo tens de considerar que alguns precisam pensar muito, que outros irão correspondendo com o tempo... Espera-os de braços abertos: condimenta a tua impaciência santa com oração e mortificação abundantes. Acabarão vindo mais jovens e generosos; terão sacudido o seu aburguesamento e serão mais valentes. Quanto Deus os espera!

Teremos que ter paciência sempre. Nem todos reagem com a velocidade que gostaríamos. Leva tempo para compreenderem as riquezas do amor ao Senhor e o Tesouro preservado pela Igreja e mais tempo para entenderem as renúncias que terão que fazer para uma entrega ao Senhor. É de se compreender, portanto, a demora. Temos que ter, pois, paciência, fazer muita oração e até a mortificação necessária com vistas à conversão de nosso amigo. Mesmo que nunca chegue a compreender a vocação, não devemos abandoná-lo, pois de cem almas, nos interessam as cem, e ela pode servir a Deus por caminhos diferentes dos nossos. Fazer tudo como se dependesse de nós e entregar nas mãos de Deus, pois tudo depende d'Ele.

A fé é um requisito imprescindível no apostolado, que muitas vezes se manifesta na constância em falar de Deus, ainda que os frutos demorem em vir. Se perseverarmos, se insistirmos, bem convencidos de que o Senhor assim o quer, também à tua volta, por toda a parte, se irão notando sinais de uma revolução cristã: uns haverão de entregar-se, outros tomarão a sério a sua vida interior, e outros - os mais fracos - ficarão pelo menos alertados.

Se todos que nos conhecem perceberem como somos cristãos, como vivemos o que falamos sobre Cristo e que somos sinceros, pois nossos atos correspondem às nossas palavras, certamente mais cedo ou mais tarde colheremos os frutos, e se não formos nós, outros apóstolos se beneficiarão de nosso apostolado. Alguns ganharão a vocação de apóstolo, outros passarão a ter um comportamento próprio de um cristão e outros, pelo menos serão alertados. Com simplicidade e naturalidade, temos que falar do Senhor. É de se lembrar que Cristo falava para doutos e pessoas incultas. Tanto Nicodemos, José de Arimatéia, como pobres pescadores e gente do povo compreendiam Sua palavra. É assim até hoje e será até o fim dos tempos. A palavra de Deus é para todos.

Dias de autêntico alvoroço: mais três! Cumprem-se as palavras de Jesus: “Meu Pai é glorificado em que deis muito fruto e sejais meus discípulos”.

Cada vez que alguém entra para a obra, é um dia de alvoroço. De rigor, é alegria que os primeiros apóstolos deveriam sentir sempre que um novo cristão entrava para o trabalho do Senhor. É que, à medida que cresce o número, mais fecundo se torna o apostolado, mais outras pessoas recebem a mensagem de Cristo e mais o mundo pode se tornar melhor. O velho sonho de um mundo com um único pastor, único rebanho inteiramente voltado para o bem. Temos que ter objetivos altos. Se Deus nos colocou como apóstolos, temos que ser apóstolos de verdade e não apenas no nome. Os primeiros percorreram o mundo da época e conquistaram todos os continentes, deixando a América e a Oceania para gerações futuras. Por isto, muita alegria devemos ter com cada novo membro que chegar.

Fizeste-me sorrir, porque te entendo muito bem, quando me dizias: “Fico entusiasmado com a possibilidade de ir a novas terras, para abrir brecha, talvez muito longe... Preciso averiguar se há homens na lua”. - Pede ao Senhor que te aumente esse zelo apostólico.

O zelo apostólico tem de ser de buscar cada vez mais pessoas para caminhar no caminho do Senhor e em todos os rincões da Terra. E se houver vida no resto do universo e se for possível acessar outro corpo celestial, apesar das incomensuráveis distâncias, chegar até lá. Este é o verdadeiro espírito apostólico, ou seja, não ter limites na sua ambição. Assim agiram os primeiros apóstolos e discípulos, a maior parte deles, sem bens ou riquezas, aventuraram-se no mundo e foram levando de roldão, os obstáculos, preconceitos, invejas e ódios acumulados pelo mal contra o bem, os quais levaram nosso Cristo à cruz, mas cuja ressurreição deu a todos, antes acovardados, ganharem força, coragem e garra para, com a graça de Deus, conquistar o mundo.

Por vezes, diante dessas almas adormecidas, dá uma vontade louca de gritar-lhes, de sacudi-las, de fazê-las reagir, para que saiam dessa modorra terrível em que se acham mergulhadas. É tão triste ver como andam, tateando como cegos, sem acertar com o caminho! - Como compreendo esse pranto de Jesus por Jerusalém, como fruto da sua caridade perfeita...

Quando nos deparamos com pessoas, que poderiam ser úteis na evangelização dos povos e se esquecem, ficamos tristes. São almas adormecidas que preferem ser levadas pela vida a dar um sentido a ela. Estão adormecidas para Deus e para seu futuro na eternidade. Sua modorra faz-nos pensar no imediato e, não poucas vezes, aproveitar a vida à custa dos outros. A luxúria, a ganância e o poder formam a trindade áurea de seus desejos, vivendo para o deus de si mesmo até que algum infortúnio, a velhice e a proximidade da morte terminam por destruir a sua falsa divindade como a estátua de Nabucodonosor feita de vários materiais, e muitas pedras preciosas ou resistentes, mas com pés de barro. Neste momento, ao vê-los, compreendemos o choro de Jesus por esta Jerusalém consumida pela mesma indolência e insensatez.

Aprofunda cada dia na raiz apostólica da tua vocação cristã. - O Senhor desfraldou há vinte séculos - para que tu e eu o proclamássemos ao ouvidos dos homens - uma bandeira de alistamento, aberta a todos os que têm um coração sincero e capacidade de amar... Que outras chamadas mais claras queres do que o “*ignem veni mittere in terram*” - vim trazer fogo à terra - e a consideração desses dois bilhões e quinhentos milhões de almas que ainda não conhecem a Cristo!

Temos que nos aprofundar sempre nos fundamentos de nossa fé. Só assim poderemos auxiliar Cristo a pôr fogo na Terra. Para isto, Ele, Deus Filho, quis reduzir Sua força suprema tornando-se uma criança, vivendo na sombra de Nazaré por 30 anos, e, em três anos ensinando os apóstolos, discípulos e o mundo, os santos caminhos da eternidade. E ao voltar à casa de Deus Pai deixou seus seguidores com a missão de difundir a mensagem da salvação. Por isto, nós que passamos a compor a legião de seus seguidores, temos que nos aprofundar na nossa vida interior, a fim de podermos levar sua mensagem ao mundo em incendiar a terra em amor.

“Hominem no habeo” - não tenho ninguém que me ajude. É o que poderiam afirmar - infelizmente! - muitos doentes e parálíticos do espírito, que podem servir... e devem servir. Senhor: que eu nunca fique indiferente diante das almas.

“Não tenho ninguém”, assim falou o parálítico a Cristo perante a lagoa ou o poço de Siloé, pois ninguém o levava para ser o primeiro, quando havia os primeiros movimentos da água. “Hominem non habeo”. Assim há muitas pessoas que poderiam servir a Deus e não servem, porque ninguém se lembrou deles e não foram carregados para a fonte das missões de Cristo. Temos, pois, que estar afeitos para procurar o Senhor, através do próximo necessitado de doutrina porque para isto viemos à terra. Para sermos apóstolos e discípulos do Senhor. Não podemos, portanto, deixar que pessoas que nos conheceram não tenham a oportunidade de conhecer a Cristo, por nosso intermédio.

Ajuda-me a pedir um novo Pentecostes, que abra-se outra vez a terra.

Um novo Pentecostes é o que devemos sempre pedir a Deus para que nossa evangelização seja fecunda, como foi aquela após a ascensão do Senhor aos céus. Modestos pescadores e homens do povo ganharam a língua das gentes, assim os romanos chamavam o direito dos povos e do intercâmbio (*jus gentium*), e incendiaram o Império. O Império Romano foi sendo conquistado apesar das perseguições e dos martírios impostos aos cristãos a tal ponto que, depois das mortes impostas por Diocleciano, numa cruel perseguição, isto é, apenas quinze anos depois, Constantino reconheceu a religião cristã quando mais da metade do Império já seguia a Cristo. Um novo Pentecostes é o que precisamos na atualidade para reconquistar o mundo para Cristo.

“Se algum dos que me seguem não aborrece seu pai e sua mãe, e a mulher e os filhos, e os irmãos e irmãs, e mesmo a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”. Cada vez vejo com mais clareza, Senhor, que os laços do sangue, se não passam pelo teu Coração amabilíssimo, são, para uns, motivo permanente de cruz; para outros, origem de tentações - mais ou menos diretas - contra a perseverança; para outros, causa de ineficácia absoluta; e, para todos, lastro que se opõe a uma entrega total.

Não poucas vezes, as famílias são fonte de estímulo e fundamento para a fé cristã e é bom que assim seja. Outras vezes, porém, são obstáculo, constituindo uma cruz aos que decidiram seguir Cristo e que, por mais que digam aos seus, que é o caminho da alegria e da felicidade, apesar dos obstáculos, não os conseguem convencer. A cruz, portanto, continuará, mas depois Deus recompensará. Pode acontecer, entretanto, que sejam sementes de tentação, como ocorreu com São Tomás e sua família e a mulher que contrataram para tentar Aquino e por ele, foi repudiada. E, por fim, algumas famílias conseguem afastar a entrega, tornando a vocação ineficaz. Todo este lastro pesado colocado pelo demônio tem que ser combatido com oração, mortificação, aconselhamento, vida interior e intensa vida apostólica.

A relha que rotura e abre o sulco, não vê a semente nem o fruto.

Quando o semeador passar a relha para abrir a terra para o futuro plantio não vê nenhum sulco que ficou atrás, nem a semente que foi lançada, mas naquele sulco aquela semente dará frutos. Assim somos nós, na vida apostólica, muitas vezes o que nós plantamos, somente os outros colherão, mas colherão do nosso trabalho para Deus. Assim será o nosso trabalho de apóstolos. Os martírios dos primeiros cristãos, poucos dos mártires viram como as sementes do seu sacrifício frutificaram, ao ponto de após a última perseguição de Diocleciano, os cristãos, já constituíam mais da metade do Império, o que levou Constantino, apenas treze anos depois, a reconhecer a religião cristã, que algumas décadas depois seria a religião do Império.

Depois da tua decisão, fazes cada dia uma nova descoberta. Lembras-te de ontem, quando te perguntavas constantemente: “E isto, de que maneira...?, para continuares depois nas tuas dúvidas ou nos teus desencantos... Agora sempre encontras a resposta exata, fundamentada e clara. E, ao ouvires como respondem às tuas perguntas às vezes pueris, ocorre-te pensar: “Assim deve ter atendido Jesus os primeiros Doze”.

Quando decidimos seguir Cristo, todos os dias descobrimos algo novo e essas descobertas podem levar-nos a questionamentos muitas vezes pueris. Temos, nesses momentos, que nos aconselhar com aqueles que nos levaram e com sacerdotes bons e fiéis, que é como Nosso Padre, um santo de altar, pediu a um pobre pecador que rezasse para que ele fosse um sacerdote bom e fiel. Todos os sacerdotes são bons, mas alguns estão doentes como dizia o nosso Padre e precisam ser tratados. Temos que nos aconselhar com osãos e, por mais pueris, que sejam as perguntas, é bom que as façamos. E como deve ter acontecido com os primeiros apóstolos, em seus questionamentos a Cristo, Cristo respondia preparando-os para a saga da expansão do cristianismo, à custa de oração, sangue, mortificações, vida interior e apostólica, além de um grande amor ao próximo.

Vocações, Senhor, mais vocações! Não me interessa se a semeadura foi minha ou de outro - semeaste Tu, Jesus, com as nossas mãos! -; somente sei que nos prometeste a maturidade do fruto: “et fructus vester maneat!” - que o nosso fruto será duradouro.

O trabalho de todos no apostolado, como a relha que não vê a semente lançada, mas gera frutos. Conforme a vontade de Deus e normalmente, não é vista pelo semeador. Nem sempre os que colhem o fruto não o semearam, mas só o colhem porque a semente foi lançada. Estamos colhendo hoje as sementes de Paulo, José e Tiago, sementes ofertadas por Deus, através de seu filho primogênito Cristo. Assim são as obras do apostolado, em que Cristo, tendo escolhido os primeiros doze, que com a apostasia de Judas e seu errado arrependimento, reduziu-os, numa primeira fase, a onze, até a eleição de Matias, outro pôs-se a missão de semear a terra, sabendo que só aquelas sementes que caíram em terra boa gerariam 30, 60, 100 frutos cada uma.

Sê claro. Se te dizem que vais “pescá-los”, responde que sim, que é o que desejas... Mas..., que não se preocupem! Porque, se não têm vocação - se Ele não os chama -, não virão, e se não a têm, que vergonha acabarem como o jovem rico do Evangelho: sozinhos e tristes.

Não há nada de errado dizermos aos outros que queremos levar nossos amigos a conhecer mais a Deus e, se possível, tornarem-se apóstolos, pois foi isto que fizeram os primeiros cristãos. E, hoje, como no passado, temos sido perseguidos por aqueles que se incomodam que possamos pregar virtudes quando querem viver o egoísmo, a mentira, a fraude e a deterioração de costumes, da família e da dedicação ao próximo. Uns terão vocação para apóstolos, outros não, mas os que têm vocação até para uma dedicação maior a Deus, temos que lhes dar a chance de decidir, o que vale dizer, se quiserem seguir, o nosso rebanho será maior, se não, talvez siga como o jovem rico que se afastou triste de Cristo, tristeza a que na hora da morte deve ter sido maior, pois desperdiçou a sua vida sem ter sido útil, usufruindo suas riquezas e nada mais.

A tua tarefa de apóstolo é grande e bela. Estás no ponto de confluência da graça com a liberdade das almas; e assistes ao momento soleníssimo da vida de alguns homens: o seu encontro com Cristo.

A vida do apóstolo é bela, pois qualquer conversão gera uma grande alegria. É que ela se dá no encontro da graça de Deus, que pode estar chegando por nossas mãos, e a liberdade de cada um de responder sim ou não a Deus. E quando a resposta é sim, a alegria de trazer mais alguém para o redil do Senhor oferta a quem presencia este momento a grande recompensa dos céus a nós pobres pecadores. Nosso caminho de apóstolo é fazer com que ocorra ao maior número de pessoas de nossas relações este encontro de fiéis, isto é liberdade, pois o universo que descortinamos a cada convertido corresponde à troca do temporário pelo eterno, dos prazeres que desaparecem, como fogos de artifícios, pela felicidade de uma luz que ilumina todo o Universo e no fim troca a morte certa pela vida eterna.

Parece que vos escolheram um a um..., dizia alguém. - E assim é!

O apostolado mais eficaz é aquele que é feito individualmente, ou seja, aquele em que conversamos com um amigo e vamos convencendo-o dos caminhos que levam a Deus. É que na confiança e na amizade é possível corrigir os defeitos e obstáculos que dificultam um amigo de chegar ao Senhor e vai se podendo explicar as belezas que envolvem a entrega a uma missão que, desde a criação, Deus espera que cada um de nós possa abraçar, respeitando sempre o nosso livre arbítrio. Esta é a razão que cuidar de cada um, individual e separadamente, é ainda a forma mais eficaz de conquistar mais uma ovelha para o redil. E, por isso, que muitos se impressionam com a lição de São Josémária da santificação do trabalho ordinário, que foi obtida na conquista de cada um.

Convence-te: necessitas formar-te bem, com vistas a essa avalanche de gente que se jogará sobre nós, com a pergunta precisa e exigente: - “Bom, o que há que fazer?”.

Para sermos apóstolos temos que nos formar bem. Cristo ficou durante três anos formando os seus e, não contente, quando da ressurreição, por mais quarenta dias completou a formação e, após Pentecostes, lançou-os ao mundo. Assim temos nós que nos formar e embora falte a lição direta com Cristo, na Eucaristia, por quinze minutos, podemos sentir mais intensamente sua presença, conservando-a depois. Sempre podemos tê-la diariamente, lembrando Fulton Sheen, que tudo o que fez deveu-se à hora diária que passava perante o sacrário todo dia, desde o seminário. Formar-nos com uma boa leitura e uma boa direção espiritual. Assim poderemos dizer a todos aqueles que aproximarmos de Deus o que fazer, como fazer, para que fazer, como fizeram os primeiros apóstolos.

Uma receita eficaz para o teu espírito apostólico: planos concretos, não de sábado para sábado, mas de hoje para amanhã, e de agora para daqui a pouco.

Nossos planos apostólicos não têm que ser para futuro distante, mas para agora. “Hodie, nunc!”. Hoje e agora. Assim devemos agir, diariamente. Deus nos deu vinte e quatro horas num dia. Destas, até para dormir devemos estar com Deus e com planos apostólicos para o dia seguinte. Uma oração de agradecimento e de exame de consciência antes de dormir e uma oração de oferecimento de obras ao acordar. Desta forma, todos os nossos projetos de cidadãos comuns incorporarão o trabalho, a família e Deus - assistir à missa pela manhã e oferecer a melhor parte do dia ao Senhor – serão sempre a forma de criar as bases para o apostolado, a vida social e a vida cidadã, sempre para persistir na missão cristã.

Cristo espera muito do teu trabalho. Mas tens que sair em busca das almas, como o Bom Pastor foi atrás da centésima ovelha: sem esperar que te chamem. Depois, serve-te dos teus amigos para fazer bem a outros: ninguém pode sentir-se tranqüilo - dize-o a cada um - com uma vida espiritual que, depois de inundá-lo, não transborda em zelo apostólico.

Como o bom pastor, que Cristo colocou no meio em que vivemos para despertar às almas para Deus. Não podemos nos sentir tranquilos nunca. Enquanto, nas nossas relações familiares, profissionais e sociais houver pessoas que não encontraram Deus, que estão afastados por variados motivos ou à espera de que alguém os esclareça, não podemos deixar de tentar aproximá-los com oração, amizade, serenidade, exemplo e confiança fraternal para que compreendam a alegria e a perenidade das nações cristãs, daqueles povos que abraçaram a Deus, muitos dando a vida por fidelidade. Cada ovelha reconduzida ao redil vale todo o universo, pois, para Deus uma alma única é mais valiosa que todas as coisas do universo. Não podemos parar até a morte de nos dedicarmos ao apostolado.

Não é tolerável que percas o tempo nas tuas “bobagens”, quando há tantas almas que te esperam.

Não podemos perder, deixando a imaginação divagar, o tempo que é de Deus ou preenchendo o tempo com coisas que nos afastam de Deus, ou seja, perda de tempo para a própria vida familiar e profissional da pessoa. Ou ainda, se pensarmos nos ditos populares, devemos enterrar a frase “questão de tempo”, “jogando o tempo ou o papo fora”, “passando o tempo”. O tempo do cristão é de Deus e não se pode gastá-lo inutilmente. Temos que aproveitá-lo sempre e lembrar que, mesmo no descanso se com Deus, não o perdemos, pois estamos sempre aproveitando para fazê-lo com a boa leitura, música ou filmes bem escolhidos e passeios que aumentem a nossa cultura. E, decididamente, o perdemos quando queremos vinganças, retaliações ou quando guardamos ressentimentos e deixamos a cabeça divagar.

Apostolado da doutrina: esse será sempre o teu apostolado.

Da mesma forma, que em tudo na vida que fazemos, necessitamos de nos aprofundar no conhecimento do que fazemos, na vida espiritual também necessitamos de saber. A doutrina é fundamental. Cristo deu doutrina a seus apóstolos durante três anos para que eles pudessem dar doutrina para o mundo e nós se queremos ser apóstolos temos que aprender doutrina de quem sabe para podermos ministrar doutrina. A conversão pode vir de diversas formas, mas, o mais provável, é que sintamos, no momento, o brilho divino e, imediatamente, percebamos o mundo maravilhoso que se descortina à nossa frente. Depois, todavia, pode vir o esfriamento do primeiro impacto e se não houver um embasamento da doutrina, corre, o convertido, o risco de não perseverar. Temos, pois, que dar doutrina.

A maravilha do Pentecostes é a consagração de todos os caminhos: nunca pode ser entendido como monopólio nem como estima por um só em detrimento de outros. O Pentecostes é indefinida variedade de línguas de métodos, de formas de encontro com Deus: não uniformidade violenta.

Pentecostes abre uma infinidade de caminhos para Deus. Podemos chegar a todos os povos, falar todas as línguas, utilizar todos os métodos. Não há uniformidade no apostolado, mas sim unidade da doutrina. Da mesma forma que Deus nos fez todos diferentes uns dos outros, assim todos os caminhos estão abertos para Deus. Esta imposição, que muitos pretenderam de que só haveria uma forma e que ela deveria ser seguida à risca e até exigida com violência não existe. Quando lemos as cartas dos primeiros apóstolos, percebemos que dizem a mesma mensagem, de forma diferente. Assim devemos ser nós, pois só assim seremos os apóstolos que o Senhor desejou e que Pentecostes mostrou como seria.

Escrevias-me: uniu-se ao nosso grupo um rapaz jovem, que ia para o norte. Era mineiro de profissão. Cantava muito bem, e veio acompanhando o nosso coro. Rezei por ele até chegar à estação em que descia. Ao despedir-se, comentou: “Quanto gostaria de continuar a viagem com vocês!” - Lembrei-me imediatamente do “mane nobiscum!” - fica conosco, Senhor! -, e pedi-Lhe novamente com fé que os outros “O vissem” em cada um de nós, companheiros do “Seu caminho”.

O exemplo do nosso Padre é significativo. Um jovem, que convive numa viagem com um grupo de obra e que gostaria de continuar com o grupo. Assim deveria ser a nossa convivência com os outros. Que todos sentissem quando estão conosco com vontade de continuar, pois é nossa missão, por estarmos na obra, de que o nosso apostolado seja fruto da amizade e da confiança. Fomos preparados para atuar, na santificação do trabalho cotidiano com o encontro pessoal e com a estima que conseguirmos. O contato pessoal permite que conheçamos a vida, os problemas e a forma como devemos auxiliar aqueles que devem se aproximar de Deus. O aspecto diferencial do nosso carisma é este. Procurarmos ser santos, no meio do mundo, sendo rigorosamente leal aos outros nesta procura pela santidade divina. Somos apóstolos e esta é a nossa missão.

Pela “senda do justo descontentamento” foram-se embora - e continuam indo - as massas. Dói..., mas quantos ressentidos não temos fabricado entre os que estão espiritual ou materialmente necessitados! - É necessário voltar a meter Cristo entre os pobres e entre os humildes: é justamente entre eles que se sente melhor.

Muitos que se aproximam de Deus, afastam-se quando são tratados de forma inadequada ou quando o exemplo dos cristãos não corresponde ao “Cristianismo de Cristo” ou ainda, que, por estarem mal preparados, não sabem explicar o Tesouro da Igreja para essas pessoas. O “justo descontentamento” destes que ouviram o chamado do Senhor e não perseveraram por nossa culpa deve nos servir de alerta, lembrando sempre que Cristo era mais compreendido pelos pobres e, por essa razão, escolheu entre estes, exceção feita a Mateus, seus primeiros discípulos, que se tornaram, conhecedores da doutrina do Mestre, por terem vivido com o Senhor durante três anos. Temos que estar atentos e saber pregar como viver a humildade no apostolado, sempre nos aprofundando no conhecimento da fé.

Professor: que te entusiasme fazer compreender aos alunos, em pouco tempo, o que a ti te custou horas de estudo chegar a ver com clareza.

Temos, como professor - e só no campo universitário, eu o sou há 59 anos - que mostrar aos nossos alunos, que aquilo que ensinamos em pouco tempo, levamos um longo tempo de estudo e que todos devem compreender que para se dominar, razoavelmente, algum campo do conhecimento, há mais necessidade de transpiração do que inspiração. Tudo isto, todavia, devemos ensinar com entusiasmo para que não sintam que cumprimos uma obrigação cansativa e tediosa, mas que nos alegra estar ensinando e que cada aluno é para nós importante. Só assim santificaremos o trabalho ordinário, santificar-nos-emos com o trabalho ordinário e santificaremos os alunos com o nosso trabalho ordinário. Todos os professores deveriam refletir sobre esta questão.

O desejo de “ensinar”, e “ensinar com toda a alma”, cria nos alunos uma agradecimento que constitui terreno idôneo para o apostolado.

O educador deve ensinar com o coração voltado aos alunos. Ensinar com alma. Os alunos têm que perceber que gostam de ensinar e querem que o aluno aprenda e cresça. Por isto dedicam-se ao magistério com entusiasmo. Ora, o professor que gosta do que faz, que gosta para quem faz e gosta da escolha feita, passa, como cristão, a encontrar o verdadeiro campo para o apostolado, pois os alunos respeitarão muito mais quando falarem de Deus, pois o respeitam como professor. Isto é o que se chama o apostolado de confiança e amizade. Os alunos compreenderão que o amor a Deus se dá com naturalidade e Cristo uniu-se aos homens, tornando-se igual a nós, menos no pecado. O bom professor cristão é necessariamente um bom apóstolo.

Gosto desse lema: “Cada caminhante siga o seu caminho” - aquele que Deus lhe traçou -, com fidelidade, com amor, ainda que custe.

Cada caminhante segue o seu caminho. É que Deus tem um plano para cada um de nós. E temos que segui-Lo, mesmo que nos custe. Se seguirmos com amor e fidelidade custará pouco, por mais difícil que seja. É que temos que aprender que, na vida, estamos de passagem até Deus nos chamar. Não devemos ter a tendência de considerar como definitivas as coisas temporais, colocando toda força possível para torná-las eternas, quando não o são. É curioso como muitos passam a vida inteira lutando para o sucesso na vida, como se fosse eterno, algo que some e esquecem do que é eterno, ou seja, a busca do Senhor, numa vida cotidiana com a presença de Deus. De Deus nosso Pai, que nos observa dos céus, em outras dimensões fora da nossa compreensão, e examina os nossos atos e verifica se vivemos o amor a Deus e ao próximo.

Que lição tão extraordinária cada um dos ensinamentos do Novo Testamento! - Depois de o Mestre lhes ter dito, enquanto ascendia à direita de Deus Pai: “Ide e pregai a todos os povos”, os discípulos ficaram com paz. Mas ainda têm dúvidas: não sabem o que fazer, e reúnem-se com Maria, Rainha dos Apóstolos, para se converterem em zelosos pregoeiros da Verdade que salvará o mundo.

“Ide e pregai a todos os povos”. Cristo disse a seus apóstolos e, com apoio de Maria, após o Pentecostes, invadiram o mundo com a mensagem de Cristo. Assim temos que agir, como os apóstolos do século XXI. O mundo está à nossa espera e nós não podemos esperar. Temos que perceber que, como dizia Santo Tiago, cada alma que salvarmos, a nossa salvação está mais segura e cada alma que salvarmos pode tornar-se um apóstolo ou um discípulo a propagar a boa nova. O mundo é do Senhor, que saberá separar na eternidade, todos os que O serviram e tiveram a misericórdia de ter os seus pecados perdoados, e todos aqueles que O ignoraram ou O atacaram como aqueles que levaram uma vida falsa, mesmo assim como um pedido de Cristo a Deus Pai para perdôá-los, se arrependidos.

SOFRIMENTO

Comentavas que há cenas da vida de Jesus que te comovem mais: quando se põe em contacto com homens em carne viva..., quando leva a paz e a saúde aos que têm a alma e o corpo despedaçados pela dor... Estusiasmas-te - insistias - ao vê-Lo curar a lepra, devolver a vista, sarar o paralítico da piscina: o pobre de quem ninguém se lembra. Tu O contemplas, nesses momentos, tão profundamente humano, tão ao seu alcance! - Pois olha..., Jesus continua a ser o mesmo de então.

Quando vemos Jesus Cristo apiedado com o sofrimento dos outros, curando o cego, o paralítico, o leproso, o endemoniado e tantos quantos chegavam até Ele, vemos que os milagres, por Sua vontade, existiram. A Comunhão dos Santos, vivos e mortos, continua acontecendo, como aconteceu com a intercessão de Pedro e de outros Apóstolos após a ascensão. Deus está presente hoje e estará presente no futuro, curando o sofrimento através dos Santos. Só são beatificados com comprovação de milagres e, em sua maioria quando a medicina não consegue a cura. Cristo sofreu e aliviou o sofrimento alheio, mas mostrou também que suportar o sofrimento é mais fácil se pedimos a Deus força para enfrentar a dor.

.

Pediste ao Senhor que te deixasse sofrer um pouco por Ele. Mas depois, quando chega o padecimento em forma tão humana, tão normal - dificuldades e problemas familiares..., ou essas mil e uma insignificância da vida diária -, custa-te trabalho ver Cristo por trás disso. - Abre com docilidade as tuas mãos a esses pregos..., e a tua dor se converterá em alegria.

Quando teorizamos o amor de Cristo, através do sofrimento e dizemos que gostaríamos de sofrer um pouco como Ele, mas, na prática, não suportamos os aborrecimentos e as contrariedades de cada dia, não compreendemos o significado do sofrimento cristão. Deus e Seu Filho unigênito, com a aspiração do Espírito Santo, demonstraram que o sofrimento aparece em muitos momentos da vida, e será nossa função na terra suportá-lo, carregando uma cruz, que passa a ser mais suave e mais leve, pois a Santíssima Trindade nos ajuda a carregá-la. Deus é nosso Pai e, ao permitir o sofrimento temporário para o nosso crescimento na compreensão do que é a nossa passagem pela terra, ajuda-nos a ganhar a fortaleza que nos auxiliará a alcançar a eternidade.

Não te queixes, se sofres. Lapida-se a pedra que se estima, que tem valor. Dói-te? - Deixa-te lapidar, com agradecimento, porque Deus te tomou nas suas mãos como um diamante... Não se trabalha assim um pedregulho vulgar.

Os diamantes, para limpar as impurezas, têm que ser desbastados. Todo acréscimo sem valor é retirado. Assim são as almas para Deus. O sofrimento do cinzel ou o bisturi do ourives divino prepara a alma para a eternidade e para brilhar, em vida na terra como um farol para os outros. É assim que Deus nos vê, é assim que Deus nos prepara para o apostolado e para a difusão de Seu reino na terra. Não devemos, pois, nos entristecer quando a dor e o sofrimento nos atingem, pois em Deus, tudo é bendito, tudo tem seu valor transcendental e nos purifica, pois passamos a dar valor ao que valor tem e a utilizar os bens na terra como trampolim para a eternidade, a serviço do próximo.

Os que fogem covardemente do sofrimento têm matéria de meditação ao verem o entusiasmo com que outras almas abraçam a dor. Não são poucos os homens e as mulheres que sabem padecer cristãmente. Sigamos o seu exemplo.

O cristão, que tem certeza de que estamos aqui de passagem para a vida eterna, sabe suportar a dor e o sofrimento. Oferecem o que estão passando a Deus e a todos que necessitam, que são mais próximos, como Cristo ofereceu Sua vida para a redenção da humanidade. Têm paz e sabem que Deus dará as forças necessárias para viver aqueles momentos. Às vezes, chegam até, naquelas doenças cuja dor será permanente durante a vida, a fazer melhor, de forma a deixar menos preocupados aqueles que com ele convivem. O sofrimento sem Deus é mais difícil, e aquele que leva à morte, normalmente de uma vida voltada para a autorrealização e para o seu egoísmo pessoal, ainda mais cruel, pois a proximidade do fim, em poucas ocasiões, mostra a inutilidade da vida levada, tendo sua costura sido feita com uma agulha sem linha.

Lamentas-te?... E explicas-me, como se tivesse razão: Uma alfinetada!... outra!... “Mas não reparas que é uma tolice surpreender-nos por haver espinhos entre as rosas?”

Não temos que nos lamentar se encontramos contrariedades na vida. Elas estão presentes na vida de todos nós. Entre alegrias e tristezas humanas, encontramos, com Cristo, a paz na dor e a felicidade pelos bons momentos. A vida, como dizia o poeta Sade, só enrijece aos que lutam, ou seja, aos fortes. E como nossa fortaleza vem de Deus, se estivermos sob Sua proteção e não nos esquivarmos dela, sempre venceremos, mesmo que aos olhos dos homens tenhamos fracassado. Deus nunca abandona os Seus, mesmo nos nossos fracassos em momentos mais difíceis. Morrer, com a presença de Deus, é mais fácil do que sem o consolo da esperança futura, que só a fé permite, como diz nosso Padre: “como as rosas que têm espinhos, nossa vida terá contrariedades que não nos impedirão de colher rosas.”

Deixa-me que, como até agora, continue a falar-te em confidência: basta-me ter diante de mim um Crucifixo, para não me atrever a falar dos meus sofrimentos... E não me importo de acrescentar que tenho sofrido muito, sempre com alegria.

A confidência de nosso Padre foi muito clara, pois, tendo sofrido muito e quase sido morto na Revolução Espanhola, até conseguir escapar para Burgos viveu em tensão todos os dias. Assim como sofreu com todas as incompreensões com a obra e com alguns desvios que ocorriam na própria Igreja após o Vaticano, e com sacerdotes abandonando a batina, sempre manteve a alegria ao comparar seu sofrimento com o de Cristo na cruz, e foi a serenidade com que pedia perdão para os seus algozes e convertia um criminoso na cruz. Na vida, todos temos sofrimentos, e não só os cristãos, mas também os não cristãos. Ocorre que nós, os cristãos, encontramos na cruz de Cristo a nossa força para suportá-los, pois o Senhor nos deu o exemplo, e a cruz passa a ter um significado enquanto os não cristãos sofrem e não sabem como enfrentá-lo, senão com raiva.

Não te compreendem?... Ele era a Verdade e a Luz, mas também os seus não O compreenderam. - Como tantas vezes te fiz considerar, lembra-te das palavras do Senhor: “Não é o discípulo mais do que o Mestre”.

Sempre temos a sensação de que, por mais bem-intencionados que sejamos, muitos não nos compreendem e até nos criticam. Quanto mais pensamos no apostolado, mais temos que ter a certeza de que os obstáculos aparecerão, a incompreensão existirá e, certamente, a crítica, que pode ser, às vezes, até para nos prejudicar no meio em que vivemos. Nosso caminho, todavia, é igual ao de Cristo. Muitos nos seguirão, muitos nos atacam, e outros serão indiferentes. A incompreensão e o incômodo que Ele gerava nos que tinham vida desregrada ou afastada de Deus terminaram por levá-lo ao cadafalso. Apesar dos homicidas que o condenaram à morte, a ressurreição, como dizia São Paulo, mostrou Sua divindade e o cristianismo cresceu no mundo. Nós não podemos, pois, ser diferentes de nosso Mestre.

Para um filho de Deus, as contradições e as calúnias são, como para um soldado, feridas recebidas no campo de batalha.

A imagem não poderia ser melhor. As contradições e calúnias que sofremos na nossa luta para estender o Reino de Deus são idênticas às feridas que um soldado sofre em campo de batalha. Apenas a nossa batalha é para ganhar a eternidade, e nem sempre as batalhas humanas são frutos de ideais, mas de ambições pessoais. É evidente que o soldado que luta para defender sua pátria contra uma invasão injusta luta por patriotismo, e essa luta é meritória. Somos guerreiros da paz e do amor, e as feridas recebidas nesta luta são curadas pelo médico divino, que, no futuro, recompensará com a vida eterna em Sua companhia. Vale a pena esta luta. Benditas as feridas desta guerra.

Andas na boca de todos... Que importa a fama? De qualquer modo, não sintas vergonha nem pena por ti, mas por eles: pelos que te maltratam.

Dizia o fundador da obra, quando era atacado por muita gente, atingindo, muitas vezes, sua honra: “Se Deus, Vós não precisais de minha honra, para que eu preciso?”. Ao dizer essas palavras, adquiria a serenidade que os cristãos dos primeiros tempos tinham, quando perseguidos pelos judeus e pelos romanos. Não temos que nos preocupar com as críticas, com as maledicências, com os ataques à nossa honra, à nossa maneira de ser, à devoção ao nosso Deus e à defesa dos valores que fazemos por convicção. Só nos interessa um espectador, que é Deus. Os outros, porque são filhos de Deus e nós queremos que voltem à casa do Pai. A vida assim fica mais leve, e o nosso baú de ressentimentos sem fundos faz-nos dormir tranquilos, sem pesos inúteis sobre as costas.

Umas vezes, não querem entender: estão como cegos...
Mas, outras, és tu que não consegues fazer-te compreender: corrige-te!

Embora, por melhor que seja o que dizemos sobre Cristo, muitos que nos ouvem não querem nos entender. O próprio Cristo encontrou esses terrenos pedregosos, espinhosos e desviados do caminho. O problema, todavia, é quando o terreno é fértil e nós não sabemos fincar a semente. Nossa palavra é de tal ordem mal apresentada que antes afastamos de Deus quem queremos Dele aproximar. Um bom começo é o exemplo. Um bom profissional, respeitado em sua classe e com comportamento conjugal incensurável, tem mais possibilidades de êxito na pregação, pois tem autoridade moral para fazê-la. Mas temos que conhecer o que vamos dizer, pois a palavra é essencial.

Não basta ter razão. Além disso, é necessário fazê-la valer..., e que os outros queiram reconhecê-la. Não obstante, afirma a verdade sempre que for necessário, sem te deteres pelo “que vão dizer”.

Não podemos apenas ter fé. Temos que procurar fazer com que ela seja compreendida, muito embora, muitas vezes, por comodismo, preguiça, comportamentos inadequados ou meras justificativas para se continuar no erro, não poucas pessoas não nos ouvem. Não podemos, entretanto, deixar de dizer a verdade, mesmo que nos custe. Sabemos, de antemão, que seremos criticados. É que, na missão, temos que prestar contas a Deus e não aos homens, por isso, em determinados momentos temos que dizer como o personagem da ilustre casa dos Ramires, quando em desgraça com o rei: “Mal com o Rei e com o reino, mas bem com Deus e minha consciência.” Devemos, todavia, nos preparar para termos a certeza de que estamos dizendo a verdade de Deus e não a nossa verdade, fruto de quem não se preparou para dizê-la.

Se frequentas a escola do Mestre, não te há de estranhar que também tenhas de labutar contra a incompreensão de tantas e tantas pessoas, que poderiam ajudar-te muitíssimo se simplesmente fizessem o menor esforço por ser compreensivas.

Quando, por graça de Deus, decidimos abraçar o cristianismo, algo que o Senhor deixou ao nosso livre-arbítrio, vamos encontrar, como Cristo encontrou, incompreensões, até mesmo de pessoas boas, que poderiam auxiliar muito a evangelização dos povos. Não temos que nos preocupar. Temos que fazer a nossa tarefa, independentemente dos resultados. Estes são definidos pelo Mestre Divino, que sabe melhor do que nós o tempo e a hora de tudo. Ao dar a liberdade de escolha a cada um de nós, sabia que muitos escolheriam viver no mundo de egoísmos, buscando, a qualquer custo, todas as concupiscências, mas sabia também que outros O seguiriam, e estes dariam cem frutos, sessenta e trinta.

Não o maltrataste fisicamente... Mas ignoraste-o tantas vezes! Olhaste-o com indiferença como se fosse um estranho. - Parece-te pouco?

Muitas vezes, olhamos para Cristo com indiferença, como uma imagem apenas. Muitos usam o crucifixo como mero adorno, outros, como decoração. E grande parte olha com indiferença, sem perceber que é o Senhor Deus do Universo. E nós, me pergunto, quantas vezes, sem maltratá-Lo, por sermos cristãos, não fomos também indiferentes. Não O olhamos como um acréscimo à nossa vida e não como a razão de ser dela. Podemos, em nosso trabalho, santificar-nos, tendo Cristo como modelo, sendo, ao mesmo tempo, iguais e diferentes dos outros, fazendo o mesmo trabalho que os outros, mas sendo diferentes, pois, quando oferecemos o trabalho a Deus e, eticamente, procuramos ser o melhor que pudermos, nos distinguimos.

Sem o pretender, os que perseguem santificam... - Mas ai desses “santificadores”!

Quando somos perseguidos e oferecemos o sofrimento a Deus, estamos nos santificando. E, à evidência, estamos nos santificando graças aos perseguidores. Estes são, pois, o instrumento de nossa santificação. Apesar de serem santificadores, nitidamente não merecem o céu, mas, possivelmente, o inferno, se o motivo da perseguição for de má-fé. Muitas vezes, uma perseguição injusta pode ser movida pela boa-fé, o que gera uma atenuante natural ao ato. O ato injusto, todavia, não se justifica pela boa-fé do agente, mas por ser intrinsecamente mau. Por essa razão, em todas as nossas ações, temos que nos perguntar se elas serão ou não justas, para que uma má avaliação não gere consequências injustas para terceiros.

Na terra, muitas vezes se paga caluniando.

Contam os chineses uma história curiosa. Um chinês passava por uma rua onde, de um sobradinho, um menino de uns doze anos lhe atirava, todos os dias, uma pequena pedra, que não lhe machucava, mas incomodava. Um dia, o filósofo chinês parou, olhou o menino e disse: “Meu filho, por que você me quer tanto mal, se eu nunca lhe fiz bem nenhum?” Muitas vezes, paga-se o bem com a calúnia. A gratidão é uma virtude rara entre os humanos. Foi assim que os judeus reagiram às lições de Cristo, e nós, não poucas vezes, vemos entre nós o mesmo comportamento. E temos que nos perguntar: será que com Deus não agimos da mesma forma muitas vezes? Nos esquecemos d’Ele e fazemos o que não deveríamos? Temos que meditar muito sobre esse ponto, não entendendo que só os outros são ingratos, mas que, com Deus, não poucas vezes agimos da mesma forma.

Há almas que parecem empenhadas em inventar sofrimentos, torturando-se com a imaginação. Depois, quando chegam penas e contrariedades objetivas, não sabem estar como a Santíssima Virgem, ao pé da Cruz, com o olhar pendente do seu Filho.

Quando Santa Teresa declarou que a imaginação é a doida da casa, é porque sabia que ela pode fazer estragos, como um elefante numa loja de cristais. Os sofrimentos criados pela imaginação não são reais. As pessoas perdem o sono, pensam em vinganças, fazem planos mirabolantes para enfrentar, mas não passam dos moinhos de ventos que Dom Quixote combateu pensando serem inimigos incontroláveis e do mal. E tais pessoas, quando têm que enfrentar dores reais, estão menos preparadas do que as outras e sofrem muito mais. Com Deus, o sofrimento é leve e suave, mesmo quando doloroso, pois Ele carrega o sofrimento conosco. Temos, pois, que saber distingui-los: o real do imaginário.

Sacrifício, sacrifício! - É verdade que seguir a Jesus Cristo - disse-o Ele - é levar a Cruz. Mas não gosto de ouvir as almas que amam o Senhor falarem tanto de cruzes e de renúncias: porque, quando há Amor, o sacrifício é prazeroso - ainda que custe - e a cruz é a Santa Cruz. - A alma que sabe amar é entregar-se assim, enche-se de alegria e de paz. Então, por que insistir em “sacrifício”, como que procurando consolo, se a Cruz de Cristo - que é a tua vida - te faz feliz?

Há cruz em seguir Cristo, não há dúvida. Mas é leve, como suave o jugo, pois conseguimos por amor. E o amor suporta tudo com paz e alegria. O cristão que se queixa da renúncia feita sempre encontra um sofrimento maior, tanto maior quanto mais cresce sua alegria pelas renúncias. A alegria deve ser sempre a fonte maior de sua adesão a Cristo, pois sua vida de passagem pela terra ganha sentido. É uma preparação para a eternidade, cuja dimensão e convívio dos cristãos desconhecemos em sua grandeza, pois ainda não temos a inteligência para perceber e que, de longe, a razão humana é incapaz de atingir. A nossa entrega pressupõe renúncias, e tem o mérito infinito de amor ao Criador, que é nosso Pai.

Quanta neurastenia e histerismo se eliminariam se - com a doutrina católica - se ensinasse de verdade as pessoas a viverem como cristãos; amando a Deus e sabendo aceitar as contrariedades como bênção vinda da sua mão!

Viveríamos muito melhor, se aceitássemos todas as contrariedades com espírito cristão, lembrando que o discípulo não é melhor que o Mestre, e o Mestre, mesmo na cruz, teve tempo de perdoar os Seus algozes, dizendo que não sabiam o que estavam fazendo. Converteu um criminoso e levou-o para o céu e deu Nossa Senhora como mãe de toda a humanidade. Por isso, enfrentar com tranquilidade as contrariedades, pedindo forças a Deus, é o melhor caminho. Temos que ter certeza de que Deus nunca chega atrasado. Ele sabe a razão de tudo, e sempre enfrentamos muito mais facilmente as dificuldades com Ele do que sozinhos. A vida tem momentos de alegria e de tristeza, mas a tristeza ao lado de Cristo é menos triste.

Não passes indiferente diante da dor alheia. Essa pessoa - um parente, um amigo, um colega..., esse que não conheces - é teu irmão. - Lembra-te daquilo que relata o Evangelho e que tantas vezes leste com pena: nem sequer os parentes de Jesus confiavam nele. - Procura que a cena não se repita.

O sofrimento alheio é o sofrimento de um irmão nosso. Não podemos ser indiferentes à dor dos outros. Temos que procurar reduzi-la, auxiliar quem sofre, consolá-lo, dar-lhe apoio para enfrentar suas dificuldades, principalmente numa doença letal, em que o consolo é o melhor que podemos fazer para a pessoa ter forças de enfrentar a morte com dignidade, recebendo a unção dos enfermos. Cristo, muitas vezes, foi ignorado no bem que fez, como no caso dos leprosos. Ele, entretanto, teve pena deles e os curou. Temos que nos solidarizar com quem sofre, procurando mitigar sua dor, ao limite de nossas forças e do que pode ser feito para diminuir o sofrimento de quem padece. Somos todos irmãos de passagem pela terra.

Imagina que na terra não existem senão Deus e Tu. - Assim te será mais fácil sofrer as mortificações, as humilhações... E, por fim, farás as coisas que Deus quer e como Ele as quer.

Se imaginarmos o mundo só com Deus e nós mesmos, todo o resto perde importância, pois só nos interessa servir a Deus. As dores, sofrimentos e mortificações tornam-se sem peso maior, porque são apenas ocorrências que durarão, no máximo, até a morte, mas para aqueles que amam e servem a Deus, não os acompanham na eternidade. Estou convencido de que Deus nos manda para a terra para treinar-nos para a eternidade e verificar como nos comportamos nos desafios da vida. Vale a pena pensarmos que, na vida, temos que nos dedicar ao que fazemos com o máximo de esforço, auxiliando o próximo no que pudermos, mas para a nossa salvação vale pensar que o que conta somos nós perante Deus.

Às vezes - comentava aquele doente consumido de zelo pelas almas -, o corpo reclama um pouco, queixa-se. Mas procuro também transformar “esses queixumes” em sorrisos, porque se mostram muito eficazes.

Dar um sentido positivo à dor é a forma de enfrentá-la. E oferecê-la em benefício do próximo é fazer a vontade de Deus. A partir do momento em que oferecemos o nosso sofrimento a Deus para que alguém seja por Ele beneficiado, Deus se alegra, pois é isso que Cristo fez pelo mundo ao vir para o nosso mundo, na certeza da crucificação, para, com a cruz, salvar a humanidade e, com a ressurreição, lembrá-la de que é Deus e que todos os seres humanos poderão voltar a crer em Sua divindade. E percebam que as dores suportadas e oferecidas são um grande instrumento de conversão. Cristo sofreu por nós, e nós podemos sofrer por Cristo.

Uma doença incurável, que limitava a sua ação. E, no entanto, dizia-me contente: “A doença porta-se bem comigo e cada vez a amo mais; se me dessem a escolher, voltaria a nascer assim mil vezes!”

As doenças limitam a ação de qualquer pessoa. E muitos não querem aceitá-las, resultando em tê-las sem saber aproveitar tanto a doença quanto as limitações para crescer. São Pedro aproveitou seu oferecimento a Deus e fortaleceu a fé dos demais quando se ofereceu ao sacrifício. Nosso Padre, que sofria de diabetes, oferecia-a para o crescimento da obra. Conheço um cristão que sofre sérias dificuldades de locomoção, mas aproveita para oferecê-la a Deus e às Suas obras e trabalha, nos limites de sua insuficiência, sem parar. E já não é criança. Sua determinação ancorada em Deus, me auxilia muito. As doenças são dores, instrumentos de crescimento espiritual, laboral e apostólico.

Jesus chegou à cruz depois de se preparar durante trinta e três anos, toda a sua Vida! - Seus discípulos, se de verdade desejam imitá-lo, devem converter a sua existência em corredenção de Amor, com a negação de si mesmos, ativa e passiva.

Jesus Cristo, desde que veio à terra, sabia que Seu ato de redenção seria a cruz. Preparou-Se, durante 33 anos, para a difícil compreensão de todos: o ato de redenção, sofrimento e amor que foi a crucificação. Tentou preparar Seus discípulos, que só O compreenderam, de rigor, após a ressurreição. Todos que queremos seguir a Cristo temos que aprender a viver este desprendimento, desapegando-nos de nós mesmos para servir ao próximo e sofrer, passivamente ou de maneira positiva, a dor que Deus enviar. Só assim poderemos ser fiéis seguidores de Cristo. O desprendimento não é não termos bens, de resto, necessários à vida, mas estarmos desprendidos deles. Assim, a luta pelo desprendimento é diária, pois sempre tendemos a nos apegar aos bens, inclusive aos bens morais. Vigilância sempre.

A Cruz está presente em tudo, e chega quando menos se espera. - Mas não esqueças que, ordinariamente, andam emparelhados o começo da Cruz e o começo da eficácia.

A dor ocorre na vida de todos nós. Chega quando menos esperada. E, nestes momentos, ou nos desesperamos ou nos encontramos com Deus e compreendemos o caminho da redenção. Para os que veem nela o encontro com Jesus, que sofreu conosco, percebem ser o começo da eficácia espiritual. Encontramo-nos com Deus e passamos a ser úteis para Seu plano para nós e para o nosso papel no cristianismo, para o bem do próximo. A vida tem momentos de alegria e tristeza, de dores e de bem-estar, de serviço ao próximo e de recepção de serviço alheio. A tudo podemos oferecer a Deus, com o espírito de que tudo recebemos d'Ele e tudo que nos acontece é para nosso bem. Omnia in bonum.

O Senhor, Sacerdote Eterno, abençoa sempre com a Cruz.

A Cruz é uma constante na vida do cristão. É, também, na vida dos demais, mas para o cristão ela tem um significado. Ela permite a santificação própria e, oferecida pela Igreja, ao próximo, auxilia a primeira na sua obra redentora do mundo e ao próximo a aprender a amar a Cristo e a compreender o significado da existência. É talvez o maior instrumento de apostolado, visto que mostra aos demais, pelo exemplo e ao carregá-la, que há nobreza e grandiosidade nesta forma de redenção do mundo. E unida à oração mental, esta oração do corpo gera resultados apostólicos esplendorosos e, não poucas vezes, milagres da transformação daqueles que queremos aproximar do Senhor. A cruz é, pois, o símbolo maior do cristão.

“Cor Mariae perdolentis, miserere nobis!” - invoca o Coração de Santa Maria, com ânimo e decisão de te unires à sua dor, em reparação pelos teus pecados e pelos de todos os homens de todos os tempos. - E pede-lhe - para cada alma - que essa sua dor aumente em nós a aversão pelo pecado, e que saibamos amar, com expiação, as contrariedades físicas ou morais de cada jornada.

Todo o pecado que cometemos fere o coração de Maria e de Jesus, que gostariam que todos nós fôssemos amantes da virtude, escolhendo-a por ato de liberdade, que o Senhor deu a todos os seres humanos. Ato este que, decidido, teria a graça de Deus. Deus nos deu a liberdade de escolher entre o bem e o mal, e, se escolhemos, muitas vezes, o mal, entristecemos o Rei do universo e a Mãe do Deus humanizado. Por isso, a oração ao coração dolorido e sempre disposto a perdoar, na intercessão a Seu Filho e para nos reconduzir ao caminho do bem, é uma forma de nos prepararmos para a vida eterna. Cor Mariae perdolentis, ora pro nobis. Mariae, Mater Dei, iter para tutum. Mostra-nos o caminho seguro para chegar a Deus.

HUMILDADE

“A oração” é a humildade do homem que reconhece a sua profunda miséria e a grandeza de Deus, a quem se dirige e adora, de maneira que tudo espera dEle e nada de si mesmo. “A fé” é a humildade da razão, que renuncia ao seu próprio critério e se prostra diante dos juízos e da autoridade da Igreja. “A obediência” é a humildade da vontade, que se sujeita ao querer alheio, por Deus. “A castidade” é a humildade da carne, que se submete ao espírito. “A mortificação” é a humildade de todas as paixões, imoladas ao Senhor. - A humildade é a verdade no caminho da luta ascética.

A humildade. A oração, humildade de nossa miséria, a fé, a verdade da razão, obediência, humildade da vontade, castidade, humildade da carne, mortificação exterior, humildade dos sentidos, penitência, humildade das paixões são todas necessárias para o nosso caminho da santidade. Não é fácil. A soberba, a vaidade, o orgulho, o amor-próprio, a vida inteira opõem-se a estas formas de humildade pretendendo que sejamos mais que Deus e sejamos o deus de nós mesmos. Para vencer, todos esses requisitos de bom cristão são necessários: oração, fé, obediência, castidade, mortificação e penitência. Quanto mais humildes mais cresceremos no amor a Deus e na nossa estrada para a imortalidade. Deus é a meta de todas as nossas ações, de todo o nosso esforço por vencer os obstáculos da caminhada.

É uma grande coisa saber-se nada diante de Deus, porque é assim mesmo.

Somos nada diante de Deus. Pela razão, apenas, não sabemos por que existimos, a razão do Universo, a sua extensão em permanente expansão, o que havia antes, o que virá depois. Sendo portanto, um ponto insignificante em um planeta pequeno de um sistema estelar dos bilhões que existem dentro de uma galáxia semelhante a dezenas de bilhões que povoam um universo ainda desconhecido na sua exata dimensão. Somos nada, mas podemos chamar o Criador de tudo, de Pai, ou seja, Aquele que disse “Fiat Lux” e que os cientistas preferem chamar de “Big Bang”. A nossa insignificância perante a grandeza do Senhor é de tal ordem que só poderia ser superada, a distância, ou melhor, atravessada pela concessão generosa de Deus que, através de Seu Filho, permitiu-nos chamá-Lo de Pai, pois foi, de rigor, quem nos criou.

“Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração...” Humildade de Jesus!... Que lição para ti, que és um pobre instrumento de barro! Ele - sempre misericordioso - te levantou, fazendo brilhar na tua baixeza, elevada gratuitamente, as luzes do sol da graça. E tu, quantas vezes não disfarçaste a tua soberba sob a capa da dignidade, da justiça...! E quantas ocasiões de aprender do Mestre não desproveitaste, por não teres sabido sobrenaturalizá-la!

Jesus disse ser manso e humilde de coração. Exemplo para nós. Apesar de não sermos nada, quantas vezes damo-nos um valor que não temos e buscamos admiração de terceiros. A nossa insignificância perante a imensidade do Senhor onipotente. Ele se dizendo manso e humilde, e nós, soberbos, vaidosos, orgulhosos, reagindo sempre que sentimos o nosso amor-próprio ferido. Quem é humilde vive melhor, pois não tem que se defender de seu autorretrato, não dando importância às críticas infundadas, a não ser aquelas que podem atingir o seu trabalho e família. E tem que se examinar, antes, se é uma mera reação de amor-próprio ferido ou algo que necessita verdadeiramente de uma reação. Não poucas vezes, por darem importância à crítica, tem uma reação de amor-próprio, quando o certo seria rezar por quem critica e ignorar aquela que objetiva apenas ofender.

Essas depressões, porque vês ou porque descobrem os teus defeitos, não têm fundamento... - Pede a verdadeira humildade.

Nosso Padre, certa vez, em uma tertúlia, quando lhe perguntei como vencer a soberba, respondeu-me, com um sorriso paternal, que seria enterrada 24h00 depois de minha morte. E depois continuou dizendo que todos teríamos que lutar contra a soberba. A soberba pretende esconder ou desconhecer defeitos que temos que corrigir, exagerando eventuais qualidades. E quando nos mostram nossos defeitos ou nós mesmos os percebemos, muitas vezes podemos ficar deprimidos. A melhor forma de combater essa sensação é termos consciência de nossa insignificância e continuarmos lutando contra os nossos defeitos com a humildade de filhos de Deus, que contam com Sua misericórdia, mas sabem que não podem desistir.

Deixa-me que te recorde, entre outros, alguns sinais evidentes de falta de humildade:

- pensar que o que fazes ou dizes está mais bem feito ou dito do que aquilo que os outros fazem ou dizem;
- querer levar sempre a tua avante;
- discutir sem razão ou- quando a tens - insistir com teimosia e de maus modos;
- dar o teu parecer sem que te peçam, ou sem que a caridade o exija;
- desprezar o ponto de vista dos outros;
- não encarar todos os teus dons e qualidades como emprestados;
- não reconhecer que és indigno de qualquer nota e estima, que não mereces sequer a terra que pisas e as coisas que possuis;
- citar-te a ti mesmo como exemplo nas conversas;
- falar mal de ti mesmo, para que façam bom juízo de ti ou te contradigam;
- desculpar-te quando te repreendem;
- ocultar ao Diretor algumas faltas humilhantes, para que não perca o conceito que faz de ti;
- ouvir com complacência quando te louvam; ou alegrar-te de que tenham falado bem de ti;
- doer-te de que outros sejam mais estimados do que tu;
- nega-te a desempenhar ofícios inferiores;
- procurar ou desejar singularizar-te;
- insinuar na conversa palavras de louvor próprio ou que dêem a entender a tua honradez, o teu engenho ou habilidade, o teu prestígio profissional...;
- envergonhar-te por careceres de certos bens...

São tantos os indicadores da falta de humildade neste ponto que fala, cada um deles, como um manual para ser humilde. Poderíamos resumi-los a: 1) Não se dar importância ao que se é e ao que se faz. 2) Agradecer a Deus pelo que se faz de bom, porque Ele que permitiu e fez. 3) Pedir a Deus perdão pelo que se fez de mal, porque isto é de responsabilidade exclusiva de quem fez. 4) Não se importar com as críticas alheias, a não ser para melhorar. 5) Não guardar agravos, tendo um baú de ressentimentos sem fundos. 6) Querer bem mesmo aos adversários e rezando pelas pessoas que não lhe querem bem, pelas que sofrem, pelas pessoas a quem se fez mal e as que morreram. Desta forma, não se carrega pesos inúteis nas costas e pode se ver com tranquilidade, mesmo nos períodos de turbulência. Em paz com Deus e com os homens.

Ser humilde não é o mesmo que ter angústia ou temor.

Ser humilde não é ter um espírito acovardado. Nem ser medroso e ter angústias. Ser humilde é ter consciência de que não somos nada, mas apesar disto, temos responsabilidades perante Deus, a família, os amigos e até adversários e a pátria. E, como somos filhos de Deus Pai, irmanados por Jesus Cristo e iluminados pelo Espírito Santo, a nossa insignificância não é sinônimo de inoperância. Temos que cumprir a missão que Deus nos deu na vida. A humildade é não nos apropriarmos dos louros do sucesso, que, quando ocorrem, decorrem do bem explícito de Deus e não do nosso mérito, como Seus filhos. Nossos são apenas os erros e os pecados. Por isto, o humilde é valente, tendo a coragem de enfrentar a vida por Deus.

Fujamos dessa falsa humildade que se chama comodismo.

Muitas vezes o covarde, o preguiçoso, o que não quer enfrentar os desafios de uma vida digna, que prefere ficar calado perante as injustiças, enfim, o comodista considera-se humilde e, por isso, sem condições de lutar. A humildade não é covardia, nem comodismo, nem preguiça. A humildade é considerar-nos perante Deus sem importância alguma, mas, como filhos adotivos, dispostos a lutar por um reino de dignidade, respeito ao próximo e de valores humanos. O humilde é corajoso, enfrenta desafios, sabe lutar pelo bem contra o mal, mas não se dá importância, pois tudo o que faz sabe que é emprestado por Deus. Não pratica a apropriação indébita daquilo que não fez nada por merecer, mas que foi uma dádiva divina. Sua inteligência não é mérito próprio, mas dádiva divina, não tendo por que sentir-se superior aos outros por algo que recebeu, não por mérito. O humilde é, antes de tudo, um forte que dá o devido valor a Deus.

Diz-Lhe Pedro: Senhor, Tu lavares-me os pés a mim?! Respondeu Jesus: O que eu faço, tu não o entendes agora; entendê-lo-ás depois. Insiste Pedro: Jamais me lavará os pés. Replicou Jesus: Se eu não te lavar, não terás parte comigo. Rende-se Simão Pedro: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Perante a chamada para uma entrega total, completa, sem vacilações, muitas vezes opomos uma falsa modéstia, como a de Pedro... Oxalá fôssemos também homens de coração como o Apóstolo! Pedro não permite que ninguém ame mais a Jesus do que ele. Esse amor leva a reagir assim; Aqui estou!, lava-me as mãos, cabeça, pés!, purifica-me de todo!, que eu quero entregar-me a Ti sem reservas.

Quando Cristo disse a Pedro e aos demais apóstolos que lavaria os pés, pois é maior quem quer servir do que quem quer ser servido, e que seus seguidores teriam que servir. Pedro ainda sem perceber o sentido então disse: “Limpe meu corpo inteiro.” Recado recebido com a reiteração de Jesus de que a limpeza dos pés é diferente da limpeza do corpo, visto que todos estavam limpos para a ceia no corpo, mas o lava-pés é uma tarefa que apenas os mais humildes praticavam. O importante da lição do Mestre, entretanto, é que Pedro queria entregar-se com o ardor que lhe era próprio na missão que Cristo começava, de forma clara, a delinear na Santa Ceia. Oxalá nós também pudéssemos nos entregar a Deus com o ardor de Pedro para tornar o mundo melhor com serviço permanente ao próximo.

Para ti, transcrevo de uma carta: “Encanta-me a humildade evangélica. Mas revolta-me o encolhimento acarneirado e inconsciente de alguns cristãos, que assim desprestigiam a Igreja. Neles deve ter reparado aquele escritor ateu, quando disse que a moral cristã é uma moral de escravos...” - Realmente, somos servos: servos elevados à categoria de filhos de Deus, que não desejam comportar-se como escravos das paixões.

Não somos escravos de nossas paixões. Somos escravos de Deus? Não. Somos Seus filhos. Mas ao seguir normas de virtudes que podem parecer que estamos escravizados a elas - o que não é verdade - temos que saber que esta é uma doce servidão. Mesmo que fôssemos escravos, o que não somos, é preferível que sejamos de Deus do que das paixões ou dos vícios, drogas, sexo, dinheiro, poder vazio, como se estes fossem os imperadores da nossa vida. Deus é o Senhor do Universo e do nosso coração, sendo este jugo suave, pois nos dá paz e o verdadeiro amor na vida cotidiana, ou seja, a família, a esposa ou marido e aos próximos do nosso meio. Antes, escravos do bem do que do mal.

O convencimento do teu “material ruim” - o teu conhecimento próprio - dar-te-á uma reação sobrenatural; que fará arraigar mais e mais na tua alma o contentamento e a paz, perante a humilhação, o desprezo, a calúnia... Depois de pronunciarestes o “fiat” - Senhor, o que Tu quiseses -, o teu raciocínio nesses casos deverá ser: “Só disse isso de mim? Vê-se que não me conhece; de outro modo, não teria parado por aí”. Como estás convencido de que mereces pior tratamento, sentirás gratidão por aquela pessoa, e te alegrarás com o que faria sofrer a outro.

Quando atacados, costumamos reagir, porque nos sentimos injustiçados e o nosso amor-próprio irrita-se com a presumível ofensa. O nosso amor-próprio é que reage, não a nossa autocritica. Ao contrário, quando nos colocamos nas mãos de Deus – faça-se a Sua vontade -, em primeiro lugar verificamos, se procedem, para melhorarmos em nossa conduta. Se não, devemos ignorar e não reagir. Desprezar os ataques infundados e não se sentir atingido fere mais quem ataca do que a resposta, pois, quando atacou, queria ver o atacado ferido e se este não dá atenção, sente-se humilhado. Em segundo lugar, não se guarda ressentimentos, o que vale dizer, não se carrega pesos inúteis nas costas. E por fim, acaba para o orgulho, pois também não se dá importância.

Quanto mais alto se levanta a estátua, tanto mais duro e perigoso é depois o choque na queda.

Quando nos damos muita importância e valorizamos os elogios dos outros, muitas vezes para agradar apenas ou com outros interesses ocultos, corremos o risco de pensar que somos realmente diferenciados e merecemos os elogios. Neste momento, esquecemos os nossos defeitos. E, também irritamo-nos quando sofremos críticas ao nosso auto-endeusamento. Nada mais perigoso, pois apropriamo-nos indevidamente daquilo que Deus nos deu e que é mérito Dele, e não nosso. Pior do que isso, afastamo-nos da humildade que todo cristão deve ter e quanto mais alto nos elevarmos em nossa autocomplacência e nos elogios sinceros ou não dos outros, a possibilidade de queda é maior e o tombo será mais duro. Por isto, não nos damos importância, porque realmente não temos, é a melhor maneira de vivermos em paz e com Deus.

Vai à direção espiritual cada vez com maior humildade, e pontualmente, o que é também humildade. Pensa - e não te enganas, porque aí é Deus quem te fala - que és como uma criança pequena - sincera! -, a quem vão ensinando a falar, a ler, a conhecer as flores e os pássaros, a viver as alegrias e as penas, a reparar no chão que pisa.

A direção espiritual é relevante para nos aprofundarmos nos mistérios de nossa religião e para nos tornarmos bons apóstolos. Teremos que ser uma criança na escada. Temos que aprender tudo em relação à fé e temos que pedir graça a Deus. Não podemos esconder nossas dificuldades, nem nossos erros e pecados, para melhorarmos, também em nossa conduta perante Deus. Ele precisa de apóstolos conhecedores de Sua fé, de comportamento digno, que saibam lutar contra os defeitos próprios e, aprofundados nas conversas com aqueles que se pretende levar para Deus. E o Exemplo é o melhor dos pregadores. Esta é a razão pela qual a direção espiritual é a bússola do apóstolo e tem que ser permanente.

“Continuo a ser uma pobre criatura”, dizes-me. Mas antes, quanto reparavas nisso, passavas tão mal! Agora, sem caíres na habituação ou nas transigências, vai-te acostumando a sorrir, e a recomeçar a tua luta com uma alegria crescente.

Antes, quando estávamos afastados de Deus, sempre que nos sentíamos mal com nossas quedas e fracassos em melhorar, o nosso desânimo e a impressão de nos sentirmos trapos - um lixo - eram grandes e nos afundavam. Agora, não, as quedas são cada vez menores e de menor gravidade, e o recomeço, lastreado em Deus constante. Nossa luta diária por maior proximidade com Deus, de serviço ao próximo, de santificação de nosso trabalho, de evitar as quedas, de não sermos inúteis, dá-nos a paz de Cristo. E a luta passa a valer a pena. Somos filhos de Deus, programados para não desistir, servindo e amando os nossos amigos e adversários, e batalhando para não darmos mal exemplo. Deus estará conosco e nos auxiliará sempre que não desistirmos da luta, pois sabemos que, apesar de não sermos nada, Deus é nosso pai.

Se és sensato, humilde, deves ter observado que nunca se acaba de aprender... Acontece o mesmo na vida; até os mais doutos têm alguma coisa que aprender, até o fim da sua vida; quando não, deixam de ser doutos.

Em nossa humildade, sabemos que temos que aprender a vida inteira, se não percebermos que por mais que saibamos, continuamos ignorantes sobre quase tudo. E por mais doutores que sejam os doutos, temos que continuar a aprender porque continuamos ignorantes. Com certa ironia, nosso Padre dizia: devemos, como doutos, aprender até a morte, quando deixaremos de ser doutos. Não sem razão, atribui-se a Sócrates, a frase de que “eu sei que nada sei”. O primeiro sintoma real de que estamos começando a entender a humanidade esta necessidade de estudar sempre, pois temos que continuar aprendendo. É bem verdade que o verdadeiro humilde, não se considera humilde, luta a vida inteira contra a soberba. É que somos frágeis e sempre pensamos que valemos mais do que valem.

Jesus bom: se tenho de ser apóstolo, é preciso que me faças muito humilde. O sol envolve em luz tudo quanto toca: Senhor, invade-me com a tua claridade, endeusa-me: que eu me identifique com a tua Vontade adorável, para me converter no instrumento que desejas... Dá-me a tua loucura de humilhação: a que te levou a nascer pobre, ao trabalho sem brilho, à infâmia de morrer costurado com ferros a um lenho, ao aniquilamento do Sacrário. - Que eu me conheça: que me conheça e que te conheça. Assim jamais perderei de vista o meu nada.

A vida de Jesus foi sempre uma vida de pobreza. Nasceu no estábulo, viveu exilado no Egito quando criança, depois, adolescente e até 30 anos, numa pequena aldeia, certamente auxiliando seu pai adotivo São José, na marcenaria dele, no último fuso horário do Império Romano, país conquistado, que levava as autoridades romanas designadas para o controle da região considerarem que era um castigo terem que lá servir a Roma. Mesmo nos quase três anos de sua pregação, onde o brilho de sua palavra e dos seus milagres calava todos os críticos e a hipocrisia dos sacerdotes hebreus, vivia de um forma modesta, jamais tendo se tornado um detentor de riquezas ou mesmo de qualquer bem de maior valor. E arrastou multidões, sendo Deus, com sua humildade, ensinando aqueles que iriam difundir Suas lições, ensinou que é maior quem serve do que quem quer ser servido e que o amor a Deus e ao próximo é o que vale.

Só os tolos é que são cabeçudos; os muito tolos, muito cabeçudos.

A teimosia não é virtude, mas defeito. Não é, como muitos pensam, símbolo de coerência, mas de insensatez. A coerência é viver com as virtudes, mas se nos mostrarem que erramos aqui ou ali, temos que corrigir e não tentar manter nosso ponto de vista. A coerência nos mostra como temos que nos comportar, procurando sempre evoluir, o que implica afastarmos sempre a teimosia. Nosso Padre é mais forte com os teimosos. São tolos mesmo quando parece que evoluíram na vida. O tempo há de mostrar que a teimosia foi prejudicial. A verdadeira humildade não é compatível com a teimosia. A humildade é coerente e aberta às correções para evoluir. Cristo foi humilde e coerente, jamais teimoso.

Não esqueças que, nos assuntos humanos, também os outros podem ter razão: vêem a mesma questão que tu, mas de um ponto de vista diferente, com outra luz, com outra sombra, com outros contornos. - Somente na fé e na moral é que há um critério indiscutível: o da nossa Mãe Igreja.

Nos assuntos humanos, todas as nossas posições são sempre relativas. Temos que respeitar as alheias e, se totalmente descabidas, tentar reorientá-las com educação e persuasão. Nestes pontos, são sempre discutíveis nossas colocações, razão pela qual a verdadeira democracia é o diálogo das teses opostas com educação e respeito. Nas questões de fé, as posições da Santa Madre Igreja são inquestionáveis, pois representam a palavra de Deus. Para o momento em que vivemos, esta palavra não é para ser discutida, mas aprendida, de tal maneira que, se nos assuntos humanos podemos transigir, pois é difícil ter a verdade absoluta, nas questões de Deus, a verdade é absoluta e não podemos transigir.

Como é bom saber retificar!... E como são poucos os que aprendem esta ciência!

Saber retificar não é fácil. Implica reconhecer o nosso erro ou comportamento inadequado. O senhor sabe da fragilidade humana. São Josemaria Escrivá se dizia um pecador que amava a Deus e queria que, no seu túmulo, constasse “Pecador” que tinha levado muitas almas para Deus. E Santa Teresa de Calcutá dizia ser o Santo um pecador que não desistiu. Vale dizer, que retificou sempre sua conduta e lutou para corresponder ao plano de vida escolhido por Deus. Temos, pois, que abandonar essa mania tão humana, tão nefasta que é de defendermos ou escondermos os nossos comportamentos condenáveis, com justificações frágeis ou mentirosas, não próprias do cristão. Soberba, vaidade, orgulho e amor-próprio são os nossos grandes inimigos.

Antes que faltar à caridade, cede: não resistas, sempre que seja possível... Tem a humildade da erva, que se curva sem distinguir o pé que a pisa.

Não é fácil ceder. Quando não temos tanta certeza se os argumentos alheios são melhores do que os nossos. Prova de humildade, entretanto, é ceder. Há pontos, entretanto, em que ceder não é humilde, mas covardia. Assim, nas questões de fé e de moral, não há como transigir. Nos demais assuntos opináveis, até por caridade, muitas vezes, não contestar, manter o silêncio, não querer fazer prevalecer a sua opinião é uma demonstração de humildade. São Josemaria usa uma imagem gráfica, ou seja, o da relva, que pisada, desconhece quem a pisa e continua, silenciosamente, a servir de tapete para todos. Ceder no opinável não é covardia, mas prova de humildade. Ceder no essencial, em questões de fé e de moral, é covardia e falta de caridade, pois, nós os cristãos, como os primeiros mártires, temos a verdade.

Sobe-se à conversão pela humildade, pelo caminho de abaixar-se.

As pessoas que não são humildes dificilmente encontram Deus e convertem-se. É que o soberbo é o deus de si mesmo. Considera-se importante, superior aos outros, que deva ser admirado pelos demais. Importa-se com a opinião alheia, guarda ressentimentos, sente-se amargurado quando não reconhecem seu valor, e desta forma, não sabe abaixar-se para subir até Deus. Para converter-se de verdade e não ser apenas um crente social em Deus, que fica sempre como último de sua fila de preferências na vida. Só o humilde conquista o Senhor na plenitude, pois sabe que tudo que tem ou é deve a Deus. Não é, todavia, fácil a luta para a humildade, pois sempre somos cutucados pela vaidade e corremos sempre o risco de cair na autoadmiração. A luta, todavia, vale a pena, pois o prêmio é de valor infinito.

Dizias-me: “É preciso decapitar o “eu”!...” - Mas, como custa!, não é mesmo?

“Decapitar o eu” é vencer o homem velho que todos carregamos dentro de nós. Aquele que quer nos fazer crer que somos importantes e todos têm que conhecer o nosso valor, aquele que se aborrece quando os outros não admiram ou respeitam, aquele que fica triste com sucesso do outro porque gostaria de ser ele e não o outro triunfar. É evidente que vencer o homem velho custa. O nosso deus chamado “eu” reluta em ceder e encontra mil razões para escapar da guilhotina moral. Nós, cristãos, não podemos deixar de travar esta guerra interna entre Deus e o ego, que durará até o fim da vida ou que morrerá, como me respondeu São Josémaria Escrivá a uma pergunta que lhe fiz: 24 horas depois que eu morrer. É uma luta que custa, mas tem que ser travada.

Muitas vezes precisamos usar de violência sobre nós mesmos, para nos humilharmos e repetirmos deveras ao Senhor: “Serviam!” - eu te servirei.

Seguir a Deus representa, não poucas vezes, termos que submeter o nosso ego, reduzindo-o a sua expressão nenhuma. Temos que nos violentar para adquirir a humildade necessária para seguir a Deus. É a única forma de nos tornarmos apóstolos e podermos ser terreno fértil para a semeadura divina. Os humildes conquistarão os céus, pois só estes deixam de ser deuses de si mesmo para se tornarem filhos do Deus verdadeiro e passarem a servir. Na Terra, nós servimos para servir a Deus. É o nosso plano na vida, e o plano de vida para servir é a humildade, a oração, o desprendimento e ação para servir, amando o próximo. E, para isto o nosso ego não deve atrapalhar, visto que ele tem que ser decapitado, esquecido - se necessário com violência - para podermos servir plenamente.

“Memento, homo, quia pulvis es...” - lembra-te, ó homem, de que és pó... - Se és pó, por que te há de incomodar que te pisem?

Todos nós somos pó. Se procurarmos os corpos depois de mortos há algum tempo, só encontraremos ossos e aqueles que forem cremados, transformados em pó, pois as cinzas não são senão pó. Porque nos orgulharmos de algo, se não somos nada. Somos todos pó futuro. Por esta razão, se algumas vezes na vida somos pisados e humilhados, por que reclamar? Se não perdermos a nossa bússola que é Cristo, pouco importa. Só esta é relevante. Só esta interessa. Ao cuidarmos da família, da profissão, dos amigos, da vida social e cidadã, temos que ter sempre como bússola Cristo e se, por vez ou outra, nesta caminhada para a morte, somos pisoteados, nossa reação não deverá ser de vingança, mas de oferecimento à glória de Deus como fizeram os primeiros mártires da Igreja

Pela senda da humildade vai-se a toda a parte..., fundamentalmente ao Céu.

A senda da humildade. Ser humilde não é fácil, pois temos sempre um homem velho a nos perturbar, procurando reconquistar o terreno perdido, quando nos entregamos a Deus. A luta pela humildade, quando a conquistamos, é admirável, pois passamos a saber que não somos nada e só valeremos algo, no momento em que passamos a servir o próximo por amor a Deus. É uma luta que seguirá a vida inteira até a morte. Muitas vezes quando recebemos elogios, tais elogios podem nos fazer muito mal, pois passamos a imaginar que temos valor não emprestado por Deus e corremos o risco da vaidade. O humilde é dono do mundo, mas não precisa do mundo, salvo para servir a Deus e ao próximo

Caminho seguro de humildade é meditar como, mesmo carecendo de talento, de renome e de fortuna, podemos ser instrumentos eficazes, se recorrermos ao Espírito Santo para que nos dispense os seus dons. Os Apóstolos, apesar de terem sido instruídos por Jesus durante três anos, fugiram espavoridos diante dos inimigos de Cristo. No entanto, depois de Pentecostes, deixaram-se açoitar e prender, e acabaram dando a vida em testemunho da sua fé.

A humildade torna o menos dotado dos seres humanos num fecundo pregador da mensagem de Cristo. Se pensarmos que com exceção de Mateus, os doze - ou melhor, os outros onze - eram pessoas simples, plebeus numa terra dominada pelos romanos, em que quem não estivesse na burguesia, nos cargos oficiais, na nobreza ou nas funções sacerdotais, não merecia maior consideração, é de se compreender a fantástica ação dos primeiros apóstolos no início do cristianismo. Covardes, quando da crucificação, tornaram-se corajosos, heróis e mártires após a ressurreição. Perceberam que os cristãos com o tempo deixam de ser pessoas voltadas para si mesmos para tornarem-se pessoas dedicadas ao próximo, esquecendo-se de si mesmos, no verdadeiro apostolado.

É verdade que ninguém pode estar certo da sua perseverança... Mas essa incerteza é mais um motivo de humildade, e prova evidente da nossa liberdade.

A perseverança é algo que temos que lutar a vida inteira para manter. Somos todos fracos e pecadores, razão pela qual podemos, em algum momento, titubear. Por isso, a humildade de nos sabermos fracos e, portanto, falíveis, leva-nos a ter humildade. Temos que ter consciência que podemos cair a qualquer homem. Todos nós, sem a graça de Deus, podemos praticar todas as iniquidades possíveis. Esta fraqueza, da liberdade de escolher - de podermos ser ou não perseverantes - é a faculdade que Deus nos dá: o livre arbítrio de escolher o amor a Deus e a dignidade de uma vida cristã ou não. O nosso livre arbítrio faz-nos perseverantes ou não, e Deus ama quem escolhe o Seu amor.

Embora valhas tão pouco, Deus serviu-se e continua a servir-se de ti para trabalhos fecundos pela sua glória.
- Não te envaideças. Pensa: que diria de si mesmo o instrumento de aço ou de ferro, que o artista utiliza para montar jóias de ouro e de pedras finas?

Somos apenas um instrumento nas mãos de Deus. Não devemos nos envaidecer. O envelope onde Deus colocou sua carta para a entregarmos aos outros. Dizia São Josemaria Escrivá que, quando nos desvestirmos de nossa roupagem de autoconsideração para vestirmos a roupa da humildade e passamos a servir ao Senhor, passamos a ser um outro Cristo, pois o que dizemos e fazemos para os outros é o que Cristo gostaria que fizéssemos. Deixamos de pensar que somos importantes e passamos a ter o único objetivo, tornar o mundo cristão, servindo-o na nossa profissão, na nossa família, na nossa vida social com eficiência e fraternidade, procurando gerar apóstolos, como os primeiros apóstolos fizeram num pequeno país do qual partiram para incendiar o mundo e até hoje.

Que vale mais: um quilo de ouro ou um de cobre?... E, no entanto, em muitos casos o cobre serve mais e melhor do que o ouro.

Um quilo de ouro vale muito mais que um quilo de cobre. Muitas vezes, todavia, o quilo do cobre é mais útil e mais importante que um quilo de ouro. A resposta de São Josemaria a uma pergunta perante Deus: quem é mais importante, um jardineiro ou um presidente da República? E a resposta é: O que melhor santificar o seu trabalho, fazendo dele instrumento de apostolado. Os 12 apóstolos eram muito menos cultos que os grandes de Roma, mas hoje são lembrados muito mais do que os poucos romanos ainda lembrados. Servir a Deus na posição em que estivermos é o único caminho para a vida valer a pena. Temos que ter consciência que só isto serve para a salvação da alma. As bem-aventuranças falam de dedicação e não de usufruto de riquezas, de bem-estar, de prazeres. E os que as praticam-nas são mais úteis a humanidade do que os que pensam que têm riquezas, mas são as riquezas que os tem.

A tua vocação - chamada de Deus - é para dirigir, para arrastar, para servir, para ser líder. Se tu, por falsa ou por mal entendida humildade, te isolas, encerrando-te no teu cantinho, faltas ao teu dever de instrumento divino.

O cristão sabe que tem uma missão. Evangelizar. Por isto, não pode se esconder, ficar apático ou confundir preguiça ou covardia com humildade, mas tem que sair e enfrentar o mundo para que conheça a mensagem de Cristo. Os primeiros apóstolos eram gente simples, mas imbuídos das lições do Mestre enfrentaram o mundo e graças a eles, hoje estamos aqui como cristãos. Nós também estamos aqui para incendiar o mundo, para torná-lo a Terra do Senhor, para trazermos paz e prosperidade a uma nação e muitas, com as luminosas pregações de Cristo. Hoje, como há dois mil anos, nós, os cristãos, temos a mesma missão que Deus deu aos apóstolos. Não podemos arriscá-la, por comodismo.

Quando o Senhor se serve de ti para derramar a sua graça nas almas, lembra-te de que és apenas o embrulho do presente: um papel que se rasga e se joga fora.

Somos os servos inúteis. Apenas um envelope que após a entrega da carta, joga-se fora. E só não somos jogados fora, pois, apesar de meros envelopes, Deus nos fez e seus filhos. Podemos, diariamente, chamá-lo de Meu Pai, Pai Nosso, que estais no Céu. Desta forma, temos que pensar sempre que é uma graça podemos chamá-lo de “Meu Pai”, mas que tudo o que fazemos em nome Dele é mérito Dele, que nos fez um bom envelope, se formos fiéis, humildes e obedientes, mas que não temos luz própria, pois tudo o que temos recebemos Dele e tudo o que ensinamos é ele que nos ensinou. Termos a exata dimensão do que somos é a melhor forma de sermos fecundos no apostolado e servi-Lo.

“Quia respexit humilitatem ancillae suae” - porque viu a baixeza da sua escrava... - Cada dia me persuado mais de que a humildade autêntica é a base de todas as virtudes! Fala com Nossa Senhora, para que Ela nos vá adestrando em caminhar por essa senda.

A humildade autêntica é a base para termos, na Terra, a possibilidade de cumprir o plano de Deus para nós. O humilde se deixa moldar por Deus, o soberbo não, pois se transforma no deus de si mesmo. O soberbo é um inútil na vida, mesmo que os outros se curvem perante ele, por força do poder que, honestamente ou não, veio adquirir. O mais provável é que foi adquirido com o atropelo da ética e do respeito aos outros. O soberbo vive para si e para ser admirado e sofre quando não o é. O humilde, não. Ele está na terra para servir e se sente com uma missão não para ele, mas para Deus que o criou. Meu Deus, ajude-me a vencer esta tendência de me dar importância, fugindo da humildade da Virgem, quando disse: “Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a Sua vontade”. Amo-te, Senhor meu Deus. Obrigado. Perdão. Ajuda-me.

CIDADANIA

O mundo nos espera. Sim! Amamos apaixonadamente este mundo porque Deus assim no-lo ensinou: “Sic Deus dilexit mundum...” - tanto amou Deus o mundo -; e porque é o lugar do nosso campo de batalha - uma formosíssima guerra de caridade -, para que todos alcancemos a paz que Cristo veio instaurar.

Amar o mundo apaixonadamente, eis o que São Josemaria sugeria a todos os seus filhos e às pessoas que dele se aproximavam. Temos que lutar por ver a vida de uma forma otimista. Mesmo nos momentos mais difíceis, pois o mundo foi feito por Deus. Nós é que, muitas vezes, o destruimos e envenenamos o ambiente com ódios humanos, guerras e destruições ambientais. Temos, nós os cristãos, que recuperá-lo e lutar para fazê-lo como Deus quis, pois esta é a missão que Cristo nos deu e para isto veio à Terra. Fazer um mundo melhor, ver em cada ser humano um irmão, auxiliar o necessitado e levar todos os que conhecemos para Deus. De cem pessoas que conhecemos interessa levar para o senhor as cem.

O Senhor teve esta fineza de Amor conosco: permitir-nos que Lhe conquistemos a terra. Ele - sempre tão humilde! - quis limitar-se a torná-lo possível... A nós, concedeu-nos a parte mais exequível e grata: a da ação e do triunfo.

Deus nos deu, ao criar-nos, uma missão na Terra: a de evangelizar, na vida ordinária. Por mais intrascendente que seja o nosso papel na sociedade para Deus é relevante a missão que nos deu, como Seus filhos. Na Sêxtupla ação na vida, ou seja, na vida interior, familiar, profissional, apostólica, social e cidadã. A cidadania tem particular importância, pois temos que saber exercê-la para bem da sociedade em que vivemos. Não apenas por eventuais cargos ou funções que venhamos a ter, nos quais devemos dar o melhor de nossos esforços, mas fundamentalmente, no convívio geral, dando exemplo de um comportamento digno e aproveitar as amizades que fizemos para evangelizar, para conhecer Cristo, no ambiente em que vivemos, sempre com o apoio da Virgem.

O mundo ... - “Isso é o que nos toca!” - E afirmas isso depois de pões o olhar e a cabeça no céu, com a segurança do lavrador que caminha soberano pela sua própria seara: “Regnare Christum volumus!” - queremos que Ele reine sobre esta terra que é sua!

O universo foi criado por Deus. O mundo é de Deus e Ele entregou-o aos homens, dando-lhe, a liberdade de fazerem dele um paraíso para todos ou uma terra de egoísmos, de rancores, de desamor. Por isto, Deus mandou seu Filho unigênito para gerar apóstolos, objetivando reconduzir de novo sua terra para o destino de um mundo novo de amor e fraternidade entre seus filhos. Por isto, temos que amar o mundo apaixonadamente, lutar para reconduzir as pessoas de nossas relações para o Senhor, ensinando o caminho de conversão. O mundo é lindo. Os homens tornaram-no menos prazeroso. Cabe a nós, amá-lo apaixonadamente, lutando para que no livre arbitrio que concedeu ao homem, possa ele descobrir a verdadeira razão de seus fins existenciais.

“É tempo de esperança, e eu vivo deste tesouro. Não é uma simples frase, Padre - dizes-me -, é uma realidade”. Então..., o mundo inteiro, todos os valores humanos que te atraem com uma força enorme - amizade, arte, ciência, filosofia, teologia, esporte, natureza, cultura, almas... - tudo isso, deposita-o na esperança: na esperança de Cristo.

Todos os dias para o cristão são dias de esperança. Pode o mundo estar pegando fogo, que para o cristão será sempre um mundo de esperança para que um dia os homens se entendam e haja uma sociedade fraterna de amor ao próximo. Temos que ser semeadores de paz, lutar por ideais sem atacar pessoas e acreditar que todas elas, que são filhas de Deus e tem seus anjos da guarda possam ser convertidos e voltem amar o Senhor. Estamos aqui para isto e se formos mal compreendidos nem por isto podemos desistir de nossa missão e temos que continuar a lutar e a ser os embaixadores de Cristo na Terra. Fé, esperança e caridade são as nossas grandes armas e temos que aprender a usá-las.

Esse encanto inconcreto e prazenteiro do mundo..., tão persistente. As flores do caminho - atraem-te as suas cores e os seus aromas... -; as aves do céu; as criaturas todas... - Meu pobre filho, é razoável! Se não fosse assim, se não te fascinassem, que sacrifício havias de oferecer a Nosso Senhor?

É evidente que o fascínio do mundo atrai. E os prazeres fáceis, mas ainda. O certo, todavia, é que os prazeres fáceis e, muitas vezes, pecaminosos terminam por gerar vazios d'alma, frustrações e sensações de inutilidade. Por isto, vale a pena amar o mundo, apaixonadamente, mas saber separar o que deve ser amado e o que não pode ser amado. Muitas vezes, o sacrifício de dizer não a um prazer fácil e duvidoso dá segurança na luta pela vida e certeza de que estamos no caminho que Deus gostaria que trilhássemos. Havia um ditado antigo que dizia "nem tudo o que reluz é ouro". Estou convencido que em matéria de seguir a Deus o verdadeiro ouro reluz de outra forma. interiormente, mas não brilha como outros, falsamente.

A tua vocação de cristão te pede que estejas em Deus e, ao mesmo tempo, que te ocupes das coisas da terra, empregando-as objetivamente tal como são: para devolvê-las a Ele.

Viver com os olhos em Deus e os pés na Terra. Somos cidadãos do mundo como qualquer outro. Temos que trabalhar na Terra como os outros, mas tendo os olhos em Deus, objetivando santificar o labor cotidiano para que seja um real e bom serviço, que sirva de exemplo e que possamos oferecer a Deus, como Abel, o melhor. Isto é: santificar o trabalho ordinário como São Josemaria idealizava para Seus filhos e filhas espalhados pelo mundo. Para isto não podemos ser mandriões, pessoas que percam tempo, que não percebam a dignidade do trabalho humano, que ficam com os olhos pregados no relógio para pararem de trabalhar quando bater a hora de deixarem-no. Os olhos em Deus nos permitem oferecer tudo a Deus, servindo os homens com eficácia e amor, todos os dias de nossa vida.

Parece incrível que se possa ser tão feliz neste mundo, em que tantos se empenham em viver tristes porque correm atrás do seu egoísmo, como se tudo acabasse aqui em baixo! - Não sejas tu um destes... Retifica em cada instante!

Todos aqueles que lutam com denodo para crescer na vida apenas para ter dinheiro e poder, afastando-se de Deus como algo do passado, podem ter alegrias passageiras, vivem em permanente tensão até a hora da morte e chegam na eternidade com as mãos vazias, visto que não podem carregar o que ganharam. E à medida que a morte se aproxima, muitas vezes se perguntam: “Cresci na vida”, fazendo dos outros degraus de meu sucesso, pensando, como diziam que Gerson, campeão mundial de 70, teria dito: “Eu gosto de levar vantagem em tudo”, e agora, de que valeu tudo isto? Temos que, na existência, dizer que ela valeu a pena na hora da morte e não enfrentá-la com dúvidas, e mesmo quando arrependidos o arrependimento é ineficaz, se não representar também amor a Deus e ao próximo. A vida só vale a pena se for útil ao próximo.

O mundo está frio, dá a impressão de estar adormecido. - Muitas vezes tu o contemplas, do teu observatório, com olhar abrasador. Que ele acorde, Senhor! - Orienta as tuas impaciências, na certeza de que, se soubermos queimar bem a nossa vida, atearemos fogo em todos os cantos..., e o panorama mudará.

Se nós examinarmos o mundo em que vivemos como contendendas entre as nações, entre as pessoas, com os tribunais lotados de variados questões e nem sempre os magistrados agindo com imparcialidade, quando não sujeitos à corrupção por dinheiro, poder e até mesmo afetiva, além da frieza com que se trata o próximo não próximo por mais que esteja sofrendo, percebemos quão o frio está o mundo e que precisa que nós cristãos coloquemos fogo nele. Precisamos incendiar o mundo com o nosso amor, ensinando os outros o que é a santificação do trabalho ordinário, no lar, no trabalho, na vida social e até mesmo na prática, com o exercício da cidadania. Nós que devemos lutar por Cristo, como os primeiros apóstolos, temos a obrigação de difundir a lição do Senhor resumida em dois amores: a Deus e ao próximo, pois se cada um de nós cumprir sua missão poderemos mudar o mundo.

A fidelidade - o serviço a Deus e às almas -, que te peço sempre, não é o entusiasmo fácil, mas o outro: aquele que se conquista pela rua, ao ver o muito que há que fazer em toda a parte.

Ser fiel é buscar, no dia e nas dificuldades que se têm que enfrentar, não deixar de ter uma meta, ou seja, servir a Deus. É que o mundo do modernismo inconsequente parece transformar cada ser humano a ser servido pelos outros e não servi-los, com a única preocupação de crescer na vida, ganhar dinheiro até morrer, quando então não poderá levar para outra vida nenhum dinheiro, nem as glórias que se pensou ganhar na vida. A verdadeira alegria está em servir, como Cristo disse que é maior quem Se dedica a servir do que aquele que quer ser servido e admirado pelos outros para mostrar poder. Há, portanto, no mundo, muito a fazer e nós os apóstolos de Cristo temos o dever de tornar cada vez mais conhecida Suas lições para todos os povos.

O bom filho de Deus tem que ser muito humano. Mas não tanto que degenera em ordinário e mal educado.

Somos humanos e filhos de Deus. Não temos que viver nas nuvens, mas na Terra. Por isto, nosso padre pediu para que amássemos o mundo apaixonadamente. Mas viver na Terra e sermos humanos não nos autoriza à ordinarice, nem à não educação ou grosseria. Temos que ser educados para evangelizar e conquistar o coração dos homens para Deus. Viver os seus problemas, buscar corrigi-los no seus erros e ajudá-lo a solucionar suas angústias e questões. Porém, mais do que auxiliá-los a se aproximarem de Deus, ensinando-os as virtudes a serem vividas e a grandeza de estar servindo a beleza do Reino de Deus, também na Terra, amá-los sempre.

É difícil gritar ao ouvido de cada um com um trabalho silencioso, através do bom cumprimento das nossas obrigações de cidadãos, para depois exigir os nossos direitos e pô-los ao serviço da Igreja e da sociedade. É difícil..., mas é muito eficaz.

Todo o trabalho de apostolado é difícil. Mas temos que fazê-lo. Em primeiro lugar, como cidadãos comuns. Exercendo bem nosso papel de pai de família, bom profissional, qualquer que seja nosso trabalho, na sociedade, sem abrimos mão de dizer a verdade sobre os bons costumes - até mesmo na política, onde as virtudes são moedas raras. É que o exemplo é o melhor apóstolo. Depois com amizade levando as lições do Senhor. Só assim mudaremos o mundo. É tarefa difícil, mas Cristo criou Seus apóstolos para missões difíceis, até mesmo com o martírio, mas tudo isso valeu a pena e a 2000 anos estamos aqui travando a mesma batalha. O cristão foi programado para não desistir e travar batalhas difíceis, que valem a pena.

Não é verdade que haja oposição entre ser bom católico e servir fielmente a sociedade civil. Assim como não há razão para que a Igreja e o Estado entrem em choque, no exercício legítimo da sua autoridade respectiva, voltados para a missão que Deus lhes confiou. Mentem - isso mesmo: mentem! os que afirmam o contrário. São os mesmos que, em aras de uma falsa liberdade, quereiam “amavelmente” que nós, os católicos, voltássemos às catacumbas.

Ser católico e defender os princípios não entram em choque com viver com dignidade a vida civil. O Estado e a Igreja são instituições diferentes com regras próprias que não se confundem. O católico é um cidadão igual aos outros cumpre o seu dever servindo na difusão de Seus princípios. No Estado serve respeitando seus deveres perante a sociedade e o Poder Público. Deve exercer a cidadania da mesma forma que os outros cidadãos, aproveitando a sua maneira de servir aos outros para lutar pela ética e o espírito de serviço principalmente entre aqueles que, exercendo o poder, tem a obrigação de servir e não de serem servidos. O exercer com plenitude a cidadania, é dever de todo cristão: dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Esta é a tua tarefa de cidadão: contribuir para que o amor e a liberdade de Cristo presidam a todas as manifestações da vida moderna - a cultura e a economia, o trabalho e o descanso, a vida de família e o convívio social.

O amor e a liberdade de Cristo presidindo a vida cultural e econômica, profissional e de lazer, de família e social no mundo. Como se percebe nossa vocação de cristão não é ficar afastado do mundo. É estar dentro do mundo. Não é cristão de primeira ou de segunda classe. Todos têm uma vocação só, a de servir a Cristo. Sacerdote ou leigo, temos a mesma missão na Terra e todos somos cristãos de primeira classe. Temos que afastar, o que, de resto, o “Gaudium et spes” ou seja, o Esquema do II Concílio do Vaticano revelou. A falsa visão de que só o sacerdote poderia ser verdadeiramente cristão. Todos temos que corresponder a realidade, pois todos somos filhos de Deus e o fato de sermos cristão nos impõe à mesma vocação.

Um filho de Deus não pode ser classista, porque lhe interessam os problemas de todos os homens... E procura ajudar a resolvê-los com a justiça e a caridade do nosso Redentor. Já o apontava o Apóstolo, quando nos escrevia que, para o Senhor, não há discriminação de pessoa, o que não duvidei em traduzir deste modo: não há senão uma raça dos filhos de Deus!

Não podemos ser classistas, nem ter espírito de grupo discriminatório dos outros. Somos filhos de Deus e com caridade, justiça e liberdade, podemos tentar levar a Cristo todos. Como dizia nosso padre, todos nós pertencemos a uma única raça, a raça dos filhos de Deus. Todo o grupo que discriminar pessoas por pensarem diferente termina dificultando o apostolado, que depende sempre de estarmos abertos a todos. Dizia também o fundador da obra que para o apostolado de cem pessoas, interessam-nos as cem. Justiça e caridade, ancorada na liberdade de não se procurar impor nada, pois se Deus nos deu a liberdade de negá-lo, não cabe a nós sermos diferentes de Deus. Temos, todavia, de convencê-los, com oração e mortificação.

Os homens mundanos empenham-se em que as almas percam quanto antes a Deus; e depois, em que percam o mundo... Não amam este nosso mundo: exploram-no, espezinhando os outros! - Que tu não sejas também vítima dessa dupla vigarice!

Todos os que não acreditam em Deus procuram tirar a fé daqueles que O amam para que O abandonem. Depois pretendem tirar dos homens a crença no mundo, em que transformam apenas em palco de exploração e de criadagem como degraus em que pisam para crescer com riqueza e poder. Contra isto, temos que lutar com oração e com o conhecimento das lições do mestre para evangelizar, combatendo o egoísmo com amor, a ambição com serviço ao próximo e o desprezo ao mundo com a entrega a luta para torná-lo melhor. Nós, os cristãos, somos soldados de Deus para fazer do nosso mundo uma sociedade com bases luminosas e alegres em que a família valorizada tornasse a Terra que pertence ao Senhor.

Há quem viva amargurado o dia inteiro. Tudo lhe causa desassossego. Dorme com uma obsessão física: que essa única evasão possível lhe vai durar pouco. Acorda coma impressão hostil e desanimadora de que já tem outra jornada pela frente. Muitos se esqueceram de que o Senhor nos colocou, neste mundo, de passagem para a felicidade eterna; e não pensam que só a poderão alcançar os que caminharem, pela terra, com a alegria dos filhos de Deus.

Acontecer o que acontecer, a cada dia que passa, nós estamos aqui porque Deus quer que estejamos e tenhamos ainda uma missão a completar. Não há por que dormirmos com preocupações que só podemos eliminá-las quando descansados. Estamos aqui de passagem, entramos numa montanha russa. E vivemos momentos de ternura e outros de menor dedicação, quando estamos na fase de subir. Temos, todavia, a certeza de que Deus nos espera no final e como acontece, na montanha russa, descemos aliviados e felizes da experiência da aventura. Quem tem Deus e Nele confia sabe que, ao final, ficará a sensação de alegria da aventura e do prazer de ter chegado ao fim. Assim será a nossa vida, com altos e baixos, mas se tivermos Deus, as insônias desaparecem e o espírito de luta nos darão força.

Com a tua conduta de cidadão cristão, mostra às pessoas a diferença que há entre viver triste e viver alegre; entre sentir-se tímido e sentir-se audaz; entre agir com cautela, com duplicidade - com hipocrisia! -, e agir como homem simples e de uma só peça. - Numa palavra, entre ser mundano e ser filho de Deus.

Um homem de uma só peça. Assim devemos ser nós, os cristãos. Alegres, pois estamos a serviço do Senhor Deus do Universo. Audazes, pois nossa missão é amar o mundo apaixonadamente, e tentar fazê-lo um mundo melhor. Homens simples vivendo sem duplicidade e sem hipocrisia. Ser filho de Deus e não mundano, pois, para isso nosso Pai - aquele que invocamos como Pai na oração que o próprio Cristo nos ensinou - nos chama. Dessa forma, não seremos tímidos, nem de dupla face, nem tristes, nem complicados. Seremos os verdadeiros cidadãos cristãos e teremos a paz, mesmo nas tribulações, pois teremos sempre Deus do nosso lado e viveremos dignamente.

Eis um erro fundamental de que deves guardar-te: pensar que os costumes e exigências - nobres e legítimos - do teu tempo ou do teu ambiente, não podem ser ordenados e ajustados à santidade da doutrina moral de Jesus Cristo. Observa que precisei: os nobres e legítimos. Os demais não têm direito de cidadania.

Os costumes e exigências, quando nobres e legítimos, podemos vivê-los, em nosso tempo, assim como orientados para a maneira de ser própria dos cristãos. Cada época terá sua forma de ser, mas o cristianismo é atual em todos os tempos. Nossa adaptação à toda maneira de ser, de época, é sempre necessária para podermos evangelizar, mas só são aceitáveis, no estilo do tempo, os costumes e exigências nobres e legítimos. Todos os outros não. Uma modernidade em que a liberdade/sinônimo de libertinagem deve ser combatida, pois os defeitos de cada época, devem ser removidos por nós, os cristãos de nossa vida.

Não se pode separar a religião da vida, nem no pensamento nem na realidade cotidiana.

Religião e vida estão ligadas umbilicalmente. A própria expressão dada a esta vinculação adeus, ou seja, “Religião”, diz tudo: ela religa um homem com seu Criador. Não podemos, pois, deixar durante toda a vida divina na dimensão de Deus para entender o seu plano para nós. Nem no nosso pensamento, nem na nossa ação pode faltar esta realidade vital de ter Deus a nos inspirar e a nos ensinar. Só teremos verdadeiramente paz na vida, quando compreendermos esta verdade. O mundo não veio do nada, mas de um Criador e desde que o homem nasce até a morte, porque existe, a origem do Universo, a razão da existência e seu destino, só a Religião pode dar a resposta.

De longe - lá no horizonte -, parece que o céu se junta com a terra. Não esqueças que, onde de verdade a terra e o céu se juntam, é no teu coração de filho de Deus.

No horizonte, a vista que temos é da Terra unindo-se ao céu. A imagem serve muito aos poetas. Para Deus quando o céu e a Terra se unem é no coração, pois é com o coração que amamos a Deus. Se nos afastamos de Deus, o horizonte desaparece porque nunca veremos o céu ou acreditaremos em Deus. Se nos dedicamos a Ele o céu aparecerá e o horizonte humano se unirá ao horizonte divino e poderemos ver o céu e a terra, no mesmo momento. O horizonte no campo, junto à natureza ou no mar, sempre mostra esta ilusão da união do céu e da Terra. O céu de Deus é o coração dos homens na Terra. Estas são realidades invisíveis para aqueles que vem um mundo plano, que desaparecerá com eles se não encontrarem Deus no coração.

Não podemos cruzar os braços, quando uma sutil perseguição condena a Igreja a morrer de inanição, relegando-a para fora da vida pública e, sobretudo, impedindo-a de intervir na educação, na cultura, na vida familiar. Não são direitos nossos: são de Deus, e foi Ele que os confiou a nós, os católicos..., para que os exerçamos!

A tentativa das correntes modernistas de liberdade com limites aos que são “modernos” e limitação máxima aos que defendem valores na política, atividades sociais e culturais e, principalmente, na fé, deve-nos servir para maior fidelidade a Deus e as lições de Cristo, que nos chamou para defender o que é eterno na família e na vida profissional, social, cultural e cidadã. Não podemos nos omitir na defesa dos verdadeiros valores da dignidade humana, na defesa do direito à vida, à educação cristã e de propagar os princípios cristãos para bem da sociedade. Assim fizeram os apóstolos, no Império Romano, contra os que os perseguiram, mas graças aos valores cristãos que defenderam, aqui estamos.

Muitas realidades materiais, técnicas, econômicas, sociais, políticas, culturais..., abandonadas a si mesmas, ou em mãos dos que não possuem a luz da nossa fé, convertem-se em obstáculos formidáveis para a vida sobrenatural: formam como que um campo fechado e hostil à Igreja. Tu, por seres cristão - pesquisador, literato, cientista, político, trabalhador... - tens o dever de santificar essas realidades. Lembra-te de que o universo inteiro - assim escreve o Apóstolo - está gemendo como que com dores de parto, à espera da libertação dos filhos de Deus.

Todas as atividades humanas que são realizadas sem a presença de Deus são atividades que dificilmente podem auxiliar o homem e o mundo, pois sujeitas a toda espécie de egoísmo, de maldades, de ambições sem caridade, de sacrifício dos subordinados, quando não promotoras de revoltas, revoluções, guerras. A injustiça é sua marca primeira. Por isto, nós os cristãos temos que lutar para, em todas elas, inserir a marca do cristão, o símbolo de paz e de amor e o esforço para que as lições de Cristo estejam presentes em todas as ações. Nós, os cristãos do século XXI, temos que ser os apóstolos da atualidade, como aqueles que permitiram a ascensão do cristianismo no mundo até hoje.

Não queiras fazer do mundo um convento, porque seria uma desordem... Mas também não queiras fazer da Igreja um bando terreno, porque equivaleria a uma traição.

O mundo não é um convento. Não podemos na evangelização pretender transformá-lo num, pois seria um grande erro. Todos temos nossa vocação e devemos segui-la, com as características próprias dela. O jogador de futebol não é um eremita, nem o pai de família um sacerdote celibatário. Cada um vive sua vocação, mas com vetores cristãos pertinentes a ela. Também não podemos fazer da Igreja um palco mundano semelhante a um estádio de futebol. Para cada atividade humana as virtualidades próprias, mas vivendo-as com o espírito do Evangelho, ou seja, como Deus imaginou o mundo para Seus filhos. Com virtudes e metas cristãs.

Que coisa triste é ter uma mentalidade cesarista, e não compreender a liberdade dos demais cidadãos, nas coisas que Deus deixou ao juízo dos homens.

Se Deus ofertou aos homens o direito de decidir de acordo com o seu arbítrio, a evidência, nós os cristãos temos que respeitar essas decisões. Há, todavia, para o apóstolo a necessidade de distinguir o que diz respeito às coisas de Deus e o que diz respeito às coisas dos homens. No que concerne as coisas de Deus, o apóstolo deve lutar para fazer com que prevaleçam e deve tentar corrigir os juízos errados daqueles que negam o Criador e pensam que o dinheiro, o sexo, a libertinagem, o egoísmo, o poder são os seus deuses. Nas coisas de Deus, o apóstolo deve lutar até a morte por propagar as lições de Cristo, gerando novos seguidores. Nas coisas do homem deve respeitar as opiniões contrárias.

“Quem disse que, para chegar à santidade, é necessário refugiar-se numa cela ou na solidão de uma montanha?”, interrogava-se, admirado, um bom pai de família, que acrescentava: “Nesse caso, seriam santas, não as pessoas, mas a cela ou a montanha. parece que se esqueceram de que o Senhor nos disse expressamente a todos e a cada um: Sede santos, como meu Pai celestial é Santo”. - Limitei-me a comentar-lhe: “Além de querer que sejamos santos, o Senhor concede a cada um as graças oportunas”.

A santidade não depende do lugar em que estamos – seja numa cela ou numa reunião empresarial - mas depende da luta de nos comportarmos como Deus deseja que nos comportemos, sendo exemplo para os outros em naturalidade, em compromisso com os valores humanos e cristãos. Nosso Pai Celestial deu a cada um de nós, no lugar em que nos colocou, a graça para sermos pessoas de uma peça só, com simplicidade e coragem, conduzindo-nos como cristãos e competentes no que fazemos, pois o cristão tem que ser o melhor possível, dentro de sua capacidade pessoal, no que faz. Sendo respeitados, profissionalmente, poderemos mais facilmente ser apóstolos de Cristo, propagando Suas lições para o meio em que vivemos.

Ama a tua pátria: o patriotismo é uma virtude cristã. Mas se o patriotismo se converte num nacionalismo que leva a encarar com frieza, com desprezo - sem caridade cristã nem justiça -, outros povos, outras nações, é um pecado.

O patriotismo é uma virtude, mas não deve pretender desconsiderar a paz e o valor de outros povos. A evidência, se há invasão de sua pátria, o cristão deve lutar para protegê-la, mas, no mais das vezes, não há por que fazer separação. Todos os povos dão uma valiosa contribuição à humanidade. Os grandes músicos, artistas, poetas e romancistas são de variadas nações, sempre deliciam toda a humanidade. Devemos, pois amá-los e defender a cidadania, procurando inserir valores entre todos os que exercem cargos públicos. Não podemos em relação a cidadania, ficar calados, se os que nos representam se desfazem em modernismos, que degradam a família e a sociedade.

Não é patriotismo justificar delitos... e desconhecer os direitos dos demais povos.

O patriotismo é defender com coragem dentro do seu país o governo de valores, de respeito à vida desde a concepção, da igualdade entre as pessoas com respeito das pessoas de classes sociais mais abastadas em relação as pessoas de menores recursos ou condição social mais desfavorecida, com luta contra a corrupção e a favor de governos dispostos a servir. No plano internacional, defender a paz e, em caso de guerra, procurar, ao máximo, preservar vidas de seu país e só matar, em caso de absoluta necessidade, os seus inimigos. Em caso de rendição, respeitando o direito do preso, com um encarceramento digno, jamais torturar e desejar sempre, mesmo na luta, obter a paz. Isto é patriotismo.

Escreveu também o Apóstolo que “não há distinção entre gentio e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita, escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos”. Estas palavras são válidas hoje como ontem: perante o Senhor, não existem diferenças de nação, de raça, de classe, de estado de vida... Cada um de nós renasceu em Cristo, para ser uma nova criatura, um filho de Deus: todos somos irmãos, e temos de comportar-nos fraternalmente!

São Paulo dizia não haver diferença entre escravos e senhor, judeu e gentil, enfim entre quem quer que seja. Somos todos irmãos e, por esta razão, devemos tratar todas as pessoas. Temos que nos aproximar de todos, levando-lhes a mensagem de Cristo. É que todas as pessoas do mundo são filhas de Deus e nossas irmãs. O princípio da igualdade depois do amor é o que mais importa no mundo. Tal realidade leva-nos a tratar igualmente o presidente da República e faxineiro de um prédio, sabendo que dará maior glória a Deus quem O servir melhor, fizer com dedicação o trabalho de sua profissão e tratar o próximo como se Deus nele estivesse. Não foi isto o que respondeu aos que tratavam com amor ou indiferença o seu semelhante: “O que a ele fizeste, foi a mim que o fizeste”?

Há já muitos anos, vi com clareza meridiana um critério que será sempre válido: o ambiente da sociedade, com o seu afastamento da fé e da moral cristãs, precisa de uma nova forma de viver e de propagar a verdade eterna do Evangelho: nas próprias entranhas da sociedade, do mundo, os filhos de Deus hão de brilhar por suas virtudes como lanternas na escuridão - “quasi lucernae lucentes in caliginoso loco”.

O viver o cristianismo é inserir, como nos primeiros tempos, o cristão no meio do mundo. Não é afastando-se da sociedade, objetivando viver com pureza uma vida dedicada a Deus - o que é bom pelo bem que a oração traz aos homens – mas, insuficiente para se poder recristianizar O século em que vivemos. Há necessidade também de inserindo dentro do meio em que estamos para, sem respeitos humanos, viver-se os valores que nos são próprios e evangelizando a todos com o exemplo de nossa profissão bem exercida, da ética com que nós a exercemos e com ostensividade de nossa vivência cristã. A isto acrescentasse a palavra e o serviço a bem dos outros.

A perene vitalidade da Igreja Católica garante que a verdade e o espírito de Cristo não se afastam das diversas necessidades dos tempos.

A verdade e o espírito de Cristo são o que dão a perenidade da Igreja. Se pensarmos que alguém, nascido no último fuso horário do Império Romano, em uma província que era considerada um exílio para qualquer autoridade romana para lá destinada, e que pregou no aramaico falado apenas nas distantes plagas judaicas, viria ter suas lições proclamadas como as mais sábias da história da humanidade - e que permaneceriam na humanidade por 2000 anos depois - percebemos que a perenidade da igreja decorre de ter sido fundada pelo próprio Deus. Hoje, como há 20 séculos, Cristo ensina quais são os valores que podem salvar o mundo e cabem a nós, Seus apóstolos de hoje, difundi-los. Na Igreja atual, somos os filhos de Deus que Cristo veio preparar, no mundo, para a difusão de Suas lições.

Para seguir as pegadas de Cristo, o apóstolo de hoje não vem reformar nada, e muito menos desentender-se da realidade histórica que o rodeia... - Basta-lhe atuar como os primeiros cristãos, vivificando o ambiente.

Não temos que reformar nada na Igreja e nem desconhecer o mundo em que vivemos. Temos sim que lembrar o que fizeram os primeiros cristãos. Viveram entre todos os povos, originando bons costumes e fazendo-os conhecer a verdadeiro Deus para adotá-Lo. Assim temos que ser nós nos dias de hoje. As missões de Cristo são as mesmas, a igreja por Ele criada também. Os tempos são outros, mas a lição dos cristãos é aquela dos primeiros cristãos. Para isto temos que ser respeitados em nossa profissão, pela ética e eficiência, na nossa família como pertencendo a uma família cristã e do nosso meio como alguém que respeita o próximo e auxilia as boas obras para comunidade

Tu, que vives no meio do mundo, que és um cidadão como os outros, em contacto com homens que dizem ser bons ou ser maus...; tu, tens que sentir o desejo constante de dar aos outros a alegria de que gozas, por seres cristão.

Todos nós somos cidadãos comuns. Churchill dizia que o mais importante homem do mundo não passa de um cidadão comum para o seu mordomo do quarto. Esta é uma verdade aplicada a todos os seres e a nós. Naturalmente temos, entretanto, um privilégio que muitos não tem. Somos cristãos, o que vale dizer, apesar de nossa insignificância, Deus nos ama e nós amamos a Deus. Por isto, temos a obrigação de levar aos outros o que recebemos de Deus, a nossa fé, para que os outros se aproximem também do Senhor. É esta alegria que nos faz levar a vida, mesmo nas dificuldades. Com garbo e serenidade queremos que os outros também a vivenciem para viverem melhor na Terra e preparar a eternidade para Deus.

Promulgou-se um edito de César Augusto, que manda recensear todos os habitantes de Israel. Maria e José caminham para Belém... - Não pensaste que o Senhor se serviu do acatamento pontual de uma lei para que se cumprisse a sua profecia? Ama e respeita as normas de uma convivência honrada e não duvides de que a tua submissão leal ao dever será também veículo para que outros descubram a honradez cristã do amor divino, e encontrem a Deus.

A observação de nosso Padre é curiosa. Havia a profecia da vinda do Messias reiterada na tradição hebraica e nos profetas. Não se esperava que ocorresse dever censitário de Roma em Israel. talvez tal fato venha a realçar em todo o cristão a obrigação de obedecer às leis de seu país e de ter um comportamento digno e respeitoso junto às autoridades. Tal atitude é também apostólica, pois mostra o cristão, dando a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Cumpre-se assim a missão do apóstolo evangelizador, que como um cidadão comum vive na sociedade como todos, leal com o poder público e privado, mas servindo a Deus.

SINCERIDADE

Quem oculta ao seu Diretor uma tentação, tem um segredo a meias com o demônio. - Fez-se amigo do inimigo.

As tentações devem ser reveladas ao nosso diretor espiritual para ajudar-nos a combatê-las. Não devemos escondê-las, por vergonha, nem para que o diretor não pense mal a nosso respeito, por uma questão de preservar a autoimagem e pelos mais variados motivos. Sempre que as escondermos nós ficamos mais vulneráveis às tentações e passamos a jogar no time do demônio. Temos que saber que ou reconhecemos nossas fraquezas - e todos as temos - e contamos, na luta, com o apoio dos diretores, ou relutamos em reconhecê-las, ou se nós as reconhecemos, achamos que as podemos, resolver sozinhos e saímos derrotados por uma autossuficiência boba. Sinceridade sempre e pedir auxílio aos diretores.

O pó e a cegueira de certa queda causam-te desassossego, juntamente com pensamentos que querem tirar-te a paz. - Procuraste desabafar em lágrimas junto do Senhor, e na conversa confiada com um irmão?

Sempre que pecamos é grande o nosso desassossego. Sentimo-nos culpados por ofender a Deus e tememos que, se todos souberem que somos pecadores, nossa imagem será desfigurada. É nestes momentos que mais precisamos de um sacerdote que nos perdoe e de um diretor que nos auxilia a vencer novas tentações, pois uma queda pode levar a outra. Temos que saber lutar e sozinhos corremos o risco de fracassar na luta. É que as tentações são sempre mais fortes depois da queda e apenas com a penitência, oração e direção, conseguir-se-á vencê-las. Não temos que ter vergonha de confessar nossas misérias, pois Cristo veio ao mundo para salvar os doentes, pois osãos não precisam de salvação, e, de rigor, todos somos pecadores.

Sinceridade: com Deus, com o Diretor, com os teus irmãos os homens. - Assim estou certo da tua perseverança.

Temos que ser sinceros com Deus em primeiro lugar. É bobagem procurar disfarçar ou mentir como fez Caim. Deus tudo vê e julga todos os nossos pensamentos. Nossa sinceridade com Deus só aumenta as nossas chances na eternidade, enquanto a insinceridade é inútil, porque Deus tudo conhece. Sinceridade com o diretor, que só conhece o que dizemos e, muitas vezes, por sensibilidade de perceber o que queremos esconder. Se ele está aqui para nos orientar, não há por que retermos seu auxílio e seu auxílio é tanto maior quanto mais sinceros nós formos. E, por fim, perante todos os demais, visto que, com o tempo todas as pessoas veem-nos como um cidadão de uma peça só, que não mente e em que podem confiar. E é neste momento que podemos ser apóstolos.

Um meio para sermos francos e simples?... Escuta e medita estas palavras de Pedro: “Domine, tu omnia nosti...” - Senhor, Tu sabes tudo!

O Senhor tudo sabe. É inútil tentar esconder as nossas faltas. Ele tem pleno conhecimento dos nossos pecados e como somos fracos. Por isso, temos que ser humildes, transparentes com todos e sinceros com nossos confessores e diretores. Se todos os homens do mundo meditassem sobre sua temporária insignificância - afinal, todos somos programados para morrer - talvez se tornassem mais humildes, transparentes e sinceros. Temos, pois, quer ser francos com todos nossos semelhantes, pois a franqueza educada, gentil e não agressiva ajuda os outros a crescer e facilita o autoconhecimento, porque o próprio Deus espera de todos que O amam, esta conduta.

Que vou dizer?, perguntas ao começares a abrir a tua alma. E, com segura consciência, respondo-te: em primeiro lugar, aquilo que quererias que não se soubesse.

Conversar com o nosso confessor e confessar nossos pecados exige sinceridade. Como começar, entretanto, na conversa? Com o mais difícil, ou seja, com os nossos pecados mais graves. Aqueles que nos dão vergonha, aqueles que não gostaríamos que ninguém soubesse, aqueles que na hora de praticá-los encontramos uma justificação, como no sexo masculino, ou justificar-se que não poderia deixar que duvidassem de minha masculinidade, ou nos de negócios ilícitos, porque todos os fazem e não há mal no que ganhei e assim sendo um mundo de falsos motivos para ceder à fraqueza. Estes são os pecados que devemos começar a confessar, sem receio de termos nossa imagem desfigurada perante nosso confessor. Ele conhece as misérias humanas e pode nos auxiliar.

Os defeitos que vês nos outros talvez sejam os teus próprios. “Si oculus tuus fuerit simplex...” - Se o teu olho for simples, todo o teu corpo estará iluminado; mas se for malicioso, todo o teu corpo estará obscurecido. E mais ainda: “Como te pões a olhar o cisco no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está dentro do teu?” - Examina-te.

Normalmente, vemos nos outros os nossos defeitos que não corrigimos. Quando temos um espírito crítico é porque nosso coração precisa adquirir paz e amor. Todos os que veem disso nos olhos dos outros, dificilmente vem as traves do seus olhos. Podemos viver cultivando o espírito crítico, que, não poucas vezes, pode desembocar no ódio, e, certamente, afasta as pessoas. Ora, se estivermos dispostos a tolerar os erros dos outros, ajudando os a melhorarem com conselhos e amizade, terminaremos por conquistar pessoas para Cristo, que é a nossa grande missão na Terra. Somos semeadores de paz e de amor, levando-os para Deus.

Todos precisamos prevenir a falta de objetividade, sempre que se trate de julgar a nossa própria conduta... - Tu também.

Somos maus juízes de nossa conduta. Falta nos objetividade. Encontramos sempre desculpas nas nossas ações, mesmo quando erradas e, às vezes, muito erradas. O critério suave, e no objetivo, condescende que temos conosco, normalmente não aplicamos aos outros, quando tendemos a ser duros na crítica, muitas vezes por defeitos idênticos aos que nós temos, ou seja, pele de rinoceronte para julgar os nossos defeitos, que se tornam impenetráveis às nossas suaves autocríticas e pele de criança para atingir os defeitos alheios, ferindo-os com a violência de nossas críticas. Temos que aprender a ser objetivos, até mesmo com cruel dureza a julgar os nossos erros e tropeços e ter consideração com os erros dos outros, por desconhecermos as circunstâncias, embora com espírito de ajudá-los a corrigir.

De acordo, dizes a verdade “quase” por inteiro... Portanto, não és veraz.

Temos que aprender a dizer a verdade por inteiro. Se não, não seremos verdadeiros, autênticos, confiáveis e honestos. Muitas vezes dizemos a verdade, mas quando nos incomoda, apresentamos tantas justificativas à nossa interpretação dos fatos, que a verdade verdadeira praticamente desaparece. Outras vezes, dizer a verdade pode desfigurar a imagem de quem diz, levando a pessoa a deixar de ser autêntica, e condenando-se e podendo gerar a mentira dos acontecimentos, por não se ter tido a honradez de dizer a verdade, apesar de o silêncio não ter permitido que a mentira fosse afastada. Por fim, não poucas vezes, para ficarmos bem, fantasiamos os fatos sacrificando a verdade, apesar da narrativa não ignorar o ocorrido. Vale a pena pensar.

Dói-te... Mas insisto com intransigência santa: dói-te...
porque desta vez pus o dedo na tua chaga.

Muitas vezes, nós nos queixamos da vida e até mesmo dos nossos compromissos com Deus. De verdade quando nos queixamos é porque ainda não aprendemos a amar a Deus, como devemos, pensando que é Deus que deve se submeter à nossa imagem e semelhança, e não nós à sua imagem e semelhança. Deus sempre sabe melhor do que nós mesmos o que deve fazer conosco. Os desígnios de Deus, por inteiro, só viremos a saber quando estivermos com Ele e formos por Ele julgados, no céu. Ele é Pai, e misericordioso, mas também é justo e por isso temos que procurar viver na Terra como Ele desejaria que vivêssemos.

Compreendeste em que consiste a sinceridade quando me escrevias: “Estou procurando habituar-me a chamar as coisas pelo seu nome e, sobretudo, a não tentar atribuir nomes ao que não existe”.

A sinceridade consiste em dizer as coisas como são, sem necessidade de justificativas. Quando não somos sinceros, al-candoramos os erros para que pareçam estes inevitáveis, im-possíveis de serem afastados. As justificações fazem parecer o erro uma verdade e a verdade inalcançável. Ora, a verdade não precisa de justificações e o erro é um erro sempre. Te-mos, pois, que ter a hombridade de falar a verdade, como ela é e não imaginar algo que não existe para justificar o erro. Só assim poderemos nos aproximar de Deus com o coração leve.

Pensa bem nisto: ser transparente consiste mais em não tapar do que em querer fazer ver... Trata-se de permitir que se distingam os objetos que há no fundo do copo, e não em esforçar-se por tornar visível o ar.

Muitas vezes, fingimos querer que se faça transparente a nossa verdade, procurando a verdade desfigurada por nossa narrativa, mas escondendo a verdade verdadeira atrás dessa “pseudo verdade”. A verdade não precisa de explicações. É o que é. E, quando pode desfigurar a nossa imagem, mais uma razão para não alcandorá-la com uma narrativa, o mais das vezes, deformadora. O resto que tiver no fundo do copo não deixa de ser resto. Assim devemos ser, principalmente perante o confessor, vale dizer, com transparência absoluta. A pureza do ar que não se vê, mas se sente, é transparente.

Atuemos sempre de tal maneira, na presença de Deus, que não tenhamos que ocultar nada aos homens.

A pessoa transparente, simples, natural não precisa esconder nada. É uma pessoa de uma peça só. Se segue as lições não tem o que esconder. Mesmo sua vida interior não é nada de secreto. Se tem um tempo dedicado a oração, a missa e outras devoções. Não há por que esconder. Até é bom que os outros saibam para que respeitem aqueles momentos, e não interrompam-nos. A transparência torna a vida mais fácil de ser levada, pois todos percebem a coerência de vida e mesmo quando divergem ou criticam, sabem que, no íntimo, aquela pessoa tem convicções. Tem um estilo de vida transparente, coerente, simples, limpo e natural.

Acabaram-se as aflições... Descobriste que a sinceridade com o Diretor conserta com uma facilidade admirável aquilo que se entortou.

A sinceridade com o diretor torna sempre a vida mais fácil depois. É que a sinceridade em dizer os nossos erros possibilita a correção imediata, tira-nos um peso das costas e nos deixa mais leves para enfrentar os desafios. E que o pecado escondido torna um peso mais insuportável com o tempo. O pecado perdoado e corrigido e deixa de existir. Renova-se sempre a lição do Pai do Filho pródigo que, ao ouvir a confissão de que pecou contra o céu e contra ele, perdoa-lhe e o recupera para ser como igual filho entre os seus. Assim somos todos nós, filhos pródigos em busca da volta para casa paterna, à espera do perdão de Deus para voltarmos a ter felicidade.

Como erram pais, mestres, diretores... que exigem sinceridade absoluta e, quando lhes mostram toda a verdade, se assustam!

Se pedimos sinceridade absoluta aos filhos, netos e familiares, nós, educadores, objetivando auxiliá-los não podemos nunca assustar-nos com o que nos contam. Responsabilidades maiores têm os diretores espirituais. Temos sempre que lembrar que Cristo, com a mulher adúltera, não se escandalizou. Apesar de conhecer o seu grave pecado, perguntou-lhe: “Onde estão os que te acusaram?”, ou melhor, “Ninguém te acusou?”. Nem Ele a acusou. Disse-lhe, com amabilidade: “Nem eu te acuso, vai”. Cristo, todavia, acrescentou: “Mas não peques mais”, ou seja, mostrando-lhe que perdoou o erro, mas que a lição e o constrangimento serviriam para ela não pecar mais.

Lias naquele dicionário os sinônimos de insincero: “ambíguo, ladino, dissimulado, matreiro, astuto”... - Fechaste o livro, enquanto pedias ao Senhor que nunca pudessem aplicar-se a ti esses qualificativos, e te propusiste aprimorar ainda mais esta virtude sobrenatural e humana da sinceridade.

Quando verificamos nos dicionários os significados de incertezas, ficamos estupefatos com a força dos adjetivos escolhidos. Ambíguo, alguém sem condição que muda de opinião segundo suas conveniências. Ladino, ou seja, espertalhão para tirar vantagens. Dissimulado, pessoa em que não se pode confiar. Matreiro, sinônimo também de malandro. Astuto, quem procura enganar fingindo ser quem não é para enganar os outros. Como se percebe nenhum dos sinônimos de insincero é dignificante. Todos demonstram o mau caráter do insincero. Os apóstolos jamais poderão ser insinceros, pois assim afastariam e não aproximariam os outros de Deus. Nossa luta permanente é de sermos sinceros, como foram os primeiros apóstolos.

“Abyssus abyssum invocat...” - um abismo chama outro abismo, como já te recordei. É a descrição exata do modo de comportar-se dos mentirosos, dos hipócritas, dos renegados, dos traidores: como estão desgostosos com o seu próprio modo de conduzir-se, ocultam aos outros as suas trapaças, para irem de mal a pior, criando um despenhadeiro entre eles e o próximo.

Se o nosso comportamento é falso, mentiroso, insincero, logo será percebido pelos outros. De nós poderão aproximar-se outros mentirosos, trapaceiros, malandros, para unidos enganarem os próximos ou a si mesmos. Este comportamento, entretanto, afasta os demais que querem ter uma vida digna e certamente, todos aqueles que sentem, embora estejam longe, uma ânsia de se aproximarem e de conhecer Deus. A sinceridade aproxima, pois mesmo quando esclarecemos o erro, como o filho pródigo, passa a ter o benefício da confiabilidade. Como dizia nosso padre, o abismo da mentira chama outro abismo, enquanto a sinceridade, mesmo quando afasta num primeiro momento, recupera o espaço perdido e alcança o próximo na fraternidade e amor.

“Tota pulchra es, Maria, et macula originalis non est in te!” - És toda formosa, Maria, e não há em ti mancha original!, canta alvoroçada a liturgia: não há nela a menor sombra de duplicidade. Peço diariamente à nossa Mãe que saibamos abrir a alma na direção espiritual, para que a luz da graça ilumine toda a nossa conduta! - Se assim lhe suplicarmos, Maria nos obterá a valentia da sinceridade, para que nos cheguemos mais à Trindade Santíssima.

Apesar de poeta medíocre, compus inúmeros poemas para a Virgem, ao ponto do padre João Mohana, que me auxiliou muito na reconversão, ter me dito que quando eu morresse Nossa Senhora me receberia dizendo: “Chegou o meu jogral”. Amo-a muito e, em todas as dificuldades, peço-lhe apoio, principalmente nas dúvidas, e sempre, se enfrento alguma tentação, sua ajuda se revelou sempre eficaz. Para isto temos que tratá-la com a intimidade de um filho que confia em sua mãe. Sabe que Ela nunca lhe faltarà. A sinceridade no trato, todavia, é essencial. Com Deus Pai, com Cristo e sua Mãe e com o Espírito Santo. Sinceridade selvagem até porque, mesmo que queiramos esconder algo, eles não ignoram o que parece oculto.

LEALDADE

A lealdade tem como conseqüências a segurança de andar por um caminho reto, sem instabilidades nem perturbações; e a de firmar-se nesta certeza: que existem o bom senso e a felicidade. - Vê se isso se cumpre na tua vida de cada instante.

A lealdade a Deus dá-nos em primeiro lugar: Segurança, pois sabemos que quem está conduzindo nossa vida é o próprio Deus. Por outro lado, passamos a ter plena certeza de que o caminho que seguimos é o caminho certo. E por esta razão as instabilidades naturais da vida são absorvidas pela segurança de que Deus é nosso Pastor, e as enfrentamos melhor. O mesmo se dá como quando perturbações ocorrem. Tudo isto se deve ao bom senso que adquirimos por seguir a Deus e sua palavra, através de nosso diretor. A felicidade, mesmo nos momentos difíceis, é o fruto natural de nossa convivência com nosso Pai, pois Ele tudo sabe, tudo vê e nunca nos abandona, pois somos seus filhos.

Confiavas-me que Deus, em certos momentos, te enche de luz; em outros não. Recordei-te, com firmeza, que o Senhor é sempre infinitamente bom. Por isso, para continuares em frente, bastam-te esses tempos luminosos; se bem que os outros também te são proveitosos, para te fazeres mais fiel.

Uma realidade de nosso amor a Deus, como acontece com todos os fatos de nossa vida, é que temos momentos de maior intensidade, alegria e luminosidade e outros de rotina, pouco entusiasmo e muitas vezes de obscuridade. Temos que ser sempre os mesmos nos dois momentos, agradecendo a Deus nos bons momentos e aprendendo a lutar, nos momentos difíceis, aprendendo a ser leais a Deus, só assim avançaremos. É que nos bons momentos, não é difícil cumprir nossa obrigação de filhos de Deus. Somos provados, entretanto, nas dificuldades, nos tormentos, onde temos que confiar que o nosso timoneiro é Deus e Ele sabe melhor do que nós como nos preparar para a eternidade.

Sal da terra. -Nosso Senhor disse que os seus discípulos -tu e eu também- são sal da terra: para imunizar, para evitar a corrupção, para temperar o mundo.

-Mas também acrescentou “quod si sal evanuerit...” -que se o sal perde o seu sabor, será lançado fora e pisado pelos homens...

- Agora, perante muitos acontecimentos que lamentamos, vais compreendendo o que antes não compreendias?

Será o sal da terra. É o que Cristo pediu a seus seguidores. Alertou, todavia, que, se o sal perde a sua força, para de nada serve. Todos nós corremos o risco, ao seguir Cristo, de perdermos o sabor e tornarmo-nos inúteis, se não estivermos sempre unidos em oração e conhecimento da doutrina, a sua missão repassada aos apóstolos de todos os tempos. E a oração do corpo, que é a mortificação pessoal, tem um valor especial. Não podemos parar, depois que conhecemos Cristo, e devemos passar a amá-Lo e nos tornarmos seus apóstolos. Temos que crescer sempre para sermos mais úteis à pregação de seu Reino na Terra. A reflexão sobre esta verdade é fundamental para que sejamos eficazes.

Faz-me tremer aquela passagem da segunda epístola a Timóteo, quando o Apóstolo se dói de que Demas tenha fugido para Tessalônica, atrás dos encantos deste mundo... Por uma bagatela, e por medo das perseguições, atraçou a tarefa divina um homem que São Paulo cita, em outras epístolas, entre os santos. Faz-me tremer, conhecendo a minha pequenez; e leva-me a exigir de mim fidelidade ao Senhor até nos fatos que podem parecer indiferentes, porque, se não me servem para unir-me mais a Ele, não os quero!

O episódio com Demas preocupa, pois pode ocorrer com qualquer um de nós. Somos fracos, por isso temos que estar vigilantes. Não podemos deixar de lutar e respeitar as normas de piedade, porque são elas que nos dão força espiritual para enfrentar os desafios do mundo e as fraquezas da nossa natureza. Demas que era exemplo, foi tentado pelas atrações do mundo e terminou por optar por umas bugigangas que não poderia levar com ele quando morresse, e perdeu a eternidade com Deus. Temos, pois, que meditar. A fidelidade ao compromisso assumido trará sempre o apoio de Deus. Ele nunca nos abandonará, pois é o nosso Pastor.

Para tantos momentos da história, que o diabo se encarrega de repetir, parece-me uma consideração muito acertada aquela que me escrevias sobre lealdade: “Traço o dia todo, no coração, na cabeça, nos lábios, uma jaculatória: Roma!”

Em Roma, encontra-se a sede da Igreja Católica. O Estado da Santa Fé, onde está o Vaticano, que foi o grande palco de expressão do Cristianismo. O Coliseu, a maior “fábrica” de produção de santos, regou com o sangue dos mártires a fé de todas as gerações. Até mesmo na última perseguição dos cristãos por Diocleciano, a Igreja cresceu, levando pouco mais de dez anos depois para Constantino reconhecer o Cristianismo como uma das religiões do Império. Pedro, o primeiro Papa lá morreu, crucificado e desde então, todos os seus sucessores de fé, salvo o interregno da cisão de Avignon, dirigem para Deus os católicos. Invocam Roma para combater as tentações na forma de viver a comunhão dos santos e fortalecer a fé.

Uma grande descoberta! Uma coisa que só entendias muito pela metade, tornou-se claríssima para ti quando tiveste que explicá-la a outros. Tiveste que falar muito devagar com um que estava desanimado porque se sentia ineficaz e não queria ser um peso para ninguém... Então compreendeste melhor que nunca por que te falo constantemente de sermos burrinhos de nora: fiéis, com viseiras muito grandes para não olharmos nem saborearmos pessoalmente os resultados - as flores, os frutos, a louçania da horta -, bem certos da eficácia da nossa fidelidade.

Quando fui patrono da primeira turma de presidiários formados, em universidade, pela FADISA, o orador da turma contou a história de duas talhas de água que eram levadas para um servente, uma delas com uma rachadura que lá chegava apenas pela metade. Sentia-se humilhado e disse, um dia, a Cristo sua tristeza. Cristo mostrou-lhe então, no caminho, o lado em que ficava a talha com rachadura, cheio de flores, e Lhe disse: “Apesar de ser defeito, a água que foi derrubada regou a terra e só há flores deste lado do caminho”. Wendel, o presidiário orador, ao final da história disse que esperava, apesar do que fizera, estar regenerado e com seus 17 colegas para plantar flores para a sociedade, voluntariamente, pois Deus fizera-lhe ver o erro, mas dera-lhe uma nova oportunidade. Assim somos nós, quando compreendemos a nossa missão de apóstolos, o eventual bem que tenha-

mos feito, apesar de nossos defeitos, será transformado na luta diária para fazermos o bom mundo como filhos de Deus e para nosso Pai.

A lealdade exige fome de formação, porque - movido por um amor sincero - não desejamos correr o risco de difundir ou defender, por ignorância, critérios que estão muito longe de corresponderem à verdade.

Quando falamos sobre Deus não podemos ser levianos. A lealdade sem formação pode gerar riscos enormes na evangelização. Podemos, por ser respeitáveis pela nossa lealdade e sinceridade no amor a Cristo, fazer um grande mal se não conhecermos bem sua doutrina e ensinarmos heresias e deformações. Deus é amor, mas é também o Mestre da vida e como Mestre temos que aprender o que ensinou e o que ensina, através dos tempos por seus intérpretes, aqueles que estão no topo da Igreja, com a responsabilidade de levá-la pelos séculos. Só o bem-informado pode ensinar sem equívocos, levando as pessoas a chegarem a Deus como Cristo queria.

“Queria - escreves-me - que a minha lealdade e a minha perseverança fossem tão sólidas e tão eternas, e o meu serviço tão vigilante e amoroso, que o Senhor pudesse alegrar-se comigo e eu fosse para si um pequeno descanso”. - E respondo-te: Deus te confirme no teu propósito para que sejamos ajuda e descanso para Ele.

Lealdade e perseverança é o que Deus espera de nós. Não somos nada, mas cada um de seus filhos, leal e perseverante, é uma pedra a mais que se coloca no edifício da salvação do mundo. Deus sabe que, ao conceder o livre-arbítrio para que pudéssemos decidir o nosso destino e se O amaríamos ou não, quis ter Seus filhos aderindo a Seu caminho por amor e não por imposição. A escolha é nossa, e todos que são leais e perseverantes levam sempre a Deus a alegria da ovelha que permanece no rebanho e se, algum dia, deixa-o e retorna, como filho pródigo, provoca uma alegria maior. Deus é nosso Pai e cada filho que O reconhece como Pai, com seu livre-arbítrio gera alegria no Senhor.

É verdade que alguns que se entusiasmam, depois vão-se embora... Não te preocupes: são agulha de que Deus se serve para enfiar a linha. - Ah, e reza por eles!, porque talvez se possa conseguir que continuem empurrando outros.

Sabemos, como aconteceu depois de uma reunião em que Cristo falou sobre as alegrias, mas também as dificuldades por segui-Lo e a cruz, levando muitos a abandonarem-No. Hoje, também há aqueles, que abandonam a missão, sem deixar de querer a Cristo. São como agulha, mero instrumento, mas não como a linha que costura, segura e completa a obra. Foram e podem ser úteis, podendo até mesmo voltarem a ser linha. Todos nós devemos nos interessar por todos os que conhecemos, lembrando-nos de Dimas, que conquistou os Céus nos últimos momentos de sua vida. Todos nós temos algo de Dimas, de Pedro e de Paulo nos defeitos, mas podemos lutar por imitar sua Santidade.

Para ti, que vacilas, copio de uma carta: “De agora em diante, talvez continue a ser o mesmo instrumento inepto de sempre. Apesar disso, terá mudado o enfoque e a solução do problema da minha vida; porque há em mim um desejo, firme, de perseverança... até sempre!” - Nunca duvides de que Ele jamais falha.

Somos todos instrumentos ineptos de Deus. Nossa fidelidade e a vontade de acertar levam Deus a sempre dar descontos à nossa insuficiência e reconhece os nossos esforços para acertar. Erraremos muito e sempre, mas, se não desistirmos da luta, avançaremos, a cada passo, pois a luta é própria dos cristãos. Saulo e Pedro tiveram divergências, Pedro negou Cristo, vergonhosamente, Marta, duas vezes, demonstrou insatisfação e questionou o Senhor, Saulo perseguiu cristãos e não quis, nos primeiros tempos Marcos, separando-se de Barnabé, embora, no fim da vida viesse a receber e querer o seu apoio. Tomé duvidou dos demais apóstolos, enfim, todos mostraram ser humanos, mas foram até o martírio. E nós? Só nos resta lutar.

A tua vida é serviço, mas sempre com uma lealdade sem brechas, sem condições: somente assim daremos o rendimento que o Senhor espera.

Serviço a Deus. A honra de servi-Lo sem brechas e sem condições. A um Deus como dizia o Conde de Gandía, quando da morte da rainha que admirava: “Não mais servirei a um Deus que me pode morrer”. Assim, devemos ser. Com lealdade, servir. Sem brechas, vale dizer sem necessidade de compensações e sem condições, não pedindo nada em troca. A generosidade de Deus é sempre original, maior e sem limites. Quando da nossa breve passagem pela Terra, nós a veremos. Mesmo quando não O compreendemos, servi-Lo, pois um dia, compreenderemos tudo. Meu Deus, ajuda-me a ser o que o Senhor espera de mim Proteja-me contra mim mesmo para ser do Senhor, meu Pai, o filho fiel.

Nunca partilharei, nem no terreno ascético nem no jurídico, da idéia dos que pensam e vivem como se servir a Igreja equivallesse a empoleirar-se.

É evidente que quem serve à Igreja está a serviço dela e não dela se servindo. Não é nossa função aproveitar-se da Igreja para benefícios pessoais. Temos que estar nela para servi-la. Nem empoleirar-se para ter segurança de existência no plano material, nem para justificar o distanciamento do mundo, mas numa visão comodista da vida. Temos que nos dedicar a servi-la, isto é, passar a doar-nos e no caso dos consagrados cuja família é sua comunidade, doar o que se tem. Já para os leigos, apóstolos, solteiros e casados, tem que sempre preservar o necessário, no nível social em que estão, a fim de poderem ser apóstolos entre os iguais, socialmente falando. Servir e não servir-se, trabalhar e não empoleirar-se tendo Deus como a fé, apenas como alavanca de seus projetos pessoais.

Dói-te ver que alguns têm a técnica de falar da Cruz de Cristo, unicamente para subir e conquistar posições... São os mesmos que não consideram limpo nada do que vêm, se não coincide com o seu critério. - Mais uma razão para que perseveres na retidão de tuas intenções, e para que peças ao Mestre que te conceda a força de repetir: “Non mea voluntas, sed tua fiat” - Senhor, que eu cumpra com amor a tua Vontade Santa!

Muitos cristãos usam a Cruz de Cristo como alavanca para subirem na vida. Outros falam da Cruz de Cristo à sua maneira e semelhança. Querem uma cruz adaptada ao seu gosto. Não a de Cristo, mas a sua. A verdadeira é aquela que aceitamos, dizendo: “Faça-se a Sua vontade, não a nossa”. O verdadeiro Cristão buscando imitar a Cristo seguindo o que manda o seu diretor, que representa a vontade de Deus. Quem obedece, não erra nunca. A responsabilidade é de quem manda. E nossos diretores, quando escolhidos entre os servos bons e fiéis, sempre dizem, com retidão, qual é a vontade de Deus. “Fiat mihi secundum verbum tuum”. Deus é a nossa única e verdadeira meta.

Tens de crescer de dia para dia em lealdade à Igreja, ao Papa, à Santa Sé... Com um amor cada vez mais teológico!

Temos que crescer sempre no amor à Igreja, ao Papa e à Sede da Igreja, que é a Santa Sé. Somos todos súditos da Santa Sé. Temos duas pátrias na Terra: a do nosso país e da sede de Deus na Terra, que é a Santa Sé. Todos os católicos são cidadãos da Santa Sé, que é a capital terrestre da Igreja. Pertencemos à Igreja de Cristo, aquela que pediu a Pedro para edificar. “Sobre esta pedra, pois és Pedra, eu fundarei minha Igreja.” E assim passou a chamar-se Pedro. E o sucessor de Pedro é o Papa. Por isso, temos que crescer no amor àquele que é o Vice Cristo, o Vice-Rei do Universo. Um amor teológico, baseado na fé que nos leva a Deus. E durante toda a vida até a morte, quando seremos recebidos por nosso PAI CELESTIAL.

Tens uma grande ânsia de amar a Igreja: tanto maior, quanto mais se agitam os que pretendem desfeá-la. Parece-me muito lógico: porque a Igreja é tua Mãe.

Temos que amar a Igreja, principalmente quando é mais atacada. Ela é a nossa mãe e inspiradora da nossa fé. Sabemos que sem ela somos almas soltas condenadas a uma morte certa e a um futuro incerto. Deus é nosso Pai e criou seu Filho para vir à Terra e pedir a Pedro que a fundasse. Mudou de Simão para Pedro o nome de seu apóstolo e deu-lhe o poder de ligar na Terra o que quisesse ligar no Céu e desligar na Terra quem não deveria ir para o Céu. Os que destratam a Igreja são aqueles que não entrarão no Céu, não porque Cristo não o quis, mas porque eles não quiseram. E a eternidade sem Deus, num vazio sem fim deve ser o inferno dos infernos.

Os que não querem entender que a fé exige serviço à Igreja e às almas, cedo ou tarde invertem os termos, e acabam por servir-se da Igreja e das almas, para os seus fins pessoais.

A verdadeira fé leva ao serviço. Das almas e da Igreja, pois nos ensina a amar as almas. Quem não percebe que a fé leva ao serviço, termina por utilizar-se sempre da Igreja e das almas para servir-se delas. “Servir ou servir”, eis a questão fulcral que Cristo ensinou ao vir ao mundo. Salvar almas e gerar apóstolos. E, na Última Ceia, deu o exemplo maior do serviço e da forma de servir, ao lavar os pés dos apóstolos. Tenho certeza de que nem sempre é fácil seguir este caminho, mas é o único caminho. Caso contrário, nos perdemos e confundimos nossas razões sem entender as razões de Deus para a nossa salvação. Fé e serviço à Igreja e às almas.

Oxalá não caias nunca, no erro de identificar o Corpo Místico de Cristo com uma atitude determinada, pessoal ou pública, de qualquer dos seus membros. E oxalá não dês pé a que pessoas menos formadas caiam nesse erro. - Vê se não é importante a tua coerência, a tua lealdade!

O Corpo Místico de Cristo não pode ser confundido com manifestações de muitos dos seus seguidores que insistem em trazer teses novas e levá-las ao conhecimento como sendo uma nova e verdadeira manifestação dEle. Cristo e as verdades eternas que deixou, a realidade de seu Corpo Místico, só podem ser descritos pela força da Igreja ancorada no Santo Padre e nossa lealdade deve começar por aceitar o que o Vice Cristo na Terra ensina no seu magistério instituído pelo Filho Deus de Deus Pai iluminado por Deus Espírito Santo. Os novidadeiros são sempre um risco, pois terminam mais fazendo ou querendo fazer prevalecer suas teses sobre a verdade eterna no palco de sua vaidade.

Não te compreendo quando, ao falares de questões de moral e de fé, me dizes que és um católico independente... - Independente de quem? Essa falsa independência equivale a sair do caminho de Cristo.

Em questão de moral e de fé, o católico não tem nenhuma independência. Ou segue Cristo pela interpretação correta de sua doutrina pela Sua Igreja, criada por Deus Filho quando fez Pedro ser o primeiro Papa, ou segue a si mesmo, condicionando Cristo à sua maneira de ser, tornando-se deus da Santíssima Trindade, pois aceita o que lhe agrada e rejeita o que Cristo ensinou por não lhe agradar. Em matéria de fé e de moral, não há nenhuma possibilidade de independência. Somos, neste ponto, radicais, ou seja, vamos à raiz da origem do Cristianismo, amando Cristo e seguindo-O, ou seguindo às meias, o que não é segui-Lo, mas seguir a si mesmo.

Não cedas nunca na doutrina da Igreja - Quando se faz uma liga, o melhor metal é o que sai perdendo. Além disso, esse tesouro não é teu, e - como narra o Evangelho - o Dono pode pedir-te contas quando menos o esperas.

A doutrina da Igreja é uma só: a de Cristo, a dos Evangelhos, Ato dos Apóstolos e Epístolas. Não há como confundi-la com novidades, novas interpretações ou teorias dos livres pensadores. E esta doutrina pediu a Pedro que fosse preservada pela Igreja, fundada no momento em que disse: “tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja”. É, portanto, a única intérprete fiel do Cristianismo e do que Cristo disse para salvar o mundo e levar o maior número possível de almas para o Céu. Sem transigências, seguir o que diz a Santa Mãe Igreja, pois sua doutrina é a doutrina de Cristo.

Concordo contigo em que há católicos, praticantes e mesmo piedosos aos olhos dos outros, e talvez sinceramente convictos, que servem ingenuamente os inimigos da Igreja... - Infiltrou-se em sua própria casa, com nomes diferentes mal aplicados - ecumenismos, pluralismos, democracia -, o pior adversário: a ignorância.

A ignorância, em matéria de doutrina, é talvez um inimigo mais perigoso que os inimigos ostensivos da Igreja. É que, mesmo que os que se apresentam como católicos estejam bem-intencionados, terminam apresentando interpretações próprias, distorcidas importadas de outras religiões e geram confusão, que muitas vezes é difícil de desfazer-se. Um cego não pode orientar outro cego no caminho a seguir. Assim, se não tivermos a boa doutrina do nosso lado, estaremos, se pretendermos orientar, correndo o risco de desviarmos mais do que aproximarmos os outros de Cristo. Estudar a boa doutrina e ter um diretor que a conheça bem é fundamental para sermos verdadeiros apóstolos.

Ainda que pareça um paradoxo, não raro sucede que, aqueles que se chamam a si próprios filhos da Igreja, são precisamente os que maior confusão semeiam.

As pessoas que gostam de exhibir-se como filhos da Igreja, padrões do Cristianismo, querendo que todos as admirem por serem católicos, não poucas vezes são as que causam maiores problemas. São como aqueles fariseus que Cristo admoestava, porque querem buscar os primeiros lugares e serem respeitados pelo povo. Todos nós corremos o risco do farisaísmo e de querer o reconhecimento do nosso “dever” a Deus, como se os cargos na Igreja não fossem encargos e devessem ser procurados como os políticos procuram postos no domínio popular. Gera, quem assim pensa, mais problemas que soluções, pois, nem sempre dão bons exemplos nas disputas, às vezes ensinam com falhas terríveis, a doutrina, e buscam a própria glória e não a de Cristo.

Estás cansado de lutar. Deu-te nojo esse ambiente, caracterizado pela falta de lealdade... Todos se lançam sobre aquele que caiu, para espezinhá-lo! Não sei por que te admiras. Aconteceu o mesmo com Jesus Cristo, mas Ele não recuou, porque tinha vindo salvar justamente os doentes e os que não O compreendiam.

Às vezes, o mundo em que vivemos causa-nos asco da podridão de costumes e a crueldade dos homens, sempre dispostos a torturar e alegrar-se com o sofrimento alheio. E os radicalismos geram ódio e confronto. Nós, os seguidores de Cristo, apesar de sabermos que o mundo é assim, temos que fazer como Cristo, que para salvar a humanidade sacrificou-se com a dolorosa morte da cruz. Nunca deixou, entretanto de ensinar, promovendo entre os seus a paz e o amor ao próximo. Nosso exemplo tem que se opor à sordidez dos degradados filhos do ódio, que semeiam a destruição da família, à corrupção dos costumes, o egoísmo corrosivo no trabalho e a deletéria supressão de valores. Ao mau odor exalado destes desagregadores da humanidade, temos que responder com o odor de Cristo.

Que os leais não atuem! - É o que querem os desleais.

Já se disse que o silêncio dos bons permite o progresso dos maus. Assim devemos ser todos nós, que lutamos por ser leais a Deus, ou seja, lutadores como foram os primeiros apóstolos. Não podemos ficar no silêncio, muitas vezes de acomodação para não nos criarmos problemas, mas temos que enfrentar a desinformação, as perseguições, murmurações e tentativas de desfigurações da imagem, com fortaleza e coragem, mas amor. Rezando por quem nos ataca, mas atacando o erro que cometem, com a moderação, temperança e até mesmo com a elegância dos filhos de Deus. Não podemos é nos calar com aquilo que desejam os desleais, os semeadores de ódio, os quais continuam crucificando-O através dos tempos.

Foge dos sectarismos, que se opõem a uma colaboração leal.

Os sectarismos geram radicalizações. E as radicalizações afastam as pessoas. Jamais as aproximam. Se queremos ser leais a Cristo, temos que gerar fraternidade e mostrar o amor de Cristo por todos nós. Os sectarismos dividem, as lealdades a Cristo somam. Os sectários podem até mesmo perseguir-nos, mas a nossa resposta não poderá ser diferente daquela que Cristo deu: de dar a outra face, sem transigirmos em nossas convicções. Thomas More declarou respeitar ao rei, enviando cumprimentos já no cadafalso, ao rei que o condenara à morte por ter se mantido fiel aos ensinamentos do Mestre e da Igreja por Ele criada. Assim devemos ser: não sectários, fiéis a Cristo e defensores sem ódio de nossa religião.

Não se pode promover a verdadeira unidade à base de abrir novas divisões... Muito menos quando os promotores aspiram a apoderar-se do comando, suplantando a autoridade legítima.

A divisão não gera unidade. Buscar nas coisas de Deus para assumir o comando de Instituições a Ele dedicadas, como aspiração, mesmo que à custa de divisão, é ter o poder acima do serviço ao próximo e o amor a si mesmo mais do que o amor a Deus. Na religião, qualquer posto diretivo deve ser um encargo a ser entregue pelos que servem e não um cargo a quem deseja obter o poder. Quem assim pensa, em conquistar o poder, divide quem é escolhido sem procurá-lo, une e obtém o que Cristo desejou, ou seja, a união, na diversidade, pois uma só é a lição de Cristo e uma só a ser difundida: “Amar a Deus e ao próximo”.

Ficaste muito pensativo quando me ouviste comentar: Quero ter o sangue de minha Mãe a Igreja; não o de Alexandre, nem o de Carlos Magno, nem o dos sete sábios da Grécia.

Nós, os Cristãos, devemos lembrar sempre que estamos na vida de passagem, vale dizer, nascemos condenados à morte. E nesta passagem pela vida, temos dois caminhos: ou ter como meta principal servir a Deus, como cidadãos do mundo, ou servimos a nós mesmos, amealhando ou não bens e prestígio para nosso gáudio pessoal, que desaparecerão no túmulo. Quando somos cidadãos do mundo e fazendo o que os outros fazem, mas tendo por meta santificar-nos, santificar o trabalho e santificar os outros, nossa vida tem maior sentido que a dos grandes conquistadores, porque servimos à Igreja de Deus. Quando servimo-nos, utilizando-nos de todos os meios para subir na vida e ser admirados pelos outros, vivemos altos e baixos e nunca seremos realmente felizes, pois temos a frustração do fracasso ou o vazio do sucesso. Servir a Deus é o que vale.

Perseverar é persistir no amor “per Ipsum et cum Ipso et in Ipso...”, o que realmente podemos interpretar também assim: Ele!, comigo, por mim e em mim.

O amor a Cristo é um amigo maior do que todos, é um amor que deve estar comigo, em mim e por mim. “Per Ipsum et cum Ipso et in Ipso”. Assim devemos ter toda a nossa vida orientada. Pisando sempre permanentemente com Ele e por Ele dedicando-O a todo tempo. Ou vivemos para Deus ou para nós. Podemos fazer a mesma coisa, mas a destinação do que fazemos é que vale. Por ajudar os outros por Deus ou para aparecer e sermos elogiados, o que melhor que seja a ação, nos desvaloriza. As vezes pode levar tempo, mesmo seguindo as lições que nos dão, mas Deus é paciente e tudo o que faz é avaliar-nos. Muitas vezes, sem que percebamos, a esperar, pois como o pai do filho pródigo, sabe se a alma for generosa, que voltará.

Pode acontecer que haja, entre os católicos, alguns com pouco espírito cristão; ou que dêem essa impressão aos que se relacionam com eles num momento determinado. Mas, se esta realidade te escandalizasse, darias mostras de conhecer pouco a miséria humana e... a tua própria miséria. Além disso, não é justo nem leal servir-se das fraquezas desses poucos, para difamar Cristo e a sua Igreja.

Nem todos os católicos abraçam sua religião com a dedicação que Cristo gostaria de cada um de seus seguidores. Alguns até mesmo deram mau exemplo. Na própria cátedra de Pedro, tivemos os que fizeram mal à Igreja. O conto de Boccaccio, em período de baixa moral no Vaticano é emblemático. Um maometano inglês que é tratado por um católico, à época cristão chamado, e que decide ir até a Roma para ver se se convertia ou não, e volta convertido e diz que viu tudo errado, mas se Cristo resiste e o cristianismo suporta tanto erro, deve-se confiar no Mestre, pois esta só pode ser a religião de Deus. A estes que fazem mal à Igreja, dizendo-se católicos, temos que responder com a nossa fidelidade. Como dizia São Josemaria, afogando o mal na abundância do bem. Temos que mostrar a nossa fé e ser fiéis e propagadores da verdadeira mensagem de Cristo, levando os nossos próximos a estar perto de Deus todos os dias.

É verdade que nós, os filhos de Deus, não devemos servir ao Senhor para que nos vejam..., mas não nos há de importar que nos vejam, e muito menos podemos deixar de cumprir porque estão vendo!

Por sermos católicos, não devemos exhibir-nos no exercício do apostolado ou no cumprimento das normas de piedade. A exibição para que nos admirem, aqueles que creem em Deus é vaidade e nós somos católicos não para sermos admirados como os fariseus, mas para levar nossos irmãos a seguir a Cristo. Que nos vejam não deve importar-nos. É normal, mas que nos vejam por que estamos servindo e não para sermos admirados por servir a Cristo. Por fim, em ambientes que negam a Cristo, não tenhamos medo de, com naturalidade, mostrarmos que estamos vivendo, com simplicidade e amor, a nossa fé. O que não podemos, nestes ambientes, é, por respeito humano, silenciarmos a nossa fé, o que é símbolo de covardia.

Passaram-se vinte séculos, e a cena se repete todos os dias: continuam levando a julgamento, flagelando e crucificando o Mestre... E muitos católicos, com o seu comportamento e com as suas palavras, continuam gritando: Esse? Não o conheço! Desejaria ir por toda a parte, recordando confidencialmente a muitos que Deus é misericordioso, e que também é muito justo! Por isso afirmou claramente: “Também Eu não reconhecerei os que não me tiveram reconhecido diante dos homens”.

Deus é misericordioso e justo. Perdoa os que se arrependem, mas aplica a justiça aos que escolheram atacá-Lo e não O reconheceram. Respeita a decisão deles. Se não quiseram Cristo na Terra, respeitará sua decisão na eternidade e lá não terão o Senhor. Muitos teólogos dizem que a tristeza maior na eternidade é a ausência de Deus, sendo esta ausência o verdadeiro inferno: um vazio infinito e sem qualquer perspectiva. E quantos que se dizem católicos, às críticas de ateus e agnósticos, respondem com acenos positivos e dizem, sem arrependimento, “Não O conheço” ou “Crucificam-No”, como na pergunta de Pilatos ou da turma assolada por Cai-fás. Que não estejamos entre estes, pois, recebemos a boa doutrina e aprendemos a Amá-lo.

Sempre pensei que a falta de lealdade por respeito humanos é desamor..., e ausência de personalidade.

Quando a questão é defender Deus, a Igreja, Seus apóstolos e vocacionados na reta busca da Verdade Divina, os respeito humanos são inadmissíveis. Não podemos esconder nunca a nossa fé. É de se lembrar um mártir - parece-me que da última grande perseguição de Deocleciano no ano 300d.c. -, em que o pretor que o deveria condenar, querendo salvá-lo, sugeriu que dissesse não ser cristão só para efeitos do julgamento, podendo continuar a sê-lo depois, e ouviu dele que preferia ser condenado à morte, mas jamais negaria a Cristo. Respeitos humanos em relação a Cristo são covardia, deslealdade e demonstrações de falta de fé e amor a Deus. Nunca, devemos transigir quando estamos perante a negação ou ataques a Deus. Temos que mostrar que somos seus cavaleiros.

Volta os teus olhos para a Virgem Maria e contempla como vive a virtude da lealdade. Quando Isabel precisa dela, diz o Evangelho que vai “cum festinatione” com pressa alegre. Aprende!

A lealdade é sinal de seguir a Cristo. A lealdade, à evidência, ao Senhor, a quem devemos servir com honra e alegria. A mesma alegria que a Virgem mostrou quando foi servir sua prima Isabel, ao sabê-la grávida, apesar da idade. Tendo consciência de que Deus nos criou e nos quer como filhos, por isso O chamamos Pai na oração que Seu Filho unigênito nos ensinou. Temos que dedicar-Lhe a vida na família, no trabalho e na sociedade, auscultando Sua vontade e buscando encontrar sempre o melhor caminho, objetivando, mais do que pregar o que é importante, dar o exemplo para que outros possam seguir a Cristo. Lealdade sempre, que se obtém com muita oração e ação decorrente das inspirações que Deus nos dá, sempre através do aconselhamento do diretor.

DISCIPLINA

Obedecer docilmente. - Mas com inteligência, com amor e com sentido de responsabilidade, que nada têm a ver com julgar os que governam.

A disciplina impõe agirmos com obediência. Na vida espiritual, quem obedece não erra nunca. A obediência deve implicar agir com inteligência, amor e responsabilidade. Inteligência para procurar agir tirando as maiores potencialidades de si mesmo, como escolha da oportunidade, das palavras a serem ditas, do conhecimento da pessoa com quem se fala para saber como atuar e, saber finalmente como agir da melhor maneira. Com amor, pois na vida espiritual, como dizia nosso Padre: “De cem almas, nos interessam as cem”. E, por fim, com responsabilidade sem expor, desnecessariamente, seus irmãos, nem aqueles a quem se dirige, valendo tal formas de ser para as obras apostólicas e aquelas instrumentais que as sustentam. A todas temos que assim nos dedicar, mas tendo sempre em consideração, que agir como se sugere: jamais implica julgar a quem se obedece.

No apostolado, obedece sem reparar nas condições humanas de quem manda, nem no modo como manda. O contrário não é virtude. Cruzes há muitas: de brilhantes, de pérolas, de esmeraldas, de esmaltes, de marfim...; também de madeira, como a de Nosso Senhor, porque a Cruz nos fala do sacrifício do Deus feito Homem. - Leva esta consideração à tua obediência, sem te esqueceres de Ele se abraçou amorosamente - sem hesitar! - ao Madeiro, e ali nos obteve a Redenção. Só depois de teres obedecido, o que é sinal de retidão de intenção, faz a correção fraterna, com as condições requeridas, e reforçarás a unidade por meio do cumprimento desse dever.

O apostolado impõe sempre disciplina. Amor e disciplina. Nossos diretores são importantes para nos orientar. Pouco importa se são mais simples no traje, na profissão ou no “status” social. O mesmo se dá em relação a quem queremos levar para Deus. Obedecemos aos primeiros e auxiliamos os segundos. E, se tivermos que fazer correção fraterna, façamo-la com retidão de intenção, também não se importando com a pessoa a que devemos tratar, mesmo se de condição social de maior relevância. Temos cruzes que adornam, na sua exuberância, até mesmo as casas do Senhor. Mas o Senhor morreu pregado numa cruz de madeira. A correção fraterna nunca é fácil de se fazer. Temos que fazê-la com uma cruz de madeira e uma de ouro

Obedece-se com os lábios, com o coração e com a mente. - Obedece-se não a um homem, mas a Deus.

Obedecer ao diretor é obedecer a Deus. Na vida espiritual a obediência a Deus é essencial. Obedecemos a Deus, quando rezamos, quando falamos de Deus no apostolado, quando usamos a palavra para defender os valores de nossa religião. Obedecemos com o coração quando nos dedicamos às coisas de Deus como os apaixonados a sua amada, os poetas às suas musas ou os pais a seus filhos. Por fim, oramos com a mente, e obedecemos ao Senhor, no silêncio de nossa prece de nossos pedidos, da nossa dedicação à família, ao trabalho, ao apostolado e a vida social e cidadã, e oferecendo tudo o que fazemos a Deus. Temos que lembrar que quem obedece não erra nunca.

Não amas a obediência se não amas de verdade o mandado, se não amas de verdade o que te mandaram.

A obediência implica em amar o que é mandado e quem mandou. O que é mandado porque é Deus, através do diretor, que lhe está pedindo aquilo naquele momento. E quem mandou porque é Deus que lhe pede por seu diretor. Ter estas duas vertentes de obediência na vida espiritual facilita aceitar com paz o que Deus pede e com amor o que se tem que fazer. Pode-se, às vezes, discordar do que se pede por discordância do que se pede no seu conteúdo ou até mesmo por conforto de não querer ser tirado do que se tinha programado para fazer aquilo que se determinou que fosse feito. Aí está o mérito maior da obediência. Cristo não queria ir para o sacrifício, tendo pedido ao Pai que O livrasse do mesmo, mas aceitou a vontade do Pai e morreu na cruz. E nós?

Muitos problemas se remedeiam logo. Outros, não imediatamente. Mas todos se resolverão, se formos fiéis: se obedecermos, se cumprirmos o que está estabelecido.

Todos os problemas têm solução, mesmo que a solução não seja aquela que desejamos. É que se formos fiéis, obedecermos e cumprimos o que nos pedem, certamente, teremos a paz necessária para enfrentarmos as tribulações que todos nós temos na vida. A fidelidade a Deus oferece-nos a paz que os próprios primeiros cristãos tiveram ao enfrentarem o martírio. Cristo na Cruz, converteu um facínora que reconheceu merecer a morte na cruz, e Dimas foi o primeiro a acompanhar Jesus no Paraíso. Todos os problemas se resolvem com maior ou menor celeridade e deixam de ser problemas se lembramos que estamos aqui de passagem, de tal forma que aos fiéis “Omnia in Bonum”.

O Senhor quer de ti um apostolado concreto, como o da pesca daqueles cento e cinqüenta e três grandes peixes - e não outros -, apanhados à direita da barca. E perguntas-me: como é que, sabendo-me pescador de homens, vivendo em contacto com muitos companheiros e podendo distinguir a quem deve dirigir-se o meu apostolado específico, não pesco?... Falta-me Amor? Falta-me vida interior? Escuta a resposta dos lábios de Pedro, naquela outra pesca milagrosa: - “Mestre, estive-mos fatigando-nos durante toda a noite, e nada apanhamos; não obstante, fiado na tua palavra, lançarei a rede”. Em nome de Cristo, começa de novo. - Fortalecido: fora essa moleza!

Toda a noite passaram tentando pescar e não pescaram nada, mas, baseados na palavra de Cristo, Pedro e os pescadores lançaram as redes e pescaram uma infinidade de peixes. Acreditaram em Deus e recomeçaram. Recomeçar sempre é a grande lição. Não desistir nunca, eis a missão de todo o cristão na vida interior e na vida apostólica. Não poucas vezes na nossa luta interior para eliminar defeitos fracassamos e, na nossa vida apostólica, não vemos resultados. Nem por isto, podemos desistir. A cada dia, temos que recomeçar a luta cotidiana do bem servir, sabendo que teremos quedas e descidas, mas se não desistirmos venceremos a última batalha e conquistaremos os Céus.

Obedece sem tantas vacilações inúteis... Mostrar tristeza ou pouca vontade perante o que se manda é falta muito considerável. Mas senti-la apenas, não somente não é culpa, mas pode ser uma grande ocasião de nos vencermos a nós mesmos, de coroarmos um ato heróico de virtude. Não sou eu que o invento. Lembras-te? Narra o Evangelho que um pai de família confiou o mesmo encargo aos seus dois filhos... E Jesus alegra-se com aquele que, apesar de ter levantado dificuldades, cumpre! Alegra-se porque a disciplina é fruto do Amor.

A disciplina é fruto do amor. Muitas tarefas apostólicas que nos pedem podem gerar a tentação de buscar justificativas para não cumpri-las, quase sempre originadas do comodismo ou do receio de que ficaremos mal perante os outros. Ora, quando tais pensamentos aparecem – e aparecem sempre – o que temos é que afastá-los e apesar da vontade de encontrar motivos para não executar normas da vida interior ou tarefas apostólicas, superarmos a tentação e executarmos o que temos que executar. A parábola do filho que não quis fazer, mas fez o que o pai pediu para fazer é o melhor exemplo. Não temos que cuidar das coisas de Deus porque nos agrada, mas porque é nosso dever cuidar delas.

A maior parte das desobediências provém de não saber “escutar” a indicação, o que no fundo é falta de humildade ou de interesse em servir.

Muitas vezes desobedecemos porque escutamos com levianidade até mesmo com desejo de não obedecer ou não cumprir por inteiro o que nos sugeriram ou pediram. Falta-nos neste momento, garra para seguir a Cristo, assim como uma tendência ao comodismo na ideia “por que complicar minha vida e desnecessariamente?” À evidência quando isto ocorre falta-nos, como diz nosso Padre, duas coisas: Humildade e interesse de servir. Cristo quando chamou Pedro pediu uma dedicação tal que teve que afastar-se não poucas vezes da família. A Paulo, tirou-lhe do prestígio de sua posição de destaque entre os fariseus para submeter-se a opróbios, tentativas de assassinato e até mesmo de prisão. Servir a Deus implica colocar esta missão acima de tudo. Estamos de passagem e Deus sabe o que deseja de cada um.

Queres obedecer cabalmente?... Pois bem, escuta com atenção, para compreenderes o alcance e o espírito do que te indicam; e, se não entendes alguma coisa, pergunta.

A obediência implica prestar atenção ao que se pede. Só assim se pode compreender o alcance real do pedido e, mais do que isso, o espírito e o conteúdo completo do que foi indicado. Só assim a obediência será também fecunda, vale dizer: se a cumprirmos nos exatos termos e dimensões do que foi pedido, os frutos serão muito maiores do que numa obediência fria e formal. Por esta razão, não se deve ter vergonha de perguntar o que não se entendeu e a melhor forma de se cumprir, pois quem dirige deve conhecer o potencial, a habilidade e as possibilidades de cumprir a missão. Perguntar não é sinal de inferioridade, nem de fraqueza, mas de real disposição de cumprir o que a Igreja precisa e ser bem-sucedido na missão.

Vamos ver quando te convences de que tens de obedecer!... E desobedececes se, em vez de cumprir o plano de vida, perdes o tempo. Todos os teus minutos devem estar preenchidos: trabalho, estudo, proselitismo, vida interior.

Cumprir o plano de vida é obedecer ao diretor e à vontade de Deus. Uma das formas de desobediência é perder tempo em tempos e distrações inúteis na hora de trabalho e de cumprimento de obrigações. À evidência, o descanso depois do trabalho não é perda de tempo, mas até aí as distrações devem ser daquelas que não ofendam a Deus. Um filme que se assista, não pode ser imoral, espetáculos eventuais tem que ser os colhidos para que não sejam daqueles que desconstroem, pois se os assistirmos, além de serem possivelmente atingidos por mensagens negativas, estão pagando e contribuindo para a disseminação de ideias nocivas ao pagão por tais espetáculos. Trabalho, estudo, proselitismo, vida interior e lazer que sirva para gerar valores.

De modo semelhante ao da Igreja que, através do cuidado com a liturgia, nos faz intuir a beleza dos mistérios da Religião, e nos leva a amá-los melhor, assim devemos viver - sem fazer teatro - certa correção, aparentemente mundana, de respeito profundo - mesmo externo - pelo Diretor, que por sua boca nos comunica a Vontade de Deus.

A liturgia na Igreja faz-nos aproximarmos de Deus. As orações, o silêncio, o respeito nas celebrações, todo aquele ambiente convidativo à meditação, que nos faz estar perto de Deus. Esse mesmo respeito devemos ter pelo nosso diretor. Sem espalhafatos, sem subserviência própria de escravos, mas com a serena intensão, calma interior de obedecer com disposição alegre e real, pois nela está expressa a vontade de Deus para nós. Sem um bom diretor, cuja experiência e santidade são facilmente percebidas, não podemos avançar nas maravilhas da convivência com Deus. É o seu representante na Terra e aquele que sinaliza os caminhos divinos do cotidiano.

Ao governador, depois de pensar no bem comum, é necessário levar em conta que - no terreno espiritual e no civil - dificilmente uma norma pode não desagradar a alguns. - Nunca chove ao gosto de todos!, reza a sabedoria popular. Mas isso, não duvides, não é de feito da lei, mas rebeldia injustificada da soberba ou do egoísmo daqueles poucos.

No campo civil como no espiritual, nem tudo agrada a todos. As normas agradam a uns e não a outros. No terreno espiritual, entretanto, os princípios, normas e regras de uma vida espiritual de união com Cristo são sempre ditadas pelo Senhor Deus do Universo e só não são aceitas pelos egoístas e pelos soberbos. Pelos egoístas, porque vivem para si mesmos. O mundo deve comportar-se e ser moldado a sua imagem e semelhança. O seu deus é o dinheiro, o poder e o sexo e os seres humanos são degraus para serem bem-sucedidos. Servir aos outros e não a Deus é preocupação desnecessária, e só vale a pena se houver contrapartida de benefícios. E pelos soberbos, porque passam a ser os deuses de si mesmos, adorando-se no altar de seu ego. Estes não compreendem as normas do Senhor.

Ordem, autoridade, disciplina... - Escutam - se é que escutam! -, e sorriem cinicamente, alegando - elas e eles - que defendem a sua liberdade. São os mesmo que depois pretendem que respeitemos ou que nos ajustemos aos seus descaminhos; não compreendem - que protestos tão vulgares! - que os seus modos não sejam - não podem ser! - aceitos pela autêntica liberdade dos outros.

A vida interior e a vida cotidiana exigem ordem, autoridade e disciplina. Quando, creio que Santo Tomás definiu a paz como tranquilidade na ordem. A definição é por si só explicativa. Com a ordem, ganhamos tempo e somos mais fecundos no trabalho. Aqueles que defendem a liberdade sem limites e ironizam a ordem são desordeiros, perdem tempo e terminam sendo apenas críticos dos que crescem como seres humanos, porque não conseguem realizar-se. À evidência, quem tem direito à autoridade e ganhou autoridade moral para exercê-la é aquele que ensina a ter disciplina, que é o alicerce da ordem. E, na vida interior, gera a paz que é a essência da fecundidade nas relações humanas e o caminho para o encontro com Deus. Temos, pois que compreender que os três atributos são a base do crescimento na intimidade com Deus.

Os que dirigem tarefas espirituais têm que interessar-se por tudo que é humano, para elevá-lo à ordem sobrenatural e divinizá-lo. Se não se pode divinizar, não te enganes; não é humano, é “animalesco”, impróprio da criatura racional.

Jesus Urteaga escreveu um livro intitulado “O Valor Divino do Humano”. Tudo o que Deus criou e o homem não deturpou é divino. Nosso trabalho é não permitir que o humano seja animalizado. Temos que amar o mundo apaixonadamente e fazê-lo melhor em nome de Deus. Aqueles que dizem que o mundo é cruel, não é por força da criação de Deus, mas pela corrupção que o homem manipulado pelo demônio, que negou o Senhor que nele colocou. Nossa função como seres humanos e cristãos é reumanizar o mundo. Encontrar em todos os lugares a presença de Deus e fazê-la visível para todos. Temos que amar o mundo apaixonadamente, pois, ao nos colocar Deus na terra, queria que o fizéssemos, preparando todos os caminhos para a vida eterna, assim como seria o fruto do nosso trabalho reconhecido pelo amor de Deus.

Autoridade. Não consiste em que o de cima “grite” ao inferior, e este ao de mais abaixo. Com esse critério - caricatura da autoridade -, além da evidente falta de caridade e de correção humana, só se consegue que quem está no comando se vá afastando dos governados, porque não os serve: no melhor dos casos, usa-os!

Não se governa com gritos. Com gritos, falta-se à caridade e não se consegue a obediência senão pelo medo e não pela convicção. Somos todos filhos de Deus, e, se Deus concedeu um posto de comando ou direção, temos que respeitar Seus outros filhos que são comandados ou dirigidos. Dar ordens, sugestões ou conselhos - os que têm obrigação de exercer tal trabalho devem considerar, em primeiro lugar, que têm que agir com caridade. Só a caridade gera integração entre quem dirige e quem é dirigido. E quem comanda tem que se lembrar de que, se chegou a esta posição, é porque Deus lhe deu condições de lá chegar, talvez dando-lhe a inteligência. Por isso, não devem se apropriar como mérito próprio dos seus atributos, que são dons de Deus. Têm, por isso, que ser mais humildes que os outros.

Não sejas tu desses que, trazendo desgovernada a sua própria casa, tentam intrometer-se no governo das casas dos outros.

O pensamento desvendador de nossa natureza que Cristo colocou para Seus apóstolos continua atual. Não se deve preocupar em criticar o cisco dos olhos dos outros enquanto tivermos uma trava nos nossos. Se não conseguimos solucionar os problemas nossos, qual a autoridade para tentar solucionar os dos outros com problemas iguais? Temos que colocar nossa casa em ordem para termos autoridade de aconselhar os outros sobre o que fazer para colocar sua casa em ordem. Além disso, às vezes, o auxílio com crítica é apenas uma forma de intromissão e, quando com comentários de murmuração aos outros. E a murmuração não poucas vezes é manifestação disfarçada de inveja. Temos que ter critérios e corrigir-nos antes de procurar dar exemplos.

Mas... pensas de verdade que sabes tudo, porque foste constituído em autoridade? - Escuta-me bem: o bom governante “sabe” que pode - que deve! - aprender dos outros.

Quando estamos em posição de comando, temos que saber dirigir com prudência, cautela e humildade, mas também com serenidade, dando ordens que, no interesse do cargo que exercemos em serviço dos outros, devem ser sempre ponderadas com esta finalidade. Os cargos não são assumidos para honra pessoal, mas como encargos de serviço e a humildade implica em saber que antes temos que aprender com os outros e, principalmente, com aqueles que estão a nosso serviço. Podemos e devemos aprender com os outros, sempre lembrando, todavia, que o aprender com os subordinados não implica sermos por eles manipulados, mas ao contrário, é saber, com tranquilidade e segurança exercer a direção, aprendendo, ensinando, mas comandando.

Liberdade de consciência: não! Quantos males trouxe aos povos e às pessoas este erro lamentável, que permite agir contra os ditames íntimos da própria consciência! Liberdade “das consciências”, sim: que significa o dever de seguir esse imperativo interior... Ah, mas depois de se ter recebido uma séria formação!

Dar liberdade de consciência sem formação é como dar um automóvel para ser dirigido por quem nunca tomou uma aula se quer de motorista. Nos dois casos, o desastre é inevitável, na primeira hipótese levando a uma desfiguração da imagem e a uma vida, possivelmente desregrada; na segunda, a um acidente que pode levar à morte. A formação é fundamental para que a liberdade não se transforme em libertinagem. Temos que saber fazer uso da liberdade, não admitindo, de um lado, que ela não respeite a liberdade dos outros e, de outro lado, se percebemos desvios no exercício por parte dos outros de incorreto livre arbítrio, de encontrar a forma mais adequada de corrigi-los, mas com carinho e compreensão para que a correção surta efeitos.

Governar não é mortificar.

Mortificar nos que governam, não é impor aos outros mortificação. À evidência, em sua vida interior devem os que governam, como participantes da Cruz de Cristo, se católicos terem suas mortificações cotidianas que podem ser simples com o minuto heroico para acordar, cumprimento religioso nos horários, alguma privação voluntária de algum alimento etc. Não podem, entretanto, impor mortificações àqueles que são dirigidos. Quem governa na vida civil ou religiosa deve respeitar a maneira de ser dos dirigidos e, no máximo, sugerir correções ao livre arbítrio de alguém, mostrando, quando o seu exercício leva a erros graves, o melhor caminho, evitando que os demais sejam contaminados pelas falhas do que errou. Não podem, entretanto, governar impondo suas dirigidas mortificações.

Para ti, que ocupas essa função de governo. Medita: os instrumentos mais fortes e eficazes, se o tratarmos mal, ficam amassados, desgastam-se e se inutilizam.

Se não cuidamos bem dos instrumentos de trabalho por melhores que sejam, podem enferrujar, tornarem-se gastos, envelhecerem e tornarem-se inúteis. Temos que cuidar, pois, deles. O melhor dos carros de Fórmula 1, se não estiver bem cuidado, não terá condições de dar a vitória a seu piloto. Tem que estar sempre muito bem-preparado. Assim também aqueles que têm a responsabilidade de governar, de dirigir. Não basta serem fortes ou estarem preparados há muito tempo. Têm que se renovar, adaptar-se à realidade, sem perder a essência da mensagem que devem difundir e utilizar-se de todos os instrumentos e mecanismos, aprendizados, lições e ensinamentos que possam ter ou receber para continuarem sendo úteis. Não basta ser forte, é preciso estar preparado.

As decisões de governo, tomadas de ânimo leve por uma só pessoa, nascem sempre, ou quase sempre influenciadas por uma visão unilateral dos problemas. - Por muito grandes que sejam a tua preparação e o seu talento, debes ouvir aqueles que compartilham contigo essa tarefa de direção.

Uma só pessoa, por melhor que seja, no ato de governar, por mais bem-intencionado que seja pode cometer erros, mesmo sendo muito boa. Ouvir pessoas que tenham o mesmo nível de governança é útil para que se sopesem soluções e se procure o melhor caminho. Temos que estar sempre alertas na governança e sempre cuidadosos ao dirigir. Não sem razão aos juízes individuais de 1ª. instância, os recursos são assim: analisados e julgados por um colegiado. Temos, se estivermos em posição de comando, que não perder esta visão de prudência. É de se lembrar que Napoleão por decidir sempre sozinho, calculou mal a invasão à Rússia e preferiu enfrentar Wellington sem ter aniquilado Blücher, o que o levou a derrotar Wellington e ser por Blücher derrotado, que lhe surgiu pelas costas. Temos que ter o bom senso de ouvir outras pessoas.

Nunca dê ouvidos à delação anônima: é o procedimento da gente vil.

O anonimato é coisa dos covardes. Não querem aparecer porque ou têm medo ou não querem ficar mal com quem difamam. Dar ouvidos às delações anônimas é compactuar com a covardia, a mesquinhez, o cinismo, o mau-caratismo e alimentar hábitos deletérios nocivos e corrosivos na sociedade. É acreditar que os pusilânimes possam se esconder atrás do anonimato para desfigurar e desconstituir a honra e a integridade alheias. O anonimato é sempre sinal de má formação moral e de falta de ética. Temos que ter coragem de assumir as posições que nos parecem corretas, sem respeitos humanos e sem fugir às responsabilidades e às consequências de nossas ações. Só assim poderemos nos considerar dignos e cristãos.

Um critério de bom governo: é preciso tomar o material humano tal como é, e ajudá-lo a melhorar, sem nunca desprezá-lo.

Como bem dirigir as pessoas para Deus? A melhor forma é conhecer bem a natureza de cada um. Temos que saber as potencialidades, valores, qualidades e defeitos de cada um. A começar por respeitar a maneira de ser, corrigindo-a, quando errada, com carinho e prudência. Embora a Verdade Divina seja uma só, a maneira de percepção de cada um tem seu tempo, hora e lugar para ocorrer, sendo que quem dirige deve estar atento ao fato de que não há um modelo único de dizer as verdades, pois, as “escutadeiras” de cada um são próprias e diferentes. Cabe-nos, pois, o papel de não termos um único modelo para vestir a alma de cada um. O bom alfaiate, embora use o mesmo tecido para seus clientes, faz o terno na medida do corpo de cada um. Assim devemos ser nós com a alma de todos.

Acho muito bem que procures diariamente aumentar essa profunda preocupação pelos que dependem de ti: porque sentir-se rodeado e protegido pela compreensão afetuosa do superior, pode ser o remédio eficaz de que necessitem as pessoas a quem tens de servir com o teu governo.

Quem governa tem que demonstrar uma profunda compreensão com todos aqueles que deve dirigir. O respeito e o carinho que demonstrem pelos que governam. Quem governa deve em primeiro lugar, querer muito bem os que são governados. Deve, depois, tentar compreendê-los em suas virtudes e fraquezas. Depois examinar como abordar as fraquezas sem machucar ou criar resistências, pois uma abordagem incorreta pode dificultar. Por fim, mostrar com eficiência e didatismo o que deve ser seguido para que quem deva obedecer compreenda, aceite e considere realmente ser necessária aquela ordem de comando. Há líderes natos que conseguem ser seguidos naturalmente. Mas o dirigente comum pode com esforço, prudência e carinho obter os mesmos resultados.

Que pena causam alguns, investidos em autoridade, quando julgam e falam com ligeireza, sem estudar o assunto, com afirmações categóricas, sobre pessoas ou questões que desconhecem, e... até com “preconceitos”, que são frutos da deslealdade!

Quem tem o comando não pode ser leviano no comando, dar ordens sem pensar, julgar preconceituosamente, ter a convicção de estar sempre com a razão, não ouvindo outros sem considerações que lhe possam ser úteis. O comando exige, de início, responsabilidade. E esta impõe prudência nas decisões. Prudência representa cautela, mas não covardia, exame de todos os aspectos do que se vai dirigir, mas não preguiça de enfrentar trabalho, por fim, diligência em se fazer e determinar que se faça, sem titubear por receios de dificuldades, que muitas vezes se mostram inexistentes. É, principalmente, conhecer o limite da liberdade aos comandados, da qual podem usufruir para que a desordem e a indisciplina não apareçam.

Se a autoridade se converte em autoritarismo ditatorial e esta situação se prolonga no tempo, perde-se a continuidade histórica, morrem ou envelhecem os homens de governo, chegam à idade madura pessoas sem experiência de direção, e a juventude - inexperiente e excitada - quer tomar as rédeas: quantos males e quantas ofensas a Deus - próprias e alheias - recaem sobre os que usam tão mal da autoridade!

A autoridade não pode transformar-se em autoritarismo. Quando se transforma, torna-se ditadura e gera resistências que terminam desfigurando o objetivo do comando e gerando distorções e descompassos que atrasam bons programas, provocam, muitas vezes, retrocessos, desorientam a juventude, quando não acabam por conduzir aos caminhos da destruição moral da sociedade. A queda das civilizações está sempre ligada à derrocada moral de um povo, como ocorreu em Roma, como relata Políbio, na Babilônia e em Atenas, já na época em que as lições dos grandes filósofos conflitavam com a permissividade dos costumes. A autoridade legítima está sempre ligada ao cumprimento saudável do comando e à estabilidade social.

Quando quem manda é negativo e desconfiado, facilmente cai na tirania.

Quem comanda tem que inspirar confiança. Para isso deve ser amigo de seus comandados para que estes estejam sempre dispostos a ouvi-lo e segui-lo. Séri o nas ordens que dá - sempre motivadas, mesmo quando não declare os motivos -, mas que os comandos percebam que foram meditadas e alegres sempre que não esteja no comando, sem se tornar vulgar para não perder o respeito. A pessoa negativa que vê tudo errado e que termina não inspirando confiança, acaba também desconfiando de tudo e para comandar utiliza-se mais do argumento da força do que da força do argumento, e transforma-se num tirano. Temos que pensar muito neste ponto e se o comando for para direção espiritual o risco de ofender a Deus é imenso.

Procura ser retamente objetivo no teu trabalho de governo. Evita essa inclinação dos que tendem a ver sobretudo - e às vezes somente - o que não anda, os erros. - Enche-te de alegria, na certeza de que o Senhor concedeu a todos a capacidade de se fazerem santos, precisamente na luta contra os seus próprios defeitos.

A objetividade no comando e na direção espiritual é essencial. Mais do que ver os erros dos outros para corrigi-los, temos que ver as qualidades para valorizá-las. Se Deus nos colocou na direção, pessoas, pretende que todas sejam santas. Por isso é nossa responsabilidade, se recebemos a missão de conduzi-los. Essa perspectiva de que Deus fez-nos todos para a santidade, mas temos que querê-la é importante. E corrigindo os erros com caridade, prudência, serenidade e objetividade, de um lado, e valorizando o que cada um tem de bom, de outro, o comando se faz mais fecundo e útil para todos. Para quem dirige, se assim agir, terá um grupo mais dedicado e disposto a tudo. Para quem obedece, porque o que está fazendo vale a pena; e para quem colherá os frutos da obediência - ou seja, todos da relação, - pois a sementeira será fecunda.

A ânsia de novidade pode levar ao desgoverno. - São precisos novos regulamentos, dizes... - Achas mesmo que o corpo humano melhoraria com outro sistema nervoso ou arterial?

Temos que lembrar que as novidades têm que ser sempre muito bem examinadas antes de serem implementadas. Na maioria das vezes aquilo que é aceito como novidade e causa impacto no tempo, se percebe que não era boa. Não sem razão qualquer medicamento é exaustivamente testado para não acontecer o que aconteceu com a talidomida. Deve-se lembrar que a evolução raramente se faz com trancos e barrancos. Os testes com a bomba atômica após Hiroshima, feitos sem proteção adequada trouxeram consequências para os primeiros cientistas expostos mesmo a distância à radiação. Da mesma forma que podemos alterar o sistema arterial, temos que estudar as novidades, apropriar-nos delas e apenas dar velocidade e precisão ao conhecido.

Que empenho o de alguns em massificar! Convertem a unidade em uniformidade amorfa, afogando a liberdade. Parece que ignoram a impressionante unidade do corpo humano, com tão divina diferenciação de membros que - cada um com a sua função própria - contribuem para a saúde geral. - Deus não quis que todos fôssemos iguais, nem que caminhássemos todos do mesmo modo pelo único caminho.

Da mesma forma que o corpo humano tem milhões e milhões de células e um grande número de órgãos, todos com funções diferentes, o corpo social, ou seja, o organismo social tem variadas funções a serem exercidas pelos seres humanos de acordo com sua capacidade e inteligência. Somos todos iguais em direitos, mas não na nossa natureza corpórea. Por isso, é impossível pensar em tratar de forma massificada, no seu caminho para Deus, das pessoas, mas sim a cada um com sua possibilidade de captação das verdades naturais e sobrenaturais. É de se compreender a mensagem do nosso Padre, pois na obra, o nosso apostolado não é coletivo, mas feito um a um, com confiança e amizade.

É preciso ensinar as pessoas a trabalhar - sem exagerar a preparação: “fazer” é também formar-se - e a aceitar de antemão as imperfeições inevitáveis: o ótimo é inimigo do bom.

O ótimo é inimigo do bom. Todos nós temos imperfeições. Houve muitos compositores, mas são poucos os que ficaram do passado, como Bach, Vivaldi, Mozart, Beethoven, Brahms, Chopin e outros. É que a perfeição para os comuns mortais é difícil de obter. Nem por isso, todos nós, cidadãos comuns, podemos deixar de dar tudo no que fazemos, nos limites de nossas capacidades, sabendo que erraremos e não conseguiremos a perfeição. Lutar para tentar obtê-la é necessário. E os que comandam têm que contar com as imperfeições dos comandados, aproveitando suas virtualidades, mas ultrapassando os limites do comandado para não gerar frustração até psicológica do comandado e não conseguir o resultado desejado pelo comando. Saber comandar é conhecer a potencialidade do comandado.

Nunca confies só na organização.

Nunca devemos entender que apenas a organização com planejamento soluciona todos os problemas. Dedicação, criatividade, a arte de comandar com prudência, inteligência, compreensão, iniciativa, liderança e decisão são tão ou mais importantes do que a organização e o planejamento. À evidência, a organização e a disciplina decorrente trazem elementos necessários ao exercício dos atributos do comando, mas nem aqueles acima enunciados são suficientes sem a organização e a disciplina, nem estas sem aquelas. O bom líder deve saber dosar todos os elementos necessários ao comando, lembrando sempre que comanda seres humanos e não robôs.

O bom pastor não precisa atemorizar as suas ovelhas: semelhante comportamento é próprio dos maus governantes. Por isso, ninguém estranha que acabem odiados e sós.

O Bom Pastor aconselha as pessoas. Nunca atemoriza as ovelhas. Todos os que usam da violência para convencer seus seguidores, podem até os ter, mas nunca serão nem amados, nem seguidos de bom ânimo, mas apenas por temor. E, no tempo, serão odiados. O bom pastor é aquele que conhece suas ovelhas pelo nome e suas ovelhas o seguem por confiarem nele. E, se uma se perde, sai a procurá-la e só será feliz novamente se a encontrar. Temos que pensar nisto. Se tivermos em matéria espiritual, que dirigir, temos que, em primeiro lugar, amar as ovelhas que conduziremos para depois começar a dirigi-las com caridade, prudência a serem fortes, terem fé, esperança de vida eterna e justas e com temperança.

Governar, muitas vezes, consiste em saber “ir puxando” pelas pessoas, com paciência e carinho.

Uma boa norma para uma condução correta daqueles que queremos levar a Deus, é puxá-los um pouco, para que não desistam do caminho ou venham a considerá-lo difícil. Devemos, todavia, fazê-lo de maneira que não gere resistências. Muitas vocações se perdem ou se afastam para depois retornarem, por força de uma direção errada, dura, considerando, como uma escola militar que todos têm que responder de forma a um comando necessariamente duro. O comando espiritual é diferente. As pessoas devem aderir ao tempo de cada um e os tempos são diferentes. A rispidez afasta a ordem, calma e dever exposto com suavidade convence e consegue seguidores. Cristo tratou a cada apóstolo de forma diferente e, infelizmente, aquele que cuidava do dinheiro terminou sendo atraído pelo dinheiro e traiu a Cristo. Suavidade, paciência e atenção.

O bom governo não ignora a necessária flexibilidade, sem cair na falta de exigência.

Flexibilidade e exigência. Flexibilidade para adaptar-se às necessidades do governo, aproveitando o máximo das pessoas sob seu comando. Mas conhecendo e convivendo com as deficiências dos que devem segui-lo. Exigência, pois a flexibilidade não pode quebrar a hierarquia, o respeito, o trabalho coletivo para metas fixadas. Em outras palavras o líder deve ser líder porque se sente vocacionado para comandar e não porque deseja uma posição de destaque, mesmo se sentindo preparado. O que é mau, mesmo sendo preparado, procura a admiração de todos e, às vezes, é duro no governo, o que é péssimo. Flexibilidade e exigência são dois atributos que se adquire com o tempo, mas cujas sementes deve-se perceber desde o início.

“Enquanto não me fizerem pecar!” - Enérgico comentário daquela pobre criatura, quase aniquilada, na sua vida pessoal e em seus afãs de homem e de cristão, por inimigos poderosos. - Medita e aprende: enquanto não te fizerem pecar!

O maior problema que podemos ter na vida é o pecado. Não é o fracasso econômico ou uma doença, ou ainda ser perseguido até mesmo sofrendo injustiças na vida, com penas que não deveriam ser aplicadas a outros e foram aplicadas a nós. Nosso maior problema, nesta passagem pela Terra, é ofender a Deus. Mas o pecado não é senão uma ofensa a Deus, pois é Ele que nos receberá e julgará quando encerrarmos nossa viagem pela vida. Se conseguirmos, nos bons e nos maus momentos, não pecar, certamente Deus, que nos observa, estará feliz com nosso comportamento, pois não há pai que não se alegre com os filhos quando estes se comportam bem, e Deus é o Pai dos pais. Pensemos nisto e ajamos de acordo.

Nem todos os cidadãos pertencem aos quadros do exército. Mas, quando chega a guerra, todos participam...
E o Senhor disse: “Não vim trazer a paz, mas a guerra”.

Na guerra, mesmo os que são do Exército ou das Forças Armadas são chamados a lutar como soldados ou colaboradores dos que lutam. É que na guerra a defesa da pátria impõe a todos os cidadãos esta disponibilidade. Todos defendem a nação e são patriotas. Na guerra contra o mal, todos nós temos a batalha, não só aqueles vocacionados para a consagração como sacerdotes, freiras, freis, religiosos, mas também todos os cristãos que são os cidadãos da Cidade de Deus. A luta é a mesma, ou seja, a defesa dos valores da Pátria Eterna, para que, na vitória contra o mal, não só dos maus costumes, mas da ausência do amor a Deus e ao próximo, possamos levar todos os batalhadores e os novos conquistados para Deus.

“Eu era um guerrilheiro” - escreve - “e andava pelos montes, disparando quando me dava na telha. Mas quis alistar-me como soldado, porque compreendi que as guerras são ganhas mais facilmente pelos exércitos organizados e com disciplina. Um pobre guerrilheiro isolado não pode tomar cidades inteiras, nem ocupar o mundo. Pendurei o meu bacamarte - fica antiquado! - e agora estou mais bem armado. Ao mesmo tempo, sei que já não posso deitar-me no monte, à sombra de uma árvore, e sonhar que eu sozinho ganharei a guerra”. - Bendita disciplina e bendita unidade da nossa Mãe a Igreja Santa!

Ninguém consegue, em matéria de religião, ser guia de si mesmo. Aqueles dias em que eu falo com Deus, eu mesmo não preciso de diretores, de Igrejas ou ler o que Cristo disse a seus apóstolos. Este é o guerrilheiro que luta sozinho e, sozinho, não consegue ganhar as guerras. As guerras se ganham com exércitos organizados, disciplinados e bem comandados. Assim também a guerra de santidade, onde se perdem e ganham batalhas. O único caminho para se começar a ganhar mais batalhas do que perdê-las é a disciplina no seguir a direção, é saber como fazer oração e quais as mortificações aplicáveis a cada um e como ter um plano de vida em que Deus, a família, o trabalho, o apostolado, a vida social e apostólica tenham espaço que deve ser atapetado por um plano de vida em que o Senhor esteja no centro.

A tantos católicos rebeldes, dir-lhes-ia que faltam ao seu dever aqueles que, em vez de se aterem à disciplina, e à obediência à autoridade legítima, se convertem em partido; em pequeno bando; em vermes de discórdia; em conjura e intriguice; em fomentadores de estúpidas pugnas pessoais; em tecelões de urdiduras de ciúmes e crises.

Aqueles que, no cristianismo, se colocam como críticos de seus diretores e de autoridades na Igreja e passam a disseminar suas interpretações como se fossem os mais capazes de interpretar a palavra de Deus, fazem o trabalho do demônio infiltrado entre os bons. Com sua particular e incorreta visão do que pensam que faziam ou pregariam melhor que seus diretores, terminam por gerar divisões, intrigas, contendas e, muitas vezes, até ódio, tornando a lição de paz e amor de Cristo uma ausência real em suas vidas. A disciplina, a ordem, a obediência, nas coisas de Deus, são requisitos essenciais para o crescimento na Igreja de Deus e para já se ter na vida, mesmo nas turbulências, o início do querer na vida eterna.

Não são a mesma coisa um vento suave e um furacão. Ao primeiro, qualquer um resiste: é brincadeira de crianças, paródia de luta. - Pequenas contradições, escassez, apuros de nada... Aceitavas tudo isso com gosto, e vivias a alegria interior de pensar: agora, sim, estou trabalhando por Deus, porque temos Cruz!... Mas, meu pobre filho: chegou o furacão, e sentes um balançar, um fustigar que arrancaria árvores centenárias. Isso..., por dentro e por fora. Confia! Não poderá arrancar a tua Fé e o teu Amor, nem tirar-te do teu caminho..., se tu não te afastas da “cabeça”, se sentes a unidade.

Os ventos e os furacões são deslocamentos de ar. Se só uma brisa, as crianças, se um vento forte, apenas as maiores e os furacões, apenas os fortes. Assim também na vida. Se vivemos o cristianismo com pequenas mortificações e suportando as pequenas contrariedades com garbo e espírito cristão é bom, mas ainda não fomos testados. Se os ventos tornam-se mais fortes começamos a ser testados e temos que compreender o que Deus espera de nós. Se, todavia, surgem os furacões e parece que a vida vira de cabeça para baixo, neste momento é que realmente temos que colocar toda a confiança em Deus e saberemos a fortaleza de nossa fé e o nível de confiança em Deus. Esta fé e confiança tiveram os mártires.

Com que facilidade deixas de cumprir o plano de vida, ou fazes as coisas pior do que se as omitisses!... - É assim que queres enamorar-te cada vez mais do teu caminho, para contagiar depois os outros com esse amor?

O Plano de vida, que é o compromisso que todos temos com Deus corresponde, num plano superior, àquele que temos no trabalho, em fazer com eficiência as tarefas diárias, ou com a família, exercendo com amor nossos deveres com a esposa, e esta com o marido e com os filhos, os dois, ou na vida social, com as obrigações com que nos comprometemos, ou ainda na vida cidadã, procurando interessar-se e, nos limites de nossas potencialidades, a participação, onde for possível, da vida pública, com opiniões na imprensa e até mesmo no exercício de funções públicas. Se não cumprirmos bem o plano de vida, somos desiduosos com Deus e podemos estar afastando pessoas que poderiam aproximar-se do Senhor.

Não ambiciones senão um único direito: o de cumprir o teu dever.

Perante Deus, temos um único direito. Cumprir o seu plano para nós. Obedecer. Ninguém melhor que nosso diretor para dizer qual é este plano e como consagrá-lo. É que o mundo seria diferente se todos nós cumpríssemos o plano de Deus. Na linguagem metafórica da Bíblia, em seu Velho Testamento, o homem desobedeceu o plano de Deus para ele, e foi obrigado a se autodirigir num mundo dominado pelos anjos revoltosos. Se voltasse a cumprir o plano de Deus, conquistaria a Terra. Para isto o próprio Filho Unigênito de Deus veio mostrar qual é o plano, mas ainda parte dos descendentes do homem não O compreenderam e continuam patinando na guerra dos anjos revoltosos, que se alegram ao ver os descendentes se afogando no mal.

Dizes que a carga é pesada? - Não, mil vezes não! Essas obrigações, que aceitaste livremente, são asas que te levantam sobre o lodo vil das paixões. Porventura os pássaros sentem o peso das suas asas? Corta-as, coloca-as no prato de uma balança: pesam! Pode, no entanto, a ave voar se lhes arrancam? Precisa dessas asas assim; e não nota o seu peso porque a elevam acima do nível das outras criaturas. Também as tuas “asas” pesam! Mas, se te faltassem, cairias nos mais sujos lodaçais.

A imagem de Nosso Padre sobre a carga pesada que o apóstolo carrega muitas vezes, por força dos muitos encargos de a messe ser grande e os operários poucos é estupenda. As asas de uma águia pesam, mas sem elas não poderia voar, e com elas chega à maior das alturas que um ser vivo pode chegar por força própria. Compreende-se, pois, que para Deus todos os cargos e encargos podem custar, mas como nós construímos nossa existência na eternidade e levamos muitos outros a construir a sua residência eterna. Poderíamos até dizer que os cargos e encargos escritos para Deus, no trabalho feito, são um autêntico plano de urbanização celeste para os filhos de Deus.

“Maria guardava todas estas coisas no seu coração...”
Quando está de permeio o amor limpo e sincero, a disciplina não representa um peso, ainda que custe, porque une ao Amado.

Guardar no coração. Hoje, Carlos Ayres Britto definia a saudade como a recordação saudável de uma ausência e a melancolia, como exaltação da recordação da ausência. Eu retruquei que a saudade é a doce amargura da ausência e a melancolia a triste amargura da não presença da ausência. Guardar no coração: guardamos o que nos traz alegria, dor, saudade e melancolia. Em relação a Deus, todavia, guardamos sempre recordações boas, mesmo aquelas que, para os olhos do mundo, são más, pois sabemos que a providência divina, na vida eterna, transformará, para os que O amam, tudo em boas novas, em alegria. Por isso, as almas limpas que servem a Deus sabem que, ainda que custe levar as turbulências da vida com disciplina, o prêmio é aquele que São Paulo mostrava em uma de suas cartas, em que teve a certeza de que combateu o bom combate e que estaria com Cristo ao fim.

PERSONALIDADE

O Senhor necessita de almas fortes e audazes, que não pactuem com a mediocridade e penetrem com passo firme em todos os ambientes.

O Senhor precisa de pessoas firmes e audazes em todos os espaços e ambientes, para que Sua mensagem chegue a todo o mundo. O mundo ocidental, no século em que Cristo viveu, era romano. Paulo e os primeiros apóstolos percorreram-no. Era um mundo pagão com deuses imitados dos gregos e criados pelos homens. Enfrentaram as desconfianças e as perseguições pelos primeiros três séculos até Constantino declarar que todas as religiões seriam admitidas em Roma. A mediocridade dos cristãos gera respeitos humanos e o apostolado torna-se raquítico, sem vida, não convencendo ninguém - as pessoas vivendo “um dolce far niente” inoperante que não convence ninguém.

Sereno e equilibrado de caráter, vontade inflexível, fé profunda e piedade ardente: características imprescindíveis de um filho de Deus.

As características de um filho de Deus devem ser sempre permanentes e coerentes, toda a vida. A serenidade é a primeira delas. A serenidade conquista, pois demonstra o controle interior de paixões e o bom senso ao analisar a vida. O equilíbrio facilita o exercício de virtudes como a prudência, a justiça e a temperança. A vontade inflexível é fruto da fortaleza. A fé profunda é a crença de que não estamos sós no mundo e Deus sempre estará conosco, se O procurarmos. A piedade decorre do amor a Deus e ao próximo e, quando ardente, exterioriza a esperança da vida eterna. Assim deve ser o cristão. Assim deve ser a nossa luta. Sem nunca desistir.

O Senhor pode tirar das próprias pedras filhos de Abraão... Mas temos de procurar que a pedra não seja quebradiça. De um rochedo sólido, ainda que seja informe, pode lavar-se mais facilmente um silhar esplêndido.

Das pedras, contam os Evangelhos, pôde o Senhor tirar filhos de Adão. O que querem dizer com isto? Que a fé pode fazer milagres em nome do Senhor, pois para Deus tudo é possível. Ele é onipotente. Ao nos dar, entretanto, o livre-arbítrio para escolha, desperta a nossa maneira e só fará milagres se quisermos, direta ou indiretamente, que os faça. Os milagres que são acontecimentos que não correspondem à natureza das coisas ou pessoas, dependem de nossa fé - aliás reiterada por Cristo, nos milagres que fez. Para isto, temos que ser pedra para esculturas rígidas, fortes e não quebradoras, pois nestas não pode o escultor nada fazer. Devemos lembrar que a nossa fé é a pedra forte.

O apóstolo não deve nivelar-se pela rasoura de uma criatura medíocre. Deus o chama para que atue como portador de humanidade e transmissor de uma novidade eterna. - Por isso, o apóstolo precisa ser uma alma longamente, pacientemente, heroicamente formada.

Os apóstolos não podem ser medíocres. Eles representam Deus. Têm que ser formados pacientemente, pois, sem diretores, têm que contar não só com as virtudes, mas também com os defeitos daqueles que serão difusores do cristianismo. Têm que ser, também, longamente formados, pois não existe conhecimento infuso sem preparação daquele que vai falar em nome de Cristo. E, finalmente, heroicamente formados, pois enfrentar um mundo pagão, como era o da época em que veio o mundo - e talvez, ainda hoje, ainda pior - tal formação exige oração e mortificação permanentes para que a ação seja fecundada.

Cada dia descubro coisas novas em mim, dizes... E respondo-te: agora comes a conhecer-te. Quando se ama de veras..., sempre se encontram detalhes para amar ainda mais.

Uma verdade incontestável: quando se ama a Deus. Há sempre uma novidade a descobrir, que se encontra na oração, na eucaristia, no convívio com os outros, ou numa certeza espiritual, ou no rezar o terço. É que a finitude de Deus, por mais que se viva, é impossível de se entender. A cada descoberta das maravilhas do Reino de Deus, alargam-se nossos horizontes. Estou com 89 anos, mas desde minha reconversão aos 26 anos (nascimento de minha filha Angela) não tenho cessado de surpreender-me com as novidades do conhecimento das maravilhas do Reino do Senhor. Tinha, então, 26 anos. Quem procura novos horizontes, novos caminhos, novas formas de dar sentido à vida. A originalidade divina é tanta que nos surpreendemos sempre.

Seria lamentável que alguém concluísse, ao ver atuar os católicos na vida social, que se mexem com acanhamento e capitis-diminuídos. Não se pode esquecer que o nosso Mestre era - é! - “perfectus Homo” - perfeito Homem.

Não se pode admitir um cristão acovardado. Que nas reuniões sociais, não tenha coragem de se mostrar. Embora não seja exemplo de nada, pelos meus inúmeros defeitos, nunca, em reuniões sociais, depois da minha conversão, as pessoas, quando eu chegava, contava piadas imorais ou fatos menos dignos de suas vidas amorosas, sobre respeitarem a religião. E participei de inúmeros congressos, simpósios, palestras no Brasil e no exterior, convivi com autoridades no Brasil e fora, com inúmeros presidentes no país e outros em Portugal e Romênia. As conversas eram agradáveis fora das palestras, mas o nível, elevado. Todos sabiam que eu ia à missa todo dia e respeitavam as minhas convicções, que, sempre que a conversa convergia para temas superiores, permitia-me falar dos valores santos.

Se o Senhor te deu uma boa qualidade - ou uma habilidade -, não é apenas para que nela te deleites, ou para que te pavoneies, mas para que a desenvolvas com caridade a serviço do próximo. - E quando encontrarás melhor ocasião de servir do que agora, ao conviveres com tantas almas que compartilham o teu mesmo ideal?

Os cargos no serviço a Deus são encargos. Não são para a exibição perante os outros, para mostrar importância. Se os políticos precisam disso para serem admirados e, não poucas vezes, enriqueceram-se com atividades mais ou menos lícitas, e se a sociedade em geral, qualquer que seja a função exercida, quer o poder pelo prazer de mandar e gerar admiração, nas obras de Deus o serviço é para os outros, o comando é uma responsabilidade perante Deus, e a busca de admiração pelo cargo um pecado grave, pois o Senhor buscou apóstolos para servirem ao próximo e não servirem-se do próximo.

Ante a pressão e o impacto de um mundo materializado, hedonista, sem fé..., como é possível exigir e justificar a liberdade de não pensar como “eles”, de não agir como “eles?... - Um filho de Deus não tem necessidade de pedir essa liberdade, porque Cristo já no-la ganhou de uma vez para sempre; mas deve defendê-la e demonstrá-la em qualquer ambiente. Só assim é que “eles” entenderão que a nossa liberdade não está aferrolhada pelo ambiente.

Se todas as pessoas pensassem de uma forma incorreta, os filhos de Deus que conhecem Cristo sabem que devem pensar, mesmo que sós, da forma correta. Em outras palavras a tese de que temos que pensar como a maioria é uma falácia. Quando a juventude alemã, fascinada por Hitler, gritava em críticas “o futuro nos pertence”, a massa da população embarcava com aqueles movimentos de euforia coletiva num dos períodos mais trágicos da história da humanidade. Quase sempre o que se denomina de “politicamente correto” é “profundamente equivocado”. Cabe a nós cristãos a tarefa de lutar por mostrar os caminhos “politicamente incorretos”, que são os caminhos certos e do bem, em nossa plena liberdade.

Teus parentes, teus colegas, teus amigos vão notando a mudança, e reparam que não é uma transição momentânea, que já não és o mesmo. - Não te preocupes, continua em frente! Cumpre-se o “vivit vero in me Christus” - agora é Cristo quem vive em ti.

Quando nos entregamos a Deus, todos vão percebendo que algo mudou em nossa vida. Não devemos nos perturbar, porque os apóstolos, todos sem exceção, quando se dedicaram a Cristo, todos perceberam. Alguns, impressionados, foram tocados pela mudança e procuraram o mesmo caminho. Outros, por curiosidade, aproximaram-se sem ânimo, todavia, de seguir o exemplo do que gerou a mudança. Por fim, outros atacaram o novo estilo por não desejarem mudar o desregramento de sua vida, que causava, altos e baixos, mas, como o viciado em drogas, exigia uma intensidade cada vez maior de descompasso e um vazio, às vezes, desesperador.

Deves estimar os que sabem dizer-te “não”. E, além disso, pedir-lhes que te esclareçam as razões da sua negativa, para aprenderes..., ou para corrigires.

Quando recebemos de nossos diretores espirituais um não, não devemos contestá-los, mas pedir-lhes apenas que nos digam por que aquela ação, atitude ou o que for nosso não deve ir adiante. O pedido de explicação deve ser feito não como se estivéssemos contrariados e quiséssemos contestá-los, na busca de argumentos para fazê-lo ou com a intenção mais simples de nos auto justificarmos para não obedecer à negativa. A obediência implica obediência, que terá tanto maior valor quando a demonstramos em algo que nos contraria, não concordamos ou gostaríamos de fazer diferente. O pedido de explicação é para entendermos melhor a razão daquela negativa e a corrigirmos.

Antes eras pessimista, indeciso e apático. Agora estás totalmente transformado: sentes-te audaz, otimista, seguro de ti mesmo..., porque afinal te decidiste a buscar o teu apoio somente em Deus.

A indecisão da estrada da vida a seguir, o pessimismo de que as coisas não darão certo e a apatia de que não vale a pena o esforço porque a vida é assim mesmo, decorrem de termos como conselheiro nós mesmos e como suporte apenas a imagem que de nós fazemos. No dia, entretanto, em que passamos a buscar a Deus e colocarmos nosso apoio em Deus, ganharemos audácia, porque sabemos que Ele não nos abandona na luta e sabe o que é melhor para nós. Seremos otimistas porque somos orientados na vida terrena e teremos a vida eterna, e viveremos na segurança de estar nas mãos do Senhor Deus do Universo, que iluminará nossos passos.

Triste situação a de uma pessoa com magníficas virtudes humanas, e com carência absoluta de sentido sobrenatural: porque facilmente aplicará aquelas virtudes apenas aos seus fins particulares. - Medita nisto.

Todas as pessoas que têm virtudes humanas, mas não as utilizam a serviço de Deus correm o risco de utilizá-las em seu benefício próprio, com dois riscos reais: o primeiro de servir apenas a si mesmo e aos seus objetivos pessoais; e o segundo, mais grave, de utilizá-los em benefício de metas menos dignas, com as virtudes humanas se desfigurando. Para evitar este triste dilema de servir a Deus ou a si mesmo, é que uma boa direção espiritual não permite o desvio de rumo e nem a desfiguração de uma pessoa com virtudes humanas. Pode-se mudar o triste retrato por um retrato esplêndido.

Para ti, que desejas formar-te num mentalidade católica, universal, transcrevo algumas características: - amplidão de horizontes e um aprofundamento enérgico no que é permanentemente vivo na ortodoxia católica; - empenho reto e sadio - nunca frivolidade - em renovar as doutrinas típicas do pensamento tradicional, na filosofia e na interpretação da história...; - uma cuidadosa atenção às orientações da ciência e do pensamento contemporâneos; - e uma atitude positiva e aberta ante a transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida.

Ter uma mentalidade católica e universal exige consciência da atualidade, retidão de intenção e fidelidade à doutrina da Igreja criada por Cristo. À evidência, para assim agirmos, não podemos ter objetivos acanhados, mas sim horizontes amplos, sem perder a solidez da base doutrinária católica. O mundo é o nosso universo e não apenas o nosso bairro. Temos, pois, que nos inserir na filosofia e na história com retidão de intenção e espírito sadio para separarmos o joio do trigo. Estudar o pensamento moderno sobre a vida e evitar as armadilhas das novidades, acompanhando a evolução da ciência. Por fim, para vivermos bem na sociedade moderna, temos que estar atualizados, acompanhando as transformações pelo que o mundo está passando.

Tens que aprender a dissentir dos outros - quando for preciso - com caridade, sem te tornares antipático.

Saber defender a sua doutrina, dissentindo quando atacam, mas não tendo a covardia de ficar calado, é próprio do bom cristão. Deve discordar com tal finura que sua colocação não o torne antipático. Talvez, com frases como esta: “Entendo seu ponto de vista, mas tenho para mim que ...” e, com lógica, serenidade e ajuda de seu anjo da guarda ponha seu ponto de vista cristão, com naturalidade e simplicidade decorrenciais e sem receio de que possam criticá-lo, pois aqueles que são cegos nos caminhos de Deus, reagirão como muitos atenienses quando ouviram Paulo, mas outros seguiram-no, como também aconteceu em Atenas. O importante é não ser covarde e deixar os respetos humanos de lado.

Com graça de Deus e boa formação, podes fazer-te entender no ambiente dos mais simples... - Eles dificilmente te seguirão se te faltar “dom de línguas”: capacidade e esforço para chegar às suas inteligências.

O dom de línguas. Fazer-nos entender em todos os ambientes, com esforço, mas mostrando capacidade de chegar a todas as almas. Isto só é possível, se tivermos em primeiro lugar a graça de Deus. E para a termos, que procurá-la, aprendendo a Amá-Lo depois de encontrá-Lo, amor que será ao mesmo tempo de adoração. Vencida esta primeira etapa, em segundo. lugar, temos que adquirir boa formação, com a qual poderemos espalhar a boa doutrina em todos os ambientes. Conhecer a Deus, as suas verdades, o papel de Seus filhos na história do mundo e da salvação, impõe estudo e uma boa orientação, que apenas pode ser dada por uma direção espiritual fiel a palavra do vice-Cristo na Terra.

Cortesia sempre, com todos. Mas especialmente com os que se apresentam como adversários - tu não tenhas inimigos -, quando procuras tirá-los do seu erro.

A cortesia é própria das almas nobres. Devemos tê-la sempre com todos, independentemente das classes sociais. E devemos tê-la, principalmente, com nossos adversários, pois é a melhor forma, especialmente no campo espiritual, para um dia trazê-la para o redil de Cristo. Todos somos filhos de Deus, mesmo as ovelhas desgarradas. Esta é a razão, pela qual, é nosso dever, como apóstolos – como dizia São Josemaria –, de cem almas, nos interessar por cem. À evidência, quando sentimos que alguém tem vocação para apóstolo, temos que dedicar mais tempo a este, que poderá tornar-se num multiplicador de apóstolos. Nem por isto deixar aqueles que estão longe de Deus não terem conhecimento por nós, dos caminhos que levam no Senhor.

Não é verdade que te causou compaixão o menino mimado? - Pois então... não te trates tão bem a ti mesmo! Não compreendes que vais tornar-te molezinho? - Além disso, não sabes que as flores de melhor aroma são as silvestres, as que estão expostas à intempérie e à seca?

Quando mimamos as pessoas, elas tendem a se tornar caprichosas e incapazes de enfrentar as incertezas da vida. Temos, pois, que não ter reações de crianças mimadas. Temos que saber enfrentar os altos e baixos da vida, sem que possamos nos acovardar e sem criticar os outros, quando na maior parte das vezes a culpa é exclusivamente nossa. As árvores batidas pelos ventos crescem mais rígidas que aquelas de climas amenos, e as flores silvestres dos campos sujeitas às intempéries, são mais cheirosas que as de estufa. Os atletas vitoriosos são aqueles que treinaram muito e não aqueles que, por comodismo, não queriam se esforçar. Assim temos que ser: não crianças mimadas, mas pais verdadeiros e com suave rigidez na educação.

Esse vai longe, dizem, e assusta a sua futura responsabilidade. - Ninguém lhe conhece uma atividade desinteressada, nem uma frase oportuna, nem um escrito fecundo. - É homem de vida negativa. - Dá sempre a impressão de estar submerso em profundas congemições, embora se saiba que nunca cultivou idéias em que pensar. - Tem no rosto e nas maneiras a sisudez do mulo, e isso lhe dá fama de prudente... - Esse vai muito longe!, mas - pergunto-me - que poderá ensinar aos outros, como e em que os servirá, se não o ajudamos a mudar?

Muitas vezes, damos importância às pessoas pela aparência e não pelo seu valor intrínseco. Assim, assemelham-se ao Conselheiro Acácio, imortalizado por Eça como o “tolo solene”. Dizia, com grandiosidade, obviedades, quando não passavam de asnices. Estes, se não mudarem, serão inúteis para o apostolado. Nem sempre a sisudez é prudência nas decisões, nem a solenidade é prova de cultura a ser respeitada. Muitos sobem na vida em face de sua comodidade “empoadada”, que esconde sua ignorância enciclopédica. São estes que temos que ajudar a mudar, com carinho, simplicidade, naturalidade, mas, principalmente, firmeza.

O pedante interpreta como ignorância a simplicidade e a humildade do douto.

O pedante é um ignorante solene. Sente-se superior porque se atribui qualidades muito superiores que as que tem e – mais do que isto – deseja que todos os que o conhecem devem ter por ele a admiração que se auto atribui e não aquela que merece pelo que ele é, que deve ser pouca. É que o pedantismo já é uma demonstração de fraqueza e de ignorância, mas os pedantes atribuem esta ignorância aos outros, pois veem na simplicidade do sábio e na sua humildade, ignorando a observação de um dos maiores sábios da história que dizia: “Saber que nada sabia” e sugeria “Nosce te ipsum” – “conheça a ti mesmo” – para saber que nada és. Os sábios são simples e humildes, mas jamais ignorantes, os pedantes são vaidosos, mas não são sábios, mas ignorantes.

Não seas desses que, quando recebem uma ordem, logo pensam na maneira de modificá-la... - Dir-se-ia que têm demasiada “personalidade”! E desunem ou desbaratam.

Quando recebemos uma ordem e já pensamos em modificá-la porque temos a nossa maneira de ver as coisas, não estamos, de rigor, mostrando personalidade, mas espírito de desunião e desagregação. Em matéria espiritual, a obediência é o melhor fruto de amor a Deus. Não foi difícil a Cristo obedecer ao Pai e aceitar o calvário? Aos olhos dos homens, não há ordem mais irracional de um Pai para um Filho, mas a obediência salvou o mundo. A única religião que tem a ressurreição de seu Fundador – para nós do próprio Deus. Sem ela, como disse São Paulo, a nossa fé seria vã, mas naquele gesto supremo e decisivo a humanidade vislumbrou o caminho de sua salvação.

A experiência, o saber tanto do mundo, o ler nas entrelinhas, a perspicácia excessiva, o espírito crítico... Tudo isso que, nas tuas relações e negócios, te levou demasiado longe, ao ponto de tornar-te um pouco cínico; todo esse “excessivo realismo” - que é falta de espírito sobrenatural - invadiu até mesmo a tua vida interior. - Por não seres simples, passaste a ser às vezes frio e cruel.

Muitas vezes, o sucesso profissional se deve a sutilezas, a habilidades no jogar com as pessoas, levando-as a seguir este ou aquele caminho, inteligentemente alcandorado, em que a experiência, a perspicácia e até mesmo o cinismo saem vencedores. Se isto pode, muitas vezes, funcionar na vida terrena, muito embora, não poucas vezes de forma criticável, não funciona na vida espiritual. É que a tendência do ardiloso é ser frio e cruel, porque o objetivo humano transcende, e muito, a visão da eternidade da alma, e o apego às coisas temporais termina por tornar a alma dura distante das verdades perpétuas. Temos que estar atentos a esta realidade para que o mundano não vença o espiritual.

No fundo és um bom rapaz, porém julgas-te Maquiavel.
- Lembra-te de que no Céu se entra sendo um homem
honrado e bom, não um intriguistinha maçante.

Nem sempre as pessoas ardilosas e consideradas hábeis em manipular situações são honradas e boas. No mais das vezes, não o são. A vida é uma passagem rápida. Mas se consegue uma vitória, a sensação de um triunfo e alegria passa, e o próximo encontro pode se transformar numa derrota. Lembro a história do hebreu que no casamento de sua filha, deu-lhe um anel com a inscrição “Isto passará”. E a filha perguntou-lhe: “Por quê?” Ele respondeu: “É para que te lembres que haverá momentos de dificuldades na sua vida conjugal, então, você se lembrará da alegria do dia de hoje com saudade. Ao olhar, porém, você também terá certeza de que aquele momento difícil também passará”. As ardilosidades da vida não levam o homem necessariamente para o céu. Todos os homens honrados e bons têm o seu assento garantido na eternidade.

É admirável esse teu bom humor... Mas levar tudo, tudo... na brincadeira - reconhece! - significa passar dos limites. - A realidade é bem outra: como te falta vontade para tomares as tuas coisas a sério, autojustificas-te gozando dos outros, que são melhores do que tu.

O bom humor é importante para enfrentar a vida, dando pouca importância às dificuldades e aos problemas que aparecem, mas não deixando de enfrentá-las com a garra e o espírito cristão necessários. Quando, entretanto, levamos tudo na gozação, estamos, de rigor, procurando fugir das responsabilidades, procurando tirar seriedade do que os outros fazem melhor do que nós e mostrando um certo complexo de inferioridade que se esconde atrás dessa permanente forma de ridicularizar aquilo que os outros fazem melhor. Esta espécie de tentar levar a vida em brincadeiras e sem responsabilidade, não é bom humor, mas agressão ao que é bom para esconder insuficiências pessoais – e deve ser evitada.

Não nego que sejas esperto. Mas o arrebatamento desordenado leva-te a agir como um tolo.

Nem sempre a esperteza é sinônimo de eficácia e de bons resultados na vida. Nas poucas vezes, é sinônimo de tolice. O esperto corre o risco de muitas transigências e o que é pior, de aceitar soluções contrárias à fé e a Deus. Temos que, na vida, ser naturais, simples, procurar equacionar os desafios que se apresentam com os olhos no céu e os pés na terra, com o que mais pela força do argumento e não o argumento da força, buscar levar, como os primeiros cristãos as verdades e os tesouros do cristianismo a todos os cantos. O cristão que não pensa assim e quer ser esperto e servir a dois senhores ao mesmo tempo é um tolo. As riquezas do mundo são apenas instrumentos a serem utilizados a serviço de Deus. Não são o verdadeiro fim da vida.

Essa desigualdade do teu caráter! - Tens as teclas estragadas: dás muito bem as notas altas e baixas..., mas não soam as do meio, as da vida corrente, aquelas que habitualmente os outros escutam.

Fazer o ordinário, muitas vezes é mais difícil do que fazer o extraordinário. Muitas pessoas que ganharam algum relevo na vida sentem-se bem quando elogiados por algo que fizeram, e mal se não reconhecidas ou se fracassam em algum ponto. De qualquer maneira preferem este ambiente àquela da vida comum, onde encontram pessoas normais, sem destaque especial, que constituem a esmagadora maioria do povo. Temos que ter a estabilidade suficiente para não nos importarmos com o sucesso nem nos entristecermos com as derrotas, assim viver com naturalidade a vida ordinária, vivendo rigorosamente igual aos cidadãos correntes, que não têm nenhum aspecto diferencial, senão aqueles de serem comuns, como devemos ser.

Para que aprendas. - Numa ocasião memorável, fiz notar àquele nobre varão, douto e enérgico, como arriscava - ia perder - um alto posto no seu mundo, por estar defendendo uma causa santa que os “bons” impugnavam. Com voz cheia de gravidade humana e sobrenatural, que desprezava as honras da terra, respondeu-me: “Arrisco a alma”.

Arriscamos, quando defendemos causas corretas e “politicamente incorretas”, a perder posições de destaque na vida, mas não arriscamos a perder a alma. Eu mesmo, que não sou exemplo de nada, deixei depois de mais de 20 anos, de escrever para um grande jornal, porque não aceitaram artigo condenando o homicídio uterino. Não me fez falta a exposição pelo jornal, mas faria muita falta a incerteza de ter o Senhor do meu lado, se mudasse de opinião ou continuasse a enviar artigos para o referido jornal. Todos nós não somos nada – eu, certamente, mais do que os outros –, mas buscar o Senhor e lutar por errar menos vale a pena, pois somos todos náufragos pecadores em busca da barca da salvação, que só encontramos na nave de Pedro.

O diamante lapida-se com o diamante...; e as almas,
com as almas.

A imagem de nosso Padre é perfeita: só se lapidado diariamente, por sua dureza, com outro diamante. As almas são semelhantes. Por serem filhas de Deus, são diamantes brutos. Os apóstolos são os lapidadores, pois são almas já conquistadas por Deus. São as almas dos apóstolos que trazem para Deus as almas despreparadas, lapidando-as, como se faz com os diamantes. Isto nos leva à preocupação permanente de corresponder às exigências da vocação interior para Deus, cuidando da nossa própria alma, pois só assim estaremos preparados para levar a mensagem divina a outras almas, lapidando-as para o Senhor. A salvação própria auxilia a salvação das almas.

“Um grande sinal apareceu no Céu: uma mulher com uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça; vestida de sol; a lua a seus pés”. - Para que tu e eu, e todos, tenhamos a certeza de que nada aperfeiçoa tanto a personalidade como a correspondência à graça. - Procura imitar a Santíssima Virgem, e serás homem - ou mulher - de uma só peça.

Imitar a Virgem é ter a certeza de que seremos pessoas confiáveis, retas, de uma só peça. Assim devemos sempre agir. Se ancorarmos nossa alma no Senhor, tudo o mais é consequência e, nas turbulências ou alegrias da vida, a nossa reação será a mesma. Nossa meta é o Senhor e tudo o mais, caminho para Deus. Somos pecadores que lutam e temos a certeza de que Deus não nos deixará. A observação de Pedro, que, covardemente, negaria à 3ª. pergunta de Cristo diz tudo. Apesar de triste pelo ato inacreditável de, tendo sido feito o vice-Cristo na Terra, de fingir desconhecer-Lo, afirma, entretanto: “Senhor, Tu sabes tudo” e, na certeza de que Cristo tudo sabia continua: “Tu sabes que eu te amo” e Cristo o confirmou como o primeiro. Pastor dos Cristãos.

ORAÇÃO

Conscientes dos nossos deveres, como podemos passar um dia inteiro sem nos lembrarmos de que temos alma? Da meditação diária deve nascer a retificação constante, para não sairmos do caminho.

A oração é fundamental para que possamos, todos os dias, lutar para permanecermos nos caminhos divinos. A oração é o diálogo com o Senhor. Deus fala no silêncio, pois só eliminando os ruídos da Terra ouviremos as palavras e as inspirações do Senhor. Quando temos a alma cheia de desejos terrenos, somos incapazes de ouvir a Deus e o nosso caminho passa a ser um caminho torto, em que, sendo guias, de nós mesmos, perdemos a bússola da vida. A oração é a melhor forma de recebermos de Deus as indicações inspirações para seguir o melhor caminho, assim como adquirir a paz interior, e de fazer o barco de nossa vida ser conduzido até o porto eterno.

Se se abandona a oração, primeiro vive-se das reservas espirituais..., e depois, da trapaça.

Sem oração, a vida é um deserto cheio de miragens. E quem dispensou-se de rezar, porque já se considera com “suficiência espiritual”, nos primeiros tempos viverá das reservas adquiridas e, após seu esgotamento, transformar-se-á num trapaceiro, fazendo muito mais mal do que bem no seu desfigurado apostolado, quando não abandonará as práticas espirituais e apostólicas e até mesmo abandonar a religião. A oração é o diálogo com Deus. Se deixamos de dialogar, perdemos o referencial de nossa missão, que impõe, uma permanente procura do Senhor para amá-Lo, através da oração. Sem oração, todos são trapaceiros; com a oração poderemos ser apóstolos.

Meditação. - Tempo certo e a hora certa. - Senão, acabará adaptando-se à nossa comodidade: isso é falta de mortificação. E a oração sem mortificação é pouco eficaz.

A oração é o nosso encontro com Deus. Temos que ter hora fixa e o tempo fixo para fazê-la. Se tivéssemos que ser recebidos por uma autoridade com hora marcada, não estaríamos nesse horário ao lado dela e, talvez, tivéssemos que esperar? E o tempo da entrevista estaria sempre delimitado no tempo. Afinal, Deus é incomensuravelmente maior que qualquer autoridade e não nos faz esperar, munindo-nos na hora marcada, com atenção e amor. Não ter hora nem tempo definido, não vivemos “a mortificação de tudo fazer para estar neste momento” certo para o encontro com Deus, vencendo todas as dificuldades que possam ter aparecido. Aliás, se a oração mental é a oração da alma, a mortificação é a oração do corpo, e as duas orações são o diálogo amoroso com Deus.

Falta-te vida interior: porque não levas à oração as preocupações dos teus e o proselitismo; porque não te esforças por ver claro, por tirar propósitos concretos e por cumpri-los; porque não tens sentido sobrenatural no estudo, no trabalho, nas tuas conversas, no convívio com os outros... - Como andas em matéria de presença de Deus, consequência e manifestação da tua oração?

Se há melancolia em nossa vida é porque está faltando vida interior. Nossa oração é frágil, nosso apostolado infecundo e nosso convívio no trabalho e no estudo cheio de equívocos. Temos que mudar esta perspectiva. A frase de que um santo triste é um triste santo, pois ser infecundo e não sendo exemplo de nada é uma realidade a ser refletida. Se não vivermos da fé, se, na calma ou turbulência, não tivermos no barco da nossa vida a nossa âncora não estará ancorada em Deus. Estaremos fraudando a escolha que Deus nos fez para sermos seus apóstolos e tisonando a Sua mensagem de salvação do mundo. Deus espera de Seus filhos a adesão plena e quando esta ocorre a melancolia desaparece.

Não?... Porque não tiveste tempo?... - Tens tempo. Além disso, como é que serão as tuas obras, se não as meditaste na presença do Senhor, para bem orientá-las? Sem essa conversa com Deus, como é que acabarás com perfeição o trabalho de cada jornada?... - Olha, é como se alegasses que te falta tempo para estudar, porque estás muito ocupado em dar uma aulas... Sem estudo, não se pode dar uma boa aula. A oração está antes de qualquer coisa. Se o entendes assim e não o pões em prática, não me digas que te falta tempo: muito simplesmente, não queres fazê-la!

Termos tempo para a oração é essencial na vida. Se não, nunca seremos apóstolos e, certamente, nem cristãos, se assim nos considerarmos. A oração é o combustível do bem viver. Com ela, tudo o mais na vida será mais fácil de viver. Sermos melhores profissionais, mais justos no trabalho, mais dedicados e mais ordeiros, pois a oração, no mesmo tempo e na mesma hora, cria disciplina e a mortificação que é a oração do corpo, cria garra. O professor será mais estudioso, qualquer que seja a profissão, será exercida com mais atenção e eficiência, com a ética emoldurando todo o seu exercício. Só diz que não tem tempo para a oração quem não quer fazer oração, pois para o divertimento pessoal, o lazer e conversas inúteis tem tempo.

Oração, mais oração! - pace uma incongruência agora, em época de provas, de mais trabalho... Precisas dela: e não só da habitual, como prática de piedade; oração também durante os tempos mortos; oração entre ocupação e ocupação, em vez de deixares correr o pensamento entre bobagens. Não faz mal se - apesar do teu empenho - não consegues concentrar-te e recolher-te. Pode valer mais esta meditação do que aquela outra que fizeste, com toda a comodidade, no oratório.

O muito trabalhar não nos pode afastar da oração. Não só daquela que, convencional e esporadicamente nas missas dominicais ou mesmo das programadas de acordo com o plano de vida. A verdadeira oração é permanente. Quando trabalhamos oferecendo o nosso trabalho a Deus, quando convivemos com os outros, procurando dar o exemplo e pedindo aos anjos da guarda dos outros, que nos auxiliem. Quando estudamos, oferecendo este esforço a Deus, quando descansamos, aproveitando no lazer para fazê-lo proveitoso no diálogo com Deus. Muitas vezes a oração que fazemos entre uma e outra ocupação e que é feita não tendo um sacrário, pode ser mais dispersa do que a feita nos salões de uma igreja, mas pode até ter mais valor pelo esforço em fazê-la assim.

Um costume eficaz para conseguir presença de Deus”
em cada dia, a primeira audiência, com Jesus Cristo.

A melhor maneira de adquirirmos a presença de Deus é, no nosso primeiro pensamento diário, tê-Lo para Cristo. Sempre Ruth e eu acordamos com despertador em nosso minuto heroico. Quando mais jovens, às cinco para as cinco. Quando envelhecidos, cinco e vinte e cinco. E depois dos oitenta e cinco anos, cinco para as seis. Nosso primeiro pensamento era para Cristo. Logo, em seguida, minha primeira frase era dizer: “Ruth, eu te amo” a que ela sempre respondia em inglês: “So do I”. Para nós, o último pensamento do dia e o primeiro do dia seguinte tinha que ser para Deus. Trata-se cada dia, de um bom início. Temos que ir em frente nesta luta pela santificação cotidiana; Todos os dias, até o nosso último dia. Nossa passagem pela Terra em busca da eternidade precisa que não percamos a visão daquele que nos criou e cuja alma nossa é para Ele destinada, que saibamos reconhecer os caminhos.

A oração não é prerrogativa de frades: é incumbência de cristãos, de homens e mulheres do mundo, que se sabem filhos de Deus.

A oração é a única forma que o cristão tem de falar com Deus. Suas obras são ofertadas, mas o diálogo se faz com a oração. É nela que conversamos com o Pai, dizendo-Lhes de nossas preocupações, de como espera que nos inspire a solucioná-las, falando-Lhe de nosso amor, de nossa esperança da vida eterna, de nossos problemas, de nossos pecados, pedindo força para não cometê-los mais e esperando a próxima confissão para o perdão definitivo, trazemos as nossas dúvidas e os nossos planos de apostolado para levar mais pessoas para o redil divino, enfim, de tudo de nossa vida, pois Deus é Pai. A oração não é, pois, privilégio de frades, mas obrigação de todos os cidadãos do mundo. Se todos os homens do mundo orassem, viveríamos no paraíso.

Sem dúvida, debes seguir o teu caminho: homem de ação... com vocação de contemplativo.

A oração não torna cada um em sua obrigação de cumprir sua missão na Terra, um cidadão sem meta, distante da luta santificadora do trabalho profissional, familiar e social. Ao contrário, dá uma força maior para que se lance com maior desejo em cumprir sua missão na terra. A diferença é que o homem de ação fortalecido pela oração é um homem contemplativo, que conhece sua missão e procura, com eficácia e dedicação, levá-la adiante, sabendo que todos nós poderemos nos santificar cumprindo nossos deveres profissionais com os olhos e oferecimento, em primeiro lugar, para Deus.

Católico, sem oração?... É como um soldado sem armas.

A imagem não poderia ser melhor. Católico sem oração é como soldado sem armas. Não poderemos nunca ser bons apóstolos se não recebermos a inspiração divina na oração, quando, no silêncio, Deus fala conosco. Como é inconcebível que para uma batalha vá um soldado sem armas, é também o é, na batalha para garantir a vida eterna, que queiramos enfrentá-la sem a arma da oração. Sem a inspiração divina não poderemos nunca avançar no conhecimento do tesouro de revelação e das mensagens e tarefas de Cristo para nós sem a oração. Para ouvir Deus na oração e estabelecermos um diálogo virtuoso, sabendo que tudo Dele vem, e, por esta razão, temos que ouvi-Lo com humildade e com disposição de afim.

Agradece ao Senhor o enorme bem que te outorgou ao fazer-te compreender que “uma só coisa é necessária”.

- E, justamente com a gratidão, que não falte todos os dias a tua súplica pelos que ainda não O conhecem ou não O entenderam.

Entender que na vida só uma coisa é importante, ou seja, amar e servir a Deus é o maior tesouro do mundo. E quando, na oração, agradecemos a Deus por este privilégio que nos permitiu descobrir e usufruir Sua companhia, temos que rezar por todos aqueles que não perceberam em sua vida, tornando-a vazia, para que venham a ter a alegria de encontrar o seu caminho. De rigor, Cristo veio ao mundo para escolher os apóstolos e prepará-los para difundir a Sua mensagem e aproximar as pessoas do Reino de Deus. E todos nós somos apóstolos da era moderna, tendo a mesma missão dos primeiros que preservaram o cristianismo.

Quando procuravam “pescar-te”, perguntavas a ti mesmo onde é que conseguiam aquela força e aquele fogo que tudo abrasa. - Agora, que fazes oração, percebeste que essa é a fonte que ressuma em torno dos verdadeiros filhos de Deus.

Quando ainda não estávamos convertidos, algo que nos impressionava era a persistência, a tranquilidade, a lógica cartesiana e o fogo interior que sentíamos em quem nos queriam trazer para o redil. Admirávamos essas pessoas, embora sentíssemos que dificilmente poderíamos sentir o mesmo. Quando nos convencemos qual é o verdadeiro caminho que nos dá sentido à vida terrena e certeza de uma vida eterna muito melhor, neste momento percebemos que todo aquele vigor dos que nos queriam mostrar o caminho, vinha deste diálogo com Deus, na oração e, no momento em que passamos a viver com os mesmos valores, percebemos como a oração fortalece, inspira, auxilia a vencer os maus momentos e nos dá paz e amor.

Desprezas a meditação... Não será que tens medo, que procuras o anonimato, que não te atreves a falar com Cristo cara a cara? - Bem vêes que há muitos modos de “desprezar” este meio, ainda que se afirme que se pratica.

Estar cara a cara com Deus é o que mais importa no dia a dia de cada um e durante a vida. E a oração, meditada, todo o dia, salvo exceção, na hora certa e programada no Plano de Vida é o caminho mais adequado a esta adaptação ao método da prece e de estar mais perto do Senhor. Cristo ensinou-nos que podemos e devemos chamar a Deus de nosso Pai. Ora, se temos o dever permanente de falar com o nosso pai na Terra, apesar de ter, como qualquer ser humano, defeitos, com muito mais razão, temos a obrigação de falar com o Nosso Pai, criador do mundo, que é perfeito e que nos ama, através da oração. Não há, pois, qualquer justificativa para não se fazer corretamente as orações.

Oração: é a hora das intimidades santas e das resoluções firmes.

Cirúrgica e graficamente Nosso Padre define o tipo de diálogo da oração. Em primeiro lugar, é termos intimidades santas. Vale dizer, falar de tudo o que nos perturba, das nossas dificuldades, das nossas metas, mas principalmente de como podemos entender mais o Senhor, que nos ouve, aos mistérios da religião, as maneiras possíveis de chegar mais perto deste tesouro, como ser úteis, aos outros e levá-los a conhecer a Deus. Depois, aproveitar a inspiração divina para tomar resoluções definitivas de atuar, levar adiante o que recebemos da inspiração, sem tergiversações no caminho da verdade e do amor. Portanto, intimidades santas e resoluções definitivas.

Como era bem pensada a súplica daquela alma que dizia: - Senhor, não me abandones; não reparas que há “outra pessoa” que me puxa pelos pés?!

Muitas vezes, temos a certeza de que o caminho certo é outro do que aquele que queremos seguir naquele momento. É como se tivéssemos um outro “eu” dentro de nós, dizendo: “Que mal há que faça isto?” ou “Não vai prejudicar a ninguém, desde que ninguém saiba”. Poderemos ainda ouvir a mesma voz dizendo. “Afim se isto está na minha natureza, que não fui eu que a fiz, apenas estarei seguindo minha tendência a assim agir”. É a voz do demônio que se reveste de nosso corpo para arrastá-lo para o mal. Nestes momentos, só há um remédio. É clamar por Deus: “Senhor, ajuda-me”. Lembrar de Pedro quando afundava, e ter a mesma humildade de pedir socorro ao Senhor. E, que se quisermos, andar pelas águas dos pecados, afundaremos sempre, e só Deus nos poderá ajudar. E pedir a intercessão da Virgem é fundamental.

Voltará o Senhor a acender-me a alma?... - Afirmavam-te que sim a tua cabeça e a força profunda de um desejo longínquo, que talvez seja esperança... - Pelo contrário, o coração e a vontade - excesso de um, falta da outra - tingem tudo de uma melancolia paralisante e hirta, como um esgar, como uma troça amarga. Escuta a promessa do Espírito Santo: “Dentro de brevíssimo tempo, virá Aquele que há de vir e não tardará. Entretanto, o meu justo viverá de fé”.

Sempre temos a sensação de que Deus estará nos chamando. O coração mais quente percebe que há novos caminhos a serem trilhados. Sempre, nestes momentos, circulam uns pensamentos de dúvida, em que não se tem certeza se vale a pena deixar o burburinho do mundo ou os prazeres fáceis, que, no mais das vezes, deixam um sabor amargo na boca. É, nestes momentos que temos que ter coragem de enfrentar a dúvida e mergulharmos na certeza de que Deus está nos esperando e temos de nos entregar a Ele. Nosso Anjo da Guarda nos ajudará e sempre que o solicitarmos contra a tentação da dúvida. Só há um caminho que traz a certeza que é o do Senhor.

A verdadeira oração, aquela que absorve o indivíduo por completo, é favorecida não tanto pela solidão do deserto como pelo recolhimento interior.

A verdadeira oração exige silêncio para que o diálogo se faça com Deus. Não precisamos ser anacoretas, refugiar-nos no deserto para fazê-la. Temos, todavia, que gerar recolhimento interior para que não sejamos afetados pelos ruídos de fora. Deus nos fala no silêncio, nos inspira sempre quando temos o coração desligado das coisas terrenas para ter a alma voltada para Deus. Só amaremos o mundo apaixonadamente se tivermos Deus no coração e sem o diálogo da oração Ele dificilmente entrará. Ele não pode entrar no coração dos que não o querem a não ser que tenha uma missão especial para a pessoa como aconteceu com Paulo. Não podemos, todavia, querer Deus, mas não O procurá-Lo, pois assim dificilmente O encontraremos.

Fizemos a oração da tarde no meio do campo, já perto do anoitecer. Devíamos ter um aspecto um tanto pitoresco, para um espectador que, não soubesse do que se tratava: sentados no chão, num silêncio apenas interrompido pela leitura de uns pontos de meditação. Essa oração em pleno campo, “pressionando com força” o Senhor por todos os que vinham conosco, pela Igreja, pelas almas, foi grata ao Céu e fecunda: qualquer lugar é apto para esse encontro com Deus.

Há lugares, em que nos sentimos mais à vontade para fazer a oração. Assim ocorre quando estamos no silêncio que a natureza nos propicia, no campo, junto ao mar, em lugares onde se preserva este contacto possível com o Senhor. A evidência, o Sacrário é o melhor de todos os lugares. E nestes momentos de silêncio com Deus, podemos oferecer nosso amor ao Senhor, falando-Lhe de todos os que queremos, pedindo-Lhe a ajuda, pedindo pela Igreja, por aqueles que têm responsabilidade decisória no país e, principalmente, para que não sejamos inúteis para o Senhor e cumpramos nossa missão na Terra.

Gosto de que, na oração, tenhas essa tendência de percorrer muitos quilômetros: contemplas terras diferentes daquelas que pisas; diante dos teus olhos, passa gente de outras raças; ouves línguas diversas... É como um eco daquele mandamento de Jesus: “Euntes docete omnes gentes” - ide e ensinai a todos os povos. Para chegares longe, sempre mais longe, mete esse fogo de amor nos que te rodeiam; e os teus sonhos e desejos se converterão em realidade: antes, mais e melhor!

Quando oramos, temos que pensar em todos os nossos irmãos de todo o mundo. De todas as raças, de todos os continentes, de culturas e modos de viver diferentes que comunham da mesma fé. E temos que pedir, atravessando oceanos, montanhas e florestas que todos os povos do mundo venham a reconhecer em Cristo, o Filho Unigênito de Deus. A nossa religião é a única que teve o próprio Deus a fundá-la e é a única em que o próprio Deus pediu a Pedro que a conduzisse, tornando desde o primeiro Papa que foi Pedro, todos os seus sucessores aptos a orientar-nos. Quando oramos, com este espírito, o Universo parece-nos estreito porque foi criado no “Fiat lux” – para os cientistas Big Bang – pois é menor do que a imensidão da força do Senhor, seu Criador.

A oração transcorrerá, uma vez, de modo discursivo; outras, talvez poucas, cheia de fervor; e, talvez muitas, seca, seca, seca... Mas o que importa é que tu, com a ajuda de Deus, não desanimes. Pensa na sentinela que está de guarda: não sabe se o Rei ou Chefe de Estado se encontra no Palácio; não está informado do que este faz e, na maioria dos casos, essa personagem não sabe quem lhe monta a guarda. - Nada disto acontece com o nosso Deus: Ele vive onde tu vives; ocupa-se de ti; conhece-te e conhece os teus pensamentos mais íntimos... Não abandones a guarda da oração!

Nem sempre estaremos inspirados na oração, conversando com Deus sem barreiras, sentindo Sua presença com plenitude. Às vezes, poderemos estar secos, não sentindo sua presença; e, embora Ele lá esteja, e outras vezes poderemos estar até mesmo dispersivos. A oração é, todavia, a nossa guarda da vida interior. Temos que ter disciplina na hora certa, tempo certo para início e encerramento e não esmorecermos pelos momentos de aridez. Deus conhece a alma de cada um de Seus filhos e sabe que, na luta pela Santificação cotidiana podemos passar por momentos de menor entrega, inspiração ou diálogo com o Senhor. A perseverança nestes momentos dá a força para que a luta final seja sempre vitoriosa, porque remar contra a corrente enrijece os músculos e a alma. Não desistir!

Olha que conjunto de razões sem razão te apresenta o inimigo, para que abandones a oração: “Falta-me tempo” - quando o estás perdendo continuamente -; “isto não é para mim”, “eu tenho o coração seco”... A oração não é problema de falar ou de sentir, mas de amar. E ama-se quando se faz o esforço de tentar dizer alguma coisa ao Senhor, ainda que não se diga nada.

Os que não fazem oração, usam argumentos sem lógica. Muitos dizem: não tenho tempo, embora percam tempo em conversas inúteis, em passatempos – o nome já define sua insignificância – que muitas vezes servem de tentações no pecado e a uma série de atividades sem significação maior. Outros dizem que não sentem nada, tendo o coração seco para a oração, quando vivem com o coração aos trambolhos numa série de desejos e prazeres, muitos dos quais agridem a Deus. Outros dizem que a oração não é para eles e nem se preocupam com Quem lhes deu o dom da vida. A oração é a bússola de todos nós, aquela que nos mostra o norte da existência, para agirmos nesta passagem com a dignidade própria de um filho de Deus.

“Um minuto de reza intensa; isto basta”. - Dizia isso um que nunca rezava. - Compreenderia um apaixonado que bastasse contemplar intensamente durante um minuto a pessoa amada?

Quem disse que um minuto de oração intensa é o que vale? Não é verdade. Ninguém que ama pode dizer que basta admirar um minuto com intensidade para satisfazer-se com seu amor. Quando se ama quer se ficar ao lado daquela pessoa o máximo de tempo possível, querendo que o tempo nunca acabe. O amor a Deus não é diferente. A oração é diálogo e diálogo de um minuto representa apenas o tempo necessário para permitir uma informação. Temos que ter a noção da importância da oração. Nunca estaremos suficientemente aptos a falar com Deus, mas nosso esforço traz insuspeitadas razões por perseguir a melhor forma de chegar a Deus. Procurar, encontrar e amar a Deus, Deus é o nosso bem maior. Na Terra só O amando muito, seremos felizes.

Este ideal de combater - e vencer - as batalhas de Cristo somente se tornará realidade pela oração e pelo sacrifício, pela Fé e pelo Amor. - Pois então... vamos orar, e crer, e sofrer, e Amar!

Orar, crer, sofrer e amar. Estes são os verbos a serem conjugados pelos cristãos. Como na oração, nós lembramos os ensinamentos de Cristo. Orava quando estava cansado. Passava a Seus discípulos a necessidade de ter fé em Deus e Nele, Seu Filho Unigênito. Enquanto os discípulos dormiam, subia ao monte para rezar e, até mesmo no Horto, na mais dolorosa de Suas orações, encontrou todos os apóstolos dormindo. Mostrou que temos que saber sofrer, pois só Nele é possível encontrar o verdadeiro amor. Os pais sofrem mais quando veem os filhos com dificuldades físicas, profissionais e morais. Amando-os nestes momentos mais ainda. Assim é a vida do cristão. Amamos mais ao ver o sofrimento alheio ou quando nós sofremos e compreendemos então o sacrifício de Cristo na cruz por amor aos homens.

A mortificação é a ponte levadiça, que nos permite a entrada no castelo da oração.

A imagem é poética, gráfica e verdadeira. O castelo onde podemos fazer oração tem a vela protetora para que o ruído do irrelevante, o barulho do mundo e o vendaval do inútil defendam-na, só nela podendo entrar por uma porta que tem uma ponte levadiça. Ela só é baixada para que lá se entre e no silêncio se fala com Deus, pela oração do corpo que é a mortificação. A ponte pertence ao Castelo não ao mundo, mas liga o castelo ao mundo, permitindo que quem quiser encontrar a Deus e amá-lo, ela é descida para que possa ingressar neste palácio que é a primeira grande construção que o Senhor oferece a seus filhos como preâmbulo da eternidade. Mortificação, oração do corpo, meditação, oração da alma.

Não desfaleças: por mais indigna que seja a pessoa, por mais imperfeita que venha a ser a sua oração, se esta se eleva com humildade e perseverança, Deus a escuta sempre.

Por mais indigna que seja a pessoa, por mais erros que tenha feito na vida, por mais que não mereça a confiança de ninguém, se fizer, mesmo com humildade e perseverança, a oração, apesar de suas imperfeições, Deus a escutará. Deus conhece nossas limitações e, no momento, em que nós as reconheçamos, sabendo que somos um nada, não valem nada, nada podemos senão pela graça de Deus, a partir daí Deus nos ouve, como ouviu Dimas no seu apelo final, pendurado na cruz, nos estertores da morte. Não desfalecer nunca. Lutar sempre. Não haver a apropriação dos bens que são ofertas de Deus, como sendo próprio de mérito pessoal. Humildade e perseverança é o necessário.

“Senhor, eu não mereço que me escutes, porque sou mau” - rezava uma alma penitente. E acrescenta: “Agora... escuta-me “quoniam bonus” - porque Tu és bom”.

Quando vemos quem somos e vemos que Deus é, chegamos à conclusão de que jamais mereceremos que Deus nos escute. Deus deu-nos ampla liberdade de escolher nossos caminhos e de amá-Lo. Da mesma forma que para crescermos na vida temos que apreender a ter garra desde os bancos escolares e nossos pais devem cortar nossos caprichos, também no amor a Deus e no crescimento de nossa vida interior temos que vencer obstáculos e temos que buscar conhecer a Deus, numa batalha cotidiana. E Deus que é bom vai nos auxiliando a cortar arestas e, mais do que isto, a superar, em acontecimentos inexplicáveis, obstáculos que desconhecíamos e que muitas vezes, nem saberemos quais eram. Não mereço a atenção por quem sou, mas peço a sua atenção por quem Deus é.

O Senhor, depois de enviar os seus discípulos a pregar, reúne-os na volta e convida-os a ir com Ele a um lugar solitário para descansar... Que coisa não lhes perguntaria e contaria Jesus! Pois bem..., o Evangelho continua a ser atual.

Um dos episódios que impressiona quem lê os Evangelhos é aquele em que Cristo, primeiro envia seus discípulos a pregar, depois quando voltam, leva-os para um lugar onde podem estar sós para descansar, conversar e, certamente, orar. O primeiro ponto impressiona, pois mostra já sua confiança plena nos apóstolos, pois os manda pregar, ensinar sua doutrina e mostrar que o Filho de Deus tinha vindo a Terra para salvar a humanidade. Depois seu reconhecimento que o trabalho cansa, e que precisam descansar, numa Santa fraternidade e conversa num local onde não seriam perturbados. E, certamente, nesta conversa amiga quanto mais aprenderam com o Mestre e, claramente, entenderam melhor, falando com Deus Filho, como deveriam falar com Deus Pai.

Entendo-te perfeitamente quando me escreves a respeito do teu apostolado: “Vou fazer três horas de oração com a Física. Será um bombardeio para que ‘caia’ outra posição, que se acha do outro lado da mesa da biblioteca..., e que o senhor já conheceu quando esteve aqui”. Lembro-me da tua alegria, enquanto me ouvias dizer que entre a oração e o trabalho não deve haver solução de continuidade.

O trabalho oferecido a Deus e bem-feito é uma oração. Quando temos dificuldade em trabalhar ou achamos monótono, cansativo, de pouca expressão, devemos mais do que nunca transformá-lo em oração e se for de tal ordem que tenhamos vontade de desistir, continuemos como se fosse a oração do Senhor no monte. Se todos os homens do mundo, como no filme “Si tous les gars du monde”, tivessem solidariedade e fizessem do trabalho um caminho de santificação, o mundo seria um paraíso. Temos a liberdade de fazê-lo ao nosso redor para que o mundo se torne pelo menos melhor, servindo aquele núcleo como um polo de irradiação.

Comunhão dos Santos: bem a experimentou aquele jovem engenheiro, quando afirmava: “Padre, em tal dia, a tal hora, o senhor estava rezando por mim”. Esta é e será a primeira ajuda fundamental que temos de prestar às almas: a oração.

A comunhão dos Santos é uma grande arma que temos para enfrentar a vida. Saber que outros estão rezando por nós nos fortalece e fortalece os que estão rezando. Esta fraternidade Universal que a oração permite é talvez, o caminho mais fácil de chegar a Deus e dar sentido á vida. Somos quem somos, fracos, pecadores, sujeitos a tentações, que só poderemos vencer com a oração. Ter a certeza de que, pela Comunhão dos Santos, nos aproximamos mais da vida eterna e caminhamos mais seguros na vida terrena é uma bússola segura para o Céu para o qual caminhamos pelo comprometimento de nossa vida. Quantas vezes, não sentimos a presença de Deus num momento difícil por qual passamos ou não tendo com quem podemos dialogar. Diariamente, podemos, todavia, falar com Deus.

Habitua-te a rezar orações vocais, pela manhã, ao vestir-te, como as crianças. - E terás mais presença de Deus depois, ao longo da jornada.

As orações que se rezam, enquanto estamos nos vestindo pela manhã, auxiliam-nos a crescer. Na intimidade de Deus, mantém-nos com sua presença desde a manhã e prepara-nos para enfrentar o dia de trabalho, que bem-feito, é também oração. E aqueles que puderem ir à missa diariamente terão um benefício maior porque receberão já pela manhã o próprio Deus e poderão iniciar sua jornada em cumprimento à missão que Deus lhe deu na Terra. Ter Deus presente na vida desde a manhã, dialogando com Ele pela oração torna mais leve, mais alegre, mais útil, mesmo durante períodos de turbulência, pelas dificuldades na vida. Com Deus, tudo vale a pena.

Para que os empregam como arma a inteligência e o estudo, o terço é efficacíssimo. Porque, ao implorarem assim a Nossa Senhora, essa aparente monotonia de crianças com sua Mãe vai destruindo neles todo o germe de vanglória e de orgulho.

É uma verdade que todos aqueles que são intelectuais, que estudaram e estudam, sendo inteligentes, tem uma tendência a se sentirem superiores aos outros e correm o risco de caírem no orgulho e a vanglória. O terço contra tal tendência é um estupendo remédio. Ter que repetir as mesmas orações de amor a Nossa Senhora, como uma criança é uma prova de humildade e de amor a Virgem, que foi o símbolo da humildade, apesar de ser a mais conhecida, a mais amorosa, a mais amada de todas as mulheres de todas as épocas e dos espaços geográficos. Rezando o terço vencemos nossa soberba, orgulho, vaidade e amor-próprio e, desta forma, abrimos nosso coração e nosso Deus e crescemos na vida.

“Virgem Imaculada, bem sei que sou um pobre miserável, que não faço mais do que aumentar todos os dias o número dos meus pecados...” Disseste-me o outro dia que falavas assim com a Nossa Mãe. E aconselhei-te, com plena segurança, que rezasses o terço: bendita monotonia de ave-marias, que purifica a monotonia dos teus pecados!

Quando falamos na oração com Deus, com Cristo, com o Espírito Santo, assim como com Nossa Senhora, temos a impressão de que pecadores como nós não merecem falar com os Senhores do Universo. Mas, através da Intercessora de todas as graças nos aventuramos a falar através da oração mental assim como a do corpo, que é a mortificação. Nossa Intercessora aprecia, vendo-nos repetir as contas do Rosário, onde a monotonia da repetição das mesmas orações ajuda-nos a purificação da monotonia de nossos pecados, alguns deles repetidos por longos anos, sem poder derrubá-los até que, um dia, os derrubamos graças à Virgem.

Uma triste forma de não rezar o terço: deixá-lo para o fim do dia. Quando se deixa para o momento de deitar-se, recita-se pelo menos de má maneira e sem meditar os mistérios. Assim, dificilmente se evita a rotina, que afoga a verdadeira piedade, a única piedade.

Como não rezar o terço. É deixá-lo para o fim do dia. Não poucas vezes não o rezamos ou rezamos parte e quando o rezamos cansados e sem nos conectar. É bem verdade que o pior terço é o que não se reza. Embora, eu não seja de exemplo de nada, contarei uma experiência que me tem sido útil nos últimos cinquenta e três anos. Quando entrei para a Obra depois da Ruth, decidimos que as primeiras horas do dia seriam dedicados a Deus. Acordávamos cinco para as cinco e fazíamos oração, leitura do Evangelho, leitura espiritual, rezávamos o terço, indo para a Missa e assistíamos a missa. Após tomarmos o café, na volta, começávamos o nosso dia. Hoje, na sua ausência, aos 90 anos, acordo às cinco para as seis e sigo o mesmo esquema. O horário mais relevante do dia é dedicado a Deus.

Não se pronuncia o terço somente com os lábios, mastigando uma após outra as ave-marias. Assim mussitam as beatas e os beatos. - Para um cristão, a oração vocal há de enraizar-se no coração de modo que, durante a recitação do terço, a mente possa adentrar-se na contemplação de cada um dos mistérios.

A recitação do terço com cinco Ave-Marias e cinco Pai Nossos, além das orações introdutórias e conclusivas tende muitas vezes, pela recitação de se estar com a cabeça voando para outras plagas e apenas a boca murmurando as orações. Temos que lutar para isto não acontecer, pensando no significado de cada mistério e na destinaria de nossa oração. E se alguma vez ou muitas vezes distraímos, no momento em que percebemos a distração, temos que voltar imediatamente a atenção, pois assim valorizamos a recitação. E se, em algum momento, sentimos que as distrações são constantes e que não vale a pena continuar recitando-o, lembramos da frase de um santo, que também como todos lutava contra as distrações, ou seja “o pior terço é o que não se reza”.

Sempre adias o terço para depois, e acabas por omiti-lo por causa do sono. - Se não dispões de outros momentos, reza-o pela rua e sem que ninguém o note. Isso te ajudará também a ter presença de Deus.

Nunca deveremos deixar o terço para depois. Às vezes, pelo sono, terminamos não o rezando. Podemos rezá-lo por etapas, na rua, na espera de uma consulta, dirigindo um carro ou no ônibus. Uma dezena, por vez. Repito o que dizia o Nosso Padre, não sei se citando terceiros ou por iniciativa própria “o pior terço é o que não se reza”. O importante é o encontro com Maria, Nossa Mãe. Ela nos protege sempre. Depois do pai Nosso e a Ave-Maria, nenhuma oração é mais recitada no mundo que o terço, cuja repetição das Ave-Marias lembra permanente que a Mãe de Deus foi ofertada ao mundo para ser a Mãe Universal de todos os mortais. Hoje o “terço” deveria ser o “quarto” pelo acréscimo dos mistérios luminosos, mas todos continuamos chamando de Terço.

“Reze por mim”, pedi-lhe como faço sempre. E respondeu-me espantado: “Mas está-lhe acontecendo alguma coisa?” Tive de esclarecer-lhe que a todos nos acontece ou ocorre alguma coisa em qualquer instante; e acrescentei-lhe que, quando falta a oração, “passam-se e pensam mais coisas”.

O hábito de pedir oração às pessoas não decorre de que precisemos estar passando por um momento difícil, mas exclusivamente porque todos nós precisamos de orações sempre para enfrentar os desafios da vida. É que tendo a proteção de Deus enfrentamos melhor as dificuldades que aparecem na vida de cada um, que sempre aparecem. Enfrentamos com serenidade, porque temos consciência que Deus está conosco e quase sempre terminamos tomando a melhor das decisões. Por outro lado, passamos a saber que, ao enfrentar as dificuldades, estamos nos santificando, pois o trabalho, estudo e até mesmo o descanso oferecido a Deus, e realizado com a maior dedicação é forma de oração e mortificação. Fazer oração e pedir oração é estar mais perto de Deus sempre.

Renova durante o dia os teus atos de contrição: olha que se ofende a Jesus sem parar e, infelizmente, não O desagravam a esse mesmo ritmo. Por isso venho repetindo desde sempre: os atos de contrição, quantos mais melhor! Serve-me tu de eco, com a tua vida e com os teus conselhos.

Os atos de contrição não são apenas para pedirmos perdão pelos nossos pecados e, desta forma, desagrar as nossas faltas. Mas principalmente para desagrar por todas as injúrias que os semeadores do ódio, os que desrespeitam o Criador, os que corrompem a humanidade, os que estão a serviço do demônio terminam por contaminar o mundo. Quanto mais atos de contrição fizermos por nós e os pelos que não acreditam em Deus, tanto mais estaremos cumprindo nossa missão na Terra, pois estaremos servindo de eco às lições de Cristo que veio com Sua palavra, milagres e sacrifício salvar o mundo. Que Deus nos dê cada vez mais força para cumprirmos nossa missão na Terra.

Como enamora a cena da Anunciação! Maria - quantas vezes temos meditado nisso! - está recolhida em oração..., aplica os seus cinco sentidos e todas as suas potências na conversa com Deus. Na oração conhece a Vontade divina; e com a oração converte-a em vida da sua vida. Não esqueças o exemplo de Nossa Senhora!

A cena da Anunciação, que se transformou na mais importante cena da história da humanidade, uma santa jovem, aldeã de um pequeno vilarejo, no último fuso horário do Império Romano com sua resposta, que poderia ser sim ou não, mas foi um sim. Salvou a humanidade e permitiu que Cristo, o Filho Unigênito de Deus viesse a Terra. Cada vez que se medita esta cena, o primeiro dos mistérios do Evangelho é de se sentir a nossa pequenez e a grandiosidade de Maria, escolhida pelo Próprio a ser a Mãe de Deus Filho e a mais venturosa de todas as mulheres. E quando olho a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, o único retrato autêntico da Virgem, comove-me lembrar que o “sim” daquela jovem de Nazaré iria modificar o mundo e lançar a semente da paz e do amor.

TRABALHO

O trabalho é a vocação inicial do homem, é uma bênção de Deus, e enganam-se lamentavelmente os que o consideram um castigo. O Senhor, o melhor dos pais, colocou o primeiro homem no paraíso, “ut operaretur” - para que trabalhasse.

O trabalho é a nossa natural vocação. Deus nos pôs “ut operaretur”. Antes do homem ter sido expulso do Paraíso para o mundo, onde S. Miguel enviou Lúcifer e seus demônios, antes Anjos criados por Deus, já o trabalho era a vocação do primeiro homem, segundo a tradição e a linguagem metafórica própria dos orientais, pela qual a palavra divina veio à Terra, condizente com os costumes e cultura da época, mas com verdades eternas, na sua parte não histórica e não descritiva dos fatos. Temos, pois, que trabalhar, fazendo de sua perfeição e honestidade uma oração de atos. O trabalho bem-feito e oferecido a Deus é uma forma de oração, que todos podemos fazer diariamente, lembrando que assim auxiliamos o próximo e a nós mesmos.

Estudo, trabalho: deveres ineludíveis para todo o cristão; meios para nos defendermos dos inimigos da Igreja e para atrairmos - com o nosso prestígio profissional - tantas outras almas que, sendo boas, lutam isoladamente. São arma fundamentalíssima para quem queira ser apóstolo no meio do mundo.

Nossa vida é constituída, além da dedicação a Deus, à família e ao próximo, principalmente ao estudo e ao trabalho, sendo o lazer o remanso para ganharmos forças, objetivando bem servi-Lo nesta sêxtupla missão (Deus, família, próximo, trabalho, estudo e lazer). É que o trabalho bem-feito grameia-nos prestígio e o prestígio profissional facilita o apostolado. Outros inspirar-se-ão em nós se cumprirmos bem nossos afazeres profissionais e dermos exemplo de moderação, naturalidade, amor a Deus e ao próximo e serviços ao bem comum. Dizia São Josemaria que “Frei exemplo é o melhor pregador”. É para mostrar que os atos podem influenciar mais que as palavras.

Peço a Deus que também te sirvam de modelo a adolescência e a juventude de Jesus, quer quando argumentava com os doutores do Templo, quer quando trabalhava na oficina de José.

A laboriosidade de Cristo, nos anos de Sua vida oculta em Nazaré, quando, como filho adotivo do marceneiro, ajudava seu pai, é bem retratado na 2ª temporada de “Chosen”, quando, já em plena vida de difusão de Palavra do Reino, Ele consertava o jugo de madeira de um carro de boi quebrado. Assim, Sua vida de adolescente ou de jovem trabalhador, no Templo ou na oficina de seu pai, é também inspiração para nós, quando fala de Deus (Templo) e trabalha com perfeição na oficina de José. Estas duas facetas da vida oculta devem ser as facetas de nossa vida: santificar o trabalho cotidiano e falar com Deus através da oração, pois é esta que inspira todas as nossas ações.

Trinta e três anos de Jesus!... Trinta foram de silêncio e obscuridade; de submissão e trabalho...

Não deixa de causar surpresa que, dos 33 anos de vida de Cristo Deus – a nossa é a única religião que foi fundada pelo próprio Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade –, 30 deles foram no silêncio e isolamento de uma pequena aldeia do último fuso horário do Império Romano. Trabalhando como qualquer cidadão comum, submetido a seus pais terrenos, na obscuridade. E, nos seus últimos três anos revolucionou a vida de todas as pessoas de bem, levando as sementes que, dois mil anos depois, atingem o coração de dois bilhões de seres e se encontram nos Sacrários, presentes nas Igrejas de quase todos os cantos do mundo. É para refletirmos na busca do caminho certo.

Escrevia-me aquele rapagão: “O meu ideal é tão grande que só cabe no mar”. - Respondi-lhe: E o Sacrário, tão “pequeno”? E a oficina “vulgar” de Nazaré? - Na grandeza das coisas do dia-a-dia espera-nos Ele!

Não poucas vezes nossos ideais são imensos. Não cabem no Universo. Se verificarmos, todavia, o tamanho de um Sacrário ou a simplicidade da oficina de José, onde Cristo cresceu e trabalhou, podemos concluir que a grandiosidade de Deus perante quem o Universo é pequeno pode caber na pequenez da urna de um Sacrário ou em uma vida comum de trabalhador, desde que façamos do trabalho e da oração a meta de nosso encontro com Deus. A intensidade de nossa busca por santificação pode ser maior que as maravilhas do mundo ou a extensão do Universo. Percebemos a grandeza do pequeno com Deus e a inutilidade da grandeza sem Deus ao começar o verdadeiro diálogo com o Criador.

Diante de Deus, nenhuma ocupação é em si mesma grande ou pequena. Tudo adquire o valor do Amor com que se realiza.

Todos os nossos atos devem ser dirigidos a Deus: na vida interior, na família, no trabalho, no apostolado, na vida social e no exercício da cidadania. Não importa se é uma decisão de um presidente da República ou de um modesto lava-pratos, auxiliar de cozinha. O amor com que se faz e para quem se destina é o que determina a grandiosidade do ato. Amor a Deus e cumprir a missão que Ele deu a cada um de Seus filhos na Terra. Quando percebermos que isto é a única coisa que conta na nossa passagem pela Terra, saberemos viver com paz, alegria, sem colecionar agravos, mas tornando a vida em nosso redor mais amena e agradável com aqueles que Deus colocou como sendo o nosso campo de apostolado.

O heroísmo do trabalho está em “acabar” cada tarefa.

Acabar as obras iniciadas. Esta é a grande vitória dos que procuram santificar-se no trabalho ordinário. Começar é de muitos. Também muitos não concluem o trabalho começado. O importante é não ter sonhos irrealizáveis que só existem na imaginação dos que gostam de viver de sonhos sem ter os pés na realidade. São versos alexandrinos o trabalho mais simples feito com dedicação e oferecido a Deus. Para quem se destina no plano humano, mas voltado para Deus, sempre, isto é homenagem com versos dodecassílabos ao Senhor Deus do Universo. Terminar o trabalho iniciado é o ato heroico de cada dia, quando homenageamos o Senhor Deus do Universo, nas limitações do nosso talento, dedicando-Lhe tudo o que pudermos oferecer.

Insisto: na simplicidade do teu trabalho habitual, nos detalhes monótonos de cada dia, tens que descobrir o segredo - para tantos escondido - da grandeza e da novidade: o Amor.

O trabalho diário, sempre igual de cada dia, deve ser encarado como um caminho, também e mais importante, de Santidade. Sem amor, é monótono e difícil de tolerar. Com amor, tem a grandiosidade das catedrais. É sempre igual e sempre diferente. É sempre o mesmo e sempre novo. É sempre rotineiro e sempre grandioso, pois feito para o Criador do Universo, para Deus. Todos nós, na nossa passagem pela Terra, onde somos testados em nossa capacidade de servi-Lo e de amá-Lo - ou não -, se perdermos a razão de ser de nossa existência, que é dar glória a Deus, a vida passa a ser um carrossel sem objetivo para nossa autorrealização, que acaba no dia em que Deus nos chamar. Não vale a pena.

Está-te ajudando muito - dizes-me - este pensamento: desde os primeiros cristãos, quantos comerciantes não se terão feito santos? E queres demonstrar que também agora é possível... - O Senhor não te abandonará neste empenho.

Entre os primeiros cristãos, muitos comerciantes se fizeram santos. Foram daqueles que mostravam que a vida cotidiana pode ser santificada. E, se verificarmos na vida de Paulo, contada no Ato dos Apóstolos, veremos Paulo com Áquila e Priscila fabricando e vendendo tendas juntos, por onde pregava e trabalhava. Pregava e comerciava. Assim devemos ser nós. Qualquer que seja a profissão digna e honesta, é campo de Santidade se trabalharmos com perfeição e oferecermos o trabalho a Deus, santificando assim o trabalho ordinário, santificando-nos com o trabalho ordinário e santificando os outros com o trabalho ordinário, como fizeram os primeiros cristãos.

Tu também tens uma vocação profissional que te “aguilhão”. - Pois bem, esse “aguilhão” é o anzol para pescar homens. Retifica, portanto, a intenção, e não deixes de adquirir todo o prestígio profissional possível, a serviço de Deus e das almas. O Senhor conta também com “isso”.

Adquirir o prestígio profissional para servir a Deus. Não para nos considerarmos melhores que os outros ou para nos admirarmos com nossos feitos, incinerando encômios no altar de nossa vaidade. Servir a Deus é considerar que o prestígio profissional é o nosso anzol de pescador de homens, como aquele que Cristo deu a Pedro para ser o primeiro pastor de seu rebanho, depois da Ascensão aos Céus. À evidência, para o prestígio profissional, o trabalhar bem, estudar sempre, manter a ética própria do “métier” e aproveitar todos os momentos possíveis, quando surgem, para falar das virtudes cristãs com naturalidade, simplicidade e profundidade constitui o verdadeiro pescador de almas, na profissão escolhida.

Para acabar as coisas, é preciso começar a fazê-las. - Parece óbvio, mas falta-te tantas vezes esta simples decisão! E... como satanás se alegra com a tua ineficácia!

A obviedade é de que, para acabar as coisas é necessário começá-las. No campo espiritual ganha uma dimensão diferente. E, muitas vezes, na luta contra um defeito, vamos postergando-a para um futuro que nunca chega. Quando se diz: “Prometo que, a partir da semana que vem, não mais fumarei ou não mais farei isto ou aquilo”, é demonstrar que não se quer fazer aquilo que se diz querer. Para chegar ao fim de boas obras, é necessário começá-las. E só à luz da fé, é possível vislumbrar já, aquilo que começamos no futuro, quando, encerrado o trabalho, valeu a pena para Deus, para nós e para as pessoas com quem conversamos ou sobre quem exercemos nosso apostolado. Acabar para Deus é acabar aquilo que nós tivemos que começar para Deus.

Não se pode santificar um trabalho que humanamente seja um “lixo”, porque não devemos oferecer a Deus tarefas mal feitas.

Os trabalhos malfeitos não santificam, pois não podemos oferecer a Deus o que é malfeito. O exemplo, na linguagem metafórica própria dos orientais, que Deus escolheu para identificar o momento em que criou uma espécie de vida com alma, de Abel e Caim, é emblemático. Abel deu o melhor de seu trabalho; Caim, não se deu conta da importância do donatário, e deu algo de menor cuidado e relevância. Deus só considerou a oferta de Abel, pois foi a melhor oferta. Assim, não podemos, na vida e no nosso trabalho, livrar-nos dele, como se fosse um peso a ser descartado, mas temos a obrigação, durante toda a nossa vida de fazer o máximo. Devemos ser como uma antiga propaganda que dizia que só “um combustível dava ao seu carro o máximo”. Assim devemos ser: “dar a Deus o máximo”.

À força de descuidar detalhes, podem tornar-se competitivos trabalhar sem descanso e viver como um perfeito comodista.

Quando descuidados de pormenores, nos tornamos comodistas, mesmo que trabalhemos muito, pois fazemos mais aquilo que gostamos e não fazemos o que não gostamos ou achamos sem importância. O muito trabalhar nem sempre representa trabalhar para Deus ou para mostrar-nos que não estamos desperdiçando a vida. Às vezes, pode representar um excesso que prejudica a vida familiar, a dedicação à esposa, aos filhos ou até mesmo uma fuga às responsabilidades familiares. Outras vezes, pode representar uma escolha errada, ou seja, fazermos o que nos agrada, mesmo sem importância, e deixarmos de fazer o que importa, por ser difícil. Temos, pois, que refletir sempre. Temos que trabalhar bem para Deus e para os outros.

Perguntaste o que é podias oferecer ao Senhor. - Não preciso pensar a minha resposta: as coisas de sempre, mas melhor acabadas, com um arremate de amor, que te leve a pensar mais nEle e menos em ti.

Oferecer a Deus as coisas que fazemos bem-acabadas é o que Deus espera de nós. Dedicadas a Ele. Todos os nossos atos do dia. Assim, somos Seus filhos e seguidores apóstolos. Deus nos colocou no Universo que criou, para que, um dia, o conquistássemos por inteiro. Para isto, entretanto, temos que aprender antes a dominar nossas tendências e a conquistar a serenidade do espírito que a entrega a Deus permite. Dominar-nos para conquistar nossos irmãos afastados e, um dia, se a ciência possibilitar, criar caminhos para todo o Universo à disposição dos filhos de Deus. A noite cheia de estrelas é como se sorrisse para todos nós, na esperança de que o trabalho bem-feito e dedicado ao Senhor nos possibilite chegar, um dia, à imensidão e aos mistérios do Cosmo.

Uma missão sempre atual e heróica para um cristão comum: realizar de maneira santa os mais diversos afazeres, mesmo aqueles que parecem mais indiferentes.

Nossa missão de cristãos é simples, constante, às vezes difícil, às vezes não: em tudo o que fazemos, temos que fazer santificando-nos, santificando a própria tarefa e santificando os outros através dela. Quando decidimos ser iguais aos discípulos de Cristo e seguir o Senhor, as 24 horas de nosso dia devem ser dedicadas a Deus. Até quando dormimos, pois nosso último pensamento deve ser para Ele, como também o primeiro. Deus é nosso destino final. Na passagem rápida pela Terra, tudo deve ser destinado a Quem nos receberá após a morte. A satisfação do trabalho ordinário não é senão isto. Vivemos como os outros, fazendo o que os outros fazem comumente, mas para Deus e tentando corrigir, pelo exemplo e pela palavra, o que os outros fazem de errado.

Trabalhemos, e trabalhemos muito e bem, sem esquecer que a nossa melhor arma é a oração. Por isso, não me canso de repetir que temos que ser almas contemplativas no meio do mundo, que procuram converter o seu trabalho em oração.

O trabalho de todos nós deve ser intenso, bem-feito e que seja, por ser oferecido, também uma forma de oração. A oração mental é a melhor forma de dialogar com Deus, pois falamos-Lhe de nós, de nossa dificuldade, de como nos relacionamos com os outros e de como gostaríamos de melhor servi-Lo. A oração vocal também é importante, embora repetindo textos do próprio Cristo ou outros. Deus, a Virgem e os Santos estão sempre presentes. A oração do corpo, a mortificação, é mais uma oração de desagravo e de oferecimento de sacrifícios. A oração do trabalho é uma oração que constrói o mundo como Deus deseja. Seus filhos assim santificam o trabalho ordinário, santificam-se com o trabalho ordinário e santificam os outros com o trabalho ordinário, construindo o mundo que Deus quer.

Escreves-me na cozinha, junto ao fogão, Está começando a tarde. Faz frio. A teu lado, a tua irmãzinha - a última que descobriu a loucura divina de viver a fundo a sua vocação cristã - descasca batatas. Aparentemente - pensas - o seu trabalho é igual ao de antes. Contudo, há tanta diferença! - É verdade: antes “só” descascava batatas; agora, santifica-se descascando batatas.

Qualquer que seja o trabalho, aquele do cristão é sempre de santificação. Santifico-me fazendo o trabalho ordinário. No Esquema 13 do Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes*) consagrou a mensagem de São Josemaria de santificação do trabalho ordinário. Todos nós, sem exceção, podemos nos santificar fazendo rigorosamente o que os outros fazem, mas com o espírito dedicado ao Senhor e ao próximo, para quem deveremos trabalhar com o máximo de perfeição e de ética profissional. Só assim poderemos dizer como a auxiliar de cozinha: “Santifico-me, descascando batatas”. Oxalá todos nós pudéssemos dizer, quando estamos trabalhando: “Santifico-me fazendo isto ou aquilo.” Estamos aqui para sermos úteis, trabalhando por Deus, em nosso trabalho ordinário.

Afirmas que vais compreendendo pouco a pouco o que quer dizer “alma sacerdotal”... Não te zangues se te respondendo que os fatos demonstram que só o entendes em teoria. - Cada dia te acontece o mesmo: ao anoitecer, no exame, tudo são desejos e propósitos; de manhã e à tarde, no trabalho, tudo são objeções e desculpas. É assim que vives o “sacerdócio santo, para oferecer vítimas espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo”?

Ter alma sacerdotal implica não apenas ter e fazer propósitos de Santidade, mas atuar para que possamos levar almas a Deus. Somos apóstolos. Temos que, em todos os ambientes, procurar fazer com que os outros cheguem até Deus. Com amizade, respeito à liberdade alheia, sem imposições, com o exemplo e também com a palavra. A alma sacerdotal não é privilégio de sacerdotes ou pessoas consagradas, mas de todos os filhos de Deus. Todos temos uma missão recebida do Senhor de espalharmos o Reino de Deus na Terra. Para isto, precisamos estar bem preparados, tendo um bom diretor a nos dirigir e estudando sempre a boa doutrina cristã. Deus espera de cada um na Terra que cumpra o Seu mandato divino, mas dando-nos a liberdade de segui-Lo ou não. E essa decisão é exclusivamente nossa.

Ao retomares a tua ocupação habitual, escapou-te como que um grito de protesto: sempre a mesma coisa! E eu te disse: - Sim, sempre a mesma coisa. Mas essa tarefa vulgar - igual à que realizam os teus colegas de trabalho - deve ser para ti uma contínua oração, com as mesmas palavras entranháveis, mas cada dia com música diferente. É missão muito nossa transformar a prosa desta vida em decassílabos, em poesia heróica.

Nosso trabalho diário pode ser repetitivo. Sempre igual. Até mesmo monótono. Não podemos, entretanto, deixar de fazê-lo com intensidade, dedicação e espírito de serviço. Temos que lembrar que a maior parte dos trabalhos das pessoas, talvez a esmagadora maioria são sempre repetitivos, sem diferença e, nestes trabalhos que se repetem pela vida, todos nós devemos nos santificar. Aquela auxiliar de cozinha que descascava batatas e dizia: “Santifico-me descascando batatas”, talvez descasque batatas a vida inteira, mas fará com amor e dedicação tal trabalho, pois o estará fazendo para Deus e, com isto, de Deus se aproximando. Qualquer que seja o trabalho, é caminho para a santificação do cotidiano e, nisto, está a grandeza da vida corrente. A santificação do trabalho ordinário, senão, nisto é que consiste: transformar em verso ou decassílabos a monotonia do trabalho repetitivo.

Aquele “stultorum infinitus est numerus” - é infinito o número de néscios -, que se lê na Escritura, parece crescer de dia para dia. Nas funções mais diversas, nas situações mais inesperadas, encobertos sob a capa do prestígio dado pelos cargos - e até pelas “virtudes” -, quanto avoamento e quanta falta de discernimento terás de suportar! Mas não compreendo que percas por esse motivo o sentido sobrenatural da vida, e permaneças indiferente: muito baixa é a tua condição interior, se agüentas essas situações - e não há outro jeito senão agüentá-las! - por motivos humanos... Se não os ajudas a descortinar o caminho, com um trabalho responsável e bem acabado - santificado! -, fazes-te como eles - néscio -, ou és cúmplice.

O número de néscios a que se refere a Bíblia tem crescido pela difusão da falsa ideia de liberdade e de que somos donos de nosso destino. Nada tão ilusório, falso e gerador de mais frustrações do que o sucesso. Não somos donos de nosso destino quando nos consideramos donos e capazes de tudo. Nos frustramos pelo vazio das vitórias, que se tornam mais dolorosas quando nos aproximamos da morte e verificamos que tudo aquilo não valeu nada. Nos frustramos quando fracassamos e percebemos que nossa vida tinha apenas metas inalcançáveis. Por isso, a missão nossa de católicos é chegar a estes néscios e dar-lhes sentido de vida pelo exemplo de uma vida serena, sem ódios, mas sem transigência com o mal.

O exemplo é o primeiro grande pregador. A palavra, a amizade, a confiança vêm depois. Não podemos, todavia, tornar-nos omissos no apostolado.

Interessa que labutes, que metas ombros... Em todo o caso, coloca os afazeres profissionais no seu lugar: constituem exclusivamente meios para chegar ao fim; nunca se podem toma, nem de longe, como o fundamental. Quantas “profissionalites” impedem a união com Deus!

O trabalho dignifica a pessoa e deve ser feito com dedicação e afinho. Mas não é a verdadeira meta e fim da existência. É o meio para chegarmos a valores superiores. Em primeiro lugar, Deus. Todo nosso trabalho é meio de santificação quando o oferecemos a Deus. À evidência, é destinado aos outros, mas por Deus. Assim feito, é oração. Deve também ser meio de sustentar a família, que está sob nossa responsabilidade, mas esta é mais importante, pois fora da missão que Deus nos deu, enquanto o trabalho é meio para sustentá-la. Por isso, temos que combater a “profissionalite”, que nos leva a dedicar o trabalho como fim e não como meio, prejudicando a convivência com a família. É bom lembrar que o verdadeiro sempre conforta.

Perdoa a minha insistência: o instrumento, o meio, não deve converter-se em fim. - Se, em vez do seu peso normal, uma enxada pesasse cinqüenta quilos, o lavrador, não poderia cavar com essa ferramenta, empregaria toda a sua energia em arrastá-la, e a semente não pegaria, porque ficaria sem ser usada.

De rigor, muitas vezes colocamos o trabalho como um fim, quando é um meio de santidade. O fim é Deus e espalhar as virtudes necessárias entre os homens, a partir da família e dos nossos próximos. O meio, portanto, tem que ser condizente com o fim pretendido. O exemplo do lavrador que escolheu o instrumento errado fala por si só. Muitas vezes com a “profissionalite”, pomos o trabalho acima da família e dos valores que devem ser o fim desejado por Deus, quando fala que devemos amar, de rigor, adorar a Deus e ao próximo, fins estes que levaram Deus Pai a enviar Deus Filho à Terra, no Seu plano de salvar a humanidade. E todos os cristãos somos “longa manus” de Cristo na Terra, na tarefa de evangelizar e colocarmos os valores cristãos, que constituem a civilização cristã, a humanizarem o mundo.

Sempre aconteceu o mesmo: quem trabalha, por muito reta e limpa que seja a sua atuação, facilmente desperta ciúmes, suspicácias, invejas. - Se ocupas um posto de direção, lembra-te de que essas apreensões de alguns, a respeito de um colega concreto, não são motivo suficiente para prescindir do “visado”; mostram antes que pode ser útil em tarefas maiores.

Na vida do cristão, os obstáculos aparecem sempre, e, na medida que por um trabalho ético e bem-feito, se sobe na vida, ciúmes e invejas aparecem. Não devemos nos aborrecer. As críticas injustas - aquelas dos que querem nos substituir onde nós estamos, aqueles que se incomodam com nossos valores que não conseguem viver - não devem ser respondidas. Não vale a pena. Se a crítica visa nos ferir e nós não nos importamos, tal atitude incomoda muito mais os que a fizeram, pois não atingiram o objetivo desejado. E à evidência, não nos devem afastar de nosso objetivo de evoluir na nossa meta, pois o trabalho é meio de santificação e de oração quando feito para Deus e para o próximo. Atacar fatos errados, mas preservando as pessoas, é o ideal, pois, sempre poderão ser conquistadas para Deus.

Obstáculos?... À vezes, existem. - Mas, em algumas ocasiões, és tu que os inventas por comodismo ou por covardia. - Com que habilidade formula o diabo a aparência desses pretextos para que não trabalhes...!, porque sabe muito bem que a preguiça é a mãe de todos os vícios.

À evidência, viver implica ter que vencer obstáculos. Eles existem em todas as atividades humanas, e talvez, maiores nos caminhos que levam a Deus, pois o demônio atrapalha com mais intensidade. Quantas vezes nós criamos obstáculos na imaginação para não cumprirmos nossa obrigação com o Senhor! A preguiça é uma justificativa alcandorada pelo superável cansaço e porque há muitas outras coisas a fazer. A covardia alcandorada pelo respeito humano de não ficar mal com os outros. Por fim, a justificativa de que porque todos agem assim, porque também nós não podemos agir. E, desta forma, vamos levando uma vida medíocre, longe de Deus, pensando que, por não fazermos nada de muito errado, estamos sendo bons cristãos. Os bons cristãos lutam para vencer os obstáculos como fizeram os primeiros apóstolos em nome do Senhor Nosso Jesus Cristo.

Desenvolves uma atividade incansável. Mas não procedes com ordem e, portanto, falta-te eficácia. - Fazes-me lembrar o que ouvi, certa vez, de lábios muito autorizados. Quis louvar um subordinado diante do seu superior, e comentei: Quanto trabalha! - Deram-me esta resposta: Diga antes: quanto se mexe!... - Desenvolves uma incansável atividade estéril... Quando te mexes!

Quando se disse que a paz é a tranquilidade da ordem, frase de um dos maiores Santos da Igreja, o que está claro é que a falta da ordem nos tira a paz. E o nosso Padre acrescenta: tira-nos também a eficiência. Quem muito trabalha, mas sem ordem, termina por ser pouco eficaz e sentir-se, na maioria das vezes, frustrado, pois os frutos que pretende não nascem e, quando nascem, muitas vezes têm um sabor amargo. Precisamos, para ser eficazes no trabalho, fazê-lo com ordem, sempre lembrando que o trabalho é meio de santificação, mas não fim. Temos que ter na vida a fé em Deus. Quando temos fé na vida e não em Deus, tornando nossos deuses o dinheiro e o sexo, o poder, os prazeres, caminhamos para o abismo na estrada da fé.

Para tirar importância ao trabalho de outro, cochichas-te: não fez mais do que cumprir o seu dever. E eu acrescentei: - Parece-te pouco?... Por cumprirmos o nosso dever, o Senhor nos dá a felicidade do Céu: “Euge serve bone et fidelis... intra in gaudium Domini tui” - muito bem, servo bom e fiel, entra no gozo eterno!

A inveja pode ser definida como o sentimento da infelicidade pela felicidade dos outros. Muitas vezes, torcemos para que não dê certo o que os outros fazem, às vezes por inveja, antipatia, ambição de ficar com o lugar importante, pois nos julgamos melhores. E, normalmente, desvalorizamos o trabalho alheio. E quando é bem-feito, dizemos apenas que cumpriu o seu dever, ou que era sua obrigação. Para evitar essas insinuações do demônio, temos que colocar sempre, no exame de consciência, qual é o verdadeiro sentido de nossa crítica e desvalorização. Se for apenas por inveja ou despeito, devemos afastá-la e, a fim de equilibrar a luta contra isso, apoiar e elogiá-la. Afinal de contas, o que Deus quer de cada um de nós é que cumpramos o nosso dever, pois cada um de nós tem sua missão na vida, e devemos cumpri-la.

O Senhor tem o direito - e cada um de nós a obrigação - de que O glorifiquemos “em todos os instantes”. Portanto, se desperdiçamos o tempo, roubamos glória a Deus.

O Senhor não precisa de que Lhe demos glória, porque nada somos a Seu lado, mas tem direito a que Lhe demos. Nossa vida devemos a Ele. Nós temos obrigação de dar-Lhe glória, 24 horas por dia. Se não dermos, estaremos desperdiçando um tempo que é de servi-Lo. Muitas vezes, a Seu serviço, somos atingidos pelos outros em nossa honra. Nestes momentos, podemos dizer: “Se Deus não precisa de minha honra para servi-Lo, por que a quero?” É que muitas vezes, o demônio, como fez com Jó, atinge a honra dos que estão com Deus para desviá-los do caminho. Quando isto ocorre, temos que nos manter firmes na fé, pois se Deus permite as provações é porque elas serão úteis para o gozo futuro na vida eterna. Vale a pena lembrar Thomas More e o Cardeal de Rochester.

Bem sabes que o trabalho é urgente, e que um minuto concedido à comodidade representa um tempo subtraído à glória de Deus. - Que esperas, pois, para aproveitar conscientemente todos os instantes? Além disso, aconselho-te que consideres se esses minutos que te sobram ao longo do dia - bem somados, perfazem horas! - não obedecem à tua desordem ou à tua poltronice.

Não devemos perder tempo nunca. Nosso tempo é de Deus. Mesmo no lazer para refazer as forças, devemos escolher descansos que nos mantenham no caminho divino. Leituras, músicas, filmes apropriados, reuniões com pessoas que falem de Deus ou podem se encontrar com a mensagem do Mestre, “Jogar papo fora”, “Matar o tempo”, são expressões indignas para um cristão. Perder o tempo por desordem ou poltronice é gastar aquele tempo que Deus nos deu para gerar um mundo melhor em desvarios, omissões, quando não para pecar. Devemos ter ordem no querer de Cristo e não sermos covardes. Apenas ter a felicidade de servir a Quem nos receberá na vida eterna. Dar glória a Deus. “Omnia in bonum”. “Neo fratia”. “Omnia gloria per Deo”. Assim devemos ser todos os cristãos, na sua passagem pela vida.

A tristeza e a inquietude são proporcionais ao tempo perdido. - Quando sentires uma santa impaciência por aproveitar todos os minutos, hão de invadir-te a alegria e a paz, porque não pensarás em ti.

A tristeza e a inquietude são frutos, em parte, da perda de tempo. Ou melhor, do tempo desperdiçado. É que, sendo o nosso tempo de Deus, à evidência, quando desperdiçamos o tempo, desperdiçamos o tempo de Deus. Aproveitá-lo sempre traz-nos a paz e a alegria. Deixamos de ter tempo para nós, mas passamos a pensar em Deus, e o nosso tempo rende frutos, pois é todo aproveitado e somos felizes porque temos certeza que estamos fazendo algo de bom, de útil, e não sendo peso para os outros, nem perdendo tempo em ataques a pessoas, o que termina por afastá-los ainda mais de Deus, quando já estão afastadas. Vale a pena viver a vida, apesar de nossos defeitos, tendo por meta o Senhor.

Preocupações?... - Eu não tenho preocupações - disse-te -, porque tenho muitas ocupações.

O cristão não deve ter preocupações. A preocupação é uma intranquilidade anterior aos deveres que devemos cumprir: das nossas obrigações com Deus e com o mundo. Das incertezas que as coisas podem não correr como gostaríamos. Do medo de fracassar. De que os outros não nos compreendam. Que o trabalho é superior às nossas forças ou que não é digno de nós. Enfim, um mundo de fantasmas alimentado por nossa imaginação gera a insegurança e o temor. Não é o que Deus quer de nós. Temos que ter todo o tempo ocupado. Ocupações sem “pré”, sem que a doida da casa, que é a imaginação, levante obstáculos inexistentes. Temos que ser ocupados e preencher bem o tempo, fazendo o que devemos fazer e estando no que fazemos e, em tudo, contando com Deus.

Passas por uma fase crítica: um certo temor vago; dificuldade em adaptar o plano de vida; um trabalho sufocante, porque não te chegam as vinte e quatro horas do dia para cumprires todas as tuas obrigações... - Experimentaste seguir o conselho do Apóstolo: “Faça-se tudo com decoro e ordem”?, quer dizer, na presença de Deus, com Ele, por Ele e só para Ele?

Decoro e ordem no que temos que fazer. Sempre na presença de Deus. Assim devemos enfrentar as dificuldades da vida. Sempre aparecerão. Às vezes, temos a impressão de que não conseguiremos superá-las. Mesmo se não conseguirmos, se fizermos tudo o que pudermos, teremos a certeza de que Deus apreciará nosso esforço e nosso trabalho. Aos olhos do mundo da época, Pedro, Paulo, Thomas More fracassaram. Perante Cristo, os que condenaram – o imperador romano e o sanguinário mestre de alcovas, Henrique VIII – foram os grandes fracassados. É de se lembrar que Henrique VIII teve o filho que queria e teve como sucessora a filha da mulher que decapitara. A história lembra a grandeza de São Thomas More e a sordidez de Henrique VIII. E, perante Deus, São Thomas More está na eternidade com o Senhor, e ninguém, como Henrique VIII, enfrentará a eternidade, após o julgamento de Deus, sem se arrepender da vida terrena.

Quando distribuíres o teu tempo, debes pensar também em que é que vais empregar os espaços livres que se apresentem a horas imprevistas.

Por mais que seja planejado o nosso dia, muitas vezes apresentam-se espaços livres. Uma entrevista em que nos atendem mais tarde, a espera num consultório médico, um restaurante em que estamos sós e há uma demora maior que a esperada, fora os imprevistos menos simples, como batida de carro, uma doença inesperada, um acontecimento com um familiar ou amigo que exige nossa presença, e temos que aguardar providências. Podemos nestes momentos não perder tempo. Se podemos conversar, façamos com otimismo e, sempre que possível, abrindo espaço para falar de Deus. E se a espera e o silêncio estão presentes, podemos dedicar-nos a orações vocais, jaculatórias, oração mental, tendo sempre a presença da Santíssima Trindade, da Virgem e dos Santos de nossa devoção.

Sempre entendi o descanso como um afastar-se do acontecer diário, nunca como dias de ócio. Descanso significa represar: acumular forças, ideais, planos... Em poucas palavras: mudar de ocupação, para voltar depois - com novos bríos - aos afazeres habituais.

Descanso ou dias de descanso não são dias para perder tempo. Podemos relaxar com algum esporte, praticando ou vendo competições, assistindo a um filme – não qualquer, mas escolhido – ou lendo, ou ouvindo músicas para repousar, mas aproveitando o que fica disponível para mudar de atividades não profissionais. Muitas vezes um apostolado de visitas ou em obras sociais, procurando estudar matérias culturais para estarmos mais preparados para a vida e até para levar outras pessoas para Deus e até mesmo auxiliando familiares e amigos em suas dificuldades profissionais ou de outra natureza. Desta forma, guardamos nossas forças e voltamos ao nosso trabalho com mais energia e uma disposição maior para Santificá-lo.

Agora, que tens muitas coisas que fazer, desapareceram todos os “teus problemas”... - Sê sincero: como te decidiste a trabalhar por Ele, já não te sobra tempo para pensares nos teus egoísmos.

Quando decidimos seguir a Deus e não temos tempo para nada, pelo muito que temos a fazer, passamos a santificar o nosso trabalho ordinário e deixamos de ter tempo para o nosso egoísmo. O ócio é o amigo de todos os vícios e inimigo de todas as virtudes. Trabalhar para santificar o trabalho é trabalhar para Deus. Apenas Deus dá santidade à nossa vida e, se nos dedicamos a servi-Lo, fazendo todos os trabalhos de um cidadão comum, mas com perfeição e espírito de serviço ao próximo, terminamos sempre por colaborar com aqueles que estão ao nosso lado, com a nossa comunidade, com o país e com o mundo, num “efeito borboleta”, dando a nossa contribuição como filhos de Deus, no tornar, apaixonadamente, a vida de todos melhor.

As jaculatórias não dificultam o trabalho como o bater do coração não estorva o movimento do corpo.

A comparação do nosso Padre: os batimentos do coração não atrapalham o trabalho, mas dão vida ao corpo. As jaculatórias geram o mesmo efeito. Não dificultam, nem tiram a atenção do trabalho, mas ajudam a santificar-nos. A nossa vida deve ser um constante oferecimento a Deus do que fazemos e de agradecimento por nos ter permitido conhecer os caminhos que nos ofereceu. As jaculatórias são como as pitadas de sal colocadas na comida e que dão o melhor dos sabores. Assim devemos ser com Deus. Ele nos deu a vida, que é o alimento da existência. De diversas formas temos que agradecer Sua generosidade conosco, mas as jaculatórias são o sal deste alimento que disponibilizou para cada um de nós.

Santificar o trabalho próprio não é uma quimera, mas missão de todo o cristão...: tua e minha. - Assim o descobriu aquele torneiro mecânico, que comentava: “Deixa-me louco de alegria essa certeza de que eu, manejando o torno e cantando, cantando muito - por dentro e por fora -, posso fazer-me santo... Que bondade a do nosso Deus!”

Quando descobrimos que somos filhos de Deus e podemos dizer a todos que Deus é nosso Pai que nos colocou aqui na Terra e, por esta razão, todo o nosso trabalho é em primeiro lugar dedicado a Ele – motivo pelo qual temos que santificá-Lo –, ganhamos uma alegria incalculável, que todos aqueles que tiveram esta experiência sentem com intensidade e percebem seu sentido de missão. Deus não nos colocou no mundo para perder tempo, mas aproveitá-lo para fazer o mundo melhor, amando apaixonadamente. Todos os que sentiram esta presença de Deus, trilham o mesmo caminho e sentem-se orgulhosos – este é um bom orgulho – de estarem a serviço de Deus Pai, Pai de todos os humanos e quem outorgou o livre arbítrio de segui-Lo ou não. Que espetáculo poder segui-Lo.

A tarefa parece-te ingrata, especialmente quando contemplas como os teus companheiros amam pouco a Deus, ao mesmo tempo que fogem da graça e do bem que lhes desejas fazer. Tens de procurar compensar tu o que eles omitem, dando-te também a Deus no trabalho - como nunca o tinhas feito até agora -, convertendo-o em oração que sobre ao Céu por toda a humanidade.

Quando vemos como as pessoas não se dedicam a Deus, esquecem-No, não reconhecem o bem que Deus lhes faz, fugindo de Sua presença, temos que desagrar, trabalhando com mais afínco e amor e dedicando todos os nossos atos a Deus. É que o trabalho bem-feito e ofertado ao nosso Pai – Cristo o disse na oração que Deus é nosso Pai – é também uma bela oração. Temos que evangelizar o mundo. Para isso, Deus veio ao mundo na figura da 2ª. pessoa da Santíssima Trindade: tirar os homens da escuridão do pecado, dar-lhes sentido de vida e expandir o Reino do Senhor na Terra. Não é missão pequena, mas não é missão impossível, e para isso não faltará nunca a graça divina. Enfim, nesta passagem pela Terra, ou somos úteis a Deus ou somos uns inúteis que passamos tristemente pela vida.

Trabalhar com alegria não significa trabalhar “alegremente”, sem profundidade, como que tirando de cima dos ombros um peso incômodo... Procura que, por estouvamento ou por levandade, os teus esforços não percam valor e, no fim das contas, te exponhas a apresentar-te diante de Deus de mãos vazias.

A diferença entre trabalho “com alegria” e “alegremente”. Trabalhamos com alegria mesmo quando estamos sérios e aprofundados no trabalho, para fazê-lo da forma mais perfeita possível, oferecendo-o para quem fazemos nosso trabalho, mas com os olhos voltados para Deus, que irá recebê-lo como oração. Sérios, mas trabalhando com alegria. Muitas vezes, podemos estar trabalhando alegremente, conversando com todos, perdendo tempo, sendo superficiais, mas em uma alegria fisiológica, sem profundidade. Não sendo este tipo de trabalho algo que agrade a Deus, pois carece da tríplice finalidade: Santificar o trabalho ordinário, santificar-se com o trabalho ordinário e santificar os outros com nosso trabalho ordinário. Trabalhar com alegria é santificar-se, assim, trabalhar sempre.

Alguns atuam com preconceitos no trabalho: por princípio, não confiam em ninguém e, obviamente, não entendem a necessidade de procurar a santificação do seu ofício. Se lhes falas, respondem-te que não acrescentes mais carga à do seu próprio trabalho, que suportam de má vontade, como um peso. - Esta é uma das batalhas de paz que é preciso vencer: encontrar a Deus nas ocupações e - com Ele e como Ele - servir os outros.

Para muitos o trabalho é uma carga. Levam-no como um peso do qual querem se livrar e não aceitam qualquer sugestão para dar-lhe um sentido mais nobre, por entender que esse esforço seria um novo peso a suportar. Terminam se livrando do trabalho e não fazendo do trabalho um serviço aos outros e a si mesmos. Não podemos ter nunca essa mentalidade. Qualquer que seja o trabalho, mesmo aquele que não nos agrada, pode ser um esplêndido caminho de santidade para oferecer a Deus. Com o trabalho, participamos da ordem divina de tornar o mundo melhor, pois se todos fizessem o que devem fazer com a perspectiva de que estão salvando o mundo naquele ponto específico em que trabalham, certamente todos fariam da Terra o paraíso. Se todos soubessem o valor do trabalho, seria o mundo muito melhor.

Assustam-te as dificuldades, e te retrais. Sabes que resumo se pode fazer do teu comportamento? Comodismo, comodismo, comodismo! Tinhas dito que estavas disposto a gastar-te, e a gastar-te sem limites, e ficas em aprendiz de herói. Reage com maturidade.

Muitas vezes, as dificuldades levam ao retraimento. Ficamos assustados, até mesmo amedrontados. E começam a aparecer argumentos para não enxergarmos que muitas reações nossas que nos preocupam devem ser por não compreendermos o mundo como ele é. Forçamos, normalmente, situações que provocam reações que nos colocam mal, razão pela que seria mais fácil ficar numa posição tranquila igual a dos outros. Só falarmos de Deus quando o ambiente for favorável e não aparentemente hostil. Este tipo de comodismo não é cristão. Imagine se os Apóstolos agissem assim, quando todo o Estado Judaico e depois o Romano estavam contra eles e tinham que ser conquistados para Cristo. Graças a não se acomodarem, quando Constantino permitiu a religião cristã no Império, já mais da metade do Império era cristão.

Estudante: aplica-te com espírito de apóstolo aos teus livros, com a convicção íntima de que essas horas e horas são já - agora! - um sacrifício espiritual oferecido a Deus, proveitoso para a humanidade, para o teu país, para a tua alma.

Quando estudamos, por mais sacrifício que represente, devemos fazê-lo para sermos bons apóstolos. Assim sendo, temos que nos dedicar com a maior atenção possível, pois, quando mais preparados estivermos, tanto mais poderemos ser úteis no apostolado. Um apóstolo bem-preparado pode enfrentar o mundo com mais armas. Dos primeiros apóstolos, culturalmente, Paulo e Lucas eram os mais preparados, trabalharam juntos e expandiram o cristianismo por todo o Império, e, graças aos dois, tivemos de Lucas um Evangelho a saga das primeiras décadas do crescimento da mensagem do Senhor no Atos dos Apóstolos e a Paulo as cartas que são lidas até hoje para conhecermos melhor a nossa fé. Estudar como uma oferta a Deus pelo sacrifício, mas para o bem da humanidade, do país e, o que é realmente importante, da própria alma.

Tens um cavalo de batalha que se chama estudo: propões-te mil vezes aproveitar o tempo e, no entanto, qualquer coisa te distrai. Às vezes, cansas de ti mesmo, pela pouca vontade que manifestas, embora todos os dias recomeces.

Não poucas vezes, o estudo é cansativo. Muitas vezes, pelas dificuldades inerentes à matéria que estudamos, outra por distrações e vontade de derivativos e recreação, e também por preguiça, simplesmente. Devemos superar esses momentos, oferecendo o nosso duplo esforço – para o estudo e contra esta vontade de parar – a Deus, e por pessoas necessitadas de amor, oração com o Senhor, ou ainda doentes, ou com problemas de viver: por desemprego, inaptidão, perseguições no trabalho ou outros mil obstáculos que aparecem na vida de todo o mundo. Continuar sempre. Com ou sem vontade, com dificuldades ou sem, objetivando agradar a Deus e tornando o nosso estudo algo que será útil, no futuro, a quem serviremos no trabalho, mas também à comunidade a que pertencemos e, como cidadão prestante ao país, pois nossa Pátria é solo fértil para o apostolado.

É mais fácil mexer-se do que estudar, e menos eficaz.

Muitas pessoas mexem-se muito, falam demais, intrometem-se na vida dos outros com conselhos não pedidos e estudam no meio dessa confusão de vida. Fazer isso é muito mais fácil que estudar, principalmente quando, na turma de estudo, só o fazem se em grupo e não, comedidamente, em silêncio e com concentração. Esse não é o estudo que se transforma em oração, pois cheio de distrações e carente de profundidade, é mais fácil e apazível, mas pouco eficaz e um oferecimento a Deus não como os frutos de Abel, mas o produto de Caim. Temos que ter ordem, disciplina, vontade, resistência às tentações de parar, pois só assim poderemos fazer do estudo uma oração, servindo a Deus, e ao futuro, ao próximo com o que aprendemos.

Se sabes que o estudo é apostolado, e te limitas a estudar para passar, evidentemente a tua vida interior vai mal. Com esse desleixo, perdes o bom espírito e, como aconteceu àquele trabalhador da parábola, que escondeu com manha o talento recebido, se não retificas, podes autoexcluir-te da amizade com o Senhor, para te enlameares nos teus cálculos de comodismo.

Quando estudamos apenas para o gasto, assemelhamo-nos ao trabalhador que recebeu um talento e o guardou. É que fazemos o mínimo necessário, lembraremos Bentham que falava no mínimo ético, com um ceticismo filosófico de quem tem pouca crença na humanidade e naqueles que dirigem o destino dos povos. Não podemos ser assim. O estudante tem que estudar não para passar, mas para passar bem. O estudo sempre será útil na vida de todos os que almejam ser úteis para a sociedade, servindo aos homens e a Deus e abrindo seu caminho para a eternidade. Temos que ser como aqueles que receberam seus talentos e multiplicaram-no ao dobro. Só assim poderemos fazê-lo. Estude como uma oração a Deus e assim estudando até à morte.

É necessário estudar... Mas não é suficiente. Que se pode conseguir de quem se esfalta para alimentar o seu egoísmo, ou de quem não persegue outro objetivo senão o de garantir a tranqüilidade, para daqui a alguns anos? É preciso estudar..., para ganhar o mundo e conquistá-lo para Deus. Então elevaremos o nível do nosso esforço, procurando que o trabalho realizado se converta em encontro com o Senhor, e sirva de base aos outros, aos que seguirão o nosso caminho... - Deste modo, o estudo será oração.

Estudar, sim. E bem. Sobretudo, entretanto, não pode ser egoísta. Não estudamos só para estar preparados para enfrentar a vida e nela ser bem-sucedido. Fosse esse o principal, senão o único objetivo, estaríamos no caminho do fracasso na marcha para a eternidade. É evidente que estudamos para, na luta pela vida, sustentarmo-nos e à família que, eventualmente, criarmos. Embora nobre essa intenção – e seja melhor do que apenas querer vencer na vida para sermos admirados pelo outro –, ainda é pouco. Estudamos na vida para ser filhos a serviço de Deus e de utilidade na implantação de Seu Reino na Terra. Para como cidadãos, criarmos no nosso meio um ambiente de respeito e adoração ao Senhor Deus do Universo, auxiliando a humanidade a viver valores cristãos de amor ao próximo e de paz.

Depois de conhecer tantas vidas heróicas, vividas por Deus sem sair do seu lugar, cheguei a esta conclusão: para um católico, trabalhar não é cumprir, é amar!; e exceder-se com gosto, e sempre, no dever e no sacrifício.

Servir a Deus não é apenas cumprir o dever, mas mais do que isso é amar. É sacrificar-se por Deus na figura do próximo, colocando amor – amor a nós – e em tudo o que se faz ao próximo. Um médico frio que apenas dá a receita correta ao paciente como se estivesse lendo um jornal ou observando pela janela de um trem, sem ter o coração no que faz, à evidência, cumpriu seu dever: diagnosticou corretamente a doença e medicou com precisão. Mas não se irmanou com aquele que no olhar do doutor espera mais do que a receita. Se puser carinho, delicadeza no mesmo gesto, certamente o paciente encontrará mais forças para se recuperar. Prefaciei o livro de “Filosofia da Cirurgia”, do titular de cirurgia da Faculdade de medicina da USP, Professor Henrique Pinotti, em que ele dizia que o olhar do médico muitas vezes cura o paciente. Assim temos que ser na relação com Deus e com o próximo, em que a nossa dedicação, carinho e caridade podem salvar almas para o Senhor.

Quando compreenderes esse ideal de trabalho fraterno por Cristo, sentir-te-ás maior, mais firme, e tão feliz quanto se pode ser neste mundo, que tantos se empenham em deteriorar e tornar amargo, porque andam exclusivamente atrás do seu próprio eu.

O ideal de trabalho fraterno leva-nos a tornar-nos maiores, mais firmes e mais felizes. Não nos deixa ficar girando em torno de nós mesmos, como se fôssemos o centro do mundo. Quando aprendemos a não criticar as pessoas e combater apenas ideias errôneas e comportamentos errados, preservando as pessoas, passamos a viver melhor em tudo o que fazemos, pois estaremos mais preocupados com os nossos erros e não com os dos outros. Muitas vezes procuramos criticar os outros, como se fôssemos perfeitos, quase sempre escondendo assim os nossos próprios defeitos, se trabalharmos de forma fraterna, teremos muito mais possibilidades de nos tornarmos bons apóstolos, pois estaremos santificando-nos com o trabalho ordinário, santificando os outros com nosso trabalho e santificando o próprio trabalho. Vale a pena tentar.

A santidade compõe-se de heroísmos. - Portanto, o que se nos pede no trabalho é o heroísmo de “acabar” bem as tarefas que nos comprometem, dia após dia, ainda que se repitam as mesmas ocupações. Senão, não queremos ser santos!

A santidade exige de cada um de nós heroísmos cotidianos até o fim da vida. No trabalho temos sempre que dar o máximo de nossos esforços e buscar sempre a perfeição, mesmo que sejam insignificantes as nossas ocupações e monotona-mente repetitivas todas as nossas tarefas. Todos nós ou pelo menos a esmagadora maioria de nós, temos sempre as mesmas tarefas no nosso dia, até a eventual aposentadoria – para todos aqueles que se aposentam, pois muitos trabalharão até a morte. Ora, o cansaço, a repetição de se fazer sempre as mesmas coisas se oferecido o trabalho a Deus, nunca relaxando no que se faz, é uma estupenda oração daqueles que quanto mais custam mais valor passam a ter. Gratificar o trabalho ordinário é forma de estarmos sempre com Deus, atetando o nosso caminho para a eternidade.

Convenceu-me aquele sacerdote amigo nosso. Falava-me da sua atividade apostólica, e me assegurava que não há ocupações pouco importantes. Debaixo deste campo coalhado de rosas - dizia, esconde-se o esforço silencioso de tantas algumas que, com o seu trabalho e oração, com a sua oração e trabalho, conseguiram do Céu uma torrente de chuvas da graça, que tudo fecunda.

Para Deus todos os trabalhos são importantes. Não há maior ou menor, mas os oferecidos a Deus e bem-feitos para que sejam úteis aos próximos. Trabalho e oração andam juntos. O mais importante trabalho do mundo, aos olhos dos homens, vale menos que o menos importante dos trabalhos, se este foi oferecido a Deus como forma de santificação pessoal, dos outros e do próprio trabalho – e o outro for feito objetivando apenas a vaidade pessoal e para receber os aplausos do mundo. O Céu recebe muitas almas que foram preparadas por estes trabalhadores anônimos, mas dedicados ao Senhor que com sua oferta e oração, santificando-se com o labor ordinário, atapetando o caminho das almas para a eternidade. Qualquer que seja o trabalho ele vale com a perfeição com que é feito e a oferta a Deus.

Coloca na tua mesa de trabalho, no teu quarto, na tua carteira..., uma imagem de Nossa Senhora, e dirige-lhe o olhar ao começares a tua tarefa, enquanto a realizas e ao terminá-la. Ela te alcançará - garanto! - a força necessária para fazeres, da tua ocupação, um diálogo amoroso com Deus.

Quando muitos anos atrás compus um soneto para cada um dos então 15 mistérios do Rosário e uma quadra para cada invocação da ladainha, e os mandei para o Padre João Mohana, ele me escreveu dizendo-me que quando eu morresse Nossa Senhora me receberia, dizendo: “Eis que chegou o meu jogral”. Com todos os meus defeitos que não são poucos e com os pecados cometidos pela vida, que são muitos, nunca, depois de minha reconversão, deixei de ter especial devoção por Nossa Senhora, em todas as Suas nomeações, tendo em todas as dependências de minha casa e no escritório uma imagem da Santa Virgem. E na minha mesa de trabalho o retrato fiel da Mãe de Deus, por Ela mesmo pintada, no México, no poncho do São Juan Diego. Assim começa o meu dia, meu trabalho com Ela e termina o labor e o dia vendo o Seu olhar sereníssimo.

FRIVOLIDADE

Quando se pensa com a mente clara nas misérias da terra, e se contrasta esse panorama com as riquezas da vida com Cristo, a meu ver não se encontra senão uma palavra que qualifique - com expressão rotunda - o caminho que muitos escolhem: estupidez, estupidez, estupidez. Não é que a maioria dos homens nos enganemos; sucede-nos coisa bastante pior: somos tolos da cabeça aos pés.

Quando começamos a entender as riquezas da vida ao lado de Cristo e as esperanças da vida eterna e comparamos com a transitoriedade da curta vida que temos, condenados à morte que somos todos nós, é que percebemos como é insensato tornar como se fosse eterno o que é transitório e como se fosse transitório o que é eterno. Aqueles que depositam toda sua confiança nos bens terrenos, na busca de prazeres, poder e glória, só percebem sua estultice no dia em que perdem cada um deles por algum motivo ou perto da morte. Só então perceberão o vazio de suas conquistas e o tempo que perderam em não ter depositado sua confiança na paz, tranquilidade e amor que teriam, mesmo nas turbulências, se estivessem com Cristo.

É triste que não queiras esconder-te como um silhar, para alicerçar o edifício. Mas que te convertas em pedra onde os outros tropecem..., isso parece-me de malvados!

Estamos de passagem pelo mundo. Excepcionalmente, podemos chegar aos 100 anos, num Universo que tem aproximadamente 15 bilhões de anos. Somos uma gota num oceano. Nossa importância só é grande por sermos filhos de Deus, mas, exatamente por sermos filhos, temos que ser humildes e servir a Deus, que fez o céu e a Terra, e ao próximo que Deus colocou ao nosso lado para servi-Lo e não para ser degrau que alavanca nossas ambições. Sejam uma pedra útil, como as outras, para sustentar o edifício da fé e do amor ao Senhor e ao próximo, e não parar no meio do caminho, servindo de tropeço aos que estão perto de nós. Muitas vezes, ser pilar do alicerce não aparece aos olhos dos outros como aquelas pedras bonitas e decorativas, menos úteis para a solidez do edifício, mas são mais queridas e admiradas por Deus, pois, inquestionavelmente, mais úteis.

Não te escandalizes por haver maus cristãos, que fazem barulho e não praticam. O Senhor - escreve o Apóstolo - “há de pagar a cada um segundo as suas obras”: a ti, pelas tuas; e a mim, pelas minhas. - Se tu e eu nos decidirmos a portar-nos bem, para começar já haverá dois pilantras a menos no mundo.

No mundo, há muitos que fazem o mal, não respeitam a Deus e nem os outros. Só pensam em si mesmos. Deus há de julgá-los pelo que fazem. Nós temos que não nos importar com eles, a não ser para corrigir, onde pudermos, o mal que fazem e, se possível, mostrar-lhes o caminho para servir aos homens e a Deus. Não temos que pensar se os outros são assim, porque não aceitamos o mundo como ele é. Em verdade, o nosso exemplo, apesar dos nossos defeitos e do nosso esforço por portar-nos bem, pelo menos faz com que dois dos filhos de Deus, ou seja, eu e quem me ler e aceitar, estejamos livrando a Terra de pelo menos dois malandros. E, se estendermos a outros o que nos pede nosso Pai Deus, à evidência, estaremos todos fazendo o mundo ser melhor e, como dizia nosso padre, passando a amar o mundo apaixonadamente.

Enquanto não lutares contra a frivolidade, a tua cabeça será semelhante a uma loja de bricabraque: não conterà senão utopias, sonhos e... trastes velhos.

A frivolidade é uma grande inimiga da vida interior, pois enche a cabeça de utopias, sonhos e trastes, não deixando qual lá esteja. A utopia vem do romance de São Tomas More, ou seja, “Nusquama”, pois foi escrito em latim, ou seja, um país em que todos seus habitantes eram perfeitos e desprendidos de bens materiais. Sempre que imaginamos algo de impossível usamos o vocábulo. Muitas vezes, nossa cabeça nos põe como personagem de uma realidade impossível. O mesmo se pode dizer dos sonhos, em que a esperança, alimentada pela imaginação, busca realizações que não se podem ter. E, por fim, toda a espécie de trastes como ressentimentos, vontade de vingança, más tendências, invejas, etc., que nos tiram tempo da vida interior. Só teremos paz verdadeira no momento em que colocarmos Deus no centro de nossa vida.

Tens uma dose de “malandragem” que, se a empregasses com sentido sobrenatural, te serviria para ser um cristão formidável... - Mas, tal como a usas, não passas de um formidável “malandro”.

Desde que não utilizemos táticas ilegais, ilícitas e imorais, temos que ter a habilidade que Cristo elogiou ao administrador infiel, não pela sua imoralidade, mas por sua esperteza em assegurar o futuro. Dizia que os filhos da luz têm que também ser espertos como os filhos das trevas. Se não nos prepararmos, certamente, no embate com o mal, levaremos a pior. Temos que deixar de ter uma posição passiva para adotarmos uma posição ativa na defesa do bem e dos valores cristãos, pois o Senhor contou com a coragem dos primeiros cristãos para propagar a fé. Somente com a coragem daqueles que, perseguidos por 300 anos, enfrentaram todas as dificuldades e venceram é que seremos bons apóstolos.

Quando te vejo tomar tudo à ligeira, lembrás-me aquela velha piada: “Vem aí um leão!”, disseram-lhe. E respondeu o cândido naturalista: “E eu que tenho com isso? Eu caço borboletas!”

A história contada por nosso Padre é antiga, mas expressa não querermos dar importância a fatos que deveriam merecer nossa atenção. Temos que estar atentos sempre e não levar a vida sem reflexão, com a ligeireza própria dos insensatos. Na vida, devemos ter serenidade em analisar os acontecimentos, não nos importando com as críticas senão quando estas críticas servem para melhorarmos. Temos, todavia, que dar importância ao que é importante e, se vemos os nossos valores serem pisoteados, os cristãos perseguidos, os sacerdotes criticados de forma cruel e degradante, não podemos ficar calados e temos que reagir e defender, com os meios que tivermos, tudo aquilo que Cristo nos deixou para o bem da humanidade.

Uma pessoa terrível: o ignorante que é, ao mesmo tempo, trabalhador, infatigável. Não afrouxes, ainda que estejas morrendo de velho, no empenho por formar-te mais.

Faz muito mal à religião o ignorante que se põe a ensinar doutrina. Aquele que não se prepara e não se forma, mas pretende ensinar. O nosso Padre o chama de “pessoa terrível”. É como se uma pessoa que não tivesse estudado engenharia e nunca tivesse estudado cálculo quisesse construir um prédio calculando “ao olho” o peso das estruturas e a profundidade dos alicerces. O prédio não chegaria ao fim ou desabaria quando terminado. Temos que nos formar até a morte. Lembrando-me do desembargador Coelho de Paula, um santo homem que, no seu leito de morte mantinha seus livros de formação e dizia lê-los todos os dias. Temos que pensar. Cristo, durante três anos, formou os apóstolos para Sua missão e, mesmo assim, um O traiu. Temos que meditar muito sobre isto.

Desculpa própria do homem frívolo e egoísta: “Não gosto de comprometer-me com nada”.

Quando ouvimos de muita gente que se diz católico, mas não quer se comprometer com nada para não complicar sua vida, percebemos que é um cristão teórico e um pagão na prática. Tudo, tudo o filho de Deus tem que ser comprometido na luta pela difusão de paz, de amor, de harmonia dos seres humanos, sendo esta sua grande missão. E isto exige formação e trabalho, visto que não podemos ficar parados, pensando que cabe a cada um escolher o melhor caminho, que a mensagem de Cristo cabe a cada um segui-la ou não. Temos uma missão na Terra e, embora Deus respeite o livre-arbítrio que ofereceu a cada criatura, o qual devemos respeitar, nem por isto podemos deixar de procurar convencê-los de que a melhor via é a de Cristo.

Não queres nem uma coisa - o mal - nem outra - o bem -... E assim, mancando dos dois pés, além de errares de caminho, a tua vida fica cheia de vazio.

A vida medíocre, mesmo para aqueles que parecem bem-sucedidos, consiste em não querer comprometer-se como uma pena que, por força de sua leveza, sobrevoa a tudo, por causa de sua falta de densidade. É o cidadão que aceita seguir o bem e o mal indiferentemente, desde que propicie o seu crescer na vida de gozo, fortuna ou poder. Ao verdadeiro cristão o crescer na vida não é o que importa, mas ser coerente com o que faz, a luz dos princípios e valores cristãos. Ter peso, mesmo que por sua coerência, apesar de sua maneira de ser, venha a ser perseguido e até, como Tomas More, respeitado na Inglaterra e Europa da época, ser levado à morte por não abandonar os valores cristãos, relacionados ao casamento católico e ensinado pelo próprio Cristo. Ser coerente, mesmo quando incompreendido, nos valores cristãos não é opção, mas dever.

“In medio virtus...” - A virtude está no meio, diz a sábia sentença, para nos afastar dos extremismos. - Mas não vás cair no logro de converter esse conselho em eufemismo para encobrires a tua comodidade, matreirice, tibieza, “malandragem”, falta de ideais, aburguesamento. Medita aquelas palavras da Escritura Santa: “Oxalá fosses frio ou quente! Mas porque és túbio, e não frio nem quente, estou para te vomitar da minha boca”.

A célebre afirmação de que a virtude está no meio não é símbolo de comodismo, mas tomar posições corajosas, não enfrentar os desafios, não ser em outras palavras “uma maria vai com as outras”. Mostra como afastar-nos dos extremismos, hoje mudada a expressão para radicalismos - embora radical vem da raiz - o que representa ir a origem dos problemas. Muitas vezes, cita-se a frase com a esperteza de não querer se comprometer com outros, ou fraqueza de carácter, que se esconde atrás de uma falsa moderação para fugir às obrigações, sob alegação de que se deve dar bem com todos. Outras vezes ainda ao cinismo, que sob a falsa afirmação de que se é moderado, nada se faz. Muitas vezes é puramente falta de carácter e ideais quando não de mera decisão de não sair do comodismo. Tem-se, pois, que evitar tais perigos.

Nunca chegas ao miolo. Ficas sempre no acidental! -
Permite-me que te repita com a Escritura Santa: não
fazes mais do que “falar ao vento”!

Temos, em tudo o que fizermos, tentar chegar ao âmago da questão. Temos que saber que é importante não nos perdermos com a periferia das coisas, mas temos que procurar sempre saber distinguir o acidental do essencial e lutarmos por focar na rota do principal e não do acessório. No apostolado e na vida interior é esta a nossa meta permanente. Deus é o nosso amor maior e o nosso fim. Falar “por boniteza e não por precisão”, como diria Guimarães Rosa, é o que todos devemos evitar. Não são as frases rebuscadas que conquistam almas para Deus, mas aquelas sinceras, fraternais e capazes de conquistar. Para isto, precisamos ter vida interior e estudar doutrina católica para estarmos preparados a responder às questões que nos façam. Senão, nossas palavras serão para o vento.

Não te comportes tu como esses que, ouvindo um sermão, em vez de aplicarem a doutrina a si mesmos, julgam: como isto se aplica bem a Fulano!

Quantas vezes vemos nos outros defeitos que temos, mas que não acreditamos que o tenhamos. E, ouvindo sermões ou conselhos coletivos, dizemos: “Como seria bom que fulano os ouvisse”, quando deveríamos dizer: “Será que se aplica a mim, vamos verificar”. E, se formos sinceros no autoexame, veremos que seremos os primeiros a corrigir o que achamos que o outro deveria corrigir. Temos, em matéria de exame, fazer o contrário do que gostaríamos de fazer, ou seja, condenar o outro sem saber todos os motivos que o levaram a ter o comportamento que demonstra, e ser autocomplacentes com os próprios defeitos, dando auto perdão e autojustificações para todos os nossos erros cometidos. Temos que julgar os outros, em seus erros, sempre com o benefício da dúvida, e nos nossos erros com o rigor que pretendíamos aplicar aos outros. Não podemos ter pele de rinoceronte para os nossos erros e julgar aos outros como se tivessem pele de bebê.

Às vezes, alguns pensam que na calúnia não há má intenção: é a hipótese - dizem - com que a ignorância explica o que desconhece ou não compreende, para se dar ares de bem informada. Mas é duplamente má: por ser ignorante e por ser mentirosa.

Quando falamos mal dos outros apenas por ouvir dizer, muitas vezes um ouvir dizer maldoso, caluniamos e não nos sentimos tendo má-fé. Isto é próprio dos ignorantes. É como se atirassem uma pedra para trás, sem olhar, e ferissem alguém, e depois alegassem que não sabiam que havia alguém atrás. A ignorância, nestes casos, é irmã gêmea da mentira. Dizer algo sobre a honra dos outros ignorando, sem procurar saber se é verdade ou não, é falta grave, pois, se não for verdade, esta mentira pode espalhar-se de forma tal, que o mal que fazemos é muito pior do que podemos imaginar. O cristão nunca deve falar mal dos outros, e, quando sabe ser verdade o que lhe contam, nem por isto deve espalhar o que sabe, a não ser para evitar um mal a terceiros.

Não fales com tanta irresponsabilidade... Não compreendes que, mal tu lanças a primeira pedra, outros - no anonimato - organizam um apedrejamento?

Temos que ter cuidado com o apedrejamento que possamos receber se lançarmos, no nosso falar sem responsabilidade, a primeira pedra. Ao falar sobre Deus e as lições que Cristo deixou para a humanidade, temos que falar com responsabilidade, pensando no que falar e só falarmos do que aprendemos de nossos diretores e de pessoas versadas nos estudos bíblicos. O que, embora, os resistentes às lições cristãs possam ignorá-las – muitos em Atenas ignoraram as mensagens de Paulo –, o certo é que estamos, conscientemente, exercendo nossa missão de cristão. Mas, se desejarmos falar como autoridade, tendo apenas um verniz de doutrina católica apostólica romana, corremos o risco de estar falando de nossa pobre e possivelmente desfigurada visão do cristianismo e, não poucas vezes, ensinando algo que pensamos ser a doutrina cristã, mas, em verdade, é uma visão deturpada da religião.

És tu mesmo quem cria essa atmosfera de descontentamento entre os que te rodeiam? - Perdoa então que te diga que, além de malvado, és... estúpido.

Não poucas vezes, o ambiente de oposição a Deus não é criado por aqueles que não creem no Senhor, mas por nós mesmos. Por intolerância, por ares de superioridade, por dar conselhos para quem não pediu, com um tom de professor a ensinar um aluno de primário e, às vezes, até mesmo com irritação. Deixamos de imitar Cristo, e o nosso comportamento, além de mau, é estúpido. Só convenceremos os outros quando nossa forma de fazer apostolado for primeiro de amizade, depois de confiança e, por fim, procurando que desperte a curiosidade, atendendo às suas dúvidas e expectativas, e não impondo que nos ouça quando não tem qualquer vontade de nos ouvir naquele momento. Por essa razão, antes de chegarmos a alguém, temos que pedir a Deus que nos auxilie, e a melhor maneira de fazê-lo é sempre em oração.

Perante a desgraça ou o erro, constitui uma triste satisfação poder dizer: “Eu já o tinha previsto”. Isso significaria que não te importavas com a desventura alheia: porque deverias tê-la remediado, se estava ao teu alcance.

Quando vemos o erro numa desgraça alheia, é melhor dizer: “Que pena”, ou ainda melhor: “O que é que eu poderia ter feito para que isto não acontecesse”. O que nunca deveríamos dizer: “Eu já o tinha previsto!”, pois só esta constatação já é prova de nossa omissão. Temos que estar sempre atentos às dificuldades dos outros e aos caminhos equivocados que, porventura, venham trilhar. Se pudermos aconselhá-los sobre os riscos que correm ou as dificuldades que enfrentam, com aquele apostolado da amizade e confiança, certamente, conseguiríamos, na maior parte dos casos, evitar o mal maior e não permitiríamos que outros dissessem: “Nós já tínhamos a certeza que isto aconteceria”. Amizade, confiança, e que nunca sejamos omissos.

Há muitos modos de semear desorientação... - basta, por exemplo, apontar a exceção como regra geral.

A desinformação é maneira de eliminar a verdade, com ares de serviço prestado. Temos que estar atentos ao perigo. O mais comum na desinformação é transformar a exceção em regra geral! Por exemplo: se alguns sacerdotes comportam-se mal no universo das dezenas de milhares existentes no mundo, entender que esta exceção é a regra e que todos os sacerdotes são como aqueles e que a Igreja de Cristo deve ser desconsiderada. É de se lembrar que Cristo resistiu, sem adulteração de Sua mensagem, até a papas como Borja, sem que perdesse Sua força. É que o que vem de Deus não desaparece nunca, apesar dos homens. Fazer da exceção uma regra é gerar desinformação, coisa que os cristãos não podem fazer.

Dizes que és católico... - Por isso, quanta pena me dá,
quando verifico que as tuas convicções não são suficien-
temente sólidas para te levarem a viver um catolicismo
de ação, sem soluções de continuidade e sem ressalvas.

No Brasil, o católico que se diz católico, mas vive uma vida em que o catolicismo está em último lugar na fila de suas preferências, é chamado de católico do IBGE, isto é, que consta como católico apenas nas estatísticas. O verdadeiro católico tem que o ser diariamente e por vinte e quatro horas. Quando dorme, seu último pensamento tem que ser para Deus, e, quando acorda, seu primeiro pensamento para Ele. É que toda a nossa vida só tem sentido se Deus é Aquele que nos criou e para Quem iremos quando morrermos. Por isso, a expressão de “santificação do trabalho ordinário” é dedicada a mostrar que todas as nossas ações devem ser feitas sob o olhar de Deus e oferecidas a Ele, à luz do trabalho cotidiano.

Faria rir, se não fosse tão dolorosa, essa ingenuidade com que aceitas - por ligeireza, ignorância, complexo de inferioridade... - as balelas mais grosseiras.

Somos ingênuos, por não perceber que elogios ou críticas grosseiras podem nos prejudicar se dermos importância aos primeiros e ficarmos abalados com as segundas. É que se trabalhamos para Deus nada disso tem importância. É que a única coisa que importa é o que Deus pensa de nós, pois para Ele é que trabalhamos, nesta passagem pela Terra. Isto pode decorrer também de sermos superficiais, vendo as coisas com ligeireza. Pode até decorrer da ignorância por não termos nos aprofundado na doutrina, o que é obrigação de todo o cristão. Por fim podemos ter complexo de inferioridade, alegrando-nos quando nos elogiam e não tendo coragem de rebater as críticas por respeito humano ou desconhecimento maior das verdades cristãs. Temos que refletir sobre esta verdade. Ser cristão exige servirmos ao Senhor e ao próximo por amor a Ele.

Imaginam os tolos, os inescrupulosos, os hipócritas, que os outros são também da sua condição... E os tratam - isso é que é penoso - como se o fossem.

Os que estão afastados de Deus e, apesar de terem nascido condenados à morte, porque todos o somos, buscam eternizar o temporal e atacam Aquele que é o Senhor da eternidade, são uns tolos porque jogam a vida futura no lixo para viverem as instabilidades presentes sem perspectivas no que há de vir. São em verdade, uns tolos. Por mais que digam que somos nós que acreditamos em Deus, estes pobres condenados à morte, que não levarão para outra vida nada do que adquiriram nesta, merecem compaixão e oração para que caíam em si da hipocrisia e inconsciência da vida que vivem. Não podemos nos deixar contaminar por este materialismo, cuja imaturidade tem levado o mundo a viver, permanentemente, os problemas do desamor, guerras, corrupção e maus costumes que têm caracterizado a história do mundo. Nós, que cremos em Deus, sabemos o caminho e temos que lutar para mantê-lo.

Já seria ruim que perdesse o tempo, que não é teu, mas de Deus, e para a sua glória. Mas se, além disso, fazes que outros o percam, diminuis por um lado o teu prestígio e, por outro, aumentas o esbulho da glória que deves a Deus.

Todo o tempo que temos na Terra foi concedido por Deus. Como estamos a seu serviço, não podemos perdê-lo, devemos oferecer-Lhe todo o tempo de oração e do labor. Da missa e do trabalho, sempre a Ele oferecido, nele incluindo estudo para que sejamos sempre melhores no que fazemos. Aquela dedicação à família, à vida social e cidadã, permanente no exercido com o intuito de servir. E até o tempo de lazer para recuperar as forças buscando atividades sadias, leitura adequada, músicas, espetáculos dignos, onde valores não faltam. O que não podemos é perder este tempo que não é nosso ou ainda fazer perder aos outros, pois nos outros estaremos tirando um tempo que é de Deus. Esta reflexão é necessária para todo o cristão.

Faltam-te a maturidade e o recolhimento próprios de quem caminha pela vida com a certeza de um ideal, de uma meta. - Reza à Virgem Santa, para que aprendas a exaltar a Deus com toda a tua alma, sem dispersões de nenhum gênero.

Quando estamos inseguros sobre os nossos ideais e o nosso caminho, é porque nos falta maturidade e algo fundamental nas relações com Deus, ou seja, recolhimento, pois Deus fala no silêncio e no recolhimento interior. Aprendemos a falar com a Sagrada Família e a Sagrada Trindade, com Deus-Cristo feito homem e com Jesus Cristo, na Sua glória eterna. Os caminhos para Deus são sempre serenos, mesmo nas turbulências, quando temos neles a segurança de filhos de Deus e sabemos que, nesta passagem pela Terra, temos que ser úteis e servir ao próximo para Deus, na família, trabalho e sociedade. Somos filhos e, por esta razão, temos que saber que nosso Pai nunca nos abandonará. Peçamos à Virgem que seja nossa Intercessora.

NATURALIDADE

Cristo ressuscitado: o maior dos milagres só foi visto por uns poucos..., os necessários. A naturalidade é a assinatura das obras divinas.

O exemplo da Ressurreição de Cristo é o melhor possível para mostrar a virtude da naturalidade. Embora visto em momentos diversos por centenas de pessoas, ou seja, ora por uma, ora por duas, ora por pouco mais de uma dezena e ora por centenas, no túmulo, em Emaús, na ceia dos apóstolos duas vezes e na Ascensão — são estas as narradas pelos apóstolos, mas São João diz que os milagres e acontecimentos foram tantos, que não caberiam num livro —, todas as vezes os fez com naturalidade, até só Se fazendo conhecer na hora da refeição em Emaús; comeu um peixe com os apóstolos e repartiu um pão em Emaús. Sem trombetas, foi o único fundador de uma religião que ressuscitou. Fez Seus milagres e gestos extraordinários sem trombetas ou espetáculo. Assim deveríamos ser na vida.

Quando se trabalha única e exclusivamente para a glória de Deus, tudo se faz com naturalidade, com simplicidade, como quem tem pressa e não pode deter-se em “grandes manifestações”, para não perder esse trato - ir-repetível e incomparável - com o Senhor.

Simplicidade e naturalidade no servir a Deus, pois a única coisa que importa é servi-Lo. Apesar de meus esforços, quantas vezes eu me equivoquei, deixei de servi-Lo como devia, preferindo os holofotes das grandes manifestações a favor das causas de Deus, que são todas para o bem da humanidade, mas usufruindo do prazer que a vaidade propicia pelos cumprimentos alheios. É um vão, inútil e pernicioso defeito que empana qualquer ação, por mais meritória que seja. As manifestações de outra natureza política, cultural, acadêmica e sobre diversos aspectos da sociedade exigiram, nestes momentos, naturalidade e simplicidade. Nelas sempre houve excesso de “tu mesmo” e “escassez de Deus”. Como me arrependo e como, malgrado fracassos anteriores, continuo lutando para ser simples e natural para servir a Deus onde Ele deseja. Mesmo em silêncio, o Senhor olha a atuação humana.

“Por que razão” - perguntavas indignado - “o ambiente e os instrumentos de apostolado hão de ser feios, sujos... e complicados?” - E acrescentavas: “Mas se custa a mesma coisa!” - A mim, a tua indignação pareceu-me muito razoável. E considereei que Jesus se dirigia e atraía a todos: pobres e ricos, sábios e ignorantes, alegres e tristes, jovens e anciãos... Como é amável e natural - sobrenatural - a Sua figura!

Muitas pessoas ricas afastam-se de obras apostólicas por entenderem que nos ambientes onde se fala de Deus são pobres, muitas vezes sujos por força da pobreza, dificultando entender a mensagem universal de Cristo à humanidade. De rigor, tais pessoas não percebem que Cristo pregou, inicialmente, a trabalhadores mais simples, sendo Seus apóstolos pessoas de classe pobre e média baixa, e também a Zaqueu e Mateus, publicanos, mas tinha também entre eles Nicodemos e José de Arimateia, que eram ricos e foram aqueles que cuidaram do sepultamento de Cristo. É que a mensagem de Cristo é para todos os homens, mas muitas vezes aqueles que se enaltecem com a própria riqueza e posição social passam a ser obstáculo de si mesmos e não podem penetrar na lição do Mestre que exige simplicidade e desprendimento.

Para a eficácia, naturalidade. Que se pode esperar de um pincel - mesmo nas mãos de um grande pintor -, se envolvem os pelos numa carapuça de seda?

De um pincel espera-se, na mão de um pintor, que seja o que é para que o pintor possa dele fazer uma obra de arte. Assim, Deus espera de nós a naturalidade de nos apresentarmos diante dEle sem qualquer artifício. O pincel, se coberto numa capa de veludo, não pode ser útil senão quando o pintor tirá-lo a capa. Assim, as vestes de riqueza, que mostram opulência. As demonstrações intelectuais que mostram talento ou posse de grandes cargos que mostram poder, muitas vezes mais atrapalham do que auxiliam a que Deus consiga fazer com a pessoa o que gostaria, mesmo que a pessoa esteja com vontade de seguir ao Senhor. É que, se não desvestir-se do espírito de riqueza, talento e poder, considerando que apenas os detém por dádiva divina, mas não são seus, dificilmente Deus poderá fazer algo com esta pessoa.

Os santos tornam-se sempre “incômodos” para os outros.

Os Santos incomodam todos aqueles que não querem abandonar os maus hábitos e costumes. Terminam sempre fazendo com que se deparem com os erros que não querem corrigir e, por isto, devem ser eliminados, ignorados ou contestados. Se verificarmos a própria perseguição em que os senhores da religião da época já começavam a perder seguidores, porque o povo os via como hipócritas que punham jugo pesado sobre as pessoas, mas viviam num padrão diferente de vida, razão pela qual Cristo teria que ser morto, é uma prova de que a santidade incomoda os que não são naturais, simples e seguidores do Deus Verdadeiro, Criador do Universo. O importante nestes momentos é manter a calma e a serenidade para não desistir de seguir e pregar a mensagem de Cristo, e não desistir desta missão, que é aquela de todos os cristãos até o momento em que Deus os chamar.

Santos, anormais?... Chegou a hora de arrancar esse preconceito. Temos de ensinar, com a naturalidade sobrenatural da ascética cristã, que nem sequer os fenômenos místicos significam anormalidade: é essa a naturalidade desses fenômenos..., como outros processos psíquicos ou fisiológicos têm a sua.

Este ponto do Sulco é de reflexão necessária por sua pouca reflexão na ascética cristã. Da mesma forma que os problemas psíquicos são uma normalidade nas doenças da mente, há uma normalidade mística na ascética dos Santos. E santos podemos ser todos nós no exercício de nossas atividades normais, fazendo-as com perfeição, pois as estamos fazendo para Deus e para os outros no que podemos denominar, como queria São Josemaria, de santificação do trabalho ordinário. Há, pois, uma naturalidade na ascética cristã de todos os que procuram ser santos, que fica mais claro naqueles que conseguem a santidade no seu trabalho ordinário. As dificuldades e quedas são normais nesta busca de santidade, que será atingida mais cedo ou mais tarde, se não desistirmos de buscá-la.

Fala-te do horizonte que se abre diante dos nossos olhos,
e do caminho que devemos percorrer. - Não tenho obje-
ções!, declaraste, como que estranhado de “não as ter”...
- Grava bem isto na cabeça: é que não deve havê-las!!

Quando o caminho para o Senhor se abre à nossa frente, não podemos ter objeções. Sabemos que teremos alegrias e obstáculos, mas temos que manter a paz necessária que o Senhor nos deu e que Cristo inspirou a todos os apóstolos, desde a Ressurreição. Com a Ressurreição, ninguém mais duvidou que era o Filho Unigênito de Deus e que foram escolhidos para uma missão muito relevante: espalhar a Sua missão na Terra. E nós, nós temos como apóstolos manter a mesma missão que Cristo deu aos primeiros doze. Não somos diferentes dos primeiros, com nossos defeitos e anseios, pois somos os continuadores de Sua pregação vinte séculos depois.

Evita essa adulação ridícula que, talvez de um modo inconsciente, manifesta às vezes a quem governa, convertendo-te em alto-falante sistemático dos seus gostos ou das suas opiniões em pontos intranscendentes. - Põe mais cuidado ainda, no entanto, em não te empenhares em apresentar os seus defeitos como pormenores simpáticos, mostrando uma familiaridade que o desautoriza, ou - o que seria prestar-lhe um triste serviço! - chegando à deformação de converter o que não está certo em algo engraçado.

Temos que aprender a não adular, principalmente as pessoas que estão acima de nós, no comando de uma enorme variedade de funções que têm os homens na Terra. A adulação faz mal a quem a recebe, se não tiver o bom senso de não desconsiderá-la, e a quem a faz, porque sabe que a está fazendo para ficar bem e com segundas intenções. Normalmente, valorizam-se demais méritos inexistentes ou, em excesso, os erros praticados. A adulação incentiva a vaidade, que Erasmo dizia ser o instrumento maior para a loucura governar os homens, faz um enorme mal às almas e gera uma falsidade sobre os fatos, afastando os homens de Deus, por apropriação indébita dos valores que são por Deus dados a Seus filhos.

Crias à tua volta um clima artificial, de desconfiança, de suspeita, porque, quando falas, dás a impressão de estar jogando xadrez: cada palavra, pensando na quarta jogada posterior. Repara que o Evangelho, ao relatar a triste figura cautelosa e hipócrita dos escribas e fariseus, diz que faziam perguntas a Jesus, expunham-Lhe questões, “ut caperent eum in sermone” - para retorcer as suas palavras! - Foge desse comportamento.

Quando falamos, devemos falar com naturalidade. Nada de palavras rebuscadas que mais afastam do que aproximam de Deus. Não somos jogadores de xadrez que jogamos no erro dos adversários ou dos marqueteiros dos políticos que buscam, nas campanhas, pegar as frases dos adversários para distorcê-las. Assim eram os fariseus, aguardando cada manifestação de Cristo para, distorcendo-a, encontrar um motivo para atacá-Lo, como os milagres aos sábados em que preferiam ver um homem sofrer – nunca uma vaca – a ver o sábado ser, na sua distorcida visão, maculado por um milagre! Temos que ser naturais e simples em nossas falas para conquistar almas para o Senhor.

A naturalidade nada tem que ver com a grosseria, nem com a sujeira, nem com a pobretice, nem com a má educação. Alguns empenham-se em reduzir o serviço a Deus ao trabalho com o mundo da miséria e - perdoai - dos piolhos. Esta tarefa é e será necessária e admirável; mas, se ficarmos exclusivamente nisso, além de abandonarmos a imensa maioria das almas, quando tivermos tirado os necessitados dessa situação, iremos ignorá-los?

Muitos entendem que servir a Deus é apenas cuidar dos pobres. É uma visão equivocada. Se só os pobres interessam, os que são da classe média e aqueles que são ricos são ou não filhos de Deus? E se todos forem pobres, onde estarão os que poderão auxiliá-los. A verdadeira vida cristã é fazer não todos os ricos, pobres, mas todos os pobres ricos, mas tendo a pobreza de espírito, para não se sentirem donos das riquezas, mas para utilizá-las de uma maneira nobre, para o bem dos demais. Há ricos que são pobres e pobres que são ricos, pois é o espírito que comanda. Quem quer a riqueza como um fim e não como um meio, não é dono da riqueza, mas é a riqueza que é dona dele, pois vive só para isto. Quem a utilizar como meio, não se deixa dominar por ela.

Dizes que és indigno? - Pois então... procura tornar-te digno. E pronto.

Todos nós somos indignos. A oração que fazemos antes da comunhão, lembrando o centurião perante Cristo, é a oração diária. O que não podemos é ficar numa posição de passividade na nossa indignação. Temos que reagir sempre, como diz nosso Padre: temos que lutar por ser dignos. É a única forma de podermos seguir a Cristo, acompanhá-Lo e ter utilidade para Sua missão de salvar o mundo. Sabemos que erramos sempre. Que, como dizia Madre Teresa de Calcutá, o pecador pode ser um santo, pois santos são os pecadores que não desistiram. Temos que buscar a santidade, dentro do conhecimento da nossa indignidade, lutando para vencê-la. Somos filhos de Deus, e Deus espera que cada um de nós cumpra o plano que preparou para nós na vida

Que ânsias tens de ser extraordinário!... - O que acontece contigo é... vulgaríssimo!

Quando temos ânsias de sermos reconhecidos, temos que nos perguntar: para quê? Para que os outros nos elogiem, considerem-nos pessoas importantes, que devem ser admiradas? Ou fazemos para servir a Deus? Estas perguntas devemos fazer sempre. Todo o talento que, porventura, temos foi Deus que nos deu. O mérito não é nosso. Se devemos a Ele, é a Ele que temos que servir, pois para isto Ele nos criou. Quando nos apropriamos do mérito dEle, pensando que é nosso, percebemos, claramente, que nós nos tornamos deuses de nós mesmos, desejando toda a glória do mundo. A vaidade, o orgulho, a soberba, o amor-próprio tomam conta da pessoa, e esta se coloca no centro do mundo, perdendo a dimensão de sua pequenez num Universo de quase quinze bilhões de anos, desde o “Fiat lux” de Deus. Não somos ninguém. Tudo devemos a Deus.

Bem-aventurada és tu porque acreditaste, diz Isabel à nossa Mãe. - A união com Deus, a vida sobrenatural, comporta sempre a prática atraente das virtudes humanas: Maria leva a alegria ao lar de sua prima, porque “leva” Cristo.

Santa Isabel reconheceu, de imediato, que Maria carregava o Filho de Deus. E seu grito de reconhecimento e alegria ressoa, na humanidade inteira, há mais de dois mil anos. “Por que acreditaste”, Deus veio à Terra. As virtudes de Maria geraram, no Universo, o insuperável cântico do Magnificat. A serva do Senhor será proclamada Bendita até o final dos tempos. E Mãe de todas as virtudes, levou esta alegria ao lar de Isabel, onde também o Senhor Deus do Universo realizou o milagre da concepção em idade avançada. A verdade é que a alegria que Maria levou ao lar de Isabel devia-se fundamentalmente por levar Cristo em Seu ventre. Cristo entrou na casa de Zacarias e Isabel, trazendo-lhes a alegria que todos nós, cristãos, podemos ter quando também trazemos Cristo ao nosso lar para oração, exaltação e ação e, principalmente, quando O recebemos na Eucaristia.

VERACIDADE

Fazias a tua oração diante de um Crucifixo, e tomaste esta decisão: é melhor sofrer pela verdade, do que a verdade ter que sofrer por mim.

A frase é gráfica: é melhor sofrer pela verdade do que a verdade sofrer por mim. Os apóstolos, todos mártires – só de João não se tem certeza se foi – sofreram pela verdade e não a renegaram, enquanto os fariseus e escribas não quiseram se curvar à verdade do Deus vivo, revoltando-se com os milagres e os ensinamentos de Cristo para conservarem seus privilégios, prestígio e riqueza. Viveram, os apóstolos, a verdade mais verdadeira, pois o próprio Deus, presente em suas vidas, sofreu por eles. A mentira dos fariseus provocava a destruição de Jerusalém no ano 70, que só voltou às mãos de seu povo em 1946. Temos, em todas as nossas ações de verificar se estamos ao lado da verdade ou de nós mesmos, preferindo o nosso conforto à defesa da verdade de Deus.

Muitas vezes a verdade é tão inverossímil!..., sobretudo porque sempre exige coerência de vida.

Os que gostam de narrativas para contar os fatos, interpretando-os e inventando realidades, à evidência, são forjadores de mentiras e terminam detestando verdades ou a realidade real. Aqueles que, como Aristóteles, diziam que buscam a verdade, no que encontram a coerência de sua vida, terminam por colocá-la acima das contingências, das amizades, das preferências, pois é a verdade que deve condicioná-las, e não elas condicionarem a verdade. Por isso respondeu, quando suas ideias foram postas em choque com as de Platão: “Sou amigo de Platão, mas, mais amigo da verdade”. Assim devemos ser, lutando pela “verdade verdadeira”, por mais inverossímil que pareça, no momento, visto que aqueles que a ouvem, muitas vezes, são contaminados, por narrativas fantasiosas sobre a vida e sobre Deus.

Se te incomoda que te digam a verdade, então... por que perguntas? - Pretendes talvez que te respondam com a tua verdade, para justificares os teus descaminhos?

Quando nos importamos quando nos dizem a verdade, se perguntamos, realmente, é que não desejaríamos ouvir a verdade. Queríamos ouvir a nossa verdade, que normalmente é uma mentira disfarçada de verdade. Quando se diz que o melhor negócio do mundo é vender o ego de alguém pelo que a pessoa acha que vale e adquiri-lo pelo que realmente vale. Nós temos pele de criança para reconhecermos nossos defeitos, sendo sensíveis a tudo, e, por isso, nos revestimos de pele de rinoceronte para não vermos os nossos defeitos. À crítica, nossa pele reage como criança; à autocrítica, como rinoceronte. Temos que aprender, para corrigir nossos descaminhos, a ouvir com paciência críticas e conselhos, única forma de podermos progredir no caminho de Deus e dos homens, pois Deus nos colocou na Terra para sermos apóstolos levando Sua mensagem a toda a Terra.

Garantes que tens muito respeito pela verdade... É por isso que te colocas sempre a uma distância tão “respeitosa”?

Não poucas vezes dizemos que o nosso respeito pela verdade é imenso. Que, na vida, procuramos sempre encontrá-la e respeitá-la. A nossa meta é vivê-la sempre, venerando-a, pois, senão, a vida se transforma numa farsa. Temos, todavia, que nos perguntar: será que este respeito não nos faz ficar longe da verdade? Temos medo de não estarmos à altura de defendê-la e, sob a falsa alegação, de que esta defesa é para aqueles que sabem fazê-la, com talento e inteligência que não temos? E, com isto, assistimos ao avanço da mentira. O nosso respeito à verdade coloca-nos a uma distância “respeitosa”, a ponto de tornarmo-nos aliados da mentira. Temos que refletir muito sobre isto, mas não podemos ser covardes, com falsa motivação de falta de talento e excesso de respeito.

Não te comportes como um mentecapto: nunca é fanatismo querer conhecer cada dia melhor, e amar mais, e defender com maior segurança, a verdade que tens de conhecer, amar e defender. Pelo contrário - digo-o sem medo -, caem no sectarismo os que se opõem a esta conduta lógica, em nome de uma falsa liberdade.

Muitas vezes, com um falso sentido de liberdade, não queremos nos aprofundar nas verdades da criação da humanidade e de Deus! Restritos ao pequeno universo de nossos interesses pessoais, para os quais queremos ter liberdade total, caímos nesta falsa visão do modernismo de que nossa meta é ser feliz, mais do que fazer os outros felizes. E, com isto, terminamos por reduzir o Universo, o tempo, a eternidade, a criação e Deus ao nosso limitado mundo de alguns metros quadrados da propriedade e ao exercício de alguma atividade, principalmente se nos der visibilidade. Nossa alma é eterna, nossa vida de uma transitoriedade fantástica. E, assim agindo, vivemos numa gangorra permanente de sucessos e fracassos, em que, sendo o centro de nossas atenções, tudo perderemos com a morte. Por esta razão, quem faz a opção por Deus e a eternidade, mesmo nas turbulências, é feliz, e o que opta pelo seu bem pessoal, mesmo com riquezas e poder, é inquieto.

Torna-se fácil - o mesmo acontecia no tempo de Jesus Cristo - dizer “não”: negar ou pôr reservas a uma verdade de fé. - Tu, que te declaras católico, tens que partir do “sim”. - Depois, mediante o estudo, serás capaz de expor os motivos da tua certeza: de que não há contradição - não pode havê-la - entre Verdade e ciência, entre Verdade e vida.

Não há contradição entre a fé e a ciência, entre a religião e a ciência. Pela graça e pela fé chegamos a Deus, mas depois, estudando e nos preparando, percebemos que não há contradição. No meu curso “Uma breve introdução ao Direito”, mostro que há um momento da história da Terra em que os seres vivos recebem, além da inteligência, a consciência, alma, espírito – dê-se o nome que se disser – o que os distingue das outras espécies. Os orientais sempre falaram e escreveram, à luz das imagens; Cristo mesmo ensinou, para a época, pelo prisma das parábolas. Já, no Gênesis, todavia, o Big Bang, relatado como o “Fiat Lux” na ordem da criação do Universo de bilhões de anos em seis dias, relata, metaforicamente, rigorosamente a ordem do surgimento dos astros, da Terra e da vida. Temos que aprender a ler a ciência, através da Palavra de Deus relatada para a cultura e o povo da época, o certo é que qualquer hebreu antigo conhecia, antes dos cientistas, como o Universo foi criado.

Não abandones a tarefa, não te afastes do caminho, mesmo que tenhas de conviver com pessoas cheias de preconceitos, como se a base dos raciocínios ou o significado dos termos se definissem pelo seu comportamento ou pelas suas afirmações. - Esforça-te para que te entendam..., mas, se não o consegues, segue em frente.

Nos ambientes difíceis, nós não podemos nos acovardar. Temos que ser sempre os mesmos. Não podemos renunciar aos nossos valores. Mesmo que os outros não nos entendam e nos ataquem, temos que reagir com serenidade, mantendo nossas convicções, agindo com naturalidade, não retorquindo com ataques e até rezando pelos que nos atacam, pois assim sugeria o nosso Padre. Tais ataques não abalam o nosso apoio no Senhor, e, se mantivermos a nossa maneira Cristã de ser, escorregarão como a água da chuva escorrega pelos monumentos até desaparecer, e o sol da verdade secá-la. Esta, tem que ser a nossa maneira cristã de enfrentar a vida, de servir a Deus, de ganhar paz interior nas turbulências e servir a Deus. Assim deveríamos ser todos os cristãos.

Encontrarás pessoas a quem, pela sua obtusa teimosia, dificilmente poderás persuadir... Mas, fora esses casos, vale a pena esclarecer as discordâncias, e esclarecê-las com toda a paciência que se faça necessária.

Muitas vezes, por mais que tentemos, não conseguimos convencer pessoas enraizadas em seus gostos, preferências e autoconvicções de sua superioridade de intelecto e sobre a própria vida. Não devemos nos importar. Isto acontece desde tempos imemoriais. Na maioria das vezes, convencê-las das verdades extras demanda tempo, paciência, perseverança, amizade, confiança e uma vontade enorme de servir a Deus. Cada conquista, neste campo, é uma vitória fantástica, pois, se cada alma vale o Universo, uma alma para Deus vale tudo. Somos apóstolos modernos e, assim, devemos agir sempre, todos os dias e momentos, como fizeram os apóstolos no passado. Deus nos deu uma missão como aos primeiros doze. Temos que cumpri-la.

Alguns não ouvem - não desejam ouvir - senão as palavras que têm na sua cabeça.

No nosso apostolado, não poucas vezes, encontraremos aquelas pessoas que só querem ouvir o que diz respeito a elas. Querem ouvir o que têm na cabeça, o que mais agrada, os elogios, muitas vezes falsos, interesseiros, quando não apenas protocolares, que lhes dão a ilusão de que são merecidos. Estas têm os ouvidos fechados às mensagens de Deus e da eternidade, pois o seu mundo se resume em serem eles deuses de si mesmos. Não podemos deixar de rezar por elas, não entrando na banalização de seguirmos o cortejo daqueles que as elogiam com segundas intenções. Temos, todavia, como apóstolos, um longo caminho pela frente e, portanto, temos que buscar os que poderão se tornar também apóstolos.

Para tantos, a compreensão que exigem aos outros consiste em que todos passem para o seu partido.

Muitos colocam um ponto final sempre que lhes levamos a verdade da vida e da eternidade: “Vocês têm que nos compreender, pois assim é a vida”. A sua compreensão, todavia, é que deixemos os valores que vivemos para viver como eles, pois, para eles, assim é a vida e não há o que modificar. Temos, pois, uma árdua tarefa: compreendê-los como pessoas, mas temos que tentar substituir os valores temporais em que vivem, por valores eternos; o passageiro e transitório, pelo duradouro e eterno. Saber ponderar o momento de apoiar uma amizade real e fraterna, buscar levar o errado para o acerto, afastando o equívoco e mostrando aquilo que vale a pena na vida, é a vida do verdadeiro apóstolo. Pensemos bem.

Não posso acreditar na tua veracidade, se não sentes mal-estar - e um mal-estar incômodo! - ante a mentira mais pequena e inócua, que nada tem de pequena nem de inócua, porque é ofensa a Deus.

Quando pretendem fazer da mentira verdade, como fazem os modernistas que não creem em Deus e falam que a ciência tudo explica, temos que, com serenidade, rebatê-los. A ciência tem uma característica que é sempre chegar atrasada. Qualquer hebreu analfabeto, milênios atrás, sabia da existência do “Big Bang” que deu início ao Universo, pela Bíblia, ao ler que Deus disse “Faça-se a luz” e a grande explosão iluminou o vazio. Qualquer judeu das doze tribos sabia da ordem da criação da vida na Terra, pelo Gênesis, algo que só, nos últimos séculos se soube. Os “sábios” que negam a Deus não sabem por que existimos, a razão da criação, qual é o destino depois da morte e qual é o verdadeiro sentido da vida. Não sabem de onde viemos, para onde vamos, se o Universo comporta outras formas de vida, e afirmam, sem qualquer evidência ou prova, que Deus não existe!!! O ignorante soe incomoda, mas não passa de um ignorante; por isto temos que defender as verdades eternas.

Por que olhas, e ouves, e lês, e falas, com intenção baixa,
e tratas de captar o “ruim” que habita, não na intenção
dos outros, mas somente na tua alma?

Não podemos apenas ver o lado negativo das pessoas. Na maior parte das vezes, não há nada de errado nos outros, que têm mais qualidades que defeitos. Procuramos, todavia, desconhecer as qualidades e exagerar os defeitos, com o que terminamos murmurando, criticando, sem perceber que, também na maior parte das vezes, temos mais defeitos que qualidades, se vemos nos outros defeitos que não conseguimos corrigir na nossa maneira de ser. Temos que conter um hábito comum nas pessoas: as “fofocas”, pois, muitos gostam de ouvir notícias sobre escândalos, comportamentos indignos e acabam por passar adiante numa cadeia de distorções de imagem. Lembrar Nosso Padre, que dizia: se não podemos falar bem de alguém, pelo menos silenciemos, não falando mal.

Quando não há retidão naquele que lê, torna-se difícil que descubra a retidão daquele que escreve.

A retidão de intenção em ver os fatos é relevante. Em ler, sem preconceitos, os textos que temos que ler. Não entrar, sem conhecer o que se vai ler, já tendo uma opinião pré-estabelecida. Quem lê sem intenção, não consegue descobrir a reta intenção de quem escreveu, isto porque já tem uma opinião definida antes de ler. Lembra aquela brincadeira irônica de um sujeito preconceituoso que, perguntado sobre determinado livro, respondeu: “Não li e não gostei”. Assim são muitos na vida, que não encontram o caminho de Deus, que se encontra à sua frente, porque não querem, deliberadamente, encontrá-Lo, mesmo quando fingem o estar procurando. Preconceito é um conceito formado antes de se enfrentar o próprio conceito. É juízo pré-formado antes, e, portanto, sempre errado.

O sectário só vê sectarismo em todas as atividades dos outros. Mede o próximo com a medida raquítica do seu coração.

Todos os radicais veem radicalizadores nos outros. Medem o seu coração com a mesma régua que medem os outros, embora não reconheçam que têm o mesmo defeito dos outros, se não piores. Do Nosso Padre aprendi que, quando somos atacados pelos outros, a primeira coisa a fazer é rezar por eles. Depois, temos que verificar até que ponto os defeitos que vemos nos outros nós também não os temos. E, por fim, verificar o que podemos fazer para corrigi-los, melhorá-los, esclarecê-los, mas antes tentando corrigir os mesmos defeitos que vemos nos outros. Estas três atitudes, auxiliam-nos a evitar juízos precipitados e refutáveis sobre as pessoas, a conviver melhor com elas e a nos sentirmos numa missão de pacificação, como Deus quer.

Causou-me pena aquele homem de governo. Intuí a existência de alguns problemas, aliás lógicos na vida..., e se assustou e se aborreceu quando lhos comunicaram. Preferia desconhecê-los, viver com a meia-luz ou com a penumbra da sua visão, para permanecer tranqüilo. Aconselhei-o a enfrentá-los com crueza e em plena luz, justamente para que deixassem de existir, e assegurei-lhe que então, sim, viveria com a verdadeira paz. Tu, não resolves os problemas, próprios e alheios, ignorando-os: isso seria comodismo, preguiça, abrir a porta à ação do diabo.

Temos que saber que, na vida, sempre haverá problemas a resolver. E, para quem tem cargos de direção, os problemas sempre serão maiores. O único caminho é enfrentá-los para resolver as dificuldades que aparecem. Ignorá-las, fingindo que não existem, é covardia. Nada fazer, deixando que as coisas se ajeitem por si mesmas, é fugir às responsabilidades. Não permitir que o certo seja feito é, quase sempre, permitir que o erro triunfe. Temos a obrigação de enfrentar as dificuldades, solucionar os problemas e dar exemplo de conduta. Já dizia o poeta que a vida é um combate que aos fortes engrandece. Não podemos nunca desistir. Só os fracos desistem. Deus nos criou com uma missão. Não podemos não tentar cumpri-la. Deus nos criou como uma “longa manus” na Terra e temos que lutar por cumpri-la, pois muitas coisas dependem do que fizermos.

Cumpriste com o teu dever?... A tua intenção foi reta?...
Sim? - Então não te preocupes se há pessoas anormais,
que descobrem o mal que só existe no seu olhar.

Cumprir o nosso dever. Cumprir, principalmente, aquele dever maior, que é seguir a Cristo. Temos que ter a paz e a tranquilidade do dever cumprido. Se outros nos atacam, por variados motivos – tais como não seguirem os preceitos do Criador e, atacando-nos, procuram amortecer sua consciência, porque querem estar de acordo com o mundo materialista, em que vivem. Não querem ser considerados estranhos, pelas dificuldades que têm em seguir os passos do Senhor, sendo mais fácil criticar quem segue; ou ainda por preguiça, covardia, fraqueza, mau caráter e outras justificativas injustificadas e injustificáveis –, não devemos nos importar e continuar serenos, pois que temos que dar contas a Deus de nossos atos e não aos homens. Nem por isso devemos deixar de ser gentis com quem nos segue ou não.

Perguntaram-te - inquisitivos - se julgavas boa ou má aquela tua decisão, que eles consideravam indiferente. E, com a consciência segura, respondeste: “Somente sei duas coisas: que a minha intenção é limpa e que... sei bem quanto me custa”. E acrescentaste: Deus é a razão e o fim da minha vida, e por isso consta-me que não há nada indiferente.

Quando trabalhamos para Deus, nada é indiferente, nada deixa de ter importância. Se os outros não compreendem, o problema é deles, não nosso. Muitas vezes, o trabalho para Deus não é fácil, custa, e as pessoas não compreendem a dificuldade deste trabalho. Mas assim não agiram os apóstolos? Não enfrentaram desafios, não superaram dificuldades, não lutaram para tornar Cristo e Sua mensagem conhecida em todo o mundo? Assim devemos ser nós nesta luta por servir ao Senhor. Ir sempre em frente: as sementes que caírem em terra boa darão frutos; as outras, que caírem entre espinhos, à beira da estrada ou em terra sem profundidade, não darão, mas tivemos o trabalho de lançá-las, à espera do milagre de frutificarem. Nossa missão é de semeador, mesmo nas intempéries, razão pela qual nada é indiferente.

Explicaste-lhe os teus ideais e a tua conduta, segura, firme, de católico: e pareceu que aceitava e compreendia o caminho. - Mas depois ficastes com a dúvida de saber se não teria abafado essa sua compreensão entre os seus costumes não muito corretos... Procura-o de novo, e esclarece-lhe que a verdade e coisa que se aceita para vivê-la ou para tentar vivê-la.

No apostolado, algo que acontece com certa frequência é mostrarmos o caminho a quem queremos trazer para Deus e, depois, de ter a pessoa aceito e concordado em seguir as lições do Senhor, ficar sufocada pelos velhos hábitos e viver em dúvida entre a nova e a velha estrada. Esta encruzilhada da vida leva-nos a ter que acompanhá-la e auxiliá-la a definir o melhor caminho a seguir. É que o homem velho, nas melhores pessoas, sempre luta para voltar a continuar a dominar os instintos de poder terreno, de riqueza, de sexo. Temos que auxiliar as pessoas que aceitarem seguir a Cristo a vencer o homem velho e a decidir pelo caminho mais limpo, puro, feliz, alegre de ser útil para este mundo e ganhar a eternidade pela correta escolha.

Quem são eles para querer experimentar primeiro?... Por que têm que desconfiar?, comentas-me. - Olha: responde-lhes, da minha parte, que desconfiem da sua própria miséria..., e prossegue com tranquilidade os teus passos.

Aqueles que não querem se esforçar por conhecer a Deus, que não querem deixar os hábitos adquiridos de amar o dinheiro, o sexo e o poder acima de tudo, que não querem ser criticados por sua maneira de ser, lutam para desmoralizar e perseguir aqueles que defendem a vida, a família, os bons costumes e uma existência de servir a Deus e ao próximo. Distorcem suas palavras, criam falsas narrativas e até procuram destruir a credibilidade dos bons cristãos, procurando equipará-los ao atraso e ao retrocesso. Em muitas vezes, aproveitam a fragilidade e os erros de alguns sacerdotes para generalizar, pretendendo que todos os cristãos seriam iguais. Não devemos nos importar e seguir adiante, com serenidade e determinação, pois, no tempo, a verdade prevalecerá, como prevaleceu depois de 300 anos de perseguição dos romanos, ao serem reconhecidos por Constantino.

Dão-te compaixão... - Com uma total falta de galhardia, jogam a pedra e escondem a mão. Olha o que sentença deles o Espírito Santo: “Ficarão confusos e envergonhados todos os forjadores de erros; todos à uma serão cobertos de opróbrio”. Sentença que se cumprirá inexoravelmente.

Todos aqueles que semeiam o mal, serão privados, de uma forma ou outra, aqui ou após a morte. Muitos fingem defender valores e praticam o mal, ou veladamente, ou gerando narrativas dissociadas dos fatos. Embora gerem obstáculos, plantam o joio e destroem o que há de melhor no ser humano. Nossa atitude é, de um lado, com serenidade continuar a defender os princípios que geram o bem e, com serenidade, não desviar a nossa conduta, pois somos pregadores das lições de Cristo, no mundo, e de Seus valores, para que seja um mundo melhor. O cristão não escolhe o momento, pois, bem ou mal, é sempre o momento da pregação em que se procura levar novas almas para Deus, rezando pelos que nos atacam.

Dizes que são bastantes os que difamam e murmuram daquele empreendimento apostólico?... - Pois bem, logo que tu proclamas a verdade, pelo menos já haverá um que não criticará.

Muitos criticam as obras apostólicas, tudo o que se faz para Deus, com um duplo objetivo: afastar as pessoas de Deus e de acomodarem seus problemas de consciência por não terem uma vida virtuosa e, desta forma, se justificarem perante si mesmos por seus erros, que passam, então, a não considerarem erros quando são pecados. Muitos até mesmo o fazem, não porque gostariam de fazer, mas por respeito humano, para ficarem bem com o meio em que vivem. Como dizia Nosso Padre: nós temos que, apesar das críticas, continuar, serenamente, defendendo o justo, as lições do Mestre de todos, pois este é nosso dever. E assim fazendo deixaremos de ser um daqueles pobres mortais, que atacam a Deus. É um menos para atacar, e um mais para defender.

No trigal mais belo e promissor, é fácil carpir carradas de saramagos, de papoulas e de capim... - A respeito da pessoa mais íntegra e responsável, não falta, ao longo da história, com que encher páginas negras... Pensa também quanto não têm falado e escrito contra Nosso Senhor Jesus Cristo. - Aconselho-te que - como no trigal - colha as espigas brancas e graúdas: a verdadeira verdade.

Todos nós somos trigais de Cristo, onde, ao lado do trigo, crescem ervas daninhas plantadas por nós mesmos e por outros. Temos que saber colher as espigas de trigo, queimando as ervas daninhas ou desprezando-as. Se pretendermos não nos incomodar com as ervas daninhas, elas poderão tomar conta do campo e sufocar o trigo. Todos nós, pois, somos pecadores, temos os nossos momentos negros, ocorridos por culpa nossa, seja por ação, seja por omissão. Temos que, pela confissão, apagar os momentos negros e cuidar dos espaços limpos do serviço a Deus, plantando o trigo e colhendo uma safra farta.

Para ti, que me afirmaste que queres ter uma consciência reta: não esqueças que acolher uma calúnia, sem impugná-la, é converter-se em coletor de lixo.

A consciência reta impõe-nos a não ficar em silêncio perante uma calúnia. Podemos ficar em silêncio diante das críticas às nossas ideias, quando percebemos que têm um único intuito: de provocar polémica, valorizando aquele que critica. A não resposta fere mais quem critica, por sentir que não provocou nem reação, nem abalo, sendo ignorada, do que se tiver a réplica. A difamação de terceiros que conhecemos não pode, entretanto, prosperar, pois, se temos elementos para contradizê-la, é nossa obrigação contestar, com serenidade e, argumentos, muitas vezes até convencendo quem difama “por ouvir dizer”, de que está errado.

Essa tua propensão - abertura, como lhe chamas - para admitir facilmente qualquer afirmação que vá contra aquela pessoa, sem ouvi-la, não é precisamente justiça..., e muito menos caridade.

Não poucas vezes temos tendência a aceitar qualquer juízo que se faz, à boca pequena, sobre as pessoas, sem ouvir os seus motivos e os contra-argumentos. A justiça só se faz quando há contraditório, quando se ouvem as duas partes. Aceitar como boa uma opinião “por ouvir dizer” ou por alguém que se considera atingido por outro, sem procurar conhecer todos os dados a respeito e ouvir a versão alheia, é falta de caridade; é forma de dar campo para que a injustiça possa prevalecer. Devemos ter sempre a hombridade de não fazer juízos precipitados e negativos sobre as pessoas, sem ouvir todos os que as acusam e as defendem, ou seja, as duas partes. Isto é fazer justiça.

A calúnia, às vezes um mal aos que a padecem... Mas a quem verdadeiramente desonra é aos que a lançam e difundem..., e depois carregam esse peso no fundo da alma.

As calúnias sempre causam danos ao caluniado, mas quem as difunde deve ficar com um peso na consciência e na alma até o fim da vida. Mais do que isto, perante si mesmos, ficam desonrados, a não ser que busque desfazer o mal que fez. Quando o caluniador tem condições de desfazer o mal que fez e não o desfaz, é duplamente desonrado: por ter desfigurado a imagem de quem não deveria, nem poderia tê-la desfigurado e, depois, porque, ao ver o mal que fez e continuar calado é pusilânime, perante quem ama a verdade e um agressor a Deus, que quer ver todos os Seus filhos dignos, justos e fraternais e não ardilosos, mentirosos e sórdidos. A melhor forma de viver a justiça é não fazer juízos precipitados e negativos sobre as pessoas.

Por que tantos murmuradores?, perguntas-te magoado.
- Uns, por erro, por fanatismo ou por malícia. - Mas a maioria repete o boato por inércia, por superficialidade, por ignorância. Por isso, volto a insistir: quando não puderes louvar, e não seja necessário falar, cala-te!

Não poucas vezes nos aborrecemos quando vemos tanta murmuração e tanta maledicência. Boatos são repetidos por malícia, ignorância, inércia, fanatismo ou superficialidade, sem que se procure averiguar a verdade ou, pelo menos, se vêm de fonte confiável. Quanto mais vemos o mundo construir narrativas longe dos fatos, vivendo o poder político, em não poucos países de histórias forjadas, e a população manipulada, percebe-se que o apóstolo tem uma função relevante, qual seja, a de difundir a verdade; quando não é obrigado a falar, calar-se; quando não se puder louvar, não ceder à tentação de seguir relatos que são mais criação de quem tem objetivos pouco louváveis do que expressão da verdade. Esta é nossa missão.

Quando a vítima caluniada padece em silêncio, os “carascos” assanham-se na sua valente covardia. Desconfia dessas afirmações rotundas, se aqueles que as propugnam não tentaram, ou não quiseram, falar com o interessado.

Muitas vezes, nas calúnias, todos os que são caluniados, sofrem, não podendo combatê-las, quando generalizadas pela maldosa proliferação da denominada “boca pequena”, pois não se conhece a origem e, quando se conhece a origem, pela difusão ocorrida, já não tem eficácia de se esclarecer a origem. E a valentia covarde dos detratores, que maculam as imagens das pessoas sem terem tido a preocupação de ouvir o caluniado, torna-os pusilânimes, tanto maiores quanto mais se negarem a procurar a verdade dos fatos e se firmarem em suas inescrupulosas negativas. É inacreditável que não tenham problemas de consciência pelo mal que fazem e como esse agir fere a fraternidade dos povos.

Existem muitos modos de fazer um inquérito. Com um pouco de malícia, dando ouvidos às murmurações, reúnem-se dez volumes de bom tamanho contra qualquer pessoa nobre ou entidade digna. - E mais, se essa pessoa ou entidade trabalha com eficácia. - E muito mais ainda, se essa eficácia é apostólica...

Quando se quer condenar alguém, apenas pela vontade ou por qualquer outro motivo, podemos criar narrativas, adulterar os fatos e forjar provas. O “ouvir dizer” é suficiente, na maior parte das vezes, para se considerar o que se deseja que seja verdadeiro. Na verdade, os que investigam já tendo opinião formada idêntica ao que acusam são os mais culpados. Os que julgam, também, por não se aprofundarem no contencioso, procurando conhecer o outro lado, não ficam atrás de todos os demais que aceitam como verdade a narrativa difamadora. Quando isto se faz, entretanto, contra as coisas de Deus e, principalmente, contra Suas verdades e Suas obras, o mal é muito maior e merece repúdio das pessoas de bem, porque se atinge o Próprio Deus.

Esses - dizia ele com pena - não apreendem Cristo, mas uma máscara de Cristo... Por isso carecem de critério cristão, não alcançam a verdade e não dão fruto. Não podemos esquecer, nós os filhos de Deus, que o Mestre anunciou: “Quem vos ouve, a Mim ouve...” - Por isso, temos de procurar ser Cristo; nunca a sua caricatura.

Grande parte dos que se dizem cristãos não têm a exata visão da imagem de Cristo. Ou veem-no como alguém que deve ser considerado como um Deus distante, mas que não diz respeito à vida diária de cada um, ou como uma convenção social, mas não como o Deus vivo, presente na vida de cada um de nós. Nossa missão deve ser a de lhes mostrar a verdadeira imagem de Cristo, para estas pessoas que negam o Senhor, mas não conseguem ver como é. À evidência, para que sejamos os apóstolos que Deus veio ao mundo para gerar, nós mesmos não podemos ter uma imagem desfigurada de Cristo. Temos que lutar por ver, como foi para os apóstolos, ou seja, para os primeiros doze, o Senhor Deus do Universo, feito homem. Para isto, portanto, temos que ter um bom diretor espiritual e estudar em bons livros e Escrituras.

Neste caso, como em tantos outros, os homens mexem-se - todos julgam ter razão -..., e Deus os guia: quer dizer, por cima das suas razões particulares, acabará por triunfar a imperscrutável e amorosíssima Providência de Deus. Deixa-te, pois, “guiar” pelo Senhor, sem te opores aos seus planos, ainda que contradigam as tuas “razões fundamentais”.

Temos sempre, na vida, que conviver com pessoas de formação variada no campo da religião, da cultura, da política, dos costumes etc. Estamos sempre nos movimentando para os mais variados objetivos. Mas nós, aqueles que Deus colocou como apóstolos, temos que tudo fazer para certificar o nosso trabalho humano, sabendo sempre que a providência e os desígnios de Deus, muitas vezes, podem ser diferentes de nossas “razões humanas”. Não poucas vezes teremos que mudar os nossos objetivos, o que queremos, para seguir aquilo que Deus dispõe, assim como sofrer contradições, dificuldade, problemas, porque assim Deus o quer.

É uma experiência penosa observar que alguns, menos preocupados em aprender, em tomar posse dos tesouros adquiridos pela ciência, se dedicam a construí-la ao seu gosto, com procedimentos mais ou menos arbitrários. Mas essa comprovação deve levar-te a redobrar o teu empenho em aprofundar na verdade.

As pessoas que gostam de viver de narrativas, quando na cátedra do ensino, menos preocupadas com os tesouros da ciência e mais de querê-la moldada à sua imagem e semelhança, fazem um terrível mal. Não querem ver a verdade dos fatos, mas apenas a sua visão pessoal, construída para adaptá-la a seus gostos. Ora, nós temos que procurar a verdade dos fatos e não construir narrativas em que os fatos pouco valem, mas o que vale é a própria narrativa. Não podemos ser assim. Temos que sempre buscar a verdade e não interpretá-la ao nosso gosto. Só assim poderemos dar sentido à própria vida e não fazer dela uma fraude, que tornaria sua existência uma existência sem peso.

Mais cômodo do que pesquisar é escrever contra os que pesquisam, ou contra os que contribuem com novas descobertas para a ciência e para a técnica. - Mas não devemos tolerar que, além disso, esses “críticos” pretendam erigir-se em senhores absolutos do saber e da opinião dos ignorantes.

Criticar é mais fácil do que construir. Qualquer ignorante pode destruir uma escultura de um artista com um martelo ou uma pintura com uma faca. Normalmente, no campo moral, aqueles que atacam a verdade têm como premissa do ataque não ter se aprofundado na matéria. Quase se pode aplicar a estes, com um conhecimento superficial, que atacam as verdades da religião e da moral, a frase: “Não li e não gostei”. Tal ignorância dita a crítica, e o não querer estudar o que criticam dita a “superioridade intelectual” dos que nada sabem. Nem querem saber. O mesmo acontece quando esta realidade ocorre, no campo da cultura e da ciência. A ignorância pretende fazer a verdade, mas gera a mentira e a fragilidade no conhecimento. Saibamos livrar-nos deste mal.

“Não fica claro, não fica claro”, contrapunha aquele homem à afirmação segura dos outros... E o que ficava claro era a sua ignorância.

Esta parte do Sulco é muito dura com aqueles que teimam em não seguir a Cristo, alegando falta de clareza na fé. Chama-nos de ignorantes. O amar a Deus impõe conhecer as verdades, os “claros-escuros”, com tudo o que é explícito. É claro, por exemplo, que, no “Genesis”, há existência do “Big Bang”, com a frase “Deus fez a luz”, milênios antes dos cientistas chegarem à mesma conclusão. É claro também, no Gênesis, que a ordem da criação do Universo, da Terra e dos seres vivos, nos seis dias correspondentes aos bilhões de anos, é a mesma que os cientistas descobriram milênios depois. Isto significa dizer que a linguagem revelada por Deus, nos escritos bíblicos, nestas verdades claras, mostra que podemos preencher, pelos vazios, com nossa fé, a verdade eterna.

Aborrece-te ferir, criar divisões, demonstrar intolerâncias..., e vais transigindo em atitudes e pontos - não são graves, garantes! - que trazem consequências nefastas para tantos. Perdoa a minha sinceridade: com esse modo de proceder, caís na intolerância - que tanto te aborrece - mais néscia e prejudicial: a de impedir que a verdade seja proclamada.

Muitas vezes, por respeito humanos, não queremos nos envolver em discussões, nem nos opormos, por comodismo ou covardia, aos ataques à verdade, tornamo-nos tão mentirosos quanto os detratores. Na verdade, temos que ser sempre cautelosos, prudentes, escolhendo o melhor momento de mostrar o que é certo, o que não implica, nitidamente, ficar calado quando a detração toma corpo numa conversa, numa reunião ou até mesmo num debate acadêmico ou público. Deixar que o argumento mentiroso prevaleça num ambiente em que a mentira pode se difundir é ficar do “lado do inimigo”. Temos, nestes momentos, que defender nossos valores com tranquilidade e segurança para que os verdadeiros valores sejam conhecidos.

Deus, pela sua justiça e pela sua misericórdia - infinitas e perfeitas -, trata com o mesmo amor, e de modo desigual, os filhos desiguais. Por isso, igualdade não significa medir a todos com a mesma bitola.

Deus é Pai. Se nós tratamos nossos filhos segundo suas dificuldades e problemas, dedicando-nos mais aos doentes, porque precisam mais do que os sãos, o que vale dizer, de forma desigual segundo suas necessidades, é de se compreender que tratemos com idêntico amor, mas diferentemente, nossos filhos. Com muito mais razão, o Senhor Deus do Universo que é nosso Pai, deve nos tratar a todos os Seus filhos de acordo com suas necessidades e dificuldades. Não se pode medir o tratamento com a mesma régua, pois o amor se mede tratando desigualmente os desiguais. Desta forma, o Dono da Terra pagou com a mesma moeda, ou seja, amou os que começaram a trabalhar à primeira hora quanto os da última, por trabalho diferente.

Dizes uma verdade a meias, com tantas possíveis interpretações, que se pode qualificar como... mentira.

Na defesa da verdade não há possibilidade de duas interpretações. Não há como criar inúmeras vertentes que, de rigor, significam uma maneira de fugir da verdade e buscar outros caminhos. Por exemplo: o princípio da dignidade humana. O ser humano é ser humano desde a concepção, e este princípio deve ser aplicado ao nascituro desde a concepção. Não se pode determinar que a mulher, pelo princípio da dignidade humana, tem o direito de matar seu filho em seu ventre, sob a alegação de que o corpo é seu. O homicídio uterino é uma mentira que não pode ser acobertada pelo princípio da dignidade humana da mulher. A verdade é uma só e não admite interpretações múltiplas que podem gerar a mentira.

A dúvida - no terreno da ciência, da fama alheia - é uma planta que se semeia facilmente, mas que custa muito a arrancar.

Quando levantamos qualquer tipo de dúvida sobre as pessoas, nós podemos fazê-lo sem esforço, apenas por dizer ou comentar, desfigurando, de certa forma, a imagem alheia. A semente da dúvida lançada, que se faz sem qualquer dificuldade, todavia, é muito difícil de arrancar, mesmo quando se comprove que aquela dúvida não tinha razão de ser. É que a disseminação da dúvida chega a muita gente, enquanto a demonstração de sua não razão de ser, nem a todos, e mesmo quando chega a todos, o que é difícil, os que a recebem raramente a divulgam como divulgam a calúnia alcandorada em uma dúvida. Seremos homens de uma peça só: não falando sem certeza e, às vezes, mesmo com certeza, calando-nos, para não correremos o risco do julgamento injusto.

Fazes-me lembrar Pilatos: “Quod scripsi, scripsi!” o que escrevi não se muda... -, depois de ter permitido o crime mais horrível. - És inamovível! mas deverias ter assumido essa posição antes..., não depois!

Muitas vezes, nós somos intransigentes no periférico e transigentes no essencial. Pilatos sabia que Jesus era inocente das acusações. Sua mulher, mais corajosa e mais digna do que ele, pediu para que não o condenasse. Mas ficar bem com os poderosos foi mais forte. Bastou dizerem em que Roma não gostaria que uma pessoa fosse considerada rei sem autorização de César, e foi o suficiente para entregá-Lo à fúria dos sacerdotes hebreus, dizendo para todos que lavava as mãos daquela condenação. Mas autorizou-a, sendo tão responsável quanto eles. E depois resolveu não ceder às questões da placa, talvez, com segundas intenções, de dizer que crucificou a Jesus que era rei autoproclamado dos judeus, esperando, talvez, com isto, ter compensações políticas do imperador. Foi sempre covarde.

É virtude manter-se coerente com as próprias resoluções. Mas, se com o passar do tempo mudam os dados, é também um dever de coerência retificar o enfoque e a solução do problema.

A coerência na vida implica, necessariamente, a manutenção dos princípios essenciais próprios da vida cristã, que são imutáveis, pois ensinados pelo próprio Cristo. É bom também manter a coerência na solução de problemas, mas, se as circunstâncias mudarem, sem mudar os primeiros, é também coerente adaptar-se às mudanças dos tempos. A coerência é manter-se imutável nos princípios da vida, e ao mesmo tempo, adaptado à realidade dos tempos, até mesmo quanto à linguagem do evangelizador como Cristo, que falava no dom das línguas para evangelizar, levando em conta a cultura dos povos e, certamente, a evolução do mundo, que, se crescesse em bom senso, como cresce na velocidade da ciência, seria muito melhor.

Não confundas a intransigência santa com a teimosia obtusa. “Quebro, mas não me dobro”, afirmas ufano e com certa altivez. - Ouve-me bem: o instrumento quebrado torna-se imprestável, e deixa aberto o campo àqueles que, com aparente transigência, impõem depois uma intransigência nefasta.

A teimosia obtusa é própria dos que transigem no essencial e são intransigentes no acessório. Pilatos foi transigente em conceder a morte de Cristo aos fariseus, embora soubesse ser Ele inocente. O gesto de lavar as mãos, declarando não concordar com a morte, foi um ato covarde que marcou a sua passagem pela história. E, além disso, apesar de sabê-Lo inocente, ainda o torturou mais antes da morte, mandando açoitá-Lo. Depois foi intransigente na placa que O denominava como rei dos judeus: “O que escrevi, escrevi”. Embora saibamos ter a intransigência santa, que é não cedermos no essencial, não nos importando ceder no periférico, se de alguma forma tal concessão possa auxiliar em alguma aproximação futura que permita, no trabalho, a justificação.

“Sancta Maria, Sedes Sapientiae” - Santa Maria, Sede de Sabedoria. - Invoca com freqüência, deste modo, a Nossa Mãe, para que Ela cumule os seus filhos, no seu trabalho, na sua convivência - da Verdade que Cristo nos trouxe.

Nossa Senhora é sede de sabedoria. Ela é quem nos permite compreender que estamos de passagem pela Terra e que a nossa sabedoria é saber aproveitar a vida, servindo a Deus, sendo Seus braços na Terra junto aos nossos irmãos, servindo de apoio a todos eles e procurando conhecer o plano de Deus para a nossa vida. Como diria Chaplin, segundo a tradição transmitida por Anthony Hopkins, somos turistas de passagem pela Terra, cujo agente de viagens é o Senhor, que nos mostra o roteiro a ser seguido. Se seguirmos bem, encontraremos a Deus ao final da viagem; se não, nos perderemos, e toda a vida será inútil. Não teremos aproveitado bem a viagem. Nossa Senhora, rogai por nós.

